

Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
PUC-SP

Sami Nogueira Abraão

Catequese e liturgia:
diálogo com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

Mestrado em Teologia

São Paulo

2025

Sami Nogueira Abraão

Catequese e liturgia:
diálogo com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

Mestrado em Teologia

Dissertação apresentada à banca examinadora da
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,
como exigência parcial para obtenção do título de
MESTRE em Teologia, sob a orientação do Prof.
Dr. Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira.

São Paulo

2025

Banca Examinadora

Prof. Dr. Pe. Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira

Prof. Dr. Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes

Prof. Dr. Marivan Soares Ramos

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Pe. Antonio Genivaldo Cordeiro de Oliveira, pelas orientações sempre claras e precisas, que me acompanharam desde a elaboração do projeto de pesquisa até o desenvolvimento desta dissertação.

Agradeço a todos os meus professores da PUC-SP, que me proporcionaram fundamentos e elementos essenciais para o enriquecimento da minha formação teológica.

Agradeço aos professores: Prof. Dr. Pe. Reuberson Rodrigues Ferreira que foi coautor em minha primeira publicação de artigo científico e ao Prof. Dr. Pe. Antonio de Lisboa Lustosa Lopes, que proporcionou uma visão mais clara sobre a confecção de textos acadêmicos.

Agradeço aos colegas de turma que, com as intervenções em sala, foram importantes para meu aprendizado.

Agradeço à Func. Dalva e todas e todos os funcionários da biblioteca, pela atenção e apreço no trato para conosco.

“Filipe correu e ouviu que o eunuco lia o profeta Isaias. Então perguntou-lhe: ‘entendes o que lês?’ ‘Como o poderia, disse ele, se ninguém me explicar?’ Convidou então Filipe a subir e sentar-se com ele” (At 8, 30-31).

RESUMO

ABRAÃO, Sami Nogueira. **Catequese e liturgia:** diálogo com a mistagogia de Cirilo de Jerusalém.

Este trabalho analisa a relação entre catequese e liturgia, destacando sua dimensão vivencial e a inspiração catecumenal a partir da tradição patrística, especialmente das Catequeses de Cirilo de Jerusalém. O método ciriliano desponta, assim, como uma referência fecunda para a renovação da catequese contemporânea. A pesquisa adota, inicialmente, uma abordagem bibliográfica voltada à identificação dos elementos estruturantes da iniciação cristã nos primeiros séculos, marcada pela profunda integração entre *querigma*, experiência da Palavra, vivência litúrgico-mistagógica e vida comunitária. Essa articulação conferia à catequese uma dimensão integral, capaz de conduzir progressivamente os catecúmenos ao Mistério Pascal. Em um segundo momento, examina-se o declínio histórico do catecumenato e a progressiva separação entre catequese e liturgia, especialmente a partir da Idade Média, processo que resultou em práticas centradas no ensino dedutivo da doutrina, na memorização de conteúdos e na perda da dimensão experiencial e celebrativa da fé. Por fim, será analisado o incipiente movimento de renovação catequética no século XX, afinados com os movimentos bíblico, litúrgico e antropológico, que culminaram nas propostas revitalizantes do Concílio Vaticano II e, seguido pelo Magistério posterior, propuseram o retorno às fontes patrísticas e reafirmaram a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida cristã. Conclui-se que o método ciriliano permite identificar elementos fundamentais para a renovação da catequese atual. A articulação orgânica entre catequese e liturgia, sustentada pela pedagogia mistagógica, constitui um caminho fecundo, baseado na inspiração catecumenal, para conduzir catecúmenos e catequizando a uma participação viva no Mistério Pascal, favorecendo a formação de cristãos maduros, conscientes e comprometidos, especialmente diante dos desafios contemporâneos marcados pela secularização e pelo pluralismo religioso.

Palavras-chave: catequese; catecumenato; Cirilo de Jerusalém; iniciação cristã; liturgia; mistagogia.

ABSTRACT

ABRAÃO, Sami Nogueira. **Catechesis and liturgy**: a dialogue with the mystagogy of Cyril of Jerusalem.

This work analyzes the relationship between catechesis and liturgy, highlighting its experiential dimension and catechumenal inspiration based on patristic tradition, especially the Catecheses of Cyril of Jerusalem. The Cyrillian method thus emerges as a fruitful reference for the renewal of contemporary catechesis. The research initially adopts a bibliographic approach aimed at identifying, in Cyril's texts, the structuring elements of Christian initiation in the early centuries, marked by the profound integration between Kerygma, experience of the Word, participation in rites, and community life. This articulation gave catechesis an integral and mystagogical dimension, capable of progressively leading catechumens to the Paschal Mystery. In a second moment, the historical decline of the catechumenate and the progressive separation between catechesis and liturgy are examined, especially from the Middle Ages onwards, a process that resulted in practices centered on the deductive teaching of doctrine, the memorization of content, and the loss of the experiential and celebratory dimension of faith. Finally, the biblical, liturgical, and catechetical renewal movements of the 20th century, driven by the Second Vatican Council and subsequent Magisterium, are analyzed. These movements proposed a return to patristic sources and reaffirmed the centrality of liturgy as the source and summit of Christian life. It can be concluded that the Cyrillian method allows us to identify fundamental elements for the renewal of current catechesis. The organic connection between catechesis and liturgy, supported by mystagogical pedagogy, constitutes a fruitful path, based on catechumenal inspiration, to lead catechumens and catechumens to a living participation in the Paschal Mystery, favoring the formation of mature, conscious, and committed Christians, especially in the face of contemporary challenges marked by secularization and religious pluralism.

Keywords: catechesis; catechumenate; Cyril of Jerusalem; Christian initiation; liturgy; mystagogy.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AG	Decreto <i>Ad Gentes</i>
<i>Cat Prel.</i>	Catequese Preliminar
CD	Decreto <i>Christus dominus</i>
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CIC	Catecismo da Igreja Católica
<i>CM</i>	Catequeses Mistagógicas
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
DCq	Diretório para a Catequese
DD	Carta apostólica <i>Desiderio desideravi</i>
DGC	Diretório Geral da Catequese
DV	<i>Dei Verbum</i>
EG	<i>Evangelii Gaudium</i>
LG	<i>Lumen Gentium</i>
<i>PCat.</i>	Catequeses pré-batismais
RICA	Ritual da Iniciação Cristã de Adultos
SC	<i>Sacrosanctum concilium</i>

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
	CAPÍTULO I - CATEQUESE VIVENCIAL COMUNITÁRIA NO INÍCIO DO CRISTIANISMO	15
1	ANTECEDENTES DA EVANGELIZAÇÃO CRISTÃ	15
2	CATECUMENATO: CAMINHO LITÚRGICO-MISTAGÓGICO PARA A VIVÊNCIA DA FÉ	19
2.1	Considerações sobre a estrutura e o processo catecumenal primitivo	20
2.1.1	Considerações sobre a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma	22
2.2	Cirilo de Jerusalém: as raízes da catequese litúrgico-mistagógica	25
2.2.1	Liturgia e Mistagogia: abordagem essencial na linguagem ciriliana	26
2.2.2	O tempo das pré-catequeses batismais	29
2.2.2.1	<i>A centralidade do Símbolo da fé nas catequeses pré-batismas</i>	30
2.2.2.2	<i>A influência de Cirilo para o Símbolo da fé</i>	33
2.2.2.3	<i>As controvérsias teológicas enfrentadas por Cirilo</i>	34
2.2.2.4	<i>A experiência com o mistério: a força da catequese ciriliana</i>	37
2.2.3	O tempo da Mistagogia	39
2.2.4	As etapas da mistagogia ciriliana	41
2.2.5	A vivência no processo litúrgico-catequético em Cirilo de Jerusalém	45
2.2.5.1	<i>Vivência quaresmal</i>	46
2.2.5.2	<i>Vivência durante o preparativo imediato ao Batismo</i>	48
2.2.5.3	<i>A liturgia batismal: uma vivência mistagógica</i>	51
2.2.5.4	<i>A liturgia crismal: uma vivência mistagógica</i>	53
2.2.5.5	<i>A liturgia eucarística: uma vivência mistagógica</i>	55
2.2.5.6	<i>O rito eucarístico: uma vivência mistagógica</i>	57
3	A LINGUAGEM MISTAGÓGICA NA DINÂMICA LITÚRGICO-CATEQUÉTICA	59
3.1	Linguagem tipológico-mistagógica	60
3.2	A linguagem simbólica nas catequeses mistagógicas	62
3.3	Na dinâmica catequética ciriliana revela a linguagem mistagógica	65
4	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	68
	CAPÍTULO II - A EVOLUÇÃO HISTÓRICA NA CATEQUESE: DECLÍNIO E REVITALIZAÇÃO	70
1	DECLÍNIO DO CATECUMENATO E DA CATEQUESE LITÚRGICO-VIVENCIAL	71

1.1	A iniciação cristã: uma mudança de paradigma	72
1.1.1	A cristandade: a sociedade oficialmente se torna cristã	75
1.1.2	A arte e a liturgia como expressões catequéticas da Idade Média	76
2	A ÉPOCA DOS CATECISMOS	78
2.1	A influência luterana e a redação do Catecismo Romano	81
2.2	O formalismo doutrinal: “útil para a salvação”	83
2.3	Transformações sociais e descristianização: acenos à mudança de paradigma	85
3	SINAIS ELOQUENTES PARA A CATEQUESE	87
3.1	Movimentos de mudanças paradigmáticas	89
3.1.1	Movimento Catequético	90
3.2	O Concílio Vaticano II	93
3.2.1	Cirilo inspira o Concílio	95
4	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	96
	CAPÍTULO III - CATEQUESE LITÚRGICO-VIVENCIAL	98
1	A CATEQUESE A PARTIR DO VATICANO II	98
1.1	Volta à fonte: restauração do Catecumenato	101
1.2	Volta à fonte: A centralidade da Palavra para a catequese	105
1.3	Catequese querigmática: expressão eclesiológica do Concílio Vaticano II..	106
1.3.1	A experiência querigmática como mediação entre a <i>fides quae</i> e a <i>fides qua</i>	109
1.3.2	O <i>querigma</i> como práxis: da <i>fides quae</i> à <i>fides qua</i>	112
1.4	O resgate essencial da relação entre liturgia e catequese	115
2	A LINGUAGEM MISTAGÓGICA CIRILIANA PARA OS DIAS DE HOJE	118
2.1	Etimologia de Mistagogia para a catequese atual	119
2.2	Teologia Mistagógica: uma leitura litúrgico-catequética para o hoje	120
2.3	No método mistagógico está o “hoje”	126
2.4	Teologia mistagógica e seu método tipológico	129
3	PARADIGMA VIVENCIAL: MERGULHO NO MISTÉRIO	131
3.1	A experiência pessoal com o mistério: eixo antropológico do encontro	132
3.1.1	A experiência de fé: o ser humano é capaz do Mistério	134
3.1.2	A experiência do mistério passa pelo simbólico, gestual e atitudes	136
3.1.2.1	<i>A linguagem litúrgico-simbólica para a catequese contemporânea</i>	138
3.1.2.2	<i>A experiência passa pelo gestual, atitudes e o sensorial</i>	142
3.2	Catequese e liturgia: caminhos para uma experiência dinâmica	146

3.2.1	A dimensão litúrgico-catequética como experiência vivencial do Mistério Pascal	147
3.2.2	A experiência vivencial com as artes religiosas	151
3.2.3	O Ano Litúrgico: vivência do mistério	153
4	CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES	155
	CONCLUSÃO	157

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo evidenciar a relação constitutiva entre liturgia e catequese, tema que se apresenta como um dos mais fecundos e desafiadores para a reflexão teológica e pastoral contemporânea. Nessa perspectiva, a catequese se apresenta como um ambiente privilegiado no qual catecúmenos e catequizandos são conduzidos por um caminho favorável para o encontro com o Mistério. Ao mesmo tempo, a dinâmica litúrgica oferece à catequese os pressupostos essenciais para tornar-se espaço formativo mistagógico no qual a pessoa é introduzida na vivência eclesial da fé cristã. Desse modo, destaca-se, já de início, a questão central da relevância da liturgia nesse processo.

Ao longo da história do cristianismo, a transmissão da fé esteve profundamente enraizada na experiência celebrativa da comunidade. Nos primeiros séculos, especialmente, o processo de iniciação cristã caracterizou-se por uma intensa vivência comunitária, ritual e mistagógica. A liturgia, nesse contexto, não se restringia a um conjunto de ritos, mas constituiu-se no espaço privilegiado de encontro com o Mistério de Cristo, capaz de transformar existencialmente os fiéis e de fundamentar a identidade cristã em meio a uma sociedade plural e, por vezes, hostil à novidade do Evangelho.

Este estudo propõe-se a investigar a relação litúrgico-catequética, com ênfase nas influências da liturgia sobre a catequese, sobretudo no que se refere à experiência vivencial da fé cristã. Para isso, adota como referência o período áureo do catecumenato dos séculos III e IV e, de modo especial, a figura de Cirilo de Jerusalém. Seu legado catequético e mistagógico permanece como paradigma da iniciação cristã até os dias atuais. Mas também, nos aproximamos de outros grandes Padres da Igreja – como Hipólito de Roma, João Crisóstomo, Ambrósio de Milão e Agostinho de Hipona. Porém, nos detemos em Cirilo que contribuiu de modo decisivo para consolidar um método catequético que integra doutrina, liturgia e vida comunitária, promovendo uma formação integral do cristão.

Partimos do pressuposto de que a catequese contemporânea deve superar modelos centrados exclusivamente na transmissão de conteúdos doutrinários, para ser compreendida como um verdadeiro itinerário de iniciação à vida cristã, no qual a experiência litúrgica ocupa lugar central. O processo catecumenal, baseado em Cirilo de Jerusalém, que era estruturado em etapas bem definidas – acolhida, catequese, celebração dos sacramentos da iniciação e mistagogia –, evidencia uma pedagogia que valoriza o simbolismo, a corporeidade, a participação ativa e a integração entre fé e vida. Essa dinâmica, fortemente enraizada na tradição patrística, oferece elementos significativos para a renovação da catequese hodierna, especialmente diante dos desafios vinculados à secularização, ao pluralismo religioso e à fragmentação das experiências de fé.

A pesquisa desenvolve-se a partir do percurso histórico da catequese. Inicialmente, será apresentada a fase áurea do catecumenato guiado pelos Padres da Igreja nos primeiros séculos do cristianismo. Em seguida, serão analisadas as transformações dos períodos medieval e posteriores, nas quais a catequese experimentou declínio em razão de condicionamentos políticos, culturais e religiosos. E, também, pelo surgimento dos modelos manualísticos e escolásticos, que ainda reverberam nos ambientes catequéticos atualmente.

Por fim, serão identificados os “sinais dos tempos” que, entre o final do século XIX e o século XX, conduziram a Igreja à retomada de práticas essenciais da iniciação cristã, culminando no impulso renovador do Concílio Vaticano II, e seu desdobramento no magistério pontifical e das Conferências Episcopais. Esses movimentos devolvem à catequese seu vigor original como espaço de experiência litúrgico-mistagógica.

O empenho eclesial em resgatar a inspiração catecumenal revela a necessidade de formar cristãos maduros, conscientes e comprometidos com o discipulado, oferecendo respostas adequadas aos desafios de uma sociedade em constante transformação cultural e social. Ao reafirmar a centralidade da liturgia como fonte e cume da vida cristã, a Igreja assume um processo de renovação profunda na compreensão e na prática catequética, em diálogo com o contexto contemporâneo. Ao revisitar as práticas dos primeiros séculos e confrontá-las com os desafios atuais, evidencia-se que a catequese pode favorecer uma iniciação cristã mais profunda, orgânica e transformadora.

Para alcançar os objetivos desta pesquisa, apresentamos um percurso que articula um amplo panorama histórico com a necessária delimitação do método catequético de Cirilo de Jerusalém. Buscamos aprofundar com autores contemporâneos, cujos estudos patrísticos evidenciam a profunda integração entre liturgia e catequese. Nesse itinerário, analisamos os antecedentes, a proposta e a prática do catecumenato, bem como a dinâmica das catequese cirilianas, seu conteúdo e a linguagem que caracterizava a atuação dos Padres catequistas daquele período.

A estrutura desta pesquisa distribui-se em três capítulos. No primeiro, são apresentados os antecedentes históricos, a proposta e a prática do catecumenato, com especial atenção ao método catequético de Cirilo de Jerusalém, dialogando com autores que evidenciam a integração entre liturgia e catequese a partir da Patrística. O segundo capítulo examina a evolução histórica dos métodos catequéticos, evidenciando o declínio das práticas catequéticas de evangelização e o distanciamento do legado patrístico. Em seguida o horizonte da catequese se mostra promissor com o surgimento dos movimentos de renovação que culminaram nas propostas de reavivamento das necessárias ações pastorais, promovidas pelo Concílio Vaticano II. O terceiro capítulo analisa a proposta conciliar de “volta às fontes” – patrística, bíblica e

litúrgica – como verdadeiro *aggiornamento*, que inspirou novos caminhos pastorais e preparou os caminhos para uma catequese integral, fiel à tradição e em diálogo com as exigências do tempo presente.

Nesse último capítulo, destacamos que a linguagem catequética, quando irrigada pela liturgia, torna-se sólida e fecunda, valendo-se da integração de recursos simbólicos, rituais, querigmáticos e mistagógicos, capazes de conduzir catecúmenos e catequizandos ao Mistério e de nutrir continuamente a vida da Igreja. Tal perspectiva favorece um itinerário formativo que desperta o ânimo para a maturidade da fé, a participação ativa na vida eclesial e o testemunho coerente do Evangelho no mundo.

A proposta deste estudo, portanto, é reafirmar a importância da linguagem simbólica, dos ritos, dos gestos e da participação comunitária como elementos essenciais para a transmissão da fé, superando práticas dos manuais e dos catecismos da cristandade e modelos escolares herdados do período tridentino que ainda persistem. É necessário, assim, recuperar uma catequese iluminada pela liturgia, capaz de tornar-se espaço privilegiado de encontro com o Mistério, de diálogo entre tradição e contemporaneidade, de formação integral e de envio missionário. A experiência vivencial cristã, alimentada pela celebração e pela escuta da Palavra, revela-se como caminho seguro para a edificação de uma Igreja mais fiel ao Evangelho e mais atenta aos desafios do tempo presente.

CAPÍTULO I

CATEQUESE VIVENCIAL COMUNITÁRIA NO INÍCIO DO CRISTIANISMO

O processo de evangelização conhecido como catecumenato teve início por volta do século II, atingiu seu apogeu no século IV e entrou em declínio posteriormente, em razão de transformações políticas e eclesiais ocorridas no contexto do Império Romano. Este estudo concentra-se justamente nesse período áureo do catecumenato, quando ele desempenhou papel central na iniciação cristã, sobretudo nas Igrejas do Oriente. Destaca-se, nesse cenário, a figura de Cirilo de Jerusalém, que deixou como legado duas obras fundamentais: as dezoito catequeses pré-batismais e as cinco catequeses mistagógicas. Conforme observa Alves de Lima, o catecumenato foi “uma das instituições mais eficazes e frutuosas da história da Igreja: tempo extremamente sério de formação, para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo”¹.

O foco central desta pesquisa é a figura de Cirilo de Jerusalém, que exerceu papel de destaque na catequese da Igreja nascente por meio de seu método mistagógico de preparação para os sacramentos da iniciação cristã. No primeiro capítulo, recorreremos às contribuições de três importantes estudiosos da obra ciriliana: Jean Daniélou, Enrico Mazza e Rosemary Fernandes da Costa. Cada um, a seu modo, oferece uma abordagem aprofundada e contextualizada sobre o período áureo da catequese patrística. Jean Daniélou, um dos mais renomados estudiosos da patrística, fornece elementos essenciais para a compreensão da teologia litúrgica e sacramental dos Padres da Igreja. Enrico Mazza, por sua vez, contribui de maneira significativa para a análise do método mistagógico empregado por Cirilo, sobretudo ao interpretar os termos que se consolidaram como categorias teológicas fundamentais para a liturgia e a catequese. Já Rosemary Fernandes da Costa, com suas pesquisas contemporâneas, ilumina a pedagogia mistagógica ciriliana, estabelecendo pontes entre a prática catequética do século IV e os desafios da catequese atual. Suas obras nos auxiliam a compreender como a teologia e o método de Cirilo permanecem relevantes para a iniciação cristã em nossos dias.

1 ANTECEDENTES DA EVANGELIZAÇÃO CRISTÃ

A missão redentora de Jesus Cristo encontra sua origem no projeto eterno do Pai, que, “amou tanto o mundo, que entregou o seu Filho único, para que todo o que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna” (cf. Jo 3,16). Essa missão, revelada no Evangelho, manifesta a lógica do amor salvífico de Deus, mas não se esgota na obra realizada por Cristo durante sua vida

¹ ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: A caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 27.

terrena. Após cumprir o ministério de reconciliação e redenção, Jesus confiou à Igreja o múnus de perpetuar a proclamação da Palavra, de instruir os fiéis na verdade do Evangelho e de conduzir todas as pessoas à salvação. Assim, a Igreja torna-se o “sacramento universal da salvação”², continuando, por meio do anúncio e do testemunho, a missão de Cristo de revelar o amor do Pai pela humanidade.

A manifestação de Deus e de seu amor ao mundo se fez de maneira definitiva e absolutamente nova na pessoa de Jesus. Enviado em nossa carne desvela a face e dá acesso ao Pai no Espírito Santo, o qual os homens “se tornam participantes da natureza divina”³. A missionariedade de Cristo “não somente revela os segredos de Deus como também leva a cumprimento a obra da salvação”⁴. Obra que Jesus transmitiu a sua Igreja, incumbindo-a de uma missão específica: anunciar o Evangelho à todas as gentes e fazer discípulos pelo mundo. Essa missão, portanto, se torna a essência eclesial, não por opção, mas é a característica que não se pode descurar, pois é também a essência de cada cristão, membro vital do Corpo crístico, que defini sobremaneira o modo de ser do fiel e discípulo do Mestre e Senhor, Jesus Cristo.

Nesse sentido, a missão de evangelizar, ensinar e transmitir o Evangelho se tornava urgente. Em meio ao contexto dos primeiros cristãos, os apóstolos estavam à frente na transmissão da fé. A certeza em propagar o *querigma*, anúncio central de Cristo, morto e ressuscitado, é contundente e solene por Pedro que proclama aos povos após Pentecostes:

Homens de Israel, ouvi estas palavras! Jesus, o Nazareu, foi por Deus aprovado diante de vós com milagres, prodígios e sinais, que Deus operou por meio dele entre vós, como bem o sabeis. Este homem, entregue segundo o desígnio determinado e a presciência de Deus, vós o matastes, crucificando-o pela mão dos ímpios. Mas Deus o ressuscitou, libertando-o das angústias do Hades, pois não era possível que ele fosse retido em seu poder (At 2, 22-24)⁵.

As primeiras gerações do cristianismo viveram em meio a uma decidida e corajosa investida na transmissão da fé. Segundo Alves de Lima esses cristãos “realizaram um hercúleo trabalho de evangelização, conforme o Novo Testamento”⁶. O autor ainda afirma que se tratou de um verdadeiro esforço heroico na propagação do Evangelho. Destacam-se, nesse contexto, Pedro, os demais apóstolos, bem como Paulo e seus companheiros, que desempenharam papel fundamental na consolidação do cristianismo⁷.

² CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja (LG). In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, 48.

³ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei verbum* sobre a Revelação Divina (DV). In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, 2.

⁴ PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020, 12.

⁵ Em todas as citações bíblicas empregaremos a versão da Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2004.

⁶ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 20.

⁷ Cf. *Ibid.* p. 20.

Foram tempos difíceis de perseguições constantes. No entanto, as gerações pós-apostólicas, seguindo o mandato missionário de Jesus: “sereis minhas testemunhas” (At 1, 8) e trilhando o caminho de seus antecessores, se destacaram pela defesa da fé cristã por meio das catequeses apologéticas, definindo, portanto, a sua ação evangelizadora naqueles primeiros tempos. Com o passar do tempo, a vivência cristã, antes próxima das práticas judaicas – ainda muito presentes na Igreja-Mãe, em Jerusalém, e influentes nos costumes e na vida dos primeiros cristãos – foi se distanciando gradualmente⁸ de sua origem e percorreu o seu caminho, porém numa perspectiva universal, aberta a todos os povos.

A catequese, a partir do século II, adquire uma relevância singular no processo de evangelização, marcando-se pelo combate às heresias e pela consolidação da identidade cristã. Nesse contexto, os escritos dos Padres Apostólicos, como Clemente Romano, Inácio de Antioquia, Policarpo de Esmirna e os autores da *Didaqué*, dentre outros, tornaram-se fundamentais. Esses escritos da tradição apostólica ajudaram a fortalecer a unidade da Igreja, exortar à conversão e transmitir os alicerces doutrinários e morais do cristianismo⁹. Seus textos visavam preservar a integridade da fé diante das divisões internas e dos erros doutrinários, orientando as primeiras comunidades cristãs a permanecerem fiéis ao Evangelho por meio de uma linguagem clara e acessível.

Paralelamente, os Padres Apologistas emergem como defensores da fé frente às críticas e perseguições externas e do “ataque de pensadores e filósofos que combatiam o cristianismo como uma nova seita exotérica e iniciática como tantas que surgiam naquele tempo”¹⁰. Alguns exemplos de escritores desse período são Justino de Roma, Irineu de Leão, Tertuliano, Cipriano, Orígenes, Hipólito de Roma. Esses textos confrontaram as acusações provenientes de judeus, pagãos e heréticos, apresentando com lucidez a verdade da doutrina cristã. Baseavam no aprofundamento da fé, como adesão pessoal a Jesus Cristo, refutavam objeções com argumentos sólidos, promoviam a integração e uma transformação dos costumes dos que chegavam à fé cristã¹¹. Esses escritos não apenas protegeram a Igreja das ameaças externas, mas também iluminaram os mistérios da fé e a vivência moral cristã. Desse modo, tanto os Padres Apostólicos quanto os Apologistas desempenharam um papel essencial no

⁸ Cf. PAIVA, Vanildo de. *Catequese e liturgia: duas faces do mesmo mistério: reflexões e sugestões para a interação entre catequese e liturgia*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 30. O autor faz menção sobre a distinção que começou a ocorrer entre a prática sinagoga e o cristianismo nascente. Menciona, ainda, que no tempo do Novo Testamento era comum a participação no Templo pelos apóstolos: At 2, 46; 3,1; 5, 20; 21, 26. Isso demonstra que o Templo ainda se mostrava importante para a vida religiosa para os seguidores do cristianismo apostólico. Paiva, além disso, cita a *Didaqué* como fonte que ilumina a história apostólica para demonstrar sinteticamente o ensinamento atribuído aos apóstolos. Cf. *Ibid.* p. 20.

⁹ Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998. p. 27-29.

¹⁰ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 21.

¹¹ Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 28-29.

desenvolvimento teológico em defesa da fé, o que proporcionou à catequese avançar, garantindo à Igreja um fundamento doutrinário robusto e uma identidade espiritual unificada diante dos desafios do mundo antigo.

Nesse período, a catequese destinada aos iniciados ainda carecia de uma estrutura sistematizada. Após o período apostólico, a pregação cristã se expandiu progressivamente para o mundo gentílico, que começava a aderir à nova fé. Nesse contexto, cabia aos catequistas a responsabilidade de não apenas ensinar, mas também o de discernir a sinceridade dos candidatos, a fim de evitar que pessoas com intenções dúbias ou sem a reta intenção ingressassem na comunidade cristã. Segundo Bollin, “a igreja primitiva apenas admite aos sacramentos de iniciação cristã pessoas cuja conversão se pode verificar e cujo estilo de vida pôs à prova durante o período da catequese”¹². Tal rigor se justificava tendo em vista o período de perseguições que exigia convicção e determinação para o testemunho de fé.

Agostinho, de forma enérgica, orientava sobre o respeito e o valor exigidos daqueles que desejavam tornar-se cristãos. Ele enfatizava que não se admitia o fingimento de propósito, mas sim um verdadeiro espírito de conversão. Entretanto, o bispo de Hipona confiava aos catequistas a tarefa de acompanhar o novato para que, mesmo sem pleno discernimento inicial, este pudesse vivenciar uma experiência transformadora e tornar-se digno de receber a instrução na fé. Para isso, o candidato devia demonstrar um interesse genuíno¹³.

Nos escritos da patrística até o século III, evidencia-se a preocupação em transmitir e defender com vigor a fé recebida dos apóstolos, característica marcante da Igreja nascente. Nesse período, a figura de Jesus Cristo ocupa o centro da mensagem, “apresentado não de acordo com uma biografia, mas tendo presente a função catequética de todo o anúncio”¹⁴. Impulsionada por sua missão evangelizadora, a Igreja, a partir do século II, percebe a necessidade de se organizar para acolher e formar, não apenas para o batismo, mas para aqueles que desejavam se tornar cristãos¹⁵, estruturando uma catequese que não apenas instruisse os catecúmenos na doutrina, mas também os preparasse para a vivência profunda dos mistérios cristãos. Surge nesse período o catecumenato, importante movimento catequético que era dirigida aos adultos, pessoas simpatizantes da proposta e do testemunho dos seguidores de Jesus.

¹² *Ibid. Op. cit.* p. 25.

¹³ AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 65-67.

¹⁴ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 30.

¹⁵ COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje. O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a catequese atuais*. São Paulo: Paulus, 2014. p. 97-99.

2 CATECUMENATO: CAMINHO LITÚRGICO-MISTAGÓGICO PARA A VIVÊNCIA DA FÉ

Com os testemunhos e a visibilidade que os seguidores de Cristo alcançaram no oriente quanto no ocidente, muitos desejavam aderir à proposta da novidade do cristianismo. Nesse contexto, surgiram iniciativas de se organizar um processo para conduzir as pessoas à conversão. Tal processo, que iniciava com o ato de fé, guiava o interessado em fazer a experiência do cristianismo “através de um percurso específico de estudo da Palavra de Deus, experiência de comunidade e acompanhamento, ao banho batismal”¹⁶.

A apologia de Justino em Roma demonstra o compromisso no processo de evangelização das pessoas que decidiam percorrer um caminho de preparação para o Batismo.

Explica Justino:

Todos os que se convencem e acreditam que são verdadeiras essas coisas que nós ensinamos e dizemos, e prometem que poderão viver de acordo com elas, são instruídos em primeiro lugar para que com jejum orem e peçam perdão a Deus por seus pecados anteriormente cometidos, e nós oramos e jejuamos juntamente com eles¹⁷.

Justino de Roma foi um importante mestre patrístico do século II, atuando em um contexto marcado por perseguições, experiências místicas e intensas controvérsias teológicas. Nesse período, o ingresso na vida cristã exigia profunda convicção e firme disposição para aceitar a fé em Cristo. O candidato era então admitido a um caminho de preparação e ascese espiritual, voltado ao reconhecimento de Jesus como o Cristo e à conversão de vida¹⁸.

A Igreja, a partir desse momento começou a estruturar o processo catecumenal, cujo caminho conduzia ao banho batismal, num itinerário de instrução e amadurecimento espiritual para os novos convertidos, num longo e exigente processo de preparação para o batismo.

Tal exigência aos que se aproximavam da fé implicava em verificar a condição de sua vida. Hipólito de Roma chama a atenção para os seguintes casos: os possuidores de prostíbulo, os escultores e pintores, atores, professores de crianças, cocheiros, gladiadores, sacerdote de ídolos, soldados, magistrados públicos, meretrizes, magos, feiticeiros, astrólogos, adivinhos, intérpretes de sonhos, charlatães, falsários e fabricantes de amuletos, concubinas. Caso tais ocupações não fossem abandonadas o candidato seria recusado¹⁹. Se fosse admitido, nele se assinalava o sinal da cruz na fronte, impunha-se as mãos sobre ele e dava-lhe o sal. Tornava-se

¹⁶ NERY, Irmão. *Catequese com adultos e catecumenato: História e proposta*. São Paulo: Paulus, 2001. p. 40.

¹⁷ JUSTINO DE ROMA. *I e II apologias: diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 76.

¹⁸ *Ibid.* p. 174.

¹⁹ TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrólis, RJ: Vozes, 2019. p. 81-84.

membro da Igreja e podia participar da liturgia da Palavra²⁰. Com isso, se demonstrava o compromisso à adesão ao processo catecumenal que ora nascia e se estruturava.

O início do catecumenato era um período em que a evangelização foi sendo organizada, sistematizada e se tornando “instituição eclesial”²¹. O processo era longo. Hipólito menciona uma preparação de três anos em Roma, mas há também informações, segundo Bollin, de outros lugares onde se adotavam esse tempo, para a preparação para o batismo, como na Síria, Palestina e Alexandria²².

2.1 Considerações sobre a estrutura e o processo catecumenal primitivo

O catecumenato, como processo de iniciação à vida cristã, representava uma resposta providencial da Igreja nascente às exigências da missão evangelizadora, impulsionada pelo mandato de Cristo de anunciar o Evangelho a todas as nações. No encontro com uma diversidade cultural marcada pela influência do paganismo helênico e pelos vestígios do judaísmo, a Igreja, sob a condução do Espírito Santo, reconheceu a necessidade de estruturar um itinerário formativo que preparasse os novos convertidos para a plena vivência da fé.

O processo catecumenal, cuja origem remonta à segunda metade do século II, não foi uma iniciativa localizada ou restrita a algumas comunidades, mas se consolidou como uma prática pastoral amplamente difundida em toda a Igreja. No século seguinte, esse processo de iniciação cristã já estava implementado em todas as comunidades eclesiais, abrangendo tanto o Oriente quanto o Ocidente, e assumindo um papel central na vida da Igreja²³. A estrutura que se firmou no século III e atingiu seu auge no século IV, considerado a época de ouro do catecumenato, teve como fundamento a pastoral missionária apostólica e o ministério de Jesus Cristo²⁴, pois, da origem evangélica é que surgiu o múnus evangelizador cristão e a inspiração catequética.

O Catecumenato dos primeiros séculos foi compreendido como um processo de “aperfeiçoamento do propósito pessoal de conversão que chegava ao seu ápice na experiência ritual da iniciação cristã”²⁵. Tal processo de iniciação à vida cristã chegava ao momento mais importante com a celebração do banho batismal, a unção pós-batismal – Crisma – e a primeira participação na Eucaristia²⁶. Conforme ensina o Itinerário Catequético da CNBB, as experiências celebrativas pelos quais passavam os catecúmenos na Vigília Pascal, eram

²⁰ Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 44.

²¹ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2014). *Op. cit.* p. 97.

²² Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 43.

²³ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. (2014). *Op. cit.* p. 98.

²⁴ Cf. *Ibid.* p. 97.

²⁵ COMISSÃO EPISCOPAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético*. Brasília: Ed. CNBB, 2014. p. 17.

²⁶ Cf. *Ibid.* p. 17.

compreendidas como uma grande unidade denominada Batismo ou iniciação cristã²⁷. Objetivamente Moraes afirma que,

até o século V a Iniciação à Vida Cristã compreendia, com algumas variações locais, as seguintes etapas: a) o *kerygma* para despertar a fé e a conversão; b) o catecumenato para o aprofundamento da experiência cristã; c) a iluminação com a preparação imediata e celebração dos sacramentos da iniciação (Batismo Crisma-Eucaristia); e d) a mistagogia para aprofundar os mistérios celebrados²⁸.

No início do século II houve muitas conversões e adesões ao cristianismo. Foi nesse período que teve início o “catecumenato institucionalizado”, fato que se deveu em grande parte às ocorrências de apostasia, – os que renegavam a fé batismal tendo em vista o medo das perseguições – as influências das heresias, que convenciam muitos dos batizados e a difusão de seitas que se desenvolveram e conseguiam adeptos entre os fiéis da Igreja²⁹. Por isso, na Igreja foi surgindo um processo complexo e exigente “para afirmar bem a fé, para testar a vida no meio do mundo pagão, e no seio de uma comunidade que comunicava sua fé e transmitia seu credo”³⁰.

Assim sendo, a iniciação cristã pressupunha um caminho que o catecúmeno – aquele que iniciava o processo de catequese – precisava percorrer, sem o que, não era admitido na comunidade dos seguidores de Jesus. Nos primórdios do cristianismo, os termos iniciação e iniciado, não aparecem antes do século II; eles surgem com os apologistas cristãos. Posteriormente, esses termos foram sendo incorporados na argumentação daqueles que enfrentavam e refutavam as práticas das religiões místicas pagãs, que também utilizavam a noção de iniciação em suas seitas. As controvérsias dos cristãos apologistas queriam a plena separação com os interlocutores pagãos, que comparavam os seus ritos com os cristãos³¹.

A questão da salvação era também um dos focos de divergência no entendimento cristão e do que pensavam as seitas místicas. A concepção de salvação é histórica no cristianismo e no paganismo é mítico, pois não preveem nenhum ato salvífico³². Daí vem a lógica da separação, tendo no conceito cristão de salvação centrado no Mistério Pascal de Cristo, relacionado ao batismo.

O catecumenato, portanto, se estruturava para dar condições aos que aceitavam o *querigma* e desejavam aprofundar a fé no mistério de Cristo. A Tradição Apostólica, atribuída

²⁷ Cf. *Ibid.* p. 17.

²⁸ MORAES, Abimar Oliveira; MENDES, Sérgio Gonçalves. A função ética da catequese mistagógica. *Revista Pesquisas em Teologia*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 70, p. 715-734, jul/dez 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61619/61619.PDF>. Acesso em 03 dez 2024.

²⁹ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 27.

³⁰ *Ibid.* p. 27.

³¹ Cf. LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã: Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho*. São Paulo: Paulinas, 2005. p. 28-29.

³² Cf. MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983. p. 620.

a Hipólito de Roma, é realmente uma obra fundamental para compreendermos o desenvolvimento do catecumenato na Igreja primitiva. Diferencia dos outros padres da Igreja, que também catequisavam em vista do Batismo, no entanto, Hipólito é quem deixou um legado de processo catequético consistente e apresentou uma ordem e muitos detalhes dos ritos batismais e uma organização bastante clara sobre as etapas do Catecumenato. Essa abordagem é fundamental para, em seguida, percorrermos as catequeses cirilianas, que não se ateve aos pormenores do processo catecumenal, como no caso de Hipólito.

2.1.1 Considerações sobre a Tradição Apostólica de Hipólito de Roma

O texto de Hipólito de Roma, datado do início do século III, demonstra um modelo catequético estruturado de formação para aqueles que desejavam se tornar cristãos. Esse roteiro organiza o catecumenato em etapas detalhadas, que incluía³³: primeiramente a admissão, momento em que o candidato era recebido e conduzido à presença dos doutores da fé, acompanhado pelo padrinho³⁴. Ali era interrogado sobre o real interesse de se tornar cristão e sobre a sua vida moral, conjugal e atividades pessoais e trabalhos que ocupava³⁵. Caso algumas questões não se adequassem à proposta do catecumenato, o candidato seria recusado ao processo. Tal rigor tinha sua lógica em função do ambiente cultural que se vivia, de um mundo pagão³⁶. A comunidade, por isso, precisava de garantias sobre a seriedade do desejo de quem se dispunha a seguir Jesus. Essa fase compreendia o primeiro anúncio, o *querigma*, ou pré-catecumenato, momento em que o candidato era instruído na Palavra de Deus, deixando-a ecoar em si, demonstrando propensão à conversão, motivo pelo qual pedia para entrar no catecumenato³⁷.

A segunda etapa, o catecumenato, de acordo com Lelo,

é tomado não como uma escola, mas como uma iniciação de discípulos que descobrem um caminho. A formação catecumenal, mais do que ser doutrinária, e enfocada como discipulado, cuja característica principal consiste em adquirir um modo de ser e de viver consoante ao de Jesus³⁸.

³³ Elementos constituintes do Catecumenato de Hipólito de Roma foram extraídos de: TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 80-96. Escrita por volta do ano 215, a obra original em grego se perdeu ao longo do tempo. Somente a partir do século XIX, por meio de uma análise paciente e criteriosa da literatura disponível e de diversas traduções, foi possível reconstruir o texto atualmente conhecido como *Tradição Apostólica*, atribuído a Hipólito de Roma. Cf. *Ibid.* p. 19-25.

³⁴ Doutores eram os catequistas, leigos com sólida formação e os presbíteros. Padrinhos eram os introdutores do candidato que o acompanhavam durante toda a formação. Os introdutores davam testemunho dos candidatos durante o processo de admissão e afirmavam se eles estavam aptos ou não para iniciarem a ouvirem a Palavra e se sua vida. Cf. *Ibid.* p. 80.

³⁵ Hipólito lista uma série de trabalhos e atividades que são proibidos para o ingresso ao catecumenato. Caso o candidato as exerça, deveria deixar de ocupar-se com elas, caso contrário, deveria ser recusado ao processo. Cf. *Ibid.* p. 81-84.

³⁶ Cf. MOREIRA, Vicente de Paula. Catecumenato e Iniciação Cristã na Tradição Apostólica de Hipólito de Roma. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 74, p. 135-148, abr/jun. 2011.

³⁷ Cf. NERY, Irmão. *Op. cit.* p. 47-48.

³⁸ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 50.

É o tempo de intensa vivência com a Palavra, pela liturgia, orações e ruptura com o paganismo. Nesse sentido, Hipólito orienta para que, durante três anos, os catecúmenos ouçam a Palavra ministrada pelos catequistas. Contudo, o tempo não era fixo; a dedicação, o progresso e a disposição do catecúmeno em se comprometer com a fé cristã poderiam abreviar o processo. Hipólito acentuava o valor do caráter em detrimento da norma³⁹. Segundo Moreira, “o importante é a conduta de vida”⁴⁰.

Outras características dessa etapa são a oração e a imposição da mão sobre os catecúmenos⁴¹. São momentos intensos e rituais que promovem a conversão. Nesse momento a oração e a escuta da palavra são em separado da comunidade dos crentes, pois os catecúmenos ainda não são puros. Orienta Hipólito que, ao término da oração, feita em qualquer lugar da Igreja, não lhes é permitido dar a paz, “porque o seu ósculo ainda não é santo”⁴². Por isso, os que passam por essa etapa – e que estão separados da comunidade dos fiéis – necessitam de muita oração para ouvirem a Palavra como os fiéis que são considerados puros⁴³. Contudo, são considerados membros da comunidade, podendo, portanto, participar dos cultos, porém, apenas da Liturgia da Palavra, com exceção do Evangelho. Segundo Moreira, nessa etapa, “só podia escutar o ‘*verbum*’, o evangelho não. Este era só para os ‘eleitos’. A palavra do Evangelho é só para as comunidades dos santos”⁴⁴. Por isso, são privados também da Eucaristia e são convidados a retirarem-se, pois, era reservada apenas aos iniciados aos mistérios⁴⁵.

A imposição das mãos sobre os catecúmenos era realizada ritualmente pelos catequistas após as orações, ao término do período de instrução, antes de dispensá-los. Essa espiritualidade reveste o catecúmeno de força para criar nele a virtude da fé a ponto de superar o martírio. Diz Hipólito nesse sentido: “Se um catecúmeno for aprisionado por causa do nome do Senhor, não se angustie: se lhe for infligida violência e morte antes de seus pecados terem sido perdoados, será justificado – pois terá recebido o Batismo no seu sangue”⁴⁶.

Na próxima etapa, após passarem pelo catecumenato, os que se inscreveram para o batismo, os *baptizandi*, *electi*, *competentes* ou *iluminandi*⁴⁷, são os escolhidos que irão se

³⁹ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 84.

⁴⁰ MOREIRA, Vicente de Paula. *Op. cit.* p. 138.

⁴¹ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 84-85.

⁴² *Ibid.* p. 85.

⁴³ Cf. MOREIRA, Vicente de Paula. *Op. cit.* p. 138.

⁴⁴ *Ibid.* p. 140.

⁴⁵ Cf. NERY, Irmão. *Op. cit.* p. 48.

⁴⁶ TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 85.

⁴⁷ O RICA (Ritual da Iniciação Cristã de Adultos) em sua Introdução ao Rito pontua que os “eleitos” são aqueles que são admitidos, candidatos, ao Tempo da Purificação e Iluminação, decorridos na Quaresma. Os “competentes” não são caracterizados como uma qualidade ou atributo de competição entre os concorrentes, mas os que se esforçam para receber os sacramentos de Cristo e o dom do Espírito Santo. E, ainda, chamam-se “iluminados” porque o Batismo que irão receber denomina-se iluminação, ou seja, com o Batismo os neófitos são iluminados pela luz da fé. Cf. RITUAL ROMANO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulinas, 2003. n. 24.

preparar durante as oito semanas da Quaresma até a Vigília Pascal. No domingo que precede a Quaresma, o bispo e seus auxiliares examinam a vida deles e os que os introduziram e acompanharam-nos até aquele momento – padrinhos e os catequistas –, darão testemunho de suas condutas durante o tempo do catecumenato⁴⁸.

Esse tempo é marcado por um imenso valor significativo para os *baptizandi*, com atividades rituais onde são preparados aos Sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia. Nesses momentos quaresmais de preparação (preparação próxima) que antecedem a celebração dos sacramentos, o bispo impõe sobre eles as mãos diariamente e os exorciza dos espíritos estranhos⁴⁹. São instruídos a banharem-se no quinto dia da semana. As mulheres que irão receber o batismo, se estiverem menstruadas, devem ser batizadas em outro dia⁵⁰. Chegada próxima a celebração, na véspera do sábado santo, todos eles serão reunidos e devem se ajoelhar e rezar. Em seguida serão exorcizados pelo bispo que também lhes marcará “com o sinal da cruz a fronte, os ouvidos e as narinas”⁵¹, permanecendo vigilantes durante a noite.

Ao cantar do galo, ou seja, de madrugada, inicia-se o processo do ritual do batismo. Pela ordem: as crianças em primeiro lugar, em seguida os homens e depois as mulheres. Todos que passarem pelo ritual, deverão estar no pleno despojamento em sinal de humildade, demonstrando desapego e separação com o mundo profano. “É recomendada a simplicidade total, trazer apenas o que é necessário para a eucaristia. Devem vir apenas com a fé para se submeterem ao poder de Deus e à Sua vontade. Virão com as mãos abertas e o coração vazio para que o Senhor os encha”⁵².

Acolhendo a cada um deles, o bispo ordena que declarem a renúncia à satanás e todas as suas obras. Depois são ungidos com o óleo do exorcismo. Depois há a tríplice imersão e, a cada vez mergulhados, quem os batiza, impondo-lhes a mão, diga-lhes a fórmula da profissão de fé: “credis in... Credo”. Os diáconos acompanham os homens; as diaconisas acompanham as mulheres⁵³.

Seguido ao Batismo, é realizada a Confirmação com a imposição das mãos do bispo sobre o batizado e a oração de invocação a Deus para que o batizado seja digno de ser cumulado do Espírito Santo. Esta unção pós-batismal é a petição para que o batizado receba a graça do Espírito Santo como um mandato missionário de servir a Deus. Depois, ele será marcado com

⁴⁸ Cf. NERY, Irmão. *Op. cit.* p. 49.

⁴⁹ Hipólito ensina sobre o exorcismo que tem o objetivo de proteger os *baptizandi* e que os espíritos estranhos (diabólicos), após exorcizados, fujam e não retornem a eles novamente. Após o exorcismo, o bispo realiza um sopro sobre a face deles. Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 87.

⁵⁰ *Ibid.* p. 86.

⁵¹ *Ibid.* p. 87.

⁵² MOREIRA, Vicente de Paula. *Op. cit.* p. 141.

⁵³ Cf. *Ibid.* p. 142.

o óleo santificado na frente com o sinal da cruz. Encerra-se a celebração da confirmação oferecendo-lhes o ósculo da paz⁵⁴.

Após a realização dos ritos do Batismo e da Confirmação, Hipólito descreve os momentos em que os neófitos receberão a Primeira Comunhão. É um ritual onde são destacados os gestos e ações de graças sobre as espécies do pão, do vinho e sobre o leite e o mel misturados, “para lembrar a plenitude da promessa feita aos antepassados”⁵⁵. Vale destacar que tudo o que se passava naqueles momentos, o bispo os explicava aos que recebiam⁵⁶. Em seguida é partido e distribuído o pão. Finalizando os atos eucarísticos, são os neófitos conduzidos para provarem dos cálices da água, do leite e do vinho, distribuídos pelo Sacerdote ou Diácono.

“Após a cerimônia, apressem-se a praticar o bem, a agradar a Deus, a viver corretamente, pondo-se à disposição da Igreja, fazendo o que aprenderam e progredindo na piedade”⁵⁷. Nessas palavras Hipólito destacava a essencialidade de todo o processo catecumenal, desde os primeiros momentos de preparação. Destacava, sobretudo, a riqueza e a dignidade da celebração de recepção dos sacramentos da iniciação cristã, com o simbolismo, gestos, palavras e espiritualidade que permeou todo o percurso. Contudo, existe, ainda, outro momento pelo qual passarão os neófitos, pois diz Hipólito: “Se algo deve ser lembrado, diga-o o bispo aos que tiverem recebido o Batismo, em segredo, para que os não fiéis não sejam informados, a não ser depois que o houverem também recebido”⁵⁸. Essa recomendação trata-se do quarto momento do catecumenato, as catequeses mistagógicas, que na Tradição Apostólica de Hipólito não é tratada. Porém em Cirilo de Jerusalém alcançará destacada relevância em toda a Igreja.

2.2 Cirilo de Jerusalém: as raízes da catequese litúrgico-mistagógica

A contribuição de Hipólito de Roma e sua obra referencial, a Tradição Apostólica, influenciou profundamente o método conhecido como catecumenato ao longo da história, por ser a obra mais completa que descreve o ritual do catecumenato, “desde o acolhimento dos candidatos até a participação na ceia eucarística”⁵⁹. É considerado um documento único do

⁵⁴ Cf. TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 91-92.

⁵⁵ *Ibid.* p. 93.

⁵⁶ *Ibid.* p. 94.

⁵⁷ *Ibid.* p. 95.

⁵⁸ *Ibid.* p. 95-96. Vale destacar a preocupação na Tradição de Hipólito de Roma de esconder dos não iniciados o conteúdo das catequeses para evitar que sejam transmitidas aos pagãos e aos que professam outras seitas. Essa prática era conhecida como a disciplina do arcano. A disciplina do Arcano era uma prática da Igreja primitiva que restringia o ensino dos mistérios cristãos apenas aos iniciados, evitando sua divulgação escrita para proteger a fé de interpretações errôneas ou de profanações. Encontram-se tais menções nas Catequeses Pré-batismais de Cirilo de Jerusalém: *Cat. Prel.* 12; *Cat. V*, 12; *Cat. VI*, 29. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. Catequeses pré-batismais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 54. 134. 160.

⁵⁹ TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Op. cit.* p. 31.

gênero no princípio do cristianismo, mesmo porque as catequeses de outros padres à época, desenvolviam suas catequeses batismais sem constituir uma estrutura estabelecida e consolidada. Diferentemente em Hipólito, as etapas do catecumenato por ele percorridas, permitia uma visão clara do processo catecumenal no século III⁶⁰. Essa perspectiva torna-se um modelo para a patrística e para as práticas da Igreja até hoje.

Para a catequese e a evangelização, ao aprofundarmos as raízes na tradição da Igreja, encontramos na perspectiva litúrgico-mistagógica uma dimensão privilegiada para o caminho catecumenal, cuja expressão mais sólida e abrangente na patrística está nas obras de São Cirilo de Jerusalém.

2.2.1 Liturgia e Mistagogia: abordagem essencial na linguagem ciriliana

A patrística do século III e IV usou de argumentações advindas das fontes da Tradição Apostólica, em diálogo com as reflexões teológicas em seu tempo⁶¹. Dalí surgiram vários termos teológicos. Assim, nas catequeses de Cirilo de Jerusalém, no século IV, deparamo-nos inevitavelmente com termos cunhados nos primórdios do cristianismo, fruto da necessidade que os Padres da Igreja tiveram de oferecer respostas às demandas de um contexto marcado por incertezas, perseguições e pelas investidas de movimentos heréticos que desafiavam a evangelização cristã.

Nesse cenário, destacou-se a dinâmica argumentativa de Cirilo de Jerusalém, da qual emergiu, segundo Mazza, uma “terminologia da sacramentalidade”⁶² que se consolidou na teologia patrística e se tornou referência para as gerações posteriores. Nesse âmbito, sobressaem os termos teológicos liturgia e mistagogia, que, no entanto, não devem ser compreendidos como dissociados ou paralelos quando aplicados às catequeses cirilianas, pois estão intimamente relacionados e entrelaçados. Para Mazza, esses termos se conectam de modo particular, uma vez que o primeiro, por meio do rito e de sua dinâmica celebrativa, é devidamente explicado pela profundidade espiritual do segundo⁶³.

Para Cirilo, a liturgia não é apenas uma cerimônia, mas a participação efetiva na obra salvífica de Cristo. As ações litúrgicas não se reduzem a um simples conjunto de símbolos, mas constituem eventos que comunicam a salvação. Em sua dinâmica catequética, Cirilo procura mostrar que a liturgia não se limita a uma sequência de rituais, mas é uma ação sagrada que provoca, instiga e transforma, conduzindo o fiel a uma comunhão real e íntima com Cristo.

⁶⁰ Cf. *Ibid.* p. 31-32.

⁶¹ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes. A mistagogia das ações litúrgicas em Cirilo de Jerusalém. *ATEO*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 52, p. 58-76, jan./abr. 2016. p. 60.

⁶² MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 216.

⁶³ Cf. *Ibid.* p. 17.

Nesse sentido, é pertinente a formulação de Costa ao expressar a liturgia como lugar teológico, onde, por meio da experiência litúrgico-celebrativa, “o ser humano se identifica com Cristo em sua centralidade salvífica e inicia um processo de reconfiguração de toda a sua vida neste novo caminho”⁶⁴.

Percebe-se, assim, a solidez da linguagem litúrgica quando Cirilo a exprimi na dinâmica ritual marcada pela intensa participação dos catecúmenos. “Através das ações litúrgicas, as pessoas são inseridas na trajetória da Tradição, os sinais tornam-se mediadores desta participação, convidam, convocam, performatizam à medida que são acolhidos na assembleia reunida”⁶⁵. Os significados litúrgicos se manifestam e se unem à experiência viva dos participantes em torno do altar. Dessa forma, a mistagogia desponta com vigor, entrelaçando-se de modo perfeito à dinâmica litúrgica nas catequeses e celebrações em Cirilo de Jerusalém. Daí resulta uma abertura sensível e uma inserção progressiva no Mistério de Deus⁶⁶.

É perfeitamente observável a relação estreita e imbrincada dessas duas dimensões vitalmente dependentes, uma vez que, segundo Costa, “as ações litúrgicas são princípios mistagógicos, pois mobilizam a pessoa e a assembleia tanto como mediações para o encontro com o Mistério, como por tornarem presente à consciência e à realidade o Mistério pascal”⁶⁷. Por isso, Costa é categórica quando diz que a Liturgia como

princípio mistagógico não apenas por seu princípio ativo – o Mistério pascal de Cristo – mas porque, a partir deste princípio, ela mobiliza todas as demais dimensões para uma mistagogia viva: a escuta da Palavra, a integração da pessoa inteira no Mistério da Salvação, a integração das relações fundamentais da pessoa (consigo, com os outros, com o mundo, com Deus), a revisão e mudança de vida, a partilha, o testemunho comunitário e o envio à missão⁶⁸.

Para Mazza, a “mistagogia indica a explicação do significado espiritual das Escrituras; em um sentido mais geral, pode indicar a explicação das figuras do Antigo Testamento completadas no Novo Testamento, ou mesmo as realidades escatológicas proclamadas pela Igreja”⁶⁹. Foi constituída em ciclos de homilias catequéticas relacionadas com a formação dos neófitos ministradas pelos Padres da Igreja, no período dos últimos vinte e cinco a vinte anos antes do final do século IV.

A mistagogia, segundo Mazza, constitui um método teológico intrinsecamente vinculado à liturgia. Na formação da linguagem litúrgico-mistagógica, empregava-se a técnica da tipologia, aplicada tanto à celebração quanto às catequeses. Dessa prática emerge uma

⁶⁴ COSTA, Rosemary Fernandes. (2016). *Op. cit.* p. 62.

⁶⁵ *Ibid.* p. 65.

⁶⁶ *Ibid.* p. 64.

⁶⁷ *Ibid.* p. 63.

⁶⁸ *Ibid.* p. 62.

⁶⁹ MAZZA, Enrico. La mistagogia. In: DE ZAN, Renato (org.). *Dove rinasce la parola: Bibbia e liturgia-III*. Padova: Ed. Messaggero di S. Antonio, 1993, p. 253. (tradução nossa).

relação fundamental nas homilias patrísticas do século IV: a compreensão da mistagogia como um verdadeiro método teológico, cuja base hermenêutica encontra na tipologia bíblica sua aplicação concreta à liturgia⁷⁰.

A tipologia, por sua vez, constituiu-se em instrumento hermenêutico capaz de engendrar argumentações orientadas para a “compreensão do mistério”⁷¹. O elemento nuclear que possibilita a mediação entre a Escritura e o Mistério celebrado é precisamente a tipologia bíblica. Assim, compreender o propósito da mistagogia no âmbito patrístico significa adequar o emprego da tipologia, como chave de leitura, de modo a alcançar uma verdadeira interpretação textual entre o Antigo e o Novo Testamento. Dessa articulação emerge uma interpretação dinâmica, descrita como uma “espécie de contínua sobreposição”⁷². É a partir dela que se torna possível o entendimento do mistério.

Assevera Mazza que “os Padres da Igreja jamais teorizaram o método tipológico, embora o tenham usado amplamente, e, em consequência, ele jamais se tornou um sistema rígido e mecânico”⁷³. Sua finalidade precípua era a compreensão do mistério. No entanto, a teologia que nascia naquele contexto, sobretudo, em vista das homilias, de uma catequese necessária e mais profunda ou da refutação das heresias⁷⁴, tinha seu centro no método tipológico.

Cabe ressaltar que a tipologia é uma palavra significativa no processo litúrgico-catequético, para interpretar a história da salvação, seja no Antigo como no Novo Testamento⁷⁵. Porém, é preciso esclarecer que esse método mistagógico não era exatamente o mesmo entre Cirilo de Jerusalém e dos outros Padres. Havia sempre uma peculiaridade de abordagem tipológica, referida ao Antigo e o Novo Testamento. No entanto, todos eles se aproximavam em relação ao essencial, que era a exegese bíblica aplicada à realidade dos ouvintes, que compreendiam a história salvífica nos contextos que estavam inseridos.

A nossa intenção ao nos aproximarmos dos termos teológicos – liturgia, mistagogia e tipologia – é a de estabelecer um ponto de partida mais claro para a reflexão ao longo desta dissertação sobre a catequese ciriliana. Importa salientar, contudo, que os textos de Cirilo de Jerusalém, mediante as Catequese Pré-batismais e Mistagógicas, são um importante contributo à catequese e à liturgia, pois, os termos modelados naquele contexto, adquirem progressivamente maior densidade semântica e se consolidam na história da Igreja como

⁷⁰ Cf. *Ibid.* p. 248.

⁷¹ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 30.

⁷² *Ibid.* p. 32.

⁷³ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 218.

⁷⁴ Cf. *Ibid.* p. 29.

⁷⁵ Cf. DANIELOU, Jean. *Op. cit.* p. 12.

categorias fundamentais para a teologia litúrgica e catequética, alcançando especial relevo no Concílio Vaticano II e nos documentos que dele decorreram.

2.2.2 O tempo das pré-catequeses batismais

As catequeses de Cirilo de Jerusalém aos catecúmenos, conhecidas como pré-catequeses batismais, visavam preparar os escolhidos, φωτιζόμενοι⁷⁶ (*photizómenoi*), para receberem a graça do Sacramento do Batismo na Vigília Pascal⁷⁷. São catequeses que se estruturaram e se configuraram em modelos catecumenal, religioso e litúrgico, que marcaram o itinerário de preparação aos candidatos ao batismo.

Costa sistematiza as homilias catequéticas de Cirilo em chaves de leitura, que marcam esse tempo para o processo de iniciação cristã. Ela elenca os elementos-chave principais que demonstram um trajeto seguro, que não produz efeitos imediatos, mas “denota exatamente a ideia de caminho, de movimento, de percurso pedagógico, atento, amoroso e compassivo”⁷⁸. Os elementos-chave são: a “acolhida e o diálogo com a realidade do catecúmeno”, a “mediação bíblica”, a exigência da “conversão das práticas pessoais, familiares e sociais”, a “centralidade do Símbolo Apostólico” e a “mistagogia como teologia e como pedagogia”. Esta última será tratada mais à frente⁷⁹.

O primeiro elemento-chave demonstra que Cirilo é dedicado e comprometido com a acolhida de cada catecúmeno em seu contexto pessoal e histórico. O seu traço catequético é “como um pai que acolhe, protege, orienta e acompanha”⁸⁰. Suas instruções visam a descoberta, pelo “iluminando”, da imensa dignidade e o profundo mistério pelo qual percorrerão até assumirem a vida nova pelo batismo. Nesse processo Cirilo, com habilidade na linguagem e simplicidade faz a mediação entre o catecúmeno e Jesus, sem, no entanto, insistir em propor um conhecimento intelectual⁸¹.

O segundo elemento-chave é para Cirilo o seu eixo norteador: a Sagrada Escritura. É um caminho e fundamento pelo qual o catecúmeno vai experimentando e alcançando o conhecimento dos conteúdos doutrinários. Cirilo revela uma comprovada fundamentação

⁷⁶ Φωτιζόμενοι, ou o que vai ser iluminado. Era a linguagem no oriente que denominava aquele que chegava ao primeiro domingo da Quaresma, após o período de preparação catecumenal, e eram apresentados pelos padrinhos ao bispo para a preparação próxima. Eles eram considerados eleitos pela Igreja, que os escolhia em nome do Senhor. Depois seus nomes eram inscritos em um rito próprio. Esses que se comprometiam ao seguimento de Jesus passavam a ser chamados *electus* ou *competens* no ocidente e Φωτιζόμενοι no oriente. Cf. MARTIMORT, A.G. *La Iglesia en oración: introducción a la liturgia*. Barcelona: Helder, 1992. p. 586-588.

⁷⁷ Cf. QUASTEN, Johannes. *Patrologia II: La edad de oro de la literatura patristica griega*. BAC. Madrid: La Editora Catolica, 1985. p. 404.

⁷⁸ COSTA, Rosemary Fernandes da. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses pré-batismas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022. p. 20.

⁷⁹ *Ibid.* Costa desenvolve com detalhes esses elementos chaves nas p. 19-42.

⁸⁰ *Ibid.* p. 21.

⁸¹ Cf. *Ibid.* p. 19-24.

teológica quando transmite e conduz o ouvinte a fazer a sua experiência com a Palavra. Costa assegura que Cirilo não se atem às exposições doutrinárias sobre a Palavra, mas através de narrativas e de alegorias⁸², o que proporciona a percepção concreta da “relação entre História da Salvação e História da Humanidade”⁸³. Nesse processo pedagógico, Cirilo tensiona inserir o catecúmeno na narrativa bíblica de modo que ele possa ser um contumaz ouvinte da Palavra, pois “ela é o eixo que dá consistência e orienta a linguagem, os exemplos e o diálogo com a realidade, na direção da inserção progressiva no mistério de Cristo e na Igreja”⁸⁴.

O outro elemento-chave estabelecido como princípio básico é a conversão, condição indispensável para que o catecúmeno seja acolhido na comunidade e ingresse no processo de formação⁸⁵. Costa observa que, ao longo das catequeses pré-batismais, há uma clara consciência da decisão de seguir Jesus, marcando a passagem do homem velho para o homem novo, renascido em Cristo⁸⁶. A autora é enfática em afirmar o compromisso que a conversão exige: “a mudança de vida é condição realmente; se torna uma exigência deixar para trás a vida anterior, modificar hábitos, costumes culturais, renunciar a tudo que afasta do projeto de Deus”⁸⁷. Nesse sentido, torna-se oportuno ouvir o próprio Cirilo, citado por Costa:

Prepara, pois, o receptáculo da alma a fim de te tornares filho de Deus, herdeiro de Deus e coerdeiro com Cristo (Rm 6, 17). Caso te prepares, receberás a graça do batismo. Deves aproximar-te com fé e espontaneamente despir o homem velho para receberes a confirmação da fé⁸⁸.

Por fim, o elemento-chave que fundamenta as catequeses pré-batismais é o conteúdo do Símbolo Apostólico. Segundo Costa, trata-se do caminho pelo qual as verdades da fé cristã são transmitidas, tendo como base as afirmações dogmáticas formuladas pelo Magistério da Igreja naquele período. É importante destacar que o Símbolo Apostólico ainda estava em processo de elaboração, uma vez que as catequeses cirilianas foram proferidas por volta do ano 350⁸⁹, enquanto a formulação definitiva do credo ocorreu apenas no Concílio de Constantinopla, em 381. Dada, portanto, a relevância que Cirilo confere ao Símbolo da fé, deter-nos-emos com mais atenção sobre esse aspecto em seguida.

2.2.2.1 A centralidade do Símbolo da fé nas catequeses pré-batismais

⁸² Costa esclarece que a Sagrada Escritura é apresentada em forma narrativa, caminho teológico e catequético, que também eram praticados pelos Padres da Igreja contemporâneos de Cirilo: Ambrósio de Milão, Teodoro de Mopsuestia, João Crisóstomo e Agostinho. Cf. *Ibid.* p. 25-26.

⁸³ *Ibid.* p. 25.

⁸⁴ *Ibid.* p. 28.

⁸⁵ Cf. *Ibid.* p. 33.

⁸⁶ Cf. *Ibid.* p. 34.

⁸⁷ *Ibid.* p. 35.

⁸⁸ CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.* 3, 15). p. 94.

⁸⁹ Cf. QUASTEN, Johannes. *Op. cit.* p. 405.

O Símbolo transmitido por Cirilo alcança um objetivo que não é possível apenas como ensinamento doutrinal. Ele o explica com o duplo fundamento: fé e vida, que tem a força de um convite ao catecúmeno “aderir à Profissão de Fé, no qual passa a compreender, acolher no seu coração e orientar sua própria vida”⁹⁰. Dessa forma, Cirilo fala:

Recebe, pois, e guarda só a fé no ensinamento e na profissão. Fé que te é transmitida pela Igreja e que se funda em toda a Escritura. [...] Como semente de mostarda em pequeno grão contém muitos ramos, assim também esta fé, em poucas palavras, compreende todo o conhecimento contido no Antigo e Novo Testamento. Vede, pois, irmãos, e mantende as tradições que agora recebeis e gravai-as em vosso coração⁹¹.

A fórmula do Símbolo Apostólico é essencialmente a catequese de Cirilo. Ele a conecta à realidade do Batismo pelo qual passarão os catecúmenos. Essas catequese constituem o cerne da obra catequética de Cirilo, configurando-se como um processo integral de iniciação cristã. Nesse percurso, a catequese não se reduz à transmissão de conteúdos doutrinários, mas se desdobra em uma viva experiência, promovendo uma verdadeira assimilação do mistério cristão, mediante a compreensão, a adesão e a mudança de vida que tinham uma forte relação com catequese, liturgia e Palavra de Deus⁹².

Nesse sentido, é pertinente a observação de Costa ao afirmar que o conteúdo transmitido por Cirilo, sob a forma de Profissão de Fé, “torna-se uma exortação à conversão concreta, à mudança de vida, ao testemunho através das obras, da moral, das escolhas cotidianas. Os artigos da fé e os preceitos morais estão em absoluta relação: a fé e a vida; a doutrina e a prática cristã”⁹³. Portanto, no seguimento do raciocínio de Costa, a graça alcançada no Batismo não se mostra meramente como “um rito sacramental de salvação, mas como uma etapa fundamental da iniciação do fiel a um processo de consciência do Mistério da salvação e sua progressiva inserção nesse Mistério”⁹⁴.

Vale destacar que as catequese pré-batismais são dezoito. Quasten as sistematiza da seguinte forma: a primeira catequese trata do templo do Espírito, que é necessário para receber o batismo, renunciar as preocupações mundanas, perdão aos inimigos, e nutrir o espírito com a Bíblia. A segunda orienta sobre a penitência, perdão dos pecados, do demônio e as suas tentações. A terceira entra na realidade do batismo e seus efeitos e oferece uma doutrina geral. A quarta se preocupa em fazer um resumo da doutrina cristã e a quinta discute a natureza e a origem da fé. As treze catequese seguintes (da 6ª a 18ª) contém a exposição dos conteúdos

⁹⁰ COSTA, Rosemary Fernandes da. Introdução. (2022) *Op. cit.* p. 30.

⁹¹ CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.* 5, 12). *Op. cit.* p. 133-135.

⁹² Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. Introdução. (2022). *Op. cit.* p. 42-43.

⁹³ *Ibid.* p. 48.

⁹⁴ *Ibid.* p. 49.

centrais da fé que Cirilo ensinava aos catecúmenos, chamado “símbolo hierosolimitano”, que possui grande semelhança com o símbolo do Concílio de Constantinopla, do ano de 381⁹⁵.

Enquanto Quasten menciona uma estrutura de treze temas doutriniais, sobre o Símbolo da Fé, as catequese (6^a a 18^a)⁹⁶, Figueiredo apresenta doze temas. Se bem que, dentre a relação de Quasten, a sexta e a sétima catequese estão interrelacionadas, pois a sexta trata da realidade e natureza do Pai e a sétima tem o mesmo objeto. Por isso, seguimos com Figueiredo que apresenta uma organização de doze pontos centrais da doutrina que resumem o Credo das catequese transmitidas por Cirilo, pregado junto à comunidade de Jerusalém. A divisão dos temas é a seguinte:

1. Creemos em um Deus, Pai Todo-poderoso, Criador do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis. 2. E em um Senhor Jesus Cristo, Filho Unigênito de Deus, gerado do Pai, Deus verdadeiro, antes de todos os séculos, pelo qual foram feitas todas as coisas. 3. Que veio da carne e se fez homem (da Virgem e do Espírito Santo). 4. Foi crucificado e sepultado; 5. Ressuscitou ao terceiro dia. 6. E subiu aos céus e está sentado à direita do Pai. 7. E virá na glória para julgar os vivos e os mortos., cujo reino não terá fim. 8. E em um Espírito Santo, o Paráclito que falou nos profetas. 9. E em um batismo de penitência para remissão dos pecados. 10. E em uma santa católica Igreja. 11. E na ressurreição da carne. 12. E na vida eterna.⁹⁷

Porém, esclarece Figueiredo que, tendo em vista a disciplina do arcano, os textos catequéticos sobre o símbolo não estão em sua íntegra. Isso em função do sigilo que Cirilo insistia quanto a divulgar os ensinamentos sobre os Mistérios e o valor de saber guardá-los, gravando-os na memória. Na quinta catequese (Cat. 5, 12), Cirilo alertava os catecúmenos para que guardassem na “memória do coração” o que, “em poucas linhas”, era-lhes transmitido sobre o dogma da fé, ao invés de registrá-los por escrito⁹⁸. E assim, Cirilo se limitava, em muitos momentos em sua catequese, a recitar a doutrina, sem, contudo, registrá-las. Talvez seja isso indício das argumentações de alguns estudiosos da patrística que sugeriram que parte ou toda a obra das catequese de Cirilo poderia ter sido escrita por João de Jerusalém, sucessor dele na cátedra.

No entanto, quanto ao legado que reflete as linhas catequéticas empregadas em Jerusalém no século IV, há um consenso entre os estudiosos da obra ciriliana que ela revela a força e o empenho de Cirilo na transmissão da fé. Trata-se, segundo afirmam, “de que é uma obra selada pela legítima autoridade de Cirilo”⁹⁹, não havendo, na tradição manuscrita, respaldo suficiente para se negar sua autoria¹⁰⁰.

⁹⁵ Cf. QUASTEN, Johannes. *Op. cit.* p. 405.

⁹⁶ Cf. *Ibid.* p. 405.

⁹⁷ FIGUEIREDO, Frei Fernando. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Op. cit.* p. 25.

⁹⁸ *Ibid.* p. 134.

⁹⁹ COSTA, Rosemary Fernandes da. Introdução. (2022). *Op. cit.* p. 35.

¹⁰⁰ Cf. *Ibid.* p. 39.

2.2.2.2 A influência de Cirilo para o Símbolo da fé

Cirilo nasceu provavelmente em Jerusalém e nessa cidade foi ordenado sacerdote por Máximo II, por volta do ano de 345, e sagrado bispo em 348 por Acácio, metropolita de Cesareia, com quem, logo após, surgiram vários conflitos, provavelmente por questão de precedência de Jerusalém; questão mal resolvida em Nicéia e que Cirilo valia-se do caráter apostólico de sua sede para escapar à autoridade de Acácio¹⁰¹. Outra questão de divergência era de ordem doutrinal: Acácio de tendência ariana e Cirilo, niceno¹⁰².

O tempo em que viveu e empreendeu a sua catequese, Cirilo conviveu num contexto efervescente entre os grandes Concílios de Niceia e Calcedônia (325-451). Esse período foi importante para a história da Igreja, pois engendrou a fundamentação dogmática com a fórmula do Credo cristão: “o Símbolo que configura a identidade da Igreja, definindo a ontologia divina e a própria natureza da Revelação”¹⁰³. Ou seja, com o Credo Niceno define a comunhão ontológica entre o Filho e o Pai: o Filho é *homoousios* com o Pai¹⁰⁴. No Concílio de Constantinopla (381), deu respaldo e continuidade à fé apostólica de Nicéia, além de extirpar as heresias que insistiam percorrer a Igreja de então¹⁰⁵.

Segundo Alberigo, a fórmula relativa ao Credo está em conexão e são elementos fundantes das catequeses pré-batismais (*PCat.*) de Cirilo, comentadas ao longo de todo tempo da Quaresma aos catecúmenos¹⁰⁶. É relevante essa observação, tendo em vista que Cirilo participou do Concílio de Constantinopla e é possível que, segundo essa menção, a fórmula definida da Profissão de Fé tenha algo das abordagens homiléticas batismais de Cirilo em Jerusalém¹⁰⁷, uma vez que elas se destacaram. A importância dada por Cirilo na transmissão rigorosa do Credo se denota pelo fato de se estender por toda a Quaresma para explicá-lo, demonstrando a dignidade dada à catequese de preparação baptismal. As outras Igrejas, ao invés, resumiam a exposição do Credo à apenas algumas apresentações¹⁰⁸. Costa corrobora essa posição ao destacar o papel de Cirilo, afirmando que o bispo de Jerusalém teve uma participação significativa nas reflexões do II Concílio. “Para alguns estudiosos constitui uma força motriz

¹⁰¹ HAMMAN, A.-G. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980. p. 180.

¹⁰² Cf. ALTANER, Berthold. *Patrologia: Obras e doutrinas dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988. p. 314.

¹⁰³ COSTA, Rosemary Fernandes da. *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015. p. 25.

¹⁰⁴ Cf. ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995. p. 30-35.

¹⁰⁵ Cf. *Ibid.* p. 68-70.

¹⁰⁶ *Ibid.* p. 69.

¹⁰⁷ Jerusalém era uma cidade com uma posição privilegiada no cristianismo, por isso o destaque de que o que se ensinava na cidade, era levado em consideração em outros lugares cristãos.

¹⁰⁸ Cf. FIGUEIREDO. Frei Fernando. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020. p. 16.

por já professar, em Jerusalém, um Credo bastante semelhante à definição final, em Constantinopla”¹⁰⁹.

Durante o tempo da Quaresma, Cirilo de Jerusalém dirige suas Catequeses Pré-batismais aos catecúmenos. Uma parte significativa desse itinerário catequético é dedicada à instrução sobre o Símbolo da Fé Apostólica¹¹⁰. Denzinger apresenta esse conteúdo como sendo composto por trechos recolhidos das catequeses cirilianas. Assim, embora a fórmula do Símbolo seja atribuída a Cirilo de Jerusalém, o texto, conforme observa Denzinger, “às vezes é reconstituído de outro modo”¹¹¹. Segue, abaixo, o referido texto:

Cremos em um só Deus Pai onipotente, artífice do céu e da terra, de todas as coisas visíveis e invisíveis, [e] em um só Senhor, Jesus Cristo, o Filho unigênito de Deus, Deus verdadeiro gerado do Pai antes de todos os séculos, por meio do qual tudo veio a ser, o qual [desceu e se encarnou e] se enhumanou, foi crucificado [e sepultado] e ressuscitou [dos mortos] ao terceiro dia, e subiu aos céus, e sentou-se à direita do Pai, e vem com glória para julgar os vivos e os mortos; cujo reino não terá fim. [E] num só Espírito Santo, o Paráclito, que falou por meio dos profetas; e num só batismo de conversão para a remissão dos pecados, e numa só santa Igreja católica, e na ressurreição da carne, e na vida eterna¹¹².

Embora Cirilo tenha sido reconhecido como uma figura influente na formulação da doutrina trinitária nos Concílios de Niceia e Constantinopla, ainda assim foi visto com desconfiança quanto ao conteúdo teológico que ensinava em Jerusalém. Na época, o arianismo – a heresia que negava a divindade plena de Cristo – exercia forte influência sobre a Igreja. Por esse motivo, Cirilo precisou enfrentar e superar adversários que o acusavam de partilhar, ao menos em parte, das ideias arianas.

2.2.2.3 *As controvérsias teológicas enfrentadas por Cirilo*

Constantino, Imperador que superou seu oponente, Maxêncio, e se tornou senhor do ocidente, assinou o Edito de Milão em 313 e o cristianismo passou a ser tolerado no Império, não havendo mais a perseguição aos seus adeptos. Os lugares de culto foram devolvidos e as propriedades confiscadas restituídas aos cristãos. A religião cristã passa a ser preferida por Constantino e, mais adiante, com o edito de Tessalônica, 27 de fevereiro de 380, o imperador Teodósio I promulga a religião cristã como oficial de Estado.

Nesse ambiente, surgem as controvérsias com as heresias, sobretudo com o arianismo que negava a divindade do Verbo e contrapunha o fundamento da fé apostólica: a Trindade.

¹⁰⁹ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 32.

¹¹⁰ Para esse tema são empregadas doze catequeses, das dezoito registradas. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. *Op. cit.* p. 137-448.

¹¹¹ DENZINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 29.

¹¹² *Ibid.* p. 29.

Doutrina que estava em intensa elaboração pelos Padres da Igreja frente aos debates com os oponentes heterodoxos. Tais disputas teológicas conduziram ao Concílio de Niceia (325), convocado pelo imperador Constantino. Nesse Concílio foi definida a divindade do Verbo, com o termo ὁμοούσιος¹¹³ (*homoousios*) e a negação do intransigente Ário, padre de Alexandria, que sustentava que Jesus era apenas uma criatura excelente de Deus e não divino¹¹⁴.

Nesse tempo, Cirilo de Jerusalém ensinava aos catecúmenos e neófitos com as suas catequeses na Igreja do *Martyrium* e na Capela do Santo Sepulcro, a *Anástasis*¹¹⁵. A heresia ariana percorria a Igreja e muitos ainda defendiam as suas ideias. Cirilo quando foi bispo de Jerusalém foi acusado de compartilhar os pontos de vista ariano, no entanto, em suas catequeses não se encontram sinais de tais acusações. Ao contrário, com frequência são notados ensinamentos que manifestam a favor da fé de Niceia. Portanto, Cirilo “defende com decisão a unidade perfeita de essência entre o Pai e o Filho”¹¹⁶.

Contudo, Quasten observa que permanece verdadeira a afirmação de que Cirilo não utilizou o termo niceno *homoousios* em suas catequeses – o que, à primeira vista, poderia sugerir uma inclinação ao arianismo ou uma infidelidade à fórmula trinitária do Concílio de Niceia. O autor, porém, esclarece que Cirilo evitou esse termo com base em sua proposta catequética, na qual insistia em não empregar expressões novas no Símbolo da fé, especialmente aquelas que não se encontram nos escritos dos evangelistas e dos apóstolos¹¹⁷, conforme ressalta na quinta catequese pré-batismal (*PCat.* 5, 12). Essa precisão era fundamental para Cirilo, considerando que “todos os símbolos haviam sido compostos com expressões tomadas da Bíblia”¹¹⁸. Assim descreve Cirilo a orientação:

A seu tempo te será oferecida a confirmação tirada das Divinas Escrituras acerca de cada artigo de fé. Por conseguinte, o símbolo da fé não foi composto a capricho dos homens, mas foram coligidas de toda a Escritura as verdades essenciais e se formou assim o conjunto harmonioso de doutrina da fé¹¹⁹.

¹¹³ *Homoousios*, termo grego introduzido no Credo de Niceia, que designa a realidade da consubstancialidade do Pai e do Filho. Ambos da mesma substância (*ousia*). As controvérsias, não dirimidas, suscitaram outros debates teológicos que culminaram no Concílio de Constantinopla (381).

¹¹⁴ Vale destacar que, além de Cirilo de Jerusalém, outros padres defenderam a fé trinitária contra o arianismo e as suas consequências. Os méritos de contrapor a heresia ariana, além de Cirilo, são de Atanásio de Alexandria, Basílio de Cesareia, Gregório de Nazianzo, Gregório de Nissa e de Ambrósio de Milão. Para melhor conhecer sobre Ário, seu pensamento e a história da crise ariana que causou uma divisão na Igreja, Cf. MEUNIER. Bernard. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 67-78.

¹¹⁵ *Martyrium* e *Anástasis* são as Igrejas construídas por Constantino. Nesses locais santos Cirilo proferia as catequeses no tempo da Quaresma. Primeiro aos Catecúmenos que se preparavam para o Batismo na Igreja Maior, *Martyrium*. Depois somente aos Neófitos, os recém batizados, na Igreja do Santo Sepulcro, a *Anástasis*. Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Comentário de Frei Alberto Beckhäuser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 163-167.

¹¹⁶ QUASTEN, Johannes. *Op. cit.* p. 411.

¹¹⁷ *Ibid.* p. 413.

¹¹⁸ *Ibid.* p. 413.

¹¹⁹ CIRILO DE JERUSALÉM (*PCat.* 5, 12). *Op. cit.* p. 134-135.

Concretamente, a omissão do termo *homooúsios* por Cirilo relaciona-se ao seu empenho em evitar associações com o sabelianismo – heresia que negava a doutrina trinitária e concebia a unidade de Deus indiviso. Nesse sentido, como observa Costa, “nesse eixo justifica-se a ausência da terminologia nicena, pela proximidade do debate e pelas dúvidas que ainda pairavam na compreensão de muitos”¹²⁰. A mesma autora também comenta que a cautela de Cirilo quanto ao uso do termo niceno decorre de uma postura de “certa diplomacia, perante o calor do debate, e para não se indispor com bispos amigos que haviam aderido ao arianismo”¹²¹.

Entretanto, Cirilo permanecia distante tanto do arianismo quanto do sabelianismo. Ele reafirmava com clareza sua ortodoxia trinitária ao advertir seus ouvintes nas catequeses: “Crê também no Filho de Deus, uno e único, nosso Senhor Jesus Cristo, Deus gerado de Deus, vida nascida da vida, luz gerada da luz, e em tudo semelhante ao Pai (*PCat.* 3, 14; 7, 5; 11, 4)”¹²². E acrescentava: “Não separe o Filho do Pai, nem confundas os dois, acreditando numa paternidade-filiação indistinta. Crê que o Filho é unigênito do único Deus e, antes de todos os séculos, é Deus Verbo (*PCat.* 11, 10)”¹²³.

Cirilo pregava a Trindade de forma incisiva, comprovando que a doutrina ensinada aos catecúmenos durante o tempo da Quaresma não continha confusão, como afirmou: “A nossa esperança está no Pai, no filho e no Espírito Santo. Não anunciamos três deuses; calem-se os marcionitas. [...] Não fazemos separação na Santíssima Trindade, como alguns, nem confusão, como Sabélio”¹²⁴. Cirilo é fiel ao Símbolo Apostólico, atestado no caminho apresentado sobre as verdades da fé em suas catequeses, formuladas pelo Magistério, no entanto ainda sob amadurecimento teológico.

Quanto à terceira pessoa da Trindade, “Cirilo afirma repetidas vezes que o Espírito é pessoa distinta, e chama a atenção sobre a ação diretamente pessoal que lhe é atribuída: ‘o que fala e envia é vivente, subsistente (pessoa) e operante’ (*PCat.* 17, 9. 28. 33. 34)”¹²⁵. Cirilo professava o Espírito Santo como personalidade própria, distinta do Pai e do Filho, porém goza igualmente da mesma divindade. Nessa perspectiva, a sexta catequese vai alicerçar e confirmar a ortodoxia do pensamento de Cirilo:

O Filho unigênito, juntamente com o Espírito Santo, conhece ao Pai como é necessário (pois ninguém conhece o Pai, diz, a não ser o filho e a que o quiser revelar (Mt 2, 27). Vê a Deus como deve e, com o Espírito e através do Espírito, o revela na medida da capacidade de cada um. Porquanto, o Filho unigênito, com o Espírito Santo, participa da divindade do Pai¹²⁶.

¹²⁰ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 30.

¹²¹ *Ibid.* p. 30.

¹²² CIRILO DE JERUSALÉM (*PCat.* 4, 7). *Op. cit.* p. 102.

¹²³ *Ibid.* (*PCat.* 4, 8). p. 103.

¹²⁴ *Ibid.* p. 363.

¹²⁵ QUASTEN, Johannes. *Op. Cit.* p. 414.

¹²⁶ CIRILO DE JERUSALÉM (*PCat.* 6, 6). *Op. cit.* p. 142.

Costa comenta que a metodologia catequética de Cirilo “têm como base a Sagrada Escritura, num método histórico-tipológico, utiliza uma linguagem simples, endereçada a um auditório diverso e de iniciantes da fé”¹²⁷. O seu estilo é claro e direto. Alia a cordialidade à aspereza no tom de falar e rigoroso com a ortodoxia. Contudo, o comentário de Hamman indica um profundo humanismo e fraterna relação com as pessoas. Afirmar que Cirilo “conhece o homem e não se espanta com suas limitações e suas fraquezas. Sabe que os motivos de conversão às vezes são imperfeitos”¹²⁸. Seus feitos não são baseados em escritos dogmáticos, mas em suas catequeses proferidas aos candidatos ao batismo durante a Quaresma e o Tempo Pascal. Essas catequeses “alcançaram celebridade não somente por apresentarem uma elevada qualidade teológica, espiritual e estilística, mas também pela excelente visão que elas nos transmitem da prática litúrgica e do ensinamento de fé nessa época”¹²⁹.

2.2.2.4 *A experiência com o mistério: a força da catequese ciriliana*

Toda a Quaresma era dedicada à preparação para o batismo. Durante todo esse tempo, os catecúmenos iam diariamente à Igreja para receberem do bispo a instrução durante três horas, desde a primeira hora até a hora terceira, ou seja, das sete horas até a nove horas, inclusive¹³⁰. Percorridas as sete semanas de instrução, chega-se à semana pascal, que era chamada de “septímana maior”, a grande semana antes da celebração do batismo. Etéria¹³¹ escreve que o bispo se dirigia aos catecúmenos e dizia:

durante estas semanas, fostes instruídos inteiramente acerca de toda a lei das Escrituras e ouvistes também a respeito da fé; também a respeito da ressurreição da carne e de todo o significado do *symbolum* ouviste o que, embora catecúmenos, pudestes ouvir; mas as palavras concernentes a um mistério mais profundo – o próprio Batismo – porque sois ainda catecúmenos, não podeis ouvi-las; e, para que não julgueis que algo se faz sem razão, ouvi-las-eis após o término do ofício na igreja, na *Anástasis*, durante os oito dias pascais, quando,

¹²⁷ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *p. cit.* p. 29.

¹²⁸ HAMMAN, A.-G. *Op. cit.* p. 183.

¹²⁹ DROBNER, Hubertus R. *Manual de patrologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003. p. 309.

¹³⁰ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 163-165.

¹³¹ A obra, “Peregrinação de Etéria” não encontra consenso entre os estudiosos sobre a origem, a condição e o nome da autora, pois o que havia sido encontrado dos relatos da peregrinação, não continham os elementos necessários para a sua identificação precisa. No entanto, os escritos encontrados revelam uma narrativa de viagem com uma motivação religiosa clara. Cf. MARTINS, Maria Cristina. *Peregrinação de Egéria: uma narrativa de viagens aos lugares santos*. Uberlândia: EDUFU, 2017. p. 21-25.

Não se pode deixar de notar que os relatos de Etéria foram fundamentais para completar as informações sobre as catequeses de Cirilo de Jerusalém, uma vez que ela passou pela região, segundo comentários de Beckhäuser, e foi testemunha dos lugares, da liturgia, da catequese e da hierarquia à época. E as observações de Etéria são importantes para a compreensão dos lugares santos e das participações nas celebrações rituais que envolvia o catecumenato em Jerusalém, o que revelam todo o contexto mistagógico pelo qual Cirilo envolvia os catecúmenos e a comunidade. (Cf. BECKHÄUSER, Frei Alberto, ofm. Comentário. In: PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 39-40.

em nome de Deus, houverdes sido batizados; porque sois ainda catecúmenos, não vos podem ser revelados os mistérios mais secretos de Deus¹³².

Os mistérios pelos quais Cirilo dedica atenção são as experiências com os sacramentos da iniciação cristã recebidos na Vigília Pascal. A vivência da graça pelo Batismo, pela Confirmação e pela Eucaristia era aprofundada em suas célebres “Catequeses Mistagógicas”, ministradas aos neófitos. Essas instruções auxiliavam na interiorização dos sacramentos e na plena inserção dos recém-batizados na comunidade¹³³. Tempo de aprofundamento se estendia, em regra, pela oitava da Páscoa, podendo prolongar-se até Pentecostes. O objetivo das catequeses era proporcionar uma assimilação mais profunda dos mistérios da fé¹³⁴.

Contemporâneos de Cirilo, Ambrósio de Milão, João Crisóstomo e Teodoro de Mopsuéstia também orientavam com sucesso a iniciação cristã e “consideravam a mistagogia um tempo forte e determinante para o conhecimento e para a adesão à fé”¹³⁵. Porém, vale destacar que Martimort reputa às catequeses mistagógicas de Cirilo, ensinadas de 350 a 386, como “as mais precisas e mais ricas de ensinamento”¹³⁶.

Nas Catequeses Mistagógicas (CM), Cirilo revela sua compreensão de mistagogia como momento interior ao mistério, o qual procura explicitar e convidar cada neófito a aprofundar e acolher como dom recebido de Deus. Ele se utiliza de uma “linguagem simples e clara, viva e fervorosa, bem adaptada às necessidades intelectuais e morais de seus ouvintes”¹³⁷. O seu modo, portanto, é acolhedor e demonstra o seu perfil de catequista. Por exemplo, na primeira catequese mistagógica, Cirilo revela a vocação catequética em suas palavras:

Desde há muito tempo desejava falar-vos, filhos legítimos e muito amados da Igreja, sobre estes espirituais e celestes mistérios. Mas como sei que a vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso. Além disso, já estais melhor preparados para apreender os mistérios todo-divinos que se referem ao divino e vivificante batismo¹³⁸.

A acolhida, logo na primeira catequese aos neófitos, demonstrava o traço paterno de quem desejava revelar um segredo valioso e ajudar na experiência e amadurecimento de um filho. De forma delicada e amigável convidava o neófito à experiência, quando dizia: “passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade”¹³⁹. E assim, a cada passo o

¹³² *Ibid.* p. 165-166.

¹³³ Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Directório Geral para a Catequese*. 89. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.htm. Acesso em 03 fev. 2025.

¹³⁴ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 54.

¹³⁵ *Ibid.* p. 53.

¹³⁶ MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em oração: Introdução à liturgia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988. p. 46.

¹³⁷ COSTA, Rosemary Fernandes da. *Op. cit.* (2015). p. 54-55.

¹³⁸ CIRILO DE JERUSALÉM (CMI, 1). *Op. cit.* p. 31-32.

¹³⁹ *Ibid* (CMI, 3). p. 33.

recém batizado passava a experimentar a profunda comunicação de Deus e estabelecer com ele uma relação de proximidade e intimidade que se tornará seu referencial e opção de vida.

Vale notar o caráter propedêutico que envolvia o fiel na relação que Cirilo estabelecia com as imagens, com os gestos e ritos. Isso, até aquele momento era uma aproximação com o mistério de forma superficial, teórica, em vista de um ensinamento mais completo, o que ocorria na celebração sacramental e nas catequeses mistagógicas. Nesse caso, Mendonça Filho faz uma pertinente observação sobre a relação ciriliana com a experiência litúrgico-mistagógica com que conduzia os neófitos ao sagrado nas catequeses. Diz o autor:

o neófito não vivia numa ilusão religiosa, mas na concretude do espaço sagrado. As catequeses, lembremo-nos, aconteciam dentro do Templo, com os gestos, ritos e símbolos que revelavam o invisível e orientavam o cristão para um ponto importante e fixo e orientativo: a comunidade como lugar de conexão com o ressuscitado¹⁴⁰.

De modo concreto, a catequese de Cirilo é marcada por precisas orientações. Desde o Catecumenato, e de forma concreta no tempo da mistagogia, ele conduzia por um passo a passo que intensificava no iniciante a participação por inteiro do movimento de entrada no Mistério divino. Ou seja, ouvir a Palavra, experienciar as ações litúrgicas, abrindo-se à dinâmica simbólico-sacramental, acolher e tomar a decisão de responder ao chamado e ser progressivamente inserido no mistério. Dessa forma, tudo que envolvia a catequese de Cirilo tornava-se mistagógica.

2.2.3 O tempo da Mistagogia

Por meio de suas Catequeses Mistagógicas, Cirilo oferece uma síntese teológica que une a doutrina à vivência sacramental, iluminando os mistérios da iniciação cristã – Batismo, Crisma e Eucaristia – à luz da liturgia. Sua abordagem reflete a profundidade da experiência espiritual, ao mesmo tempo em que educa os catecúmenos no mistério pascal, conectando a celebração dos sacramentos com a transformação da vida do fiel. Essa metodologia, alicerçada na tradição apostólica e no contexto eclesial, revela o caráter intrinsecamente mistagógico da catequese, formando os cristãos na fé por meio de uma integração entre doutrina, liturgia e espiritualidade.

As Catequeses Mistagógicas de São Cirilo de Jerusalém inserem-se no contexto da iniciação cristã como um processo de aprofundamento teológico e espiritual da experiência sacramental vivida na Vigília Pascal. Proferidas após a recepção dos sacramentos da iniciação (Batismo, Crisma e Eucaristia), essas catequeses têm a finalidade de conduzir os neófitos à

¹⁴⁰ MENDONÇA FILHO, João da Silva. A re-significação do processo mistagógico de São Cirilo de Jerusalém. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 73, p. 89-100, jan/mar. 2011. p. 95.

compreensão mais profunda do mistério celebrado, articulando a relação entre os signos litúrgicos e a realidade invisível da graça divina. A mistagogia ciriliana enfatiza a eficácia dos ritos sagrados, revelando sua dimensão anagógica – concentrava na interpretação espiritual mais profunda e transcendente. É uma aproximação com sentido místico da experiência que empreendia Cirilo de Jerusalém em sua catequese – e sua capacidade de transformar existencialmente os fiéis à luz do mistério pascal de Cristo. São cinco as catequeses mistagógicas.

As cinco Catequeses mistagógicas são homilias proferidas por Cirilo de Jerusalém seguindo às celebrações litúrgicas dos três sacramentos que os neófitos receberam no transcurso da noite pascal. As duas primeiras tratam do Batismo; a terceira da Confirmação; a quarta da doutrina da Eucaristia e a quinta explicita a liturgia da missa. Vale destacar que o ambiente onde são ministradas essas catequeses diferenciam do local onde as Catequeses pré-batismas eram realizadas. Estas aconteciam na Igreja Maior, chamada de *Martyrium*, onde era colocada a cátedra episcopal. Ali todos os Eleitos, que iriam receber o Batismo, se reuniam durante os quarenta dias de preparação. No Tempo Pascal, os neófitos se dirigiam à *Anástasis*, local das Catequeses Mistagógicas. Ali não entravam os catecúmenos, insipientes na instrução, mas apenas os fiéis batizados que podiam entrar e ouvir a respeito dos mistérios¹⁴¹.

Com relação à autoria dessas catequeses, existem controvérsias e opiniões divergentes entre os estudiosos de Cirilo e o seu legado catequético. Para a nossa pesquisa não cabe avançar demasiadamente nessas questões sobre a autenticidade dos textos, que, segundo a Tradição, são creditados à Cirilo de Jerusalém. Quasten faz um arrazoado comentário sobre os defensores que creditam as catequeses mistagógicas à João de Jerusalém, sucessor de Cirilo. O autor comenta, que não há dúvida quanto a autoria das catequeses pré-batismas. Elas teriam verdadeiramente sido compostas por Cirilo. No entanto, os argumentos de alguns escritores da patrística descartam a autoria de Cirilo sobre as Catequeses Mistagógicas, por levarem em consideração alguns detalhes característicos da liturgia, descritos na obra, que correspondem ao ano de 390, época distante em cinquenta anos do tempo em que foram ministradas as homilias das cinco catequeses¹⁴².

Segundo Costa, a questão controversa surgiu no século XVI, quando despontaram debates quanto à autoridade de Cirilo como autor dos textos mistagógicos. Ela menciona as hipóteses acerca das diferenças entre as primeiras catequeses e as encontradas nas catequeses mistagógicas, quanto ao estilo, linguagem, desenvolvimento teológico, metodologia, ritos litúrgicos e período. A autora comenta, ainda, o fato de não existir anotações de punho de Cirilo,

¹⁴¹ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 163-167.

¹⁴² Cf. QUASTEN, Johannes. *Op. Cit.* p. 405-406.

mas manuscritos com variações entre eles. Outra questão circula entre os argumentos teológicos que sugerem serem de um tempo posterior ao de Cirilo¹⁴³.

Mesmo assim, Quasten reconhece que, apesar das divergências entre os estudiosos quanto à autoria das Catequeses Mistagógicas, há indícios sólidos que favorecem sua atribuição a Cirilo de Jerusalém. Ele cita passagens das Catequeses Pré-batismais (*Cat.* 18, 33 e 16, 26) que anunciam as Catequeses Mistagógicas. E nas Catequeses Mistagógicas (*Cat.* I, 9 e V, 1) dão pistas sobre as instruções ministradas nas Catequeses Pré-batismais. Por fim, ainda que suscite dúvidas, Quasten conclui pontuando que, embora as pesquisas atribuam as Catequeses Mistagógicas à João e outras à Cirilo, ele resume a questão e diz que: “foi Cirilo quem as preparou e as pronunciou primeiro, porém, mais tarde as revisou seu sucessor João”¹⁴⁴.

Tem razão Finelon quando diz que as Catequeses Mistagógicas são “um fenômeno próprio do processo de iniciação em sentido amplo, presente nos séculos IV e V d.C., em ambiente ierosolimitano, ambrosiano e antioqueno”¹⁴⁵. Menciona o autor, que a finalidade dessa catequese era a de levar os neófitos à compreensão da ação soteriológica sacramental¹⁴⁶. Por isso, é oportuno a afirmação de Mazza quando diz “que a mistagogia é uma maneira de fazer teologia no sentido autêntico do termo”¹⁴⁷. Ele nomeia o método como “teologia mistagógica”, donde que, essa teologia, derivada da liturgia, parte do fato celebrativo e desenvolve um processo eficiente, para se alcançar a vivência cristã madura na fé.¹⁴⁸ Isso é relevante, pois, a teologia embrenhada na mistagogia se evidencia. Finelon a expõe e identifica uma sistematização da estrutura metodológica mistagógica em cinco etapas, conduzidas por Cirilo e por outros padres do século IV.

2.2.4 As etapas da mistagogia ciriliana

As etapas da metodologia mistagogia, enraizada na tipologia bíblica, evidencia como os Padres da Igreja conduziam os fiéis a uma assimilação progressiva do mistério cristão. Esse método não apenas explicava os ritos litúrgicos, mas conduzia os neófitos a uma compreensão mais profunda do mistério celebrado, inserindo-os progressivamente na vida sacramental da Igreja. Segundo Finelon, esse método, de forma geral, “consistia em dois grandes movimentos: do rito para o evento salvífico e do evento salvífico para o rito”¹⁴⁹.

¹⁴³ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. *Op. cit.* (2015). p. 35-40.

¹⁴⁴ QUASTEN, Johannes. *Op. cit.* p. 407.

¹⁴⁵ FINELON, Vitor Gino. *A mistagogia cristã à luz da Constituição Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis, RJ: Vozes; rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021. p. 134.

¹⁴⁶ *Ibid.* p. 134.

¹⁴⁷ MAZZA, Enrico. *A mistagogia: As catequeses litúrgicas do fim do século IV e seu método*. São Paulo: Loyola, 2020. p. 29.

¹⁴⁸ Cf. *Ibid.* p. 29.

¹⁴⁹ FINELON, Vitor Gino. *Op. cit.* p. 135.

Mazza organiza o método da mistagogia em cinco etapas, a partir de seus estudos das catequeses mistagógicas nos textos patrísticos¹⁵⁰. Finelon o acompanha e cita em sua obra essa exposição das etapas¹⁵¹. Não há, portanto, contradição entre as duas abordagens, pois a convergência nos textos é extremamente favorável para a pesquisa e enriquece a compreensão.

As etapas iniciam com a descrição do rito vivenciado na Vigília Pascal. É explicada a dinâmica ocorrida com o ritual, o gestual e as ações litúrgicas ou das eucologias. O que objetivava nesse envolvimento era a anamnese das experiências vividas pelo neo-batizados. A segunda etapa, Mazza faz um movimento de subida partindo da etapa anterior, pautado na memória do rito, para a narrativa bíblica, que podia ser apenas um versículo ou mais de um, do Antigo como do Novo Testamento. No entanto, que ele fosse capaz de fundamentar e explicar o evento salvífico celebrado na liturgia. O cume da subida, pontua Mazza, está na terceira etapa que o catequista Cirilo se ocupa da compreensão do evento salvífico. A reflexão é teológica, onde procura refletir com profundidade o evento de salvação como aconteceu na história e mostrar todo o seu valor, compreendido na atualização no momento da celebração ritual. Nessas três etapas objetivam, como define Finelon, “ir da celebração ritual para a compreensão do evento salvífico, construindo uma aproximação anamnética”¹⁵².

Na quarta etapa Mazza define como “descer do evento de salvação, descrito na Escritura, ao rito que se quer ilustrar”¹⁵³. O autor explica esse sentido com o movimento descendente, partindo do que foi descrito e refletido na etapa anterior, para a celebração ritual. Ou seja, o que foi tratado e compreendido do evento salvífico se tornava presente na vivência litúrgica. Nas palavras de Finelon, “esse quarto passo mistagógico estabelece uma analogia na qual a força salvífica permanece em meios às diferenças. [...] Desta forma, o quarto passo fazia a aplicação da categoria salvífica aos elementos rituais da iniciação cristã”¹⁵⁴. E, ainda, segundo Mazza, nessa etapa “há uma verdadeira interpretação da liturgia feita com os textos bíblicos que têm por objeto os eventos de salvação”¹⁵⁵.

Por fim, na quinta etapa cria-se o ambiente de gestação de uma “terminologia da sacramentalidade”¹⁵⁶. Isso vai ocorrendo porque a linguagem nova que surgia na dinâmica mistagógica, se dispunha a ser “uma explicação teológica não somente do fato sacramental, mas também de cada um dos ritos de que é composta a celebração litúrgica”¹⁵⁷. No período do IV século, a explicação da celebração litúrgica “assume a forma verdadeiramente particular de

¹⁵⁰ Cf. MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 215-217.

¹⁵¹ Cf. FINELON, Vitor Gino. *Op. Cit.* p. 135-136.

¹⁵² *Ibid.* p. 136.

¹⁵³ Cf. MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 216.

¹⁵⁴ FINELON, Vitor Gino. *Op. cit.* p.136.

¹⁵⁵ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 216.

¹⁵⁶ *Ibid.* p. 216.

¹⁵⁷ *Ibid.* p. 13.

catequese mistagógica”¹⁵⁸. Alcançava níveis mais complexos, pois na dinâmica das catequese, era o método mistagógico capaz de elaborar “a inteligência do mistério”; “capaz de elaborar também conteúdos teológicos autênticos”¹⁵⁹. Portanto, Mazza conclui que “a mistagogia não pode ser considerada apenas pertencente à área da catequese ou da teologia espiritual, mas deve ser considerada teologia verdadeira, uma teologia litúrgica”¹⁶⁰

Apropriada e fundamental a declaração de Daniélou ao dizer que “as catequese mistagógicas são os documentos mais importantes para a teologia do culto”¹⁶¹. Não surpreende essa afirmação, pois a terminologia técnica advinda das catequese mistagógicas, nascem da ‘linguagem técnica da tipologia bíblica’¹⁶². Como exemplo, Mazza cita alguns desses termos

que se tornaram básicos no vocabulário sacramentário: *mistério, sacramento, figura, imagem, imagem-verdade, tipo-antítipo, semelhança (similitudo)etc.* Quando essa terminologia faz uso de binômios, como *imagem-verdade, tipo-antítipo*, coloca-se em particular evidência o aspecto relacional do sacramento, ou seja, a relação existente entre o rito litúrgico e o evento de salvação¹⁶³.

A proposta catequético-mistagógica de Cirilo se revela bem clara no seu itinerário. Ele provoca os neófitos à acolhida do mistério e estimula a compreensão simbólica do que foi vivenciado na celebração pascal. Tomemos a segunda catequese mistagógica sobre o Batismo. Ela pode ilustrar a dissertação das etapas tratadas acima, onde Mazza e Finelon as discorreram claramente. Os autores versam de modo geral sobre as etapas das cinco catequese que, a rigor, são percebidas em cada uma delas.

Cirilo retoma a celebração com a memória de três atitudes no rito: o despojamento das vestes, a unção do corpo e a imersão na piscina batismal. De posse dos textos paulinos¹⁶⁴, Cirilo fundamenta e explica o rito litúrgico que ocorreu. Primeiro o despojamento das vestes:

Logo que entraste, despistes a túnica. E isso era imagem do despojamento do velho homem com suas obras. Despido, estáveis, nus, imitando também nisso a Cristo nu sobre a cruz [...] Oxalá a alma, uma vez despojada do homem velho corrompido, jamais torne a vesti-lo. [...] em verdade éreis imagem do primeiro homem, Adão, que no paraíso andava nu e não se envergonhava¹⁶⁵.

Depois a Unção:

Depois de despídos, fostes unguídos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo. [...] Com a insuflação dos santos e invocação do nome de Deus,

¹⁵⁸ *Ibid.* p. 13-14.

¹⁵⁹ *Ibid.* p. 25.

¹⁶⁰ *Ibid.* p. 25.

¹⁶¹ DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e liturgia: A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 41.

¹⁶² MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 217.

¹⁶³ *Ibid.* p. 216.

¹⁶⁴ Cirilo utiliza os seguintes textos paulinos para tratar no momento do despojamento das vestes: Cl 2, 15 e 3, 9; Ef 4, 22; Rm 11, 16-24.

¹⁶⁵ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 2). *Op. cit.* p. 42.

qual chama impetuosa, queimam e expõem os demônios, assim este óleo exorcizado recebe, pela invocação de Deus e pela prece, uma tal força que, queimando, não só apaga os vestígios do pecado, mas ainda põe em fuga as forças invisíveis do maligno¹⁶⁶.

Por fim o momento da imersão batismal:

Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente. E cada qual foi perguntado se cria no nome do Pai e do filho e do Espírito Santo. E fizestes a profissão salutar, e fostes imersos três vezes na água e em seguida emergistes, significando também com isto, simbolicamente, o sepultamento de três dias de Cristo. [...] No mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe¹⁶⁷.

Cirilo fundamenta magistralmente a realidade litúrgico-sacramental do batismo. É crucial para entender Cirilo em suas palavras, simples, porém “densas do sentido teológico”¹⁶⁸, quando Costa diz que a homilia de Cirilo considera a forma do sacramento do Batismo identificada com a Páscoa de Cristo, “e diferencia os conceitos de imagem e de verdade. É mais um passo para a compreensão da dimensão sacramental de participação na morte de Cristo e na sua ressurreição”¹⁶⁹. Ensina Cirilo:

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas essas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e sofreu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação e salvação¹⁷⁰.

Percebe-se em Cirilo uma estratégia pedagógica em construir os conceitos chave do sacramento. De posse de narrativas bíblicas e exemplos metafóricos, ele explicita os seus significados. “Vemos que não é uma análise abstrata ou vaga, mas concreta, com exemplos concretos e narrativas bíblicas”¹⁷¹. Cirilo vai coroadando a catequese batismal com um conceito essencial, o da Ressurreição, através da imagem da videira, manejando as palavras para fundamentar e diferenciar os conceitos de semelhança e realidade¹⁷².

Para que aprendêssemos que tudo o que Cristo tomou sobre si foi por nós e pela nossa salvação, tudo sofrendo em verdade e não em aparência e para que nos tornássemos participantes dos seus sofrimentos, exclamava veementemente Paulo: “Se fomos plantados com Ele pela semelhança de sua morte, também o seremos pela semelhança de sua morte, também o seremos

¹⁶⁶ *Ibid* (CM II, 3). p. 43.

¹⁶⁷ *Ibid* (CM II,4). p. 44.

¹⁶⁸ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 67.

¹⁶⁹ *Ibid.* p. 68.

¹⁷⁰ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 5). *Op. cit.* p. 45.

¹⁷¹ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 71.

¹⁷² Cf. *Ibid.* p. 70.

pela semelhança de sua ressurreição”. [...] Fixa a mente com toda a atenção nas palavras do Apóstolo. Não disse: fomos plantados com ele pela morte, mas pela semelhança da morte. Deveras, houve em Cristo uma morte real, pois a alma se separou do corpo. Houve verdadeiramente sepultamento, pois seu corpo sagrado foi envolvido em lençol limpo e foi verdadeiro tudo o que ele ocorreu. Para nós há a semelhança da morte e dos sofrimentos. Quando se trata da salvação, porém, não é semelhança, e sim realidade¹⁷³.

Dessa dinâmica catequética surgem a nova linguagem e uma terminologia técnica litúrgico-teológica. Dessa forma, é pertinente o que Mazza argumenta quando diz que a quinta etapa metodológica das catequese mistagógicas tem por objetivo exprimir a síntese das outras quatro¹⁷⁴. E conclui com fundamental coerência:

As etapas essenciais desse método são o segundo ponto e o quarto, ou seja: 1) A subida, isto é, a identificação da citação bíblica que descreve o evento de salvação; 2) A descida, ou seja, a aplicação à liturgia de tudo o que se encontrou a propósito do evento de salvação¹⁷⁵.

2.2.5 A vivência no processo litúrgico-catequético em Cirilo de Jerusalém.

O processo catequético, no início do cristianismo, para aqueles que desejavam se tornar cristãos e se inserirem na comunidade, teve nos Padres da Igreja, a partir do século III, uma resposta eficaz com o catecumenato. Por isso, revisitar as práticas catequéticas em Cirilo de Jerusalém nos interessa, para tomar consciência do método formativo empregado na preparação imediata¹⁷⁶ em vista das celebrações dos sacramentos da iniciação cristã. Destaca-se sobremaneira a característica eclesial-comunitária envolvida na preparação. Nessa perspectiva o método ciriliano é modelo para a catequese hodierna, no sentido de valorizar os fundamentos bíblicos, com a linguagem homilética tipológica; valorizar a liturgia como experiência mística e dinâmica pedagógica; e valorizar a mistagogia como instrução pós-batismal. Desse cabedal litúrgico-catequético que Cirilo transmitia em suas homilias em forma de catequese aos fiéis, era construída a teologia do evento salvífico, cuja atuação ocorria na celebração litúrgica pascal¹⁷⁷.

¹⁷³ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 7). *Op. cit.* p. 46.

¹⁷⁴ Cf. MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 216.

¹⁷⁵ *Ibid.* p. 217.

¹⁷⁶ Vale recordar que o tempo de preparação para a iniciação cristã, chamado catecumenato, está dividida em dois grandes processos: uma preparação longa dos catecúmenos ou *audientes*; outro identificado como “preparação imediata”, destinada aos *illuminati* ou *electi*, ligado, sobretudo, ao tempo da Quaresma. Cf. FINELON, Vitor Gino. *Op. Cit.* p.140. Recordamos, ainda, que em Cirilo de Jerusalém, o tempo de preparação imediata era destinado ao aprofundamento do Símbolo da Fé. Glória Novak em nota acrescenta que, baseada na Peregrinação de Etéria, a preparação imediata constava de: 1) rito da *Inscritio* – inscrição do nome e exame de conduta moral; 2) preparação com jejuns, exorcismos e instruções e terminava a fase com a *Traditio symboli* onde o *symbolum* era comunicado aos competentes para que aprendessem; 3) a profissão de fé (o *competente* devia recitar ao bispo o *symbolum*), exorcismo, *Effeta*, renúncia a Satanás e unção. Cf. GLÓRIA NOVAK, Maria da. Tradução, introdução e notas. In: PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023. p. 161.

¹⁷⁷ Cf. MAZZA, Enrico. *La celebrazione eucaristica: Genesi del rito e sviluppo dell'interpretazione*. Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2003. p. 143. É importante mencionar que o termo “mistagogia”, segundo Mazza,

2.2.5.1 *Vivência quaresmal*

A estrutura litúrgica das preparações para as Catequeses de São Cirilo de Jerusalém, revela como a iniciação cristã era profundamente enraizada na experiência sacramental. A explicação dos ritos, símbolos e significados rituais, ocupava um lugar decisivo na formação dos fiéis¹⁷⁸. Cirilo expõe suas catequeses e suscita uma intensa experiência vivencial em dois momentos: Pré-batismais e mistagógicas, que são de maior interesse para o nosso estudo.

Nesse sentido, todo o empenho catequético e o foco de Cirilo estavam em torno da cerimônia dos sacramentos do Batismo, da Confirmação e da Eucaristia, cujo esforço maior começava no início da quaresma¹⁷⁹, com o rito da inscrição do nome, que introduz o catecúmeno na dinâmica da preparação imediata. O diário da Peregrina Etéria, que consiste na principal fonte histórica sobre as celebrações litúrgicas que ocorriam em Jerusalém, contém as suas anotações que completam e confirmam a tradição catequética de Cirilo de Jerusalém¹⁸⁰.

Etéria descreve que, antes de iniciar as oito semanas da Quaresma, os catecúmenos dão os seus nomes e o presbítero os anotava¹⁸¹. A partir daí eles constituem um grupo novo: os φωτιζόμενοι, “os que entram na luz”¹⁸² – os iluminados. A Peregrina narra o início do rito da inscrição na Igreja Maior, do *Martyrium*. Um a um os competentes – como eram chamados também os catecúmenos que se inscreviam para o Batismo – são interrogados pelo bispo em questões de fé e moral. Caso julgados irrepreensíveis, o bispo na presença das testemunhas, registra os nomes com a própria mão¹⁸³. Cirilo anuncia aos iluminados a grande dignidade de participar no caminho aos mistérios. Ele os acolhe com as palavras: “Nós, ministros de Cristo que somos, recebemos a cada um. [...] É possível teres entrado com a alma manchada de pecados e com intenções indignas. Entraste; foste admitido, teu nome foi inscrito. Vês a beleza admirável desta Igreja?”¹⁸⁴. E acrescenta:

Considera com quanta dignidade Jesus te agraciou. És chamado catecúmeno. Quando fora, foste envolvido por sons: ouvindo a esperança e não a vendo; ouvindo mistérios e não os compreendendo; ouvindo as Escrituras sem ver sua profundidade. Já não ouves os sons fora, mas eles ressoam no teu interior. Na verdade, o Espírito que habita em ti fará de tua alma uma morada divina¹⁸⁵.

não pode ser identificado apenas nas instruções pós-batismais, pois, “não há diferença alguma entre as homilias sobre os mistérios pregados antes da Páscoa e as pregadas depois da Páscoa”. Mazza, Enrico. *Op. cit.* p. 19. Corroborar com essa afirmação Ormonde quando diz que os tempos anteriores ao tempo propriamente chamado de mistagógico – quarto tempo em que os neófitos faziam a experiência espiritual da celebração sacramental – são também momentos de intensa mistagogia no ano litúrgico, nos ritos durante o catecumenato, nas celebrações da Palavra e na liturgia de modo geral. Cf. ORMONDE, Domingos. O tempo da mistagogia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, ano 31, n. 182, p. 24-25, mar./abr. 2004.

¹⁷⁸ Cf. DANIELLOU, Jean. *Op. cit.* p. 29.

¹⁷⁹ Cf. *Ibid.* p. 46.

¹⁸⁰ BECKHÄUSER, Frei Alberto, ofm. *Op. cit.* p. 40.

¹⁸¹ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 161-162.

¹⁸² Cf. DANIELLOU, Jean. *Op. cit.* p. 46.

¹⁸³ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 162.

¹⁸⁴ CIRILO DE JERUSALÉM. (*Cat. Prel.4*). p. 48.

¹⁸⁵ *Ibid.* (*Cat. Prel. 6*). p. 50.

Durante esses dias de preparação, os iluminados participavam todos os dias. É considerado um tempo de retiro, em que Cirilo exorta-os a “deixar desde já toda obra má; que tua língua não fale palavras inconvenientes; que teu olhar já não peque mais e que teu espírito não se ocupe com coisas vãs”¹⁸⁶. Ele insistia na perseverança: “Vem com assiduidade às catequese. Mesmo que nosso sermão seja prolixo, não desanimes, pois recebes armas contra os poderes adversos, contra as heresias, contra os judeus, samaritanos e gentios”¹⁸⁷.

Narra Etéria que, quando chegam, logo nas primeiras horas do dia, os que se preparam para o Batismo são exorcizados pelos clérigos. Durante o exorcismo Cirilo indica a conduta: os homens e mulheres não fiquem juntos. Os homens sentados se ocupem de uma leitura de algum livro útil; enquanto um lê o outro escute. Às mulheres é recomendado a leitura ou um canto em voz baixa, no sentido de que o que elas pronunciem, os outros não as escute¹⁸⁸.

A explicação de Cirilo sobre o exorcismo é contundente e encontra fundamento em (Ez 22,18). Ele utiliza a imagem do ouro impuro – que representa os catequizandos – misturado a outros metais, como bronze, estanho, ferro e chumbo. O objetivo é alcançar o ouro puro. Cirilo explica que o ouro só é purificado pelo fogo, que separa as impurezas do metal precioso. De modo análogo, afirma: “assim a alma não pode ser purificada sem os exorcismos, estes divinos exorcismos, coligidos das Divinas Escrituras”¹⁸⁹.

A cada manhã, logo após os exorcismos, os que se preparavam para o Batismo seguiam ao *Martyrium* e sentavam-se ao redor da cátedra do bispo, homens e mulheres. Não apenas eles, mas seus padrinhos e madrinhas e a comunidade que desejava ouvir, bastando para isso, ser cristãos¹⁹⁰. Etéria descreve que, nesse ambiente de profunda espiritualidade e mistagogia, o bispo desempenhava um papel central na instrução e condução dos fiéis, guiando-os na vivência dos mistérios da fé.

começando do Gênesis, durante os quarenta dias, percorre inteiramente as escrituras, explicando-as, primeiro, literalmente e explicando-as, a seguir, espiritualmente. E também a respeito da Ressurreição e igualmente a respeito da fé, tudo é ensinado nesses dias: e isto se chama catequese¹⁹¹.

O tempo da catequese era, para Cirilo, o momento de lançar “os fundamentos da fé, enquanto se completa a purificação da alma”¹⁹². Ele conduz esse percurso catequético da iniciação cristã “com grande riqueza doutrinal e fecundidade pastoral, centrado prioritariamente na Sagrada Escritura”¹⁹³, conforme observa Costa.

¹⁸⁶ *Ibid.* (Cat. Prel. 8). p. 52.

¹⁸⁷ *Ibid.* (Cat. Prel. 10). p. 53.

¹⁸⁸ *Ibid.* (Cat. Prel. 14). P. 56.

¹⁸⁹ *Ibid.* (Cat. Prel. 9). P. 52.

¹⁹⁰ Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 163.

¹⁹¹ *Ibid.* p. 163-164.

¹⁹² DANIELOU, Jean. *Op. cit.* p. 52.

¹⁹³ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 51.

Costa esclarece ainda que o ritmo das catequese pré-batismais era precedido por uma leitura bíblica¹⁹⁴, a qual dava o tom do ensinamento. O fundamento escriturístico possui uma característica marcante na catequese de Cirilo, que Costa faz questão de ressaltar: “Cirilo está seguindo um método no seu trabalho como orientador e teólogo, em que é a própria Escritura que fala, que revela os conteúdos, numa teologia fundada na iniciativa de Deus”¹⁹⁵.

Toda a catequese de Cirilo é permeada pela Sagrada Escritura. Nesse período que ministrava as catequese pré-batismais, o Credo era explicado, artigo por artigo, com sólida argumentação bíblica. Com isso, o Símbolo ministrado no tempo da Quaresma, nas palavras de Costa, revela “uma força dogmática e convite à adesão incondicional do discípulo à Profissão de Fé, que ele passa a compreender e acolher em seu coração para orientar sua própria vida”¹⁹⁶. Por isso, Costa usa as seguintes palavras de Cirilo, dirigida aos batizando, para orientar seu comentário:

A seu tempo te será oferecida a confirmação tirada das Divinas Escrituras acerca de cada artigo de fé. Por conseguinte, o símbolo da fé não foi composto a capricho dos homens, mas foram coligidas de toda a Escritura as verdades essenciais e se formou assim o conjunto harmonioso de doutrina da fé. Como a semente de mostarda em pequeno grão contém muitos ramos, assim também esta fé, em pequenas palavras, compreende todo o conhecimento contido no Antigo e Novo Testamento. Vede, pois, irmãos, e mantende as tradições que agora recebeis e gravai-as em vosso coração¹⁹⁷.

Cirilo é comunicador da Palavra com palavras simples e estilo popular. Seu trabalho catequético era entusiasta, ou, nas palavras de Mendonça, “seguia a intuição do auditório para lhes falar ao coração. Era de fato um comunicador sensível que sabia fazer o jogo das palavras e das contradições a partir da capacidade de compreensão dos ouvintes”¹⁹⁸. Nessa dinâmica, durante as semanas quaresmais, antes da semana pascal, Cirilo conduzia a preparação com o Credo, “não como um ensinamento doutrinal, mas com o duplo fundamento que integra a fé e a vida, seguido de exortações para liberta-se de tudo que pode comprometer a integridade da Profissão de Fé”¹⁹⁹.

2.2.5.2 Vivência durante o preparativo imediato ao Batismo

Decorridos, portanto, todo o tempo da Quaresma, os “competentes”²⁰⁰ se preparavam para a cerimônia do *redditio symboli*, expressão que denota um “ato performativo, e por isso

¹⁹⁴ Cf. *Ibid.* p. 45.

¹⁹⁵ *Ibid.* p. 45.

¹⁹⁶ *Ibid.* p. 46.

¹⁹⁷ CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.5*, 12). p. 134-135.

¹⁹⁸ MENDONÇA, João. Amistagogia como palavra e gestos na obra de São Cirilo de Jerusalém: O ato de construir o imaginário religioso. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 18, n. 72, p. 147-169, out/dez. 2010. p. 151.

¹⁹⁹ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 47.

²⁰⁰ Competentes era outro nome que identificava aqueles que estavam inscritos para o Batismo.

mesmo deve ser professado solenemente diante da comunidade, em sinal de compromisso que transforma a vida e a configura de acordo com as afirmações de fé proferidas”²⁰¹. O ambiente para isso, não poderia ser mais sugestivo e simbólico. Ocorria no *Martyrium*, com a presença do bispo, no fundo da abside, atrás do altar. Ali cada um, homem com seus padrinhos e as mulheres com suas madrinhas, se aproximavam da cátedra episcopal e repetiam o *symbolum* ao bispo²⁰². Etéria narra as palavras do bispo que se dirigia a todos:

Durante estas sete semanas, fostes instruídos inteiramente acerca de toda lei das Escrituras e ouvistes também a respeito da fé; também a respeito da ressurreição da carne e de todo o significado do *symbolum* ouvistes o que, embora catecúmenos, pudestes ouvir; mas as palavras concernentes a um mistério mais profundo – o próprio batismo – porque sois ainda catecúmenos, não podeis ouvi-las; e, para que não julgueis que algo, se fez sem razão, ouvi-las-eis após o término do ofício na Igreja, na *Anástasis*, durante os oito dias pascais, quando, em nome de Deus, houverdes sido batizados²⁰³.

O último rito preparatório para o Batismo é a renúncia a Satanás e a adesão a Cristo, que ocorria durante a Vigília Pascal, na noite do sábado para o domingo²⁰⁴. Esse rito estava no contexto da liturgia da Vigília. É um ato significativo, pois colocava o iluminado numa atitude pessoal de rompimento total com Satanás e as velhas alianças do inferno²⁰⁵. Cirilo, na primeira das Catequeses Mistagógicas, faz uma anamnese desse rito aos neófitos com estas palavras: “Entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente”²⁰⁶.

Em seguida, o bispo de Jerusalém comenta os detalhes desse rito, que era realizado fora da Igreja *Anástasis*²⁰⁷. Assim dizia aos batizando:

Quero também falar-vos porque estais voltados para o Ocidente, pois é necessário. O Ocidente é o lugar das trevas visíveis e como aquele [satã] é trevas, tem o seu poder nas trevas. Por essa razão, simbolicamente olhais para o Ocidente e renunciais a este príncipe tenebroso e sombrio. O que então cada um de vós, de pé, dizia? Renuncio a ti satanás. [...] “E a todas as tuas obras”. [...] “E a toda a sua pompa”. [...] “E a teu culto”²⁰⁸.

Nesse sentido, Cirilo acrescenta que, ao renunciar e romper o pacto com o Hades, abre-se aos batizando

o paraíso de Deus, que ele plantou para o lado do Oriente, donde por sua transgressão foi expulso nosso primeiro pai. Disto é símbolo o te voltares do

²⁰¹ Ibid. p. 47.

²⁰² Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 165.

²⁰³ Ibid. p. 165-166.

²⁰⁴ Cf. DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 53.

²⁰⁵ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (CMI, 9). *Op. cit.* p. 38.

²⁰⁶ Ibid (CMI, 2). p. 32.

²⁰⁷ Porém, a partir da segunda Catequese Mistagógica em diante, entravam na Igreja do Santo Sepulcro (*Anástasis*) para as instruções referentes ao Batismo, Confirmação e Eucaristia. Cf. Ibid (CMI, 11). p. 32.

²⁰⁸ Ibid. (CMI, 4-8). p. 34-38.

Ocidente para o Oriente, lugar da luz. Então te foi ordenado que disseses: Creio no Pai e no filho e no Espírito Santo e no único batismo de penitência²⁰⁹.

As catequeses litúrgica-mistagógicas de Cirilo de Jerusalém são de suma importância, pois, dão um sentido orientador para os programas e roteiros catequéticos de hoje. É imprescindível a atenção ao método e toda a dinâmica desse Padre da Igreja, que legou o seu estilo e uma proposta consistente de transmissão da fé cristã. Com relação ao rito da renúncia às obras de Satanás, dada a relevância e a espiritualidade que permeiam os seus gestos e palavras, tomemos um pouco do desdobramento e do esboço que Daniélou apresenta. Vale pontuar que Daniélou não se concentra, em seus estudos patrísticos, apenas em Cirilo de Jerusalém. Ele demonstra que esse rito de renúncia e adesão a Cristo, encontra-se também “em todas as Igrejas, em Jerusalém e em Milão, em Antioquia e em Roma”²¹⁰.

O gestual e o significado que acompanhavam o rito percorria as diversas Igrejas. Estender a mão para renunciar à Satanás indicava o antigo gesto solene de juramento ou denúncia do pacto que o ligava à Satanás e aos seus submissos, que fazem surgir no mundo o erro do paganismo. Daniélou apresenta esses submissos, heréticos, relacionados à Satanás, baseado nas homilias de Teodoro de Mopsuéstia, que os identificava como poetas que provocavam o crescimento da idolatria. São eles: Mani, Marcião, Valentim, Paulo de Samosata, Ário, apolinário²¹¹.

Assim como ocorria na liturgia em Cirilo, outros Padres contemporâneos também realizavam, no rito batismal, a renúncia a Satanás seguida da profissão de fé, momento em que o batizando se voltava para o Oriente. Daniélou destaca esse gesto e observa que o ato de voltar-se para o Oriente era generalizado. Costumava-se marcar uma cruz na parede voltada para o lado oriental, e era naquela direção que se dirigiam as orações²¹². Da mesma forma, no momento da morte, era comum que as pessoas fossem posicionadas voltadas para o Oriente²¹³, expressando uma esperança escatológica, pois se acreditava que Cristo viria daquele lado para acolhê-las²¹⁴.

Portanto, era consenso entre os Padres da Igreja, contemporâneos de Cirilo de Jerusalém, a compreensão de que o Oriente estava identificado com Cristo e a sua volta. Daniélou reconhece tal concepção baseada em São Mateus que escreve: “Como o relâmpago vem do oriente, da mesma forma aparecerá o Filho do Homem” (Mt 24, 27). Contudo, o

²⁰⁹ *Ibid.* (CMI, 9), p. 38.

²¹⁰ DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 53.

²¹¹ Cf. *Ibid.* p. 54-55.

²¹² Cf. *Ibid.* p. 57.

²¹³ Cf. *Ibid.* p. 57.

²¹⁴ Cf. *Ibid.* p. 57-58.

simbolismo no Oriente tem uma outra leitura no século IV. Com Cirilo prevalece o tema paradisíaco, uma noção nostálgica do Paraíso. Cirilo se expressa assim:

Quando, então, renuncias a satanás, rompendo todo pacto com ele, quebras as velhas alianças com o inferno. Abre-se para ti o paraíso de Deus, que ele plantou para o lado do Oriente. [...] Donde é símbolo o te voltares do Ocidente para o Oriente, lugar da luz²¹⁵.

Com esses dois ritos: profissão do símbolo e da renúncia à Satanás, do qual Cirilo se empenhou longamente para transmitir e deixar claro o seu sentido aos batizados, Daniélou diz que os que irão receber o banho batismal, após terem professado o desejo de abandonar a idolatria e se consagrarem ao Cristo, estão preparados para receber o sacramento. E assim, passados por esse momento preparatório, a liturgia batismal se completa na noite pascal²¹⁶.

2.2.5.3 A liturgia batismal: uma vivência mistagógica

A liturgia batismal com Cirilo é visivelmente mistagógica, pois contém todo um arcabouço simbólico, Palavra, gestos e atitudes que conduzem o batizando ao Mistério e o envolve decisivamente. A primeira catequese mistagógica tratou desse momento preparatório, que era realizado fora do batistério, pois o candidato é considerado, ainda, um estranho à Igreja²¹⁷. Mas, ao iniciar a preparação imediata, que consistia nos ritos preliminares de despir das vestes e a unção com o óleo, “eles já respiram o perfume da beatitude”²¹⁸.

O primeiro gesto, assinala Cirilo, é o despojamento das vestes: “Logo que entrastes, despistes a túnica. E isto era imagem do despojamento do velho homem com suas obras”²¹⁹. Em seguida, ele descreve a unção: “Fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo”²²⁰. A partir desse momento, os catecúmenos já não são considerados totalmente estranhos, pois se encontram no vestíbulo, prestes a adentrar plenamente na vida cristã.

Os significados que Cirilo apresenta, são demonstrações da conexão entre o batismo e o Mistério Pascal de Cristo. O despojamento da veste, lembra o bispo sobre a configuração à nudez de Cristo na cruz: “Por sua nudez despojou os principados e as potestades e no lenho triunfou corajosamente sobre eles”²²¹. Já com a unção, Cirilo esclarece que o óleo espalhado pelo corpo todo tem o simbolismo da participação na força de Cristo, que “afugenta toda presença das forças adversas”²²². Daniélou indica os principais simbolismos do óleo: para a

²¹⁵ CIRILO DE JERUSALÉM (CM I, 9). *Op. cit.* p. 38.

²¹⁶ Cf. DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 60.

²¹⁷ Cf. *Ibid.* p. 61.

²¹⁸ Cf. *Ibid.* p. 61.

²¹⁹ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 2). *Op. cit.* p. 42.

²²⁰ *Ibid.* (CM II, 3). p. 43.

²²¹ *Ibid.* (CM II, 2). p. 42.

²²² *Ibid.* (CM II, 3). p. 43.

ação medicinal, para a cura da alma e para fortificar o corpo – como era usado em um atleta antes dos jogos – no enfrentamento espiritual contra Satanás²²³.

A partir da celebração batismal, Cirilo extrai, nas Catequeses Mistagógicas, o seu sentido mais profundo, a fim de que o neófito possa tomar consciência do que viveu e compreender plenamente o significado espiritual daquilo que celebrou. Na segunda Catequese Mistagógica, após explicar os momentos introdutórios do rito, Cirilo recorda um gesto marcante: “Depois disso fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente”²²⁴. A imersão batismal, portanto, tem um significado forte que indica

o sepultamento de três dias de Cristo. E assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no coração da terra, do mesmo modo vós, com a primeira imersão, imitastes o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, a noite. Como aquele que está na noite nada enxerga e ao contrário o que está no dia tudo enxerga na luz, assim vós na imersão, como na noite, nada enxergastes; mas na emersão, de novo vos encontrastes no dia. E no mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe²²⁵.

A configuração ao Cristo morto e ressuscitado é absolutamente fundamental. Em Cirilo, como em outros padres do século IV, essa relação com as imagens da cruz e da sepultura dos três dias de Cristo, lembram os neófitos sobre a simbologia dos gestos de serem imergidos e emergidos. Contudo, explica Cirilo quanto a isso: “Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade”²²⁶.

Cirilo deixa claro sobre a realidade da salvação e a confusão que poder-se-ia ter sobre a clareza do Batismo, quanto à configuração sacramental com a morte e ressurreição de Cristo. Ele cita a Carta aos romanos de Paulo, quando menciona: “pela semelhança de sua morte, também seremos pela semelhança de sua ressurreição” (Rm 6, 5). Diz Cirilo:

Fica a mente com toda a atenção nas palavras do Apóstolo. Não disse: Fomos plantados com ele pela morte, mas pela semelhança da morte. Deveras, houve em Cristo uma morte real, pois a alma se separou do corpo. Houve verdadeiramente sepultamento, pois seu corpo sagrado foi envolvido em lençol limpo e foi verdadeiro tudo o que nele ocorreu. Para nós há a semelhança da morte e dos sofrimentos. Quando se trata da salvação, porém, não é semelhança e sim realidade.

Com isso, enfatiza Daniélou, que o batismo explicado por Cirilo corresponde a um antítipo da paixão e da ressurreição. Comenta Daniélou que a realidade histórica – a Paixão e

²²³ Cf. DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 66-67.

²²⁴ *Ibid.* (CM II, 4). p. 44.

²²⁵ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 4). *Op. cit.* p. 44.

²²⁶ *Ibid.* (CM II, 5). p. 45.

ressurreição – é somente imitada, “mas o conteúdo salutar, ao contrário, comporta uma participação (κοινωνία) real. Os dois aspectos do sacramento são assim perfeitamente definidos”²²⁷. Ressalta, ainda, o autor patrístico que, segundo diz Cirilo de Jerusalém, “as águas do batismo são o túmulo onde é sepultado o homem pecador, elas são também o meio vivificantes na qual é engendrada a nova criatura. Elas são, a uma só vez, ‘sepultura e mãe’”²²⁸.

Após o rito batismal, realiza-se a última cerimônia: o revestimento com a túnica branca²²⁹. Este gesto simbólico expressa, simultaneamente, a pureza da alma e a incorruptibilidade do corpo. Nesse sentido, Cirilo afirma:

tendo despido as velhas vestes e revestido espiritualmente a veste branca, é necessário estar sempre vestido de branco. Não dizemos isso absolutamente porque é preciso estar trajado de branco, mas porque deves, em realidade, revestir a veste branca, brilhante e espiritual, a fim de dizeres com o bem-aventurado Isaías: ‘Com grande alegria me rejubilei no Senhor, porque me fez revestir a vestimenta da salvação e me cobriu com a túnica da alegria’²³⁰.

Com efeito, Daniélou tira uma conclusão sobre isso, escolhendo precisamente a passagem bíblica sobre a transfiguração gloriosa de Cristo, que diz: “Suas vestes estavam brancas como a neve” (Mt 17, 2). Na Catequese Mistagógica, referente ao rito do Batismo, não encontramos a menção de Cirilo ao rito do revestir da veste branca ao final do banho batismal. Mas o encontramos mencionado, sob a forma da dimensão de pureza da alma ao aproximar-se o neófito do Corpo e Sangue de Cristo, ensinado na quarta catequese, citada acima.

2.2.5.4 *A liturgia crismal: uma vivência mistagógica*

Na continuação dos atos celebrativos do Batismo, acontece a unção crismal com “óleo espiritual da alegria, isto é com o Espírito Santo”²³¹. Cirilo, quando trabalha a catequese sobre a Confirmação com os neófitos, discorre uma série de passagens bíblicas, onde argumenta sobre o sentido de Cristo ao ser banhado no rio Jordão – com o batismo de João, o batizador – e a vinda do Espírito Santo, que pousa sobre ele (Mc 1, 9ss; Lc 3, 21s). Ele ensina aos ouvintes neófitos: “Também a vós, ao sairdes das águas sagradas da piscina, se concede a unção, figura daquela com que Cristo foi ungido”²³².

Cirilo estabelece uma relação entre as categorias de semelhança que vinculam a dinâmica ritual ao evento crístico e à realidade salvífica do sacramento da Confirmação, assim como já o fizera nas catequese sobre o Batismo. Em suas palavras, o que ocorre na Crisma é o

²²⁷ DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 71.

²²⁸ *Ibid.* p. 73.

²²⁹ Cf. *Ibid.* p. 74.

²³⁰ CIRILO DE JERUSALÉM (CM IV, 8). *Op. cit.* p. 61.

²³¹ *Ibid.* (CM III, 2), p. 51.

²³² *Ibid.* (CM III, 1), p. 50.

seguinte: “Ele (Jesus, no rio Jordão) foi ungido com o óleo espiritual da alegria, isto é, com o Espírito Santo, chamado óleo da alegria por ser causa da alegria espiritual. Vós fostes ungidos com o óleo, feitos partícipes e companheiros de Cristo”²³³. Em seguida, Cirilo explica o sentido simbólico da unção na frente do neófito, bem como nos demais sentidos do corpo, a fim de que todos sejam despertados e a alma seja santificada pela ação do Espírito Santo²³⁴.

De forma pedagógica, Cirilo transmite o sentido da ação salvífica no emprego do santo unguento. Primeiro a unção na frente para a libertação da vergonha que o primeiro homem, após o pecado, levou consigo para todos os lugares; e possa, com a face descoberta, contemplar a glória do Senhor. Em seguida é ungido os ouvidos, conforme pontuam o profeta Isaías e o Evangelho de Mateus: “E o Senhor me deu um ouvido para ouvir” (Is 50, 4). “Quem tem ouvidos para ouvir que ouça” (Mt 11, 15). Isso para que possa ouvir os divinos mistérios. Depois a unção é feita nas narinas, para que possam os crismados dizer que são para Deus o bom odor de Cristo.

De maneira profundamente pedagógica, Cirilo transmite o sentido da ação salvífica contida no uso do santo unguento. A unção tem início na frente, simbolizando a libertação da vergonha herdada do primeiro homem após o pecado, vergonha essa que o acompanhava por toda parte. Com isso, o neófito é convidado a contemplar, com o rosto descoberto, a glória do Senhor. Em seguida, são ungidos os ouvidos, em conformidade com as palavras do profeta Isaías – “O Senhor me deu ouvidos para ouvir” (Is 50,4). E do Evangelho de Mateus – “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça” (Mt 11,15) – para que o crismado esteja apto a escutar os divinos mistérios. Por fim, a unção alcança as narinas, para que os fiéis possam afirmar, com São Paulo, que são para Deus “o bom odor de Cristo” (cf. 2Cor 2,15)²³⁵.

Por fim, unge-se o peito, simbolizando a couraça da justiça com a qual o ungido é revestido, para resistir aos ardis do diabo e vencer com firmeza, podendo proclamar: “Tudo posso naquele que me fortalece, Cristo” (cf. Fl 4,13). Com efeito, Cirilo conclui afirmando: “Feitos dignos desta santa unção, sois chamados cristãos”²³⁶. Essa afirmação revela que a dignidade de ser chamado “cristão” torna-se plena e reconhecida oficialmente após a recepção dos sacramentos do Batismo e da Confirmação. Antes disso, embora os catecúmenos também fossem chamados de cristãos, ainda não eram, em sentido pleno, merecedores por justiça desse nome²³⁷.

²³³ *Ibid.* (CM III, 2), p. 51.

²³⁴ *Ibid.* (CM III, 3), p. 50-51.

²³⁵ *Ibid.* (CM III, 4), p. 52.

²³⁶ *Ibid.* (CM III, 5), p. 53.

²³⁷ Cf. *Ibid.* (CM III, 5), p. 53.

Vale destacar que, além de todo gestual, matéria e significados fundamentais que Cirilo trabalha com os neófitos, um elemento precisa ser mencionado em particular: o emprego do μύρον (*Myron*). Este é o óleo aromático usado na consagração crismal. Cirilo compara a consagração do óleo do Crisma pelo Espírito Santo com a dinâmica consecratória das espécies eucarísticas. Cirilo fala da presença e da ação do Espírito Santo no μύρον:

Trata-se de não imaginar que este μύρον seja algo de ordinário. Do mesmo modo que o pão da eucaristia, após a invocação do Espírito Santo, não é mais um pão ordinário, mas o corpo de Cristo, da mesma forma o santo μύρον não é mais ordinário após a epiclesse, nem, se se prefere a palavra, comum. Mas ele é carisma de Cristo, tornado eficaz pelo Espírito Santo, pela presença da sua divindade²³⁸.

Nesse sentido, o μύρον é essencialmente usado após o batismo, pois, somente o batizado é capaz de “perceber o perfume divino”, assevera Daniélou²³⁹. O autor pontua que a confirmação aparece como um aperfeiçoamento, colocando “em movimento as energias infusas no banho sagrado”²⁴⁰.

2.2.5.5 *A liturgia eucarística: uma vivência mistagógica*

O último sacramento da iniciação cristã abordado nas Catequeses Mistagógicas é o do Corpo e Sangue de Cristo. Cirilo trata do Sacramento da Eucaristia com ênfase e clareza, transmitindo seu conteúdo de forma profundamente pedagógica. Para fundamentar sua catequese, recorre a diversas passagens do Antigo e do Novo Testamentos²⁴¹, demonstrando a continuidade do mistério eucarístico na história da salvação. Inicialmente, remete-se ao apóstolo Paulo, que transmite as palavras de Jesus na noite em que foi traído (cf. 1Cor 11,23-25): “Na noite em que foi entregue, Nosso Senhor Jesus Cristo, tomando o pão e, depois de ter dado graças, partiu-o e o deu a seus discípulos, dizendo: Tomai, comei, isto é o meu corpo. E tomando o cálice e tendo dado graças, disse: Tomai, bebei, isto é o meu sangue.” Ao citar pontualmente esse texto, Cirilo procura esclarecer possíveis dúvidas, prevenindo leituras fundamentalistas ou desvinculadas da autoridade das próprias palavras de Cristo.

A partir dessa passagem, Cirilo interpela os neófitos com veemência, afirmando: “Se Ele mesmo declarou e disse do pão: ‘Isto é o meu corpo’, quem se atreveria a duvidar

²³⁸ MIGNE, J. P. *Patrologia Graeca*. Tomo XXXIII, Paris: J.P. Migne, 1857. p. 1092A. Disponível em: https://ia600305.us.archive.org/18/items/patrologiagraeca33/Pg_0331886.pdf. Acesso em 06 jan. 2025.

²³⁹ DANIELLOU, Jean. *Op. cit.* p. 144.

²⁴⁰ *Ibid.* p. 144.

²⁴¹ Cirilo se utiliza de muitas passagens contidas no NT: 1Cor 11, 23-25; Jo2, 1-11; Mt 9, 15; Mc 2, 19; Lc 5, 24; 2Pd 1, 4; Jo 6, 53.61.63.66. Cirilo faz questão de relacionar o AT com o NT. Os textos do AT são a relação tipológica do alimento salutar que é dado por Jesus: Lv 24, 5-9; 1Cr 9, 32; 23, 29; 1Mc 1, 22; 2Mc 10, 3. O bispo reafirma o cristocentrismo do projeto na história, onde a Nova Aliança supera a antiga de forma definitiva. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (CM IV, 5-6). *Op. cit.* p. 59.

doravante?”²⁴². Do mesmo modo, admoesta-os com outra pergunta incisiva: “E quando Ele afirma categoricamente: ‘Isto é o meu sangue’, quem ousaria duvidar, dizendo que não é o seu sangue?”²⁴³.

Em seguida, recorre a uma imagem significativa: o milagre da transformação da água em vinho nas bodas de Caná, na Galileia (cf. Jo 2,1-11). Usando esse evento como argumento teológico, Cirilo questiona: Se, pelo exemplo da transformação da água em vinho, “não será digno de fé quando transforma o vinho em sangue?”²⁴⁴. Assim, com linguagem genuinamente mistagógica e iluminada pela leitura espiritual da Escritura, Cirilo conclama os neófitos à abertura do coração, para que possam acolher, com fé e reverência, a grandeza do mistério eucarístico.

Em continuidade, Cirilo chama a atenção para a atitude contemplativa diante do mistério, ao refletir sobre a realidade espiritual da presença real de Cristo na Eucaristia. Ao comungar do Corpo e Sangue do Senhor, o neófito torna-se, nas palavras do próprio Cirilo, “concorpóreo e consanguíneo” com Cristo – dois adjetivos que expressam um vínculo profundo e transformador, pois o cristão é configurado a Cristo e inserido plenamente no Mistério revelado²⁴⁵. Mais do que uma união simbólica, trata-se de uma participação real: o fiel torna-se portador de Cristo (*crístóforo*), tendo seus membros penetrados pelo Corpo e Sangue eucarísticos, em vista da comunhão com a natureza divina²⁴⁶. Assim, em sua abordagem catequética, Cirilo revela uma verdadeira homilia mistagógica, que conduz os neófitos à compreensão do

Mistério sacramental, onde a via simbólica se torna presença real do Cristo, é um convite à experiência mistagógica, antes de tudo, a uma compreensão profunda da comunicação entre Deus e os homens, por meio dos sacramentos e da nossa participação no Mistério por iniciativa do próprio Deus, que se entrega e se revela²⁴⁷.

As homilias de Cirilo, dirigidas à compreensão dos sacramentos do Batismo, da Crisma e da participação no Corpo e Sangue de Cristo, atingem seu ápice formativo na quinta Catequese Mistagógica. Nela, o bispo de Jerusalém dedica-se à explicação da Celebração Eucarística, detalhando seus principais ritos, orações, gestos significativos, com especial ênfase na Oração Eucarística e no momento da comunhão.

²⁴² *Ibid.* (CM IV, 1). p. 57-58.

²⁴³ *Ibid.* (CM IV, 1). p. 58.

²⁴⁴ *Ibid.* (CM IV, 2). p. 58.

²⁴⁵ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da (2015). *Op. cit.* p. 80.

²⁴⁶ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (CM IV, 3). *Op. cit.* p. 58-59.

²⁴⁷ COSTA, Rosemary Fernandes da (2015). *Op. cit.* p. 82.

2.2.5.6 O rito eucarístico: uma vivência mistagógica

Cirilo dedica-se com profundidade sobre a quinta Catequese Mistagógica. Destaca-se a expressão contundente utilizada por ele, cuja fonte grega diz: τῇ πνευματικῇ ὑμῶν τῆς ὠφελείας οἰκοδομῆς, ou seja, “para coroar o edifício espiritual de vossa instrução”²⁴⁸. Costa ressalta essas palavras, observando que Cirilo, após transmitir aos neófitos os fundamentos essenciais nas catequeses anteriores, considera chegado o momento de aprofundar-se nas particularidades da celebração eucarística²⁴⁹.

Cirilo atua como um verdadeiro pedagogo mistagógico, acompanhando passo a passo o ritmo da celebração litúrgica. Inicia sua explicação com o gesto significativo em que o diácono leva água aos sacerdotes para a lavagem das mãos – símbolo da purificação dos pecados e das faltas, pois as mãos representam as obras, e estas, por esse gesto, são purificadas²⁵⁰. Em seguida, o diácono convida ao “ósculo da paz”, sinal de acolhida fraterna, reconciliação, perdão e esquecimento das mágoas, preparando espiritualmente os neófitos e os fiéis para se colocarem dignamente diante do altar²⁵¹. Depois, o sacerdote convida todos a elevarem o coração, gesto que expressa o desapego das preocupações terrenas e a plena abertura do espírito a Deus. Cirilo exorta a todos a deixarem de lado, no momento da oração, as angústias, inquietações, afazeres domésticos e divergências do cotidiano, a fim de que seus corações estejam verdadeiramente voltados para o alto. Por fim, conclui-se com a ação de graças: “Demos graças ao Senhor”, um reconhecimento humilde e jubiloso à grande graça de termos sido chamados por Deus à participação no Seu Mistério.

Em seguida, Cirilo chama a um louvor por toda a criação, como reconhecimento do amor de Deus que se derrama por todos os seus filhos. Cirilo propõe “uma atitude contemplativa de amor e louvor ao Santo dos Santos, por toda a Criação visível e invisível, associando-os aos anjos, que cantam as maravilhas de Deus”²⁵².

Após esse momento catequético, Cirilo passa a comentar sobre a oferta e a consagração do pão e do vinho ao senhor, para que, nas palavras de Cirilo, se tornem o corpo e sangue de Cristo, pelo dom do Espírito Santo. Cirilo denomina esse momento de “sacrifício espiritual”, no qual, na presença da vítima de propiciação se realiza diversas intercessões: pela paz, pelas autoridades, pelos doentes e aflitos e a todos os necessitados de socorro. Faz menção à comunhão dos santos, ministros, vítimas e por todos os pecadores²⁵³. Nota-se com essa catequese que Cirilo deseja provocar nos neófitos a dimensão comunitária fraterna; pela

²⁴⁸ Cf. *Ibid.* p. 86.

²⁴⁹ Cf. *Ibid.* p. 86-87.

²⁵⁰ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (*CM V*, 2). *Op. cit.* p. 64.

²⁵¹ Cf. *Ibid.* (*CM V*, 3). *Op. cit.* p. 64-65.

²⁵² COSTA, Rosemary Fernandes da (2015). *Op. cit.* p. 89.

²⁵³ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (*CM V*, 8-10). *Op. cit.* p. 67-68.

salvação e comunhão de todos numa atitude de pertença e compromisso, formados a partir do Mistério Eucarístico.

A partir daí segue uma catequese pormenorizada sobre a oração do Pai-nosso. Cirilo desenvolve uma bela reflexão, explicando com detalhes cada verso, construindo o ensino com a fundamentação bíblica consistente. Reafirma em todos os momentos a oração que deve estar encarnada na prática de vida deles, pois é o próprio Senhor quem a transmitiu aos discípulos. De forma acertada, Costa menciona que,

a catequese sobre o Pai-nosso é um verdadeiro diálogo entre o céu e a terra. Assim como a encarnação de Jesus é a própria moradia de Deus entre nós, as palavras do Pai-nosso, cada vez que proferidas, se tornam dinâmica mistagógica nessa aproximação entre Deus e seus filhos e filhas²⁵⁴.

Na etapa conclusiva do itinerário mistagógico, Cirilo faz uma belíssima descrição de todo o contexto que envolve o neófito no momento da Comunhão. Vale, pois, nos determos nesse texto:

Ao te aproximares [da comunhão], não vás com as palmas das mãos estendidas, nem com os dedos separados; mas faz com a mão esquerda um trono para a direita como quem deve receber um Rei e no Côncavo da mão espalmada recebe o corpo de Cristo, dizendo: “Amém”. [...] Depois de teres comungado o corpo de Cristo, aproxima-te também do cálice do seu sangue. Não estendas as mãos, mas, inclinando-te e num gesto de adoração e respeito, dize “amém”, santifica-te tomando também o sangue de Cristo. E enquanto teus lábios ainda estão úmidos, roça-os de leve com tuas mãos e santifica teus olhos, tua fronte e teus outros sentidos. Depois, ao esperares as orações [finais], rende graças a Deus que te julgou digno de tamanhos mistérios²⁵⁵.

O zelo mistagógico de Cirilo é surpreendente. O detalhe com que o bispo hierosolimitano trata da comunhão do Corpo e Sangue de Cristo, revela uma profunda e íntima relação com o Mistério Eucarístico. E isso ele transporta em forma de catequese mistagógica, pois tensiona conduzir todos os ouvintes nessa dinâmica. Ao discorrer sobre a experiência vivencial na celebração pascal, Cirilo comenta o ritual da Comunhão do Corpo e Sangue do Senhor, enfatizando que:

as duas espécies, o pão e o vinho, separadamente, cada um com seu ritual de acolhida do Mistério e de entrega pessoal ao dom de Deus. As mãos, o olhar, todo o ser devem convergir para o Mistério que se revela e do qual é convidado a participar integralmente. A reverência ao sagrado é feita na integridade da pessoa²⁵⁶.

Ao final, Cirilo relembra sobre o grande mistério pelo qual fizeram uma magnífica experiência que passou diante dos olhos deles e alerta-os para conservar inviolável essas tradições, da qual são herdeiros e guardiães, do qual devem se aproximar sempre.

²⁵⁴ COSTA, Rosemary Fernandes da (2015). *Op. cit.* p. 93.

²⁵⁵ CIRILO DE JERUSALÉM (CM V, 21-22). *Op. cit.* p. 74-75.

²⁵⁶ COSTA, Rosemary Fernandes da (2015). *Op. cit.* p. 98-99.

E como pode-se perceber em Cirilo, as catequeses sobre os sacramentos da iniciação cristã são ministradas de forma a ressaltar a mistagogia entranhada nas homilias que desenvolvia. “Os ritos e a homilia serviam como chave de interpretação e de apropriação das realidades mistéricas”²⁵⁷. No entanto, a homilia que Cirilo desenvolvia, sobretudo nas catequeses, não era, na perspectiva de Finelon, “uma prédica aos moldes da oratória clássica, mas uma ação divino-humana, comportando um dom divino de penetração nos mistérios”²⁵⁸. A linguagem e a terminologia dali surgem em consequência da formatação teologia sacramental e as respostas que elas deviam dar às circunstâncias novas que surgiam. Na dinâmica da preparação para a iniciação à vida cristã vão surgindo, uma linguagem própria para compreender o processo em curso.

3 A LINGUAGEM MISTAGÓGICA NA DINÂMICA LITÚRGICO-CATEQUÉTICA

São Cirilo de Jerusalém foi inovador na forma de transmitir a doutrina e os conceitos litúrgicos. Seu estilo mistagógico²⁵⁹ buscava conduzir os neófitos a uma experiência mais profunda dos mistérios da fé, integrando catequese e liturgia de maneira única. Ele criou um estilo que podemos identificar como litúrgico, simbólico, tipológico, mistagógico. Não conduzia por um itinerário de iniciação cristã meramente intelectual, mas por uma experiência sensível, valendo-se do gestual e do próprio espaço sagrado, para criar um ambiente litúrgico-vivencial²⁶⁰. Assim, ele permitia que os ouvintes compreendessem o significado mais profundo da realidade sacramental e vissem nela um caminho para a transformação espiritual.

Nesse sentido, surgiu no tempo dos Padres da Igreja, contemporâneos à Cirilo de Jerusalém, no século IV, a linguagem que, nas palavras de Mazza, “formou a teologia patrística dos sacramentos”²⁶¹. A tradição dos Padres da Igreja define com segurança que “a teologia sacramentária, é uma teologia bíblica”²⁶². Essa premissa se revelou promissora no século IV, “quando os Padres começaram a aplicar à liturgia o método destinado à interpretação da Bíblia,

²⁵⁷ FINELON, Vitor Gino. *Op. cit.* p.140.

²⁵⁸ *Ibid.* p. 140.

²⁵⁹ Vale destacar que a mistagogia em Cirilo de Jerusalém não se restringia apenas ao momento das Catequeses Mistagógicas, realizadas no período pós-pascal. O método mistagógico atravessa todo o conjunto de suas catequeses, assim como entre os padres contemporâneos a ele. Das obras que chegaram até nós – as dezoito Catequeses Pré-batismais e as cinco Mistagógicas – percebe-se a presença constante dessa abordagem. Tal compreensão é confirmada pelo renomado estudioso patrístico Enrico Mazza, que afirma não haver diferenças metodológicas significativas entre as homilias pronunciadas antes e depois da Páscoa. Para Mazza, portanto, não se pode afirmar que apenas as catequeses pós-batismais possuem caráter mistagógico; todo o processo catequético de Cirilo está impregnado dessa dimensão iniciática. Além do que, Mazza definiu a Mistagogia como uma “teologia verdadeira, uma teologia litúrgica”, capaz elaborar conteúdos teológicos autênticos. Cf. MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 19. 25.

²⁶⁰ Cf. MENDONÇA FILHO, João da Silva. *Op. cit.* p. 91

²⁶¹ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 23.

²⁶² DANIELOU, Jean. *Op. cit.* p. 33.

para explicar aos neófitos e aos fiéis o significado dos ritos, gestos e símbolos litúrgicos”²⁶³. Pode-se compreender nessa junção vital da interpretação das Escrituras com a celebração litúrgica, o profundo entrelaçamento entre elas. Por isso, na visão de Munina, essa técnica interpretativa é o fazer mistagógico, que permeava todo o contexto homilético dos Padres²⁶⁴.

A metodologia exegética – mistagógica – dos Padres do século IV não apenas esclarecia o sentido espiritual dos textos bíblicos, mas também iluminava os ritos sacramentais. Dessa forma, “a catequese, que é uma forma de pregar a Palavra de Deus, era considerada a principal tarefa e responsabilidade dos pastores e teólogos”²⁶⁵. Em Cirilo de Jerusalém, se encontrava nessa dinâmica o cerne da teologia mistagógica: a condução progressiva dos fiéis ao mistério celebrado, permitindo-lhes experimentar e compreender a economia da salvação por meio da liturgia. Mazza é assertivo quando diz que “a teologia contida nas catequeses mistagógicas já é um prelúdio da teologia das épocas posteriores e tem uma especial relação com a nossa”²⁶⁶, ou seja, com a teologia dos sacramentos. Portanto, no labor teológico de Cirilo de Jerusalém, e os outros Padres da Igreja também, surgiram os termos que irão dar sentido ao contexto litúrgico-catequético: a mistagogia, a tipologia e a simbologia litúrgica.

3.1 Linguagem tipológico-mistagógica

No tempo em que Cirilo de Jerusalém ministrava as suas catequeses – e na mesma época outros padres contemporâneos a ele – a Escritura era a fonte primeira da catequese. Cirilo era conhecedor profundo dos textos bíblicos. Por isso, o uso da Escritura se tornou o instrumento capital no exercício do ministério pastoral, pois a argumentação homilético-catequética se baseava na relação intrínseca entre o evento salvífico e a realidade sacramental, a fim de oferecer ao ouvinte maior compreensão do mistério. Com isso, “o método tipológico se apresenta, precisamente, com essa finalidade: a compreensão do mistério”²⁶⁷.

Nessa dinâmica, Mazza se impressiona do fato de encontrar nas catequeses mistagógicas “uma estrutura e estilos dos textos, o desenvolvimento das argumentações e o surpreendente frescor das citações bíblicas”²⁶⁸, de modo admirável. No entanto, percebe que se trata de um fenômeno “muito restrito, tanto no espaço quanto no tempo”²⁶⁹. Porém, embora Mazza identifique diferenças no método mistagógico empregado entre os autores patrísticos, a

²⁶³ MUNINA, Jean-Pierre Kalongisa. *La mystagogie et herméneutique liturgique*. Saint-Denis-França: Ed. Connaissances et Savoirs, 2016. p. 227-228.

²⁶⁴ Cf. *Ibid.* p. 228.

²⁶⁵ CHUPUNGCO, Anscar J. *Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 153.

²⁶⁶ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 16.

²⁶⁷ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 30.

²⁶⁸ *Ibid.* p. 215.

²⁶⁹ *Ibid.* p. 215.

tipologia bíblica os une. Com referência a isso, a catequese catecumenal do período dos séculos III e IV – com destaque para Jerusalém, Antioquia, Milão, Roma, norte da África e a Capadócia – é considerada uma fonte fecunda da Igreja, quando dali brotou uma teologia mistagógica, paradigmática para a evangelização até mesmo para os dias atuais²⁷⁰, tendo na tipologia seu eixo central.

Quando nos reportamos às catequese mistagógicas não é possível desassociá-las com a celebração da Palavra pelo qual os catecúmenos e neófitos deveriam participar ativamente. A escuta, a meditação e a oração eram fortemente estimuladas para a vida cristã daqueles que desejavam a iniciação cristã. Portanto, Finelon afirma que “não é possível pensar na estrutura do catecumenato antigo sem essa relação entre liturgia da Palavra e *lectio divina* e sem a experiência da escuta e da resposta à Palavra de Deus”²⁷¹.

Nesse sentido, o que se buscava na abordagem bíblica presente em todos os momentos, seja na catequese, seja na celebração litúrgica da Palavra, era o sentido tipológico da Escritura. Ou seja, a interpretação tipológica das passagens bíblicas, tendo como centro Cristo. A leitura tipológica visava “descobrir a presença oculta de Cristo ao longo das páginas da Bíblia”²⁷². Mais especificamente, Munina diz que, na procura por Cristo na Escritura do Antigo Testamento, tenta-se “identificar de que forma tal acontecimento ou tal personagem, tal lugar, é uma figura, uma sombra, um modelo de Jesus e de sua obra. Em suma, estabelece uma correspondência entre o que se anunciou no Antigo Testamento e o que se cumpriu no Novo Testamento”²⁷³.

A tipologia de Cirilo de Jerusalém é bem precisa. Ele “coloca o Antigo Testamento em relação tipológica com o Novo Testamento”²⁷⁴, de tal forma que essa relação se apresentava nas argumentações homiléticas dos ritos litúrgicos, construindo uma percepção bem distinta entre os eventos salvíficos relacionados. “Os eventos veterotestamentários são referidos um por um a seus correspondentes neotestamentários”²⁷⁵, de maneira que, pedagogicamente, são combinados para que os ouvintes percebam tal relação tipológica e compreendam a passagem de uma coisa à outra com clareza.

Essa relação tipológica se apresenta claramente quando, por exemplo, Cirilo retoma os eventos do êxodo e apresenta a relação do mal estampada na perversidade do faraó egípcio contra os hebreus. Depois o envio de Moisés ao povo para tirá-los da opressão. Menciona o sangue do cordeiro que fora ungida as ombreiras das portas para que o anjo exterminador

²⁷⁰ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da (2015) *Op. cit.* p. 13.

²⁷¹ FINELON, Vitor Gino. *Op. cit.* p.128.

²⁷² MUNINA, Jean-Pierre Kalongisa. *Op. cit.* p. 224, tradução nossa.

²⁷³ *Ibid.* p. 224, tradução nossa.

²⁷⁴ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 184.

²⁷⁵ *Ibid.* p. 185.

passasse adiante das casas hebreias. Por fim, a passagem pelo Mar Vermelho, identificando o fato salvífico.

Em seguida, Cirilo relaciona tipologicamente os eventos verotestamentário com relação ao Novo Testamento:

Passai agora comigo das coisas antigas às novas, da figura à realidade. Lá Moisés foi enviado por Deus ao Egito; aqui Cristo, do seio do Pai, foi enviado ao mundo. Aquele para tirar o povo oprimido do Egito; Cristo para livrar os que no mundo são acobardados pelo pecado. Lá o sangue do cordeiro afastou o anjo exterminador; aqui o sangue do Cordeiro Imaculado, Jesus Cristo, constitui um refúgio contra os demônios. Aquele tirano perseguiu até o mar este povo antigo, e a ti, o demônio atrevido, imprudente e príncipe do mal, te segue até as fontes mesmas da salvação. Aquele afogou-se no mar; este desapareceu na água da salvação²⁷⁶.

Assim acontece, com o outro exemplo, a homilia sobre a figura de Davi e a Eucaristia:

O bem-aventurado Davi te anuncia a força [deste mistério] dizendo: “Preparastes para mim a mesa à vista de meus inimigos”. Com isso ele quer dizer: Antes de tua vinda os demônios preparavam para os homens uma mesa contaminada e manchada, cheia de poder diabólico. Mas depois de tua vinda, ó Senhor, tu preparaste diante de mim uma mesa. [...] A primeira mesa tinha comunhão com os demônios, essa, ao contrário, comunhão com Deus²⁷⁷.

Com isso, Cirilo perpassa os fatos narrados e evidencia claramente a sua correspondência. Ao percorrer de um Testamento ao outro, destacando a individualidade entre eles, fica patente o seu método mistagógico, sob o suporte da tipologia bíblica, desejando provar a unidade dos dois Testamentos e defender a verdade da mensagem anunciada.

Associada a essa linguagem mistagógica e o seu método tipológico, surge outra linguagem, que não é alheia ao que está sendo tratado até agora, mas é vital e permeia em todo o processo mistagógico. Sendo a mistagogia o método que ajuda a compreender a dimensão litúrgico-celebrativa, ela coopera, também, para revelar a gama simbólico-ritual que desponta diante dos neófitos de Cirilo de Jerusalém. A linguagem simbólica, portanto, permite fazer uma experiência religiosa do transcendente, pois é um caminho para o mistério.

3.2 A linguagem simbólica nas catequeses mistagógicas

Cirilo de Jerusalém legou para a catequese um método comunicativo que ajudava a compreender e vivenciar o Evangelho. Ele dinamizou a comunicação da fé através da experiência viva com as imagens, gestos, ritos, lugares santos e, deu “aos símbolos religiosos o valor de transcendência na vida do neófito”²⁷⁸. A experiência pela qual passavam os

²⁷⁶ *Ibid.* (CMI, 3), p. 33.

²⁷⁷ *Ibid.* (CM IV, 7), p. 60.

²⁷⁸ MENDONÇA FILHO. João da Silva. A re-significação do processo mistagógico de São Cirilo de Jerusalém. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 73, p. 89-100, jan/mar. 2011.

neobatizados durante as Catequeses Mistagógicas, não era uma “ilusão religiosa”²⁷⁹, assevera Mendonça Filho, mas a concretude de uma experiência no espaço sagrado²⁸⁰, onde eles eram cercados da eloquência ritual, simbólica e gestual, que os faziam testemunhas do mistério.

A experiência do transcendente parte de um exercício vivencial que uma pessoa faz por meio de uma relação interior com uma realidade invisível, que se realiza e afeta o seu íntimo. Costa nos ajuda a compreender a experiência religiosa quando diz que é uma interação ativa com o objeto religioso, um exercício de “provar e descobrir as coisas, com o que se consegue conhecimento e perícia sobre elas”²⁸¹. Uma experiência religiosa, assumida, enriquece a consciência no exercício vivencial e amplia a capacidade de interpretar a realidade, imanente e transcendente²⁸². Por isso, no contexto mistagógico de São Cirilo de Jerusalém, a experiência litúrgico-simbólico-sacramental não se tratava de rito externo, mas um caminho pedagógico que formava o fiel na compreensão e vivência dos mistérios divinos.

Partindo do pressuposto da experiência com o transcendente, é necessária a atenção sobre os sinais sensíveis dos sacramentos pelos quais os catecúmenos faziam uma experiência, conduzidos por Cirilo de Jerusalém. Com Cirilo, portanto, o símbolo se torna a linguagem litúrgica, catequética-mistagógica e vivencial. Dessa realidade brotou o fazer teológico que ajudava na compreensão do mistério, a partir da ação, da demonstração, da explicação bíblica contextualizada. Mazza nos explica que durante a dinâmica litúrgica os sentidos percebem o que está se passando: o ouvir, o sentir, o agir, o perceber. Disso ele pontua que é “o aspecto ritual, externo e visível que é indicado pelo termo símbolo”²⁸³.

A mistagogia de Cirilo tem um forte apelo simbólico nos gestos que são realizados nos ritos litúrgicos. Isso encontramos, por exemplo, com o nexos existente nas realidades simbolizadas no ritual. Uma delas é a renúncia a Satanás pelo catecúmeno, onde ele se voltava simbolicamente para o Ocidente – lugar das trevas – e proferia as palavras de renúncia para romper com o pacto com o demônio e abrir o Paraíso que Deus plantou no Oriente. Portanto, a ação de volta-se do Ocidente para o Oriente é o gesto simbólico de voltar à luz²⁸⁴.

²⁷⁹ *Ibid.*

²⁸⁰ Vale lembrar que os encontros de catequese de Cirilo com os catecúmenos e neófitos aconteciam nas igrejas centrais da fé cristã: o *Martyrium* e a *Anástasis*. Lugares pontuados pela Peregrina Etérias quando passou por Jerusalém e relatou, de forma circunstanciada, toda a liturgia da Igreja de Jerusalém no século IV. Vale consultar PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 120-170. Segundo Mendonça Filho, o ambiente catequético com Cirilo era o Templo, lugar de “fronteira entre o espaço profano e o sagrado, pois nele o divino se revela. O Templo era também um interlocutor da abertura ao transcendente; uma réplica da casa de Deus, no qual a comunicação era objetiva”. MENDONÇA FILHO. João da Silva. *Op. cit.* p. 95.

²⁸¹ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2014). *Op. cit.* p. 54.

²⁸² Cf. *Ibid.* p. 54-63.

²⁸³ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 178.

²⁸⁴ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (CM I, 9). *Op. cit.* p. 38.

A mesma dinâmica simbólica acontece com a unção com o óleo: “este santo unguento, com a epiclese, já não é puro e simples unguento, mas é dom de Cristo e obra do Espírito Santo, pela presença de sua divindade. Com ele se unge simbolicamente tua fronte e os outros sentidos”²⁸⁵. Essa ação simbólica é relacionada com o Sacramento da Crisma, no entanto, o gesto da imposição do sinal da cruz na fronte do candidato ao batismo, denominado σφραγίς (*sphragís*), era realizado ao final da celebração do Batismo, associado à unção crismal, porém na mesma dinâmica e contexto batismal. É um gesto fundamental no processo de iniciação cristã, pois representa a pertença à Cristo²⁸⁶.

O rito do *sphragís* quer revelar o sentido sacramental do “santo selo”. Daniélou explica que Cirilo eleva o sinal desse gesto e o designa com o próprio Batismo todo inteiro, a partir das categorias que utiliza. Assim diz Cirilo: “Grande coisa é o batismo que propomos: libertação para os cativos, perdão dos pecados, morte do pecado, renascimento da alma, veste luminosa, **selo santo e indelével**, veículo para o céu, delícias do paraíso, degustação do reino, graça da adoção”²⁸⁷. Tal gesto, simples e eloquente, assinala que o neófito pertence a Cristo. Essa marca permite ao senhor conhecer aos seus, por isso, é uma ação simbólica que significa “uma garantia de salvação”²⁸⁸.

Não se pode contextualizar a celebração simbólico-sacramental do Batismo sem ter como centro o Mistério Pascal de Cristo. O fazer teologia para Cirilo implica em explicar a dinâmica batismal em seu contexto salvífico. Cirilo constrói a imagem do calvário relacionado à ida à pia batismal: “Depois disto fostes conduzidos pela mão à santa piscina do divino batismo, como Cristo da cruz ao sepulcro que está à vossa frente”²⁸⁹. A didascálica ciriliana sobre o batismo ensina sobre o rito da tríplice imersão do batizando na água. Cirilo esclarece que se trata dos três dias da sepultura de Cristo:

assim como nosso Salvador passou três dias e três noites no coração da terra, do mesmo modo vós, com a primeira imersão, imitastes o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, imitastes o primeiro dia de Cristo na terra, e com a imersão, a noite. Como aquele que está na noite nada enxerga e ao contrário o que está no dia tudo enxerga na luz, assim vós na imersão, como na noite, nada enxergastes; mas na emersão, de novo vos encontrastes no dia. E no mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe²⁹⁰.

Mazza observa, a partir de seus estudos e análise textual das catequeses cirilianas, “que o termo símbolo designa a função puramente representativa dos ritos, sem implicar um valor

²⁸⁵ *Ibid.* (CM III, 3). *Op. cit.* p. 51.

²⁸⁶ Cf. DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 79-93. Vale lembrar que em Cirilo e nos Padres contemporâneos, não havia separação – como ocorre atualmente na Igreja – dos Sacramentos do Batismo e Crisma.

²⁸⁷ MIGNE, J. P. PG. 33. *Op. cit.* p. 360-361A. Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. (*Cat. Prel.*16), p. 58. Grifo nosso.

²⁸⁸ DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 82.

²⁸⁹ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 4). *Op. cit.* p. 44.

²⁹⁰ *Ibid.* p. 44.

de sacramentalidade”²⁹¹. Desse modo, a capacidade representativa dos ritos, por si só, não constitui sacramentalidade. Porém, o mesmo autor desenvolve a noção de *mimese*, que é o termo que dá a compreensão de que a sacramentalidade do símbolo está ligada ao conceito de imitação²⁹².

Mazza vai a fundo em explicar sobre a argumentação ciriliana do rito simbólico das três imersões batismais – ações simbólicas. Ele quer demonstrar que o rito simbólico em Cirilo de Jerusalém, não é mera representatividade de uma ação litúrgica, ilustrativa, sem implicar em valor sacramental²⁹³. Porém, a partir da análise do texto de Cirilo sobre esse tema, se alcança a noção de sacramentalidade do símbolo. No momento das tríplice imersão/emersão se realizam as ações que imitam o que aconteceu com Cristo. Diz Cirilo: “E no mesmo momento morrestes e nascestes. Esta água salutar tanto foi vosso sepulcro como vossa mãe. [...] Um só tempo produziu ambos os efeitos e o vosso nascimento ocorre com vossa morte”²⁹⁴.

Por isso, Mazza deixa claro o valor sacramental da dinâmica do símbolo e a relação com o termo imitar (*mimese*). Parece claro para Mazza que “não pode ser posto em discussão o valor sacramental do imitar; portanto a imersão e a emersão, porque tríplice, são um símbolo e, pelo fato de serem ações que imitam o que aconteceu com Cristo, são dotadas de sacramentalidade”²⁹⁵. São, nesse sentido, ações que são portadores de salvação, pois existe uma realidade salvífica implicada, ou seja, existe a verdade do momento histórico salvífico e o momento sacramental, que se traduz por imitação: o objeto da imitação é a Paixão de Cristo. Por isso, ao se passar pelo momento sacramental, participa na verdade salvífica. Em outras palavras, Cirilo pontua essa realidade simbólico-sacramental fundamentado em Paulo (Rm 6, 3-5): “participação, por imitação, dos verdadeiros sofrimentos de Cristo”²⁹⁶.

3.3 Na dinâmica catequética ciriliana revela a linguagem mistagógica

As Catequeses Mistagógicas conduzidas por Cirilo de Jerusalém possuem um intenso envolvimento com os Neófitos. Cirilo vai dizer que a “vista é mais fiel que o ouvido, esperei a ocasião presente, para encontrar-vos, depois desta grande noite, mais preparados para compreender o que se vos fala e levar-vos pelas mãos ao prado luminoso e fragrante deste paraíso”²⁹⁷. Nas três primeiras catequeses mistagógicas, os neófitos são envolvidos por uma argumentação mistagógica que os fazem perceber a experiência ritual durante o Batismo. Cirilo

²⁹¹ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 179.

²⁹² Cf. *Ibid.* p. 180.

²⁹³ Cf. *Ibid.* p. 179.

²⁹⁴ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 4). *Op. cit.* p. 44-45.

²⁹⁵ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 180.

²⁹⁶ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 6). *Op. cit.* p. 46.

²⁹⁷ *Ibid.* (CM I, 1), p. 31-32.

quer ir além e não deseja apenas descrever o rito litúrgico para uma interação tipológica, mas “sente que deve descrever ainda mais o ritual como imitação (μίμησης) que leva os neófitos à unidade com Cristo”²⁹⁸. Na medida dessa imitação (μίμησης), ocorre que o indivíduo passa a ser uma imagem (εἰκών)²⁹⁹ de Cristo. Essa noção de imitação-imagem revela e concentra em Cristo de tal forma que o “mistagogo pode dizer que a atividade sacramental é o lugar onde o indivíduo é identificado com Cristo a tal ponto que o que é verdade do Cristo, agora também é verdade para o cristão”³⁰⁰.

Com relação às duas catequeses sobre Eucaristia, Cirilo as divide em duas abordagens suscintas e definidas. Na quarta Catequese Mistagógica Cirilo dialoga com os elementos eucarísticos em referência ao Antigo e ao Novo Testamento, destacando o realismo eucarístico, onde os neófitos são convidados a uma profunda compreensão da comunicação de Deus e os homens, por meio da participação no sacramento e no deixar-se conduzir pelo Mistério³⁰¹. Essa primeira catequese eucarística Cirilo apresenta elementos essenciais: a fundamentação teológica e mediação mistagógica, que legitima a vivência com o sacramento, baseada na primeira Carta de Paulo ao Coríntios (1Cor 11, 23-25). Nessa passagem, Cirilo orienta sobre o poder de Cristo em transformar o pão e o vinho. Depois a homilia orienta sobre a presença real de Cristo na Eucaristia. O intuito era tornar o mistério do Sacramento tangível, pois, ao comentar sobre a Eucaristia, ele destacava a matéria – pão e vinho – e o seu significado sacramental: Corpo e Sangue de Cristo. Nesse envolvimento entende-se o Mistério Sacramental, a partir da experiência simbólica que despertava a compreensão para a presença real do Cristo³⁰².

A quinta catequese concentrar-se no ritual da Liturgia Eucarística³⁰³: do lavar as mãos do bispo até o rito da Comunhão e Oração final. Cirilo faz dessa catequese uma interpretação “sóbria, essencial, preocupado apenas com o significado a ser atribuído a cada determinado setor da anáfora”³⁰⁴. Costa faz outra observação nessa quinta catequese. A autora menciona que

²⁹⁸ CUTRONE, Emmanuel Joseph. Cyril’s Mystagogical Catechesis and the evolution of the Jerusalem Anaphora. *Orientalia Christiana periódica*, Quincy-EUA, 44, p. 52-64, 1978. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/244415113/Cutrone-Cyril-s-Mystagogical-Catecheses-and-the-Evolution-of-the-Jerusalem-Anaphora>. Acesso em 24 mar. 2025.

²⁹⁹ Εἰκών tem o sentido de imagem. A etimologia da palavra diz que se trata de um verbo que quer dizer: ter em posse, possuir, ter consigo, ter em si, ter junto a si. A compreensão desse verbo por parte do neófito revelava que ele se entendia identificado com Cristo, após fazer a experiência litúrgico-sacramental. Cf. RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003. p. 152. 210.

³⁰⁰ CUTRONE, Emmanuel Joseph. *Op. cit.* P. 53.

³⁰¹ Cf. COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 82.

³⁰² Cf. CUTRONE, Emmanuel Joseph. *Op. cit.* p. 55.

³⁰³ Cutrone ressalta e comenta a estrutura ritual e os eventos litúrgicos da quinta catequese. Ele destaca a estrutura: há um toque de mãos, um beijo de paz, uma análise de cada um dos diálogos, uma referência a um hino de louvor e *Sanctus*, uma epiclese e intercessões e uma análise versículo por versículo do Pai Nosso. Este esquema está desenvolvido na quinta catequese. CIRILO DE JERUSALÉM (CM V, 1-22). *Op. cit.* 63-75. A de se destacar o estudo e a discussão que faz Cutrone sobre a Anáfora de Jerusalém e as influências de sua evolução.

³⁰⁴ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 177.

Cirilo dedica-se à explicação da Celebração Eucarística “com muitos detalhes quanto aos principais ritos, orações, gestos sacerdotais, e culmina na oração eucarística e na comunhão”³⁰⁵. A autora destaca cada ponto da quinta catequese, com citações pertinentes do texto de Cirilo de Jerusalém, evidenciando o caráter litúrgico-simbólico da celebração, pelo qual foi vivenciada pelos neófitos.

Além disso, Cutrone faz uma observação pertinente ao destacar que, na quinta catequese, Cirilo explicava aos neófitos a experiência ritual vivida, com especial ênfase no rito da comunhão. Nessa catequese, Cirilo dedica quatro parágrafos à explicação desse momento, sublinhando sua importância na vivência litúrgica. No entanto, como observa o autor, na quarta catequese o enfoque é diferente: Cirilo não se preocupa em explicar o rito em si, mas em evidenciar que o efeito da comunhão é a união com Cristo³⁰⁶.

No contexto vivencial-catequético das Catequeses Mistagógicas, ministradas durante a oitava da Páscoa, Cirilo empenhava-se em desvelar o mistério celebrado por meio de uma linguagem acessível, porém, como observa Costa, “sem ser superficial”³⁰⁷. Sua oratória dirigia-se à sensibilidade do neófito mediante a utilização de exemplos elucidativos e de admoestações de caráter prático, em consonância com a experiência concreta da vida e com o contexto cultural e social dos ouvintes³⁰⁸. Essa forma de comunicação revelava-se clara e inteligível, na medida em que se ancorava no cotidiano pessoal dos destinatários, mostrando-se, assim, adequada àqueles cuja realidade era conhecida pelo catequista.

Toda a catequese de Cirilo de Jerusalém tinha como finalidade tornar visíveis as ações salvíficas de Cristo, revelando sua eficácia na vida dos fiéis. Seu empenho pastoral e catequético, especialmente durante o tempo do catecumenato e nas dezoito catequeses proferidas ao longo da Quaresma, visava preparar os candidatos para uma participação consciente e vivencial nos ritos litúrgicos da noite pascal. Essa experiência culminante é aprofundada nas Catequeses Mistagógicas, ministradas durante a Oitava da Páscoa, nas quais os neófitos são introduzidos ao sentido mais profundo dos sacramentos recém-recebidos. As obras que se preservaram da catequese ciriliana revelam uma impressionante riqueza doutrinal, marcada por uma sólida teologia bíblica, uma profunda espiritualidade, e um notável enraizamento litúrgico e mistagógico.

³⁰⁵ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 86. Vale conferir, além, a abordagem feita por Costa em sua obra sobre as cinco Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém. Cf. p. 56-101.

³⁰⁶ CUTRONE, Emmanuel Joseph. *Op. cit.* p. 56.

³⁰⁷ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 106.

³⁰⁸ Cf. *Ibid.* p. 107.

4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A Patrística dos séculos III e IV é considerada essencial pelos estudiosos que se debruçaram sobre a catequese, a liturgia e a teologia desse período. Cirilo de Jerusalém é um dos expoentes desse tempo, porém os contemporâneos João Crisóstomo, Teodoro de Mopsuéstica, Ambrósio de Milão e Santo Agostinho, tiveram igualmente participação decisiva no processo catequético à época, período que se notabilizou como o tempo de ouro da catequese.

O foco principal é a figura de Cirilo de Jerusalém e seu método mistagógico de preparação para os sacramentos da iniciação cristã. O estudo desse período áureo do catecumenato, destaca a relevância das catequeses pré-batismas e mistagógicas de Cirilo. Porém, esse tempo não foi um acontecimento isolado, pois essa dinâmica já estava em curso com um destacado padre da Igreja: Hipólito de Roma, que foi importante para deixar mais clara a estrutura do catecumenato. Após isso, encontramos em Cirilo uma dinâmica ímpar aplicada ao catecumenato, que foi referência para o desenvolvimento de uma dinâmica e de uma linguagem teológica: bíblica, litúrgica e mistagógica, influenciadora para a catequese nos dias de hoje, visando a experiência com o Mistério e os efeitos positivos dessa dinâmica, canalizada para uma profunda vivência comunitária e litúrgica.

Esta pesquisa concentra-se na dimensão litúrgico-catequética da atuação de Cirilo de Jerusalém, marcada por um notável empenho pastoral. Seu principal objetivo consistia em conduzir os catecúmenos a uma compreensão profunda dos mistérios da fé, mediante uma experiência marcante, capaz de gerar um impacto duradouro na vida cristã. Para isso, Cirilo recorre a uma pedagogia cuidadosamente estruturada e a uma linguagem bíblico-litúrgica-sacramental, concebida para ser não apenas compreendida racionalmente, mas sobretudo experienciada e vivida na dinâmica mistagógica.

Destacam-se, nesse contexto, três categorias fundamentais que orientam a catequese ciriliana e que se revelam fecundas para a presente pesquisa: as linguagens bíblico-tipológica, a simbólico-sacramental e a litúrgico-vivencial. Tais categorias se inserem no horizonte do método mistagógico e constituem elementos significativos e referenciais para a reflexão sobre os caminhos da catequese na contemporaneidade.

Entretanto, a história registra o progressivo declínio do catecumenato e da rica experiência eclesial desenvolvida pelos Padres da Igreja. As causas desse declínio estão associadas, em grande parte, às transformações políticas pelas quais passou o Império Romano, que provocaram mudanças significativas na estrutura e na organização da Igreja. Nesse novo contexto, as práticas catecumenais, outrora bem-sucedidas, começaram a se enfraquecer, e o

espaço dedicado à evangelização foi gradualmente assumindo novas configurações, o que culminou na decadência tanto do catecumenato quanto da catequese vivencial.

CAPÍTULO II

A EVOLUÇÃO HISTÓRICA NA CATEQUESE: DECLÍNIO E REVITALIZAÇÃO

O século IV foi um marco decisivo para a catequese, período em que numerosos adultos solicitavam o ingresso na fé cristã e eram admitidos no catecumenato. Nesse contexto, São Cirilo de Jerusalém se destacou por conduzir um processo catequético intenso, capaz de suscitar uma adesão firme e convicta à fé cristã. Sua instrução não apenas formava, mas também era “terapêutica para curar os maus hábitos e o apego ao pecado”³⁰⁹. Outros bispos do período, como São João Crisóstomo, Santo Agostinho de Hipona e Teodoro de Mopsuéstia, também deixaram um legado precioso com suas homilias catequéticas, que se tornaram referências na história da Igreja como métodos eficazes de preparação para a vida cristã.

Em Jerusalém, Cirilo proferiu suas catequeses empregando um método de exposição acessível e profundamente pastoral: “simples e clara, viva e fervorosa, bem adaptada às necessidades intelectuais e morais dos seus ouvintes”³¹⁰. Essa pedagogia visava preparar os catecúmenos para o batismo por meio de uma exigente ascese, oferecendo-lhes uma formação que os capacitava a resistir aos “erros do ambiente pagão, judeu ou herético”³¹¹. Tratava-se de uma catequese fundamental, abrangente e bem estruturada, articulada em torno do anúncio (*querigma*) e da instrução (catequese), imersa na dimensão litúrgica, “através das grandes e pequenas celebrações, a leitura bíblica, os diversos ritos, entre os quais os *escrutínios*, os *exorcismos*, as *entregas*, as orações”³¹².

A importância e o valor desse processo catecumenal, cuja sistematização remonta a Hipólito de Roma – autor do mais antigo testemunho documentado sobre o catecumenato –, revelaram-se duradouros e fecundos na tradição eclesial. Essa estrutura formativa consolidou-se como uma força que resistiu ao tempo e que a Igreja contemporânea deseja restaurar e “repropor como um verdadeiro caminho de discipulado de Jesus Cristo, sem deixá-lo sepultado nas brumas da história”³¹³. Nesse sentido, como observa Alves de Lima, embora a catequese tenha assumido diferentes formas ao longo do tempo, sua origem está enraizada no catecumenato, e é a partir dele que ela deve recuperar seus critérios fundantes, a fim de realizar plenamente sua missão³¹⁴.

Após o período de ouro da catequese, a história vai revelar uma drástica e contundente alteração dos métodos catequéticos. Neste capítulo procuraremos abordar questões históricas

³⁰⁹ MARTINS TERRA, J. E. *Op. cit.* p. 15.

³¹⁰ *Ibid.* p. 16.

³¹¹ *Ibid.* p. 16.

³¹² Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 29.

³¹³ *Ibid.* p. 30.

³¹⁴ *Ibid.* p. 30.

que decidiram os rumos da catequese e do processo de transmissão da fé. As épocas marcaram a sociedade e delimitaram os processos catequético na Igreja, destacando os paradigmas catequéticos que serão notados na Cristandade. A idade média (dos séculos V ao XV), marcado pelo auge do poder e prestígio da Igreja Católica na Europa Ocidental. Idade Moderna (séculos XV e XVI) que viu o movimento da Reforma e o surgimento dos “catecismos” que se firmou “como instrumento da catequese pelos séculos seguintes”³¹⁵. E a idade Contemporânea (a partir do século XVIII em diante) com sua evolução política e social que notabilizou um ritmo de mudanças eclesiais e evangelizadoras, tendo em vista o recrudescimento da crença cristã e os modelos de educação da fé em modelos escolares. Isso fez com que surgissem nos séculos XIX e XX várias iniciativas e movimentos de renovação eclesial, com intensa mobilização intelectual, cultural e pastoral, culminando com a efervescência que instaurou o Concílio Vaticano II.

Para esse propósito, adotamos como referência bibliográfica autores que desenvolveram contribuições consistentes no campo da história catequética. Luiz Alves de Lima apresenta, para os fins deste capítulo, uma produção bibliográfica que evidencia a dinâmica evolutiva da catequese ao longo da história, com especial ênfase nos períodos pré-conciliares. Antonio Bollin e Francesco Gasparini, por sua vez, desvelam os meandros da catequese na vida da Igreja, situando-a em um amplo contexto histórico-teológico no qual identificam as etapas da primeira, segunda e terceira evangelização. Esses autores acompanham os movimentos históricos que moldaram a catequese desde os primeiros séculos do cristianismo até a contemporaneidade, destacando a sucessão de métodos e perspectivas catequéticas que marcaram esse percurso.

1 DECLÍNIO DO CATECUMENATO E DA CATEQUESE LITÚRGICO-VIVENCIAL

A partir de meados do século IV, as motivações para se engajar em uma preparação sólida para a vida cristã – por meio de uma catequese robusta, capaz de formar pessoas convictas na fé em Jesus e verdadeiros discípulos de Cristo – começaram a perder força. Embora o número de interessados pelo cristianismo continuasse a crescer, suas intenções nem sempre eram autênticas. O longo percurso de amadurecimento na fé, anteriormente exigido pelo catecumenato, foi reduzido a apenas algumas semanas, concentrando-se no tempo da Quaresma. Muitos dos que aderiam à fé o faziam não por convicção espiritual, mas por interesses pessoais, visando conquistar prestígio junto aos poderosos e alcançar cargos públicos, aproveitando-se do status que a religião adquirira após a legalização promovida por Constantino.

³¹⁵ ALVES DE LIMA. *Op. cit.* p. 37.

O batismo passa a ser compreendido não mais como uma eleição, fruto de um caminho de fé, mas como um direito adquirido. Adia-se ao máximo a participação nos sacramentos, muitas vezes deixando-o para os momentos finais da vida. Nas comunidades, a fé se enfraquece, enquanto as exigências morais, a seriedade quanto ao propósito de vida cristã e os rigorosos exames para admissão ao catecumenato caem gradativamente em desuso. Com isso, esvazia-se o sentido litúrgico e vivencial do itinerário catequético, e o caminho catecumenal vai perdendo sua força, sobretudo com a crescente prática do batismo de crianças.

Augé também destaca a transformação ocorrida entre o que foi considerado a época áurea da catequese patrística – séculos III e IV – e o que passou a se realizar a partir do século V, com o progressivo afastamento das práticas estruturadas de preparação para a iniciação cristã em etapas. As celebrações, as vivências litúrgico-mistagógicas, a linguagem bíblico-sacramental e a ascese, que antes integravam um processo formativo contínuo, passaram a ser condensadas em um único momento: “uma celebração unitária de todo o processo de iniciação”³¹⁶. Essa mudança de práxis sacramental está diretamente relacionada ao “desaparecimento do batismo de adultos e à simultânea generalização do batismo de crianças”³¹⁷.

A celebração do batismo deixou de ser uma experiência pessoal inserida em um processo vivencial de preparação, que culminava com a recepção dos sacramentos da iniciação cristã. Progressivamente, as celebrações da iniciação passaram a se concentrar nas crianças, em sua maioria recém-nascidas,

que eram acolhidas à porta da Igreja, interrogadas, batizadas e unguas aparentemente como os adultos, capazes de entender, de responder e de participar ativamente em sua iniciação. Tal negligência, mascarava apenas pela instituição do apadrinhamento, foi explicada pela história³¹⁸.

1.1 A iniciação cristã: uma mudança de paradigma

Com a decadência do Império Romano e o conseqüente influxo de povos provenientes de diversas regiões da Europa, a Igreja inicia novos caminhos no processo de evangelização. O catecumenato, outrora uma expressão vigorosa da catequese patrística, gradualmente se reduz a uma herança do passado. Apesar disso, é possível identificar, a partir do século VI, vestígios das celebrações batismais daquele período. Já não se encontram programas catequéticos sistematizados, mas subsistem roteiros celebrativos, como o antigo *Sacramentário Gelasiano* –

³¹⁶ AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. 4 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013. p. 131.

³¹⁷ *Ibid.* p. 132.

³¹⁸ LIGIER, Louis. El ritual del bautismo de niños. *Cuaderno Phase*, Barcelona, n. 118, p. 5-29, set. 2001, tradução nossa.

que reflete uma prática litúrgica compreendida entre os anos 550 e 700 – e o *Ordo Romanus XI*, datado do final do século VII e intimamente relacionado com o Gelasiano³¹⁹.

Interessante é a dinâmica litúrgica descrita no *Ordo romanus XI*, documento que traça a liturgia romana medieval e detalha a prática batismal entre os séculos VI e VII. Por meio dele, é possível compreender melhor como se estruturava a iniciação cristã nesse período histórico³²⁰. Augé comenta brevemente o referido documento, limitando a iniciação cristã à recepção simultânea, em uma única celebração, dos sacramentos do Batismo, Crisma e Eucaristia³²¹. Contudo, para a presente análise, o *Ordo romanus XI* revela uma dinâmica prática da liturgia sacramental de iniciação. Apesar disso, é importante ressaltar que tal prática não se configura como um processo iniciático nos moldes do catecumenato dos séculos anteriores, mas sim como a administração ritual dos sacramentos, sobretudo às crianças – algo comum na época – sem a exigência de formação ou de um envolvimento pessoal mais aprofundado.

O *Ordo romanus XI* apresenta a sequência de sete escrutínios, exercícios litúrgicos próprios do batismo de adultos nos séculos precedentes, cuja estrutura e itinerário foram preservados³²². O percurso litúrgico inicia-se com a proclamação dos eleitos ao batismo na terceira semana da Quaresma, seguindo-se os sete escrutínios até a manhã do Sábado Santo, indicando a permanência formal de um rito que outrora esteve intimamente ligado à experiência de fé vivida no catecumenato.

Nos primeiros e segundos escrutínios, realizados na terceira semana da Quaresma, diversos ritos são executados: o sinal da cruz é traçado com o polegar, há imposição das mãos sobre a cabeça da criança, bênçãos e exorcismos. Esses ritos são aplicados primeiramente aos meninos e, em seguida, às meninas. Após esses momentos, os catecúmenos são retirados da assembleia antes da comunhão dos fiéis, seguindo a prática tradicional de separação litúrgica dos que ainda não são dignos de participar da Liturgia Eucarística.

O terceiro escrutínio é particularmente rico em simbolismo e conteúdo. Após a recepção dos eleitos, são proclamadas as leituras de Isaías (Is 55,2-7), Colossenses (Cl 3,9) e Romanos (Rm 10,18), com a intenção de “abrir os ouvidos”³²³ dos catecúmenos à Palavra. Em seguida, o diácono apresenta os quatro Evangelhos, que ele próprio proclama e que são comentados pelo sacerdote. As leituras seguem uma ordem específica: Mateus (Mt 1,1-21), Marcos (Mc 1,1-8), Lucas (Lc 1,1-17) e João (Jo 1,1-14). Após essa apresentação, realiza-se a entrega do Símbolo (Credo). Neste momento, a criança é sustentada por um acólito no braço esquerdo; então, o

³¹⁹ Cf. AUGÉ, Matias. (2013). *Op. cit.* p. 131.

³²⁰ ORDO ROMUNUS XI. El bautismo de la Roma medieval. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/302929349/Ordo-Romanus-XI>. Acesso em: 31 jul. 2025.

³²¹ Cf. AUGÉ, Matias. (2013). *Op. cit.* p. 131.

³²² Cf. ORDO ROMUNUS XI. *Op. cit.* p. 3.

³²³ *Ibid.* p. 21.

Símbolo é recitado em grego e latim, primeiro para os meninos e depois para as meninas. O sacerdote, então, entrega a Oração do Senhor (Pai-Nosso) e faz uma breve catequese sobre seu significado. Concluídos esses ritos, os pais saem com os filhos e os deixam sob custódia do lado de fora da assembleia.

Os escrutínios quarto, quinto e sexto seguem o mesmo modelo dos dois primeiros. Na manhã do Sábado Santo, meninos e meninas são organizados conforme a ordem de inscrição, sendo colocados, respectivamente, à direita e à esquerda. Realizam-se então os ritos do exorcismo e do Éfeta, e o sacerdote, caminhando ao redor das crianças, impõe-lhes as mãos sobre a cabeça enquanto recita em voz alta o Símbolo.

Completados os sete escrutínios, chega-se ao ápice do processo: a celebração dos sacramentos da iniciação cristã, realizada na noite pascal. A Vigília é marcada por gestos rituais significativos, como as leituras, a bênção da água e a aspersão com água misturada ao crisma. Em seguida, na presença do bispo, realiza-se o Batismo: o bispo batiza uma, duas ou quantas crianças desejar; as demais são batizadas por um diácono por ele designado.

Após o batismo, as crianças são conduzidas até o bispo, que as aguarda em sua sede. Neste momento, elas recebem a túnica branca, símbolo da nova vida em Cristo. Uma vez revestidas, são organizadas conforme a ordem de registro, posicionando-se ao redor do bispo, que, então, pronuncia sobre elas a oração de confirmação, invocando os sete dons do Espírito Santo. Em seguida, com o polegar mergulhado no óleo do crisma, traça o sinal da cruz na fronte de cada uma, dizendo: Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. A paz esteja convosco. Todos respondem: Amém. Após esse rito, as crianças participam da missa e recebem a Sagrada Comunhão.

Apresentar, ainda que brevemente, o ritual dos sacramentos da iniciação cristã descrito no *Ordo romanus XI* é um exercício revelador: evidencia-se que, após os séculos áureos da catequese patrística, a Igreja foi progressivamente perdendo o vigor evangelizador que marcava a ação catequética dos Padres do século IV. Com isso, desarticulou-se toda a dinâmica de preparação que acompanhava aqueles que desejavam tornar-se cristãos, substituindo-a por uma prática sacramental centrada em ritos, muitas vezes aplicados à infância sem um processo de adesão consciente à fé.

Nesse contexto, tornar-se cristão já não passava por uma experiência gradual de descoberta e vivência do seguimento de Cristo, como outrora ocorria no catecumenato. Ser cristão tornou-se, cada vez mais, uma condição herdada, determinada por vínculos familiares e sociais, e não mais fruto de uma escolha pessoal amadurecida na fé. “A criança batizada vivia em total simbiose com a sociedade, por natureza cristã, desde o colo da mãe, crescendo num

contexto social plenamente cristão”³²⁴. A iniciação cristã, assim, perdeu sua dimensão formativa integral, dando lugar a uma prática sacramental que, embora válida, já não expressava a profundidade do processo iniciático vivido nos séculos anteriores.

1.1.1 A cristandade: a sociedade oficialmente se torna cristã

A partir do século IX, surgem os primeiros catecismos estruturados em forma de perguntas e respostas, entre os quais se destaca o de Alcuíno de York (735–804) – monge beneditino, expoente da corte de Carlos Magno e seu orientador – intitulado *Disputatio puerorum per interrogationes et responsiones*. Essa obra é considerada a primeira, ainda que elementar, dedicada à formação teológica sistematizada e organizada para o ensino religioso. Segundo Alves de Lima, esse material catequético não se destinava à evangelização do povo em geral, mas sobretudo à formação de jovens candidatos ao clero³²⁵. Ainda assim, exerceu significativa influência nos séculos posteriores, especialmente no que diz respeito ao método pedagógico proposto por Alcuíno. Quanto ao conteúdo,

Nos primeiros dez capítulos vai tratar da Criação, de Deus, dos anjos, do homem, do antigo e do Novo Testamento, da Igreja e dos sacramentos. Nos últimos dois capítulos contém uma de forma dialogada, onde o mestre responde às perguntas do aluno³²⁶.

Nesse contexto histórico, a catequese empobreceu tanto em conteúdo quanto em estrutura, reflexo da fragilidade intelectual e teológica da época. As instituições voltadas à instrução religiosa de crianças e adultos praticamente desapareceram³²⁷. Não havia mais a necessidade de *querigma* ou catequese, pois a população já nascia numa sociedade cristã. Paralelamente, a Igreja passou a exercer uma influência cada vez mais profunda na vida social³²⁸. O tempo era vivido de forma litúrgica: todos os momentos da vida em sociedade eram celebrados sob um ritmo que mesclava o religioso e o profano³²⁹.

Apesar disso, ao longo da Idade Média³³⁰, manteve-se uma característica fundamental: a vivência da fé acontecia principalmente por meio da experiência litúrgica dos ritos e celebrações, num ritmo temporal marcado pelo domingo e pelas festas cristãs³³¹. Não havia oposição entre o social e o religioso; a vida cotidiana era profundamente permeada pela

³²⁴ NERY, Irmão, FSC. O novo catecismo e a história dos catecismos. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 16.

³²⁵ Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 34-35.

³²⁶ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 70-71.

³²⁷ Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 33.

³²⁸ Cf. *Ibid.* p. 33.

³²⁹ Cf. *Ibid.* p. 33.

³³⁰ A Idade Média compreende o período entre os anos 476 e 1453, marcado historicamente pela queda do Império Romano do Ocidente e, posteriormente, pela tomada de Constantinopla pelos Otomanos. Nesse intervalo, destacaram-se profundas transformações políticas e sociais, estruturadas pelo sistema feudal e pela influência predominante da Igreja Católica.

³³¹ Cf. *Ibid.* p. 33.

religiosidade, pois, nesse contexto, “cidade e paróquia se confundem”³³². A paróquia era percebida pelo povo como uma verdadeira família, frequentada com assiduidade e devoção.

No batismo das crianças, pais e padrinhos assumiam a responsabilidade pela formação religiosa, entendida como um processo contínuo ao longo da vida. As crianças aprendiam a fé sobretudo pelo exemplo, pelo testemunho e pela imitação das práticas cristãs. Familiarizavam-se com o cotidiano religioso, pois “a educação da fé era feita pelos gestos, pela liturgia, pela devoção e pela arte, e não através de atividades pedagógicas próprias”³³³. Nesse mesmo contexto, aquelas “poucas pessoas que tinham acesso à nascentes escolas, junto aos mosteiros e paróquias, iam para aprender a ler a cartilha dos salmos e ajudar a missa”³³⁴.

1.1.2 A arte e a liturgia como expressões catequéticas da Idade Média

Durante o período da cristandade, o ambiente no qual os cristãos estavam inseridos era fortemente configurado pela liturgia e pela arte, que constituíam elementos centrais da experiência religiosa. Entretanto, a exigência de uma assimilação intelectual mais aprofundada dos conteúdos da fé permanecia reduzida. A progressiva perda do domínio do latim por parte da população contribuiu para um distanciamento crescente da Sagrada Escritura, restringindo o acesso direto às fontes bíblicas. A prevalência do latim como língua predominante da liturgia evidencia, desse modo, um distanciamento cultural entre a prática celebrativa e as línguas vernáculas. Nesse contexto, a vivência do cristianismo expressava-se principalmente por meio de práticas devocionais, frequentemente marcadas por “manifestações mágicas e por costumes de origens obscuras”³³⁵.

Nesse contexto, floresce a arte sacra, expressão de “catequeses paralitúrgicas de tipo popular”³³⁶, nas quais se misturavam elementos históricos e bíblicos. Surge a arte gótica, marcada por um forte teor catequético, que

desenvolve os vitrais, as esculturas, os afrescos numa harmonia de proporções. Os vitrais tornam-se, como os afrescos, uma Bíblia de imagens de cores misteriosamente iluminadas que correspondem perfeitamente ao sentido medieval da oração, como mergulho em Deus³³⁷.

A Igreja reconheceu na arte um meio privilegiado para a expressão da transcendência da fé e do mistério do sagrado. A arte religiosa – compreendendo imagens devocionais, esculturas, vitrais, pinturas, entre outras manifestações – foi amplamente incentivada e patrocinada por papas, bispos e ordens monásticas, que promoveram o trabalho de numerosos

³³² *Ibid.* p. 33.

³³³ *Ibid.* p. 33.

³³⁴ *Ibid.* p. 33-34.

³³⁵ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 85.

³³⁶ *Ibid.* p. 85.

³³⁷ *Ibid.* p. 86.

artistas com o objetivo de adornar basílicas e igrejas. Tais produções não se configuravam como meros elementos ornamentais, mas constituíam uma autêntica linguagem cultural e evangelizadora. Nesse sentido, “a arte visual tornou-se uma ferramenta poderosa para transmitir narrativas sagradas e ensinamentos religiosos de maneira acessível e memorável”³³⁸.

A busca por representar o divino e por traduzir conceitos teológicos abstratos em formas visuais tangíveis fez da arte uma aliada fundamental na difusão da fé cristã e na construção de uma nova identidade cultural e espiritual em um período marcado por profundas transformações e desafios³³⁹. A expressão da sacralidade por meio de símbolos e imagens possibilitou que a arte desse contexto histórico transcendesse barreiras linguísticas e educacionais, alcançando amplos segmentos da população. A arte sacra, assim, contribuía para a criação de um ambiente espiritual, configurando uma espécie de liturgia tácita, manifestada pela beleza das pinturas, da música, da arquitetura, das imagens, dos ícones e dos retábulos, proporcionando ao fiel uma experiência sensível e uma narrativa acessível dos conteúdos da fé. Desse modo, assim como no Oriente os ícones constituem uma forma de teologia visual, no Ocidente a arte gótica desempenhava a função de conduzir o fiel ao mistério e à oração.

A educação da fé nesse período atribuía às artes um papel particularmente relevante. Para além das celebrações, as expressões artísticas dos vitrais “eram impressões sensoriais que facilitavam o sentido do sagrado e ao mesmo tempo davam certa forma de educação moral”³⁴⁰. As cenas do cotidiano encontravam-se profundamente integradas às manifestações artísticas, contribuindo para um processo formativo acessível ao povo. Um exemplo emblemático é a cena bíblica do presépio de tradição franciscana, que ilustrava de modo eloquente essa simbiose entre o cotidiano e a arte a serviço da evangelização popular.

A França destacou-se como centro dessa expressão artística, especialmente com a arquitetura e a escultura gótica, que se espalharam por toda a Europa e Oriente³⁴¹. Era uma arte profundamente religiosa: “a paz das catedrais reflete a paz de Deus; tudo testemunha a grande ideia do século XIII, da hierarquia das criaturas, da inscrição dos homens na história de Cristo”³⁴². Os portais das catedrais, ricamente ornados com iconografias em pedra, eram verdadeiras lições de catequese visual. Representavam santos e profetas, anjos, episódios

³³⁸SILVEIRA, Leonardo dos Santos; MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de; SOARES, Thaís Alves. Espiritualidade na arte e na alta Idade Média. *Teológica/Revista Brasileira de Teologia*, Rio de Janeiro, nº 11, p. 65-86. jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.seminariosul.com.br/index.php/teologica/article/view/206/224>. Acesso em: 16 dez. 2025.

³³⁹ Cf. *Ibid.*

³⁴⁰ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. Cit.* p. 34.

³⁴¹ A arte gótica deve muito à Luiz IX. Luiz foi canonizado pelo Papa Bonifácio VIII em 1297. São Luiz foi considerado, segundo o Papa Inocêncio III (1198-1216), um homem puro de coração e de corpo. Seu reinado de quarenta anos foi considerado profícuo que se desenvolveu num clima de paz e de fé, semeando catedrais e igrejas pela França. Cf. PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982. p. 122-123.

³⁴² *Ibid.* p. 123

bíblicos ligados à Virgem Maria, cenas do juízo final e imagens pascais de Cristo. A arte gótica, portanto, tinha dupla função: decorativa e catequética. Em uma sociedade amplamente analfabeta, essas imagens transmitiam histórias bíblicas, ensinamentos morais e mensagens de esperança e salvação.

As celebrações litúrgicas constituíam, por excelência, o espaço de maior influência para a evangelização, pois nelas eram transmitidos os conteúdos essenciais da fé.

Os ritos litúrgicos, as grandes catedrais com seus preciosos e artísticos vitrais eram impressões sensoriais que facilitavam o sentido do sagrado e ao mesmo tempo davam certa forma de educação moral. A devoção desempenhava um papel importante no processo catequético de educação da fé: oração, ascese, contemplação introduziam a experiência pessoal na vida religiosa³⁴³.

Assim, em uma sociedade impregnada pela cultura cristã – caracterizada por historiadores como catecumenato social³⁴⁴ –, a pessoa naturalmente ingressava em um processo formativo de educação na fé. Essa transmissão ocorria por meio de elementos sensíveis vivenciados na liturgia, na arte e na piedade popular, criando uma aproximação quase inevitável com o sagrado.

Embora o nosso objetivo não seja tratar especificamente da arte religiosa – em especial a produzida nos períodos medieval e moderno –, é inegável que tais manifestações constituíram expressões valiosas da religiosidade e instrumentos eficazes de evangelização. É necessário, contudo, ressaltar também o seu valor catequético. Se, naquelas épocas, a catequese não dispunha de uma estrutura sistematizada nem de uma metodologia definida para a preparação à vida cristã – em parte porque não se percebia como essencial uma formação aprofundada para o cristianismo –, as impressões sensíveis proporcionadas pela arte presente em catedrais e igrejas, seja nos vitrais, fachadas ou retábulos, cumpriam um papel relevante, favorecendo uma experiência catequética e de aproximação ao sagrado.

2 A ÉPOCA DOS CATECISMOS

Durante a Idade Média, em diversos contextos históricos e eclesiais, desenvolveram-se iniciativas voltadas à oferta de um nível mínimo de formação religiosa ao povo cristão. Tais iniciativas, de modo recorrente, assumiram a forma de catequeses estruturadas segundo o método de perguntas e respostas, dirigidas sobretudo às crianças e às camadas populares, com o objetivo de transmitir os elementos fundamentais da fé, como a história sagrada, os sacramentos, o Credo e a oração do Pai-Nosso³⁴⁵.

³⁴³ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 34.

³⁴⁴ Cf. *Ibid.* p. 35.

³⁴⁵ Cf. STENICO, Tommaso. *Os catecismos na caminhada da Igreja. In: CATÃO, Francisco (org.). Catecismo e catequese uma nova proposta: O catecismo da Igreja Católica.* São Paulo: Paulinas, 1993. p. 31.

Entre os séculos X e XII, surgiram as primeiras obras de caráter catequético-doutrinal, cuja preocupação central consistia na organização sistemática dos conteúdos, em consonância com o processo de consolidação da teologia que se estabelecia à época. Nesse contexto, destacam-se autores como o monge beneditino Alcuíno de York, com a obra *Disputatio Puerorum per interrogationes et responsiones*, considerada um subsídio dialógico importante com jovens para fins catequéticos e aos seminaristas. Do mesmo modo, sobressai a contribuição de Hugo de São Victor, especialmente por meio do *Septenarium*, obra que buscava facilitar o aprendizado a partir da correlação – ou contradição – entre o número sete e as diversas dimensões da fé cristã. Segundo Nery, essa articulação manifestava-se na transmissão da fé por meio de esquemas como “os sete pecados capitais em oposição às sete virtudes ou obras de misericórdia; os sete pedidos do Pai-Nosso em correlação com as sete bem-aventuranças e os sete dons do Espírito Santo etc”³⁴⁶. Nesse mesmo horizonte intelectual insere-se o teólogo francês Jean Gerson, cuja produção inclui diversos tratados e catecismos³⁴⁷, destinados aos jovens e ao uso dos pastores.

Cabe observar que os teólogos e estudiosos responsáveis pelos primeiros esforços de sistematização catequética incorporaram, em suas obras, os métodos escolares próprios do ambiente acadêmico medieval, aplicando-os à educação da fé do povo. Essa metodologia foi gradualmente assimilada pelos esquemas e práticas catequéticas. Assim, durante o reinado de Carlos Magno, que determinou a obrigatoriedade da existência de escolas em paróquias e mosteiros para o ensino da doutrina cristã, os clérigos passaram a estudar os manuais teológicos estruturados em perguntas e respostas, bem como a transmitir sínteses doutrinárias. Tal prática constituiu-se em um “procedimento que passou a ser erroneamente considerado método catequético, esquecendo-se a tradicional aceitação vivencial de Jesus Cristo com seu Evangelho”³⁴⁸.

A partir do século XII, intensificou-se também a produção de materiais destinados aos párocos, com o objetivo de oferecer subsídios para a instrução dos fiéis nos denominados “pontos cardeais da doutrina cristã”³⁴⁹. Esses esquemas catequéticos contemplavam, de modo sistemático, a exposição do Credo, dos Mandamentos, dos Sacramentos, do Pai-Nosso, bem como das obras de misericórdia corporais e espirituais. Em continuidade a esse horizonte, o século XIII foi marcado por uma contribuição decisiva de São Tomás de Aquino que, por volta de 1273, proferiu em Nápoles alguns sermões catequéticos. Esses opúsculos distinguem-se pela clareza conceitual e pela simplicidade expositiva, tornando-se referência fundamental e

³⁴⁶ NERY, Irmão, FSC. *Op. cit.* p. 17.

³⁴⁷ Cf. NERY, Irmão, FSC. *Op. cit.* p. 17.

³⁴⁸ Cf. CONSELHO EIPSCOPAL LATINO-AMERICANO (CELAM). *Manual de catequética*. São Paulo: Paulus, 2007. p. 62.

³⁴⁹ STENICO. Tommaso. *Op. cit.* p. 32.

exercendo influência duradoura sobre a produção catequética posterior³⁵⁰. Esses pequenos textos abordam temas fundamentais sobre “os dez mandamentos e o principal mandamento do amor; sobre a confissão de fé e os sacramentos da Igreja; explicação da Oração do Senhor; explicação da saudação do anjo; explicação do símbolo dos apóstolos”³⁵¹.

Contudo, embora Tomaz de Aquino fosse um teólogo escolástico e acadêmico, tais escritos catequéticos foram organizados

não a partir de um fundamento sistemático, reflexivo, orientada para o público ou problemática (como acontece em livros sobre fé e religião do presente). Sua preocupação é exclusivamente com a causa da fé da Igreja em toda a sua integridade³⁵².

A partir do século XIV, observaram-se tentativas mais sistemáticas de evangelização, caracterizadas pela elaboração de textos de natureza catequética mais adequada, os quais se configuraram como uma etapa relevante no desenvolvimento do catecismo. Nesse contexto, destaca-se o ano de 1429, quando, no Concílio de Tortosa³⁵³, sob a presidência do cardeal Pietro de Foix, teve início um trabalho que impulsionou significativamente a catequese e a pregação, por meio da promulgação da sexta constituição, intitulada *De modo instruendi populum circa fidem necessaria*.

Nela se ordena a todos os diocesanos e demais prelados eclesiásticos que encarreguem alguns homens de letras e de probidade de ditar e escrever um breve compêndio, no qual se compreenda com clareza tudo o que os povos devem saber, e que este compêndio seja dividido de modo que possa ser explicado em seis ou sete lições e assim durante todos os domingos do ano, para que possa ser explicado ao povo³⁵⁴.

Com o mesmo propósito pedagógico, o século XVI caracterizou-se como um período de intensa produção catequética, especialmente em meio às controvérsias internas da Igreja desencadeadas pela Reforma Protestante. Nesse contexto de tensões doutrinárias e pastorais, delineararam-se novos caminhos de ação e reflexão teológica, na tentativa de responder às propostas reformistas de Martinho Lutero³⁵⁵. É nesse cenário de perspectivas em confronto que

³⁵⁰ Cf. *Ibid.* p. 32.

³⁵¹ LÄPPLE, Alfred. Breve storia della catechesi. Brescia: Queriniana, 1985. p. 95, tradução nossa.

³⁵² *Ibid.* p. 95, tradução nossa.

³⁵³ O Concílio de Tortosa não teve o caráter de concílio, mas sim de sínodo regional, realizado na Catalúnia, Espanha.

³⁵⁴ A. ACERBI. Chiesa e democrazia: Da Leone XIII al Vaticano II. Milão: Vita e pensiero, 1991. Resenha de: J. L. ILLANES, *Scripta Theologica*, v. 25, n. 1, 319-322, abr. 1993. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/scripta-theologica/issue/view/599>. Acesso em 10 set. 2025. (Tradução nossa)

³⁵⁵ Martinho Lutero exerceu papel decisivo no processo que levou a Igreja, no contexto da Reforma e da Contrarreforma, a formular um tratado doutrinário que inaugurou a chamada “era dos catecismos”. Em 1529, Lutero publicou o *Catecismo Maior*, redigido em latim e destinado principalmente aos pastores. Na sequência, publicou o *Catecismo Menor*, voltado à instrução religiosa do povo simples. Com a difusão da imprensa, surgida em 1455, o catecismo luterano alcançou ampla circulação, atingindo, por volta de 1560, a expressiva marca de cem mil exemplares. Tal difusão evidenciou as fragilidades da ação catequética e evangelizadora da Igreja Católica, que passou a reconhecer a necessidade de sistematizar sua doutrina por meio da elaboração e publicação de um catecismo capaz de alcançar toda a Cristandade e de promover uma catequese mais regular, contínua e uniforme.

se destaca a atuação de Pedro Canísio, jesuíta holandês, profundamente engajado na contenção da expansão protestante. Autor de grande relevância à época, Canísio publicou três catecismos entre os anos de 1555 e 1558. Contudo, sua produção catequética não tinha como finalidade o confronto direto ou a polêmica com Lutero, mas antes a oferta de uma formação sólida e consistente da fé cristã.

Os catecismos de Pedro Canísio foram redigidos em latim e organizados em três versões: o catecismo maior, o médio e o pequeno. O primeiro, intitulado *Summa doctrinae christiana*, destinava-se aos estudantes universitários e apresentava uma exposição sistemática da doutrina cristã. As duas versões subsequentes possuíam caráter mais popular e pedagógico, voltadas à instrução do povo cristão. O *Catechismus minimus*, ou pequeno catecismo, era direcionado às crianças, contendo 59 proposições estruturadas em perguntas e respostas breves, concebidas para facilitar a memorização. O *Parvus catechismus catholicorum*, ou catecismo médio, distinguia-se por ter como público-alvo os alunos do ensino fundamental. Sua estrutura incluía 124 perguntas e respostas, precedidas por um calendário litúrgico e enriquecidas por ilustrações em forma de gravuras³⁵⁶.

Os três catecismos de Pedro Canísio caracterizam-se pela concisão e clareza expositiva, além de uma forte influência da patrística e das Sagradas Escrituras. Em virtude dessas qualidades, constituíram-se nos catecismos mais importantes e amplamente utilizados de sua época, alcançando, ainda durante a vida do autor, mais de duzentas edições.

2.1 A influência luterana e a redação do Catecismo Romano

A influência da Reforma luterana foi determinante para que a Igreja Católica intensificasse seus esforços no sentido de estabelecer, de modo normativo, a obrigação aos párocos e mestres católicos de ensinar um catecismo oficialmente organizado para toda a Cristandade. Esse instrumento doutrinal, inicialmente conhecido como catecismo dos párocos – posteriormente denominado Catecismo de Pio V – destacou-se por apresentar fórmulas sintéticas e objetivas, destinadas a orientar a instrução religiosa dos adultos por meio da pregação paroquial. O objetivo principal dessa iniciativa consistia em combater a ignorância religiosa amplamente difundida entre os fiéis, mais do que promover uma formação espiritual aprofundada das consciências³⁵⁷.

A perspectiva de Trento baseava-se no confronto aos reformadores. Por isso, naturalmente o Catecismo Romano “alcança importante status na história do Cristianismo”³⁵⁸,

Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 38.

³⁵⁶ Cf. LÄPPLE, Alfred. *Op. cit.* p. 119-120.

³⁵⁷ Cf. VERNHETE, Paul. *Novas dimensões do catecismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1967. p. 29-30.

³⁵⁸ NERY, Irmão, FSC. *Op. cit.* p. 18.

pois, em pouco tempo concretiza-se com o propósito de defender a ortodoxia, “colocando a primazia mais no ‘livro das sínteses das verdades cristãs’ do que na tradição viva da fé na comunidade e na assimilação da vivência da Palavra de Deus”³⁵⁹. Por isso, a necessidade que se impôs à Igreja de instruir nas questões da doutrina, produzindo no contexto provocador da reforma, o Catecismo de Trento ou Romano³⁶⁰. Papa Bento XIV, em 1742, se expressou da seguinte forma sobre o ensino do Concílio de Trento:

Em primeiro lugar, há duas obrigações impostas pelo Concílio de Trento àqueles que cuidam das almas. A primeira exige que, nos dias festivos, preguem sermões sobre assuntos divinos; a segunda, que ensinem os fundamentos da fé às crianças e a todos aqueles que desconhecem a Lei Divina³⁶¹.

O catecismo fora publicado com a intenção de divulgar e expor os principais artigos da doutrina cristã, por isso a proposta era de “servir de introdução aos estudos bíblicos, para os estudantes de todos os países. Ao mesmo tempo, devia escrever-se em latim e em vulgar, um catecismo propriamente dito que se destinasse às crianças e pessoas ignorantes”³⁶².

O Catecismo Romano, vem de encontro com as questões essenciais da fé católica. Ocupou um papel relevante na história da catequese “pelo conteúdo, pela estrutura e as orientações metodológicas”³⁶³. Seu destinatário primário são os párocos. E tem a função de auxiliá-los na pregação e na catequese ao povo, que era considerado demais ignorante na fé.

A tônica ideológica do Magistério Romano orientava-se por conduzir os fiéis ao “conhecimento” das verdades da fé. Nesse horizonte, o Concílio explicita com clareza a responsabilidade e o mandato eclesial de instruir todo o povo, sobretudo porque estes, por si mesmos, não conseguem atingir, ainda que com esforço, “certas verdades relativas a Deus” e à salvação. Para que não fossem conduzidos, “como criança, à mercê de qualquer sopro de doutrina”, Cristo conferiu “autoridade ao magistério e aos seus ministros”, incumbindo-os de salvaguardar a autenticidade do anúncio. Assim, as diretrizes tridentinas acabaram por circunscrever em um campo mais restrito o múnus de educar na fé, pois, diante da proliferação de “falsos profetas”, “armados de todas as astúcias diabólicas”, e considerando o grave risco

³⁵⁹ *Ibid.* p. 18.

³⁶⁰ O Papa Pio IV confiou a Carlos Borromeu, então arcebispo de Milão, a tarefa de elaborar o Catecismo do Concílio de Trento. Na redação do texto colaboraram quatro renomados teólogos: Leonardo Marini, Arcebispo de Lanciano; Múzio Calini, Arcebispo de Zara; Egidio Oscarini, Bispo de Módena e o Padre dominicano Francisco Foreiro. O resultado foi uma obra de caráter teológico sistemático, concebida como verdadeiro compêndio de teologia. Seu objetivo principal era oferecer uma instrução sólida aos adultos, especialmente em resposta às controvérsias surgidas no contexto da Reforma protestante. O Catecismo foi oficialmente promulgado pelo Papa Pio V em 1566. Cf. *Ibid.* p. 18 e MARTINS TERRA, J. E. *Op. cit.* p. 27.

³⁶¹ BENTO XIV. Encíclica *Etsi minime*. 5. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedictus-xiv/pt/documents/enciclica--i-etsi-minime--i---7-febbraio-1742--affermata-la-prim.html>. Acesso em 8 set. 2025.

³⁶² PIO V. *Catecismo Romano*. Trad. Frei Leopoldo Pires Martins, O. F. M. Petrópolis-RJ: Vozes, 1951. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179071419/Catecismo-Romano>. Acesso em: 8 set. 2025.

³⁶³ CATÃO, Francisco (org.). *Op. cit.* p. 33.

que representavam para a integridade da fé, o Concílio de Trento julgou insuficiente apenas definir os pontos doutrinários fundamentais e decidiu “opor salutar remédio” ao estabelecer um “programa fixo para a instrução religiosa do povo”³⁶⁴.

2. 2 O formalismo doutrinal: “útil para a salvação”

O Catecismo Tridentino constituiu-se como um instrumento fundamental de educação na fé, ao recordar a profissão batismal e ao propor-se a preparar os fiéis para o estudo das Escrituras. Contudo, segundo observa Alves de Lima, tornava-se evidente “a mentalidade da época, a precedência do catecismo sobre a Bíblia!”³⁶⁵. Ademais, no contexto moldado pela Reforma e Contrarreforma, a manutenção do latim como língua litúrgica “insuperável” contribuiu para que o processo catequético permanecesse circunscrito a um regime eminentemente doutrinário, dificultando a necessária integração entre catequese e liturgia³⁶⁶. Como consequência, a liturgia perdeu progressivamente seu protagonismo, reduzindo-se, em grande parte, ao rubricismo, enquanto o ano litúrgico foi relegado ao esquecimento, perpetuando “as orientações subjetivas da liturgia medieval, devocional e santeira”³⁶⁷.

O conteúdo do Catecismo está organizado em quatro partes: a fé e o Símbolo da fé, com 166 proposições; os sacramentos, com 523 proposições; o Decálogo, com 237 proposições; e a oração, particularmente o Pai-Nosso, com 308 proposições. Na análise do CELAM, o Catecismo apresenta uma “eclesiologia jurídica e institucional”; reduz a “doutrina eucarística quase à afirmação da consagração e da presença real”; possui uma “mariologia pobre”; e “conduz mais à contemplação pessoal do que à liturgia comunitária, festiva e missionária”³⁶⁸. Nota-se, ainda, a presença de diversas citações bíblicas e patrísticas, utilizadas “como um repertório de autoridade para a confirmação de doutrinas”³⁶⁹.

A necessidade de conhecer e praticar as verdades da fé para alcançar a salvação constituía a tônica predominante do itinerário catequético. Tal exigência eclesial fazia o povo sentir-se “acuado”, pois as verdades eram apresentadas como imperativos, sem a devida explicitação ou vivência comunitária. As diretrizes do Catecismo orientavam os responsáveis quanto à sua finalidade, isto é, conduzir o processo catequético exclusivamente segundo aquilo

³⁶⁴ Cf. PIO V (proêmio). p. 79-86.

³⁶⁵ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 38-39.

³⁶⁶ Cf. *Ibid.* p. 39.

³⁶⁷ Cf. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Manual de catequética*. Brasília: Ed. CNBB, 2025. p. 169.

³⁶⁸ Cf. CELAM, *Op. cit.* p. 69-70.

³⁶⁹ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Op. cit.* p. 170.

que “tenha o sinal inequívoco, e certo de verdadeira doutrina católica, a saber: universalidade, antiguidade, consenso doutrinário”³⁷⁰.

Nesse sentido, no horizonte tridentino e em conformidade com o contexto sociocultural da época, a catequese passou a assumir um alcance restrito para o povo no que se refere ao conteúdo – transmissão do essencial –, além de apresentar um caráter rigidamente normativo. Assim, o Papa Clemente XIII, em 14 de junho de 1761, recomendou a ampla difusão do Catecismo Romano e ressaltou a importância do Concílio de Trento para a preservação da ortodoxia doutrinária. Em suas palavras:

como não pode o vulgo subir ao monte, do qual desce a glória do Senhor, como vem a perecer, se para a ver ultrapassa certos limites – devem os guias e mestres marcar ao povo balizas para todos os lados, de sorte que a exposição da doutrina não vá além do que é necessário, ou sumamente útil para a salvação. Assim, os fiéis também obedecerão ao preceito do Apóstolo: “Não saibam mais do que convém saber, e sabê-lo com moderação”³⁷¹.

Nesse período, observa-se o grande interesse das congregações religiosas emergentes – Jesuítas, Barnabitas, Somascos, Oratorianos, Teatinos, Ursulinas, Doutrinários, entre outras – pelo serviço à catequese, que se torna “o principal objetivo do seu serviço eclesial, mediante uma ação educativa nos seus colégios e escolas ou oferecendo o seu contributo à catequese dominical nas paróquias”³⁷².

Inseridas nesse dinamismo, e marcadas por um intenso “movimento eclesial de base para a catequese”³⁷³, surgem as chamadas “escolas da doutrina cristã”, orientadas pela perspectiva do Catecismo de Trento. Essas escolas adotavam um modelo catequético de caráter escolar, com debates, competições³⁷⁴ e uma metodologia explicativo-dedutiva, voltada à formação moral e cívica do cristão. Dessa forma, a catequese passa a ser compreendida como “ensino da doutrina cristã, que privilegia a dimensão verdade-conhecimento e é inculcada como dever necessário para se salvar”³⁷⁵.

Esse contexto corresponde ao fenômeno conhecido como “catequese escolar ou escolarização da catequese”³⁷⁶. Proliferaram as escolas populares, cujo modelo pedagógico se estende às paróquias, fazendo com que ambas as instituições coexistissem de maneira complementar. Muitas dessas escolas, em sua maioria fundadas ou administradas pela Igreja,

³⁷⁰ PAPA CLEMENTE XIII. Encíclica *In dominico agro*. In: PIO V. *Catecismo Romano*. Trad. Frei Leopoldo Pires Martins, O. F. M. Petrópolis-RJ: Vozes, 1951. p. 74. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179071419/Catecismo-Romano>. Acesso em: 8 set. 2025.

³⁷¹ *Ibid.* p. 74.

³⁷² BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 122.

³⁷³ *Ibid.* p. 123.

³⁷⁴ Cf. *Ibid.* p. 123-126.

³⁷⁵ *Ibid.* p. 127.

³⁷⁶ *Ibid.* p. 155.

incluíam o ensino religioso como disciplina curricular, organizado por faixas etárias e conteúdos específicos.

A reforma tridentina, nesse sentido, alcançou os efeitos pretendidos: promoveu uma ampla evangelização, ou, como ressalta Bollin, “a cristianização das populações europeias do século XVII”³⁷⁷, abrangendo tanto centros urbanos quanto áreas rurais, e envolvendo crianças e adultos. Conforme o mesmo autor, esse período testemunhou uma grande variedade de catecismos e iniciativas diocesanas³⁷⁸, orientadas para consolidar a doutrina, fortalecer o espírito tridentino e enraizar a identidade cristã. Entretanto, Bollin observa que,

meados do século XVIII esse processo para e assiste-se ao início da descristianização. Surgem, então, novas tentativas para fazer catequese e responder aos problemas e às perspectivas, ainda a emergir, que levam à redescoberta de outras dimensões da catequese, retomadas e desenvolvidas nos séculos seguintes: a dimensão bíblica, a antropológica e a atenção ao mundo da escola³⁷⁹.

2. 3 Transformações sociais e descristianização: acenos à mudança de paradigma

Após um percurso programático doutrinal com relação à evangelização tridentina, os períodos subsequentes ao século XVIII foram caracterizados por transformações significativas na sociedade e, conseqüentemente, no modo de compreender tanto o cristianismo quanto a educação da fé. O protestantismo já não constituía uma preocupação imediata, enquanto o absolutismo dos soberanos se consolidava como regime predominante na Europa, exercendo forte intromissão na vida da Igreja e assumindo feições diversas conforme o contexto de cada país³⁸⁰. A catequese permanecia sob a influência marcante do Concílio de Trento; contudo, intensificava-se progressivamente nas dioceses e paróquias, por meio das pregações, das escolas e da proliferação de manuais catequéticos³⁸¹. Além disso, buscavam-se “‘caminhos novos’ para catequizar, que deem melhor resposta às novas exigências do tempo, caracterizado pelo conformismo religioso, pelo iluminismo, pelo advento da instrução obrigatória”³⁸².

A partir da metade do século XVIII, configura-se um processo de descristianização, acompanhado por uma mentalidade de rejeição às questões religiosas, das formulações dogmáticas e das expressões da piedade popular, sob o influxo do Iluminismo e da crescente secularização. Nesse contexto, “à catequese e à pregação impõem-se então novos objetivos: já

³⁷⁷ *Ibid.* p. 158.

³⁷⁸ Cf. *Ibid.* p. 158.

³⁷⁹ *Ibid.* p. 158.

³⁸⁰ Cf. *Ibid.* p. 137-138.

³⁸¹ Cf. *Ibid.* p. 142.

³⁸² *Ibid.* p. 141.

não de combater os protestantes, mas antes de lançar uma ponte entre a Igreja e o mundo, entre a razão e a revolução, entre os dogmas e o progresso”³⁸³.

Apesar da resistência à Igreja, observa-se uma reação no âmbito diocesano e paroquial favorável à catequese. Nas dioceses, multiplicam-se textos catequéticos elaborados sob orientação episcopal, com forte incidência de produções francesas, alemãs e italianas. Em geral, muitos desses catecismos se inspiravam na estrutura clássica do *Parvus Catechismus* de Pedro Canísio, embora outros subsídios fossem igualmente desenvolvidos conforme as necessidades locais.

As paróquias, por sua vez, constituíam polos decisivos de difusão das atividades catequéticas. Contudo, “o compromisso primário é a doutrina cristã ensinada todos os domingos na Igreja às crianças”³⁸⁴, mediante a exigência de memorização dos conteúdos fundamentais. A catequese destinava-se também aos adultos, com transmissão sistemática da doutrina cristã, além de abarcar os jovens. Nesse ambiente paroquial, inicia-se uma diferenciação das etapas catequéticas que acompanham momentos significativos da vida cristã – batismo, crisma, penitência, eucaristia e matrimônio –, porém, ainda que sem a clareza sobre os momentos etários adequados a cada sacramento.

A proliferação de catecismos conduziu à necessidade de uma “uniformidade catequética e de um catecismo universal”³⁸⁵. Tal perspectiva repercutiu significativamente no Concílio Vaticano I, convocado pelo Papa Pio IX e iniciado em 8 de dezembro de 1869. Durante o Concílio, diversas propostas foram discutidas acerca da elaboração de um formulário catequético comum para toda a Igreja. Contudo, com a suspensão do Concílio em 18 de julho de 1870, a proposta de um catecismo único permaneceu apenas no âmbito regional e nacional³⁸⁶.

A catequese nesse período revela-se como momento de transição em direção a novos paradigmas, anunciando a necessidade de mudanças não apenas na prática catequética, mas também na vida eclesial como um todo, especialmente no que diz respeito ao aprofundamento bíblico e litúrgico. A Europa vivia intensos movimentos de restauração política, religiosa e pastoral. Entretanto, em meio à essas transformações, a Igreja, por sua vez, encontrava dificuldades para interpretar as rápidas mudanças socioculturais em curso. Por isso, adotou orientações de cunho tradicional e neoescolástico, privilegiando uma perspectiva doutrinal e repetitiva, que buscava manter certa estabilidade. Esse esforço, contudo, mostrou-se

³⁸³ *Ibid.* p. 143.

³⁸⁴ *Ibid.* p. 147.

³⁸⁵ *Ibid.* p. 184.

³⁸⁶ *Cf. Ibid.* p. 184.

insuficiente diante do acelerado processo de descristianização, suscitando novas iniciativas e exigindo renovações na ação eclesial.

Nesse contexto, destacam-se duas figuras fundamentais entre os séculos XVIII e XIX, vinculadas a correntes catequéticas provenientes de diferentes escolas teológicas, especialmente, Lucerna (Mônaco) e Tubinga: Johan Michael Sailer (1751-1822), professor de Teologia Pastoral e Catequética, posteriormente nomeado bispo de Regensburg em 1829; e Johan Baptist Hirscher (1788-1855), professor de Teologia Moral e Pastoral. Ambos foram determinantes para o desenvolvimento de uma concepção catequética que, posteriormente, influenciaria decisivamente a catequese querigmática.

Sailer, considerado o pai da teologia pastoral moderna³⁸⁷, procurou demonstrar que a Sagrada Escritura constitui a verdadeira fonte da catequese. Defendia uma pastoral-catequética cristocêntrica, ancorada na mensagem cristã situada na história, transformando a catequese em uma narração experiencial da fé. Conforme Bollin, trata-se de “o regresso à Bíblia na catequese”³⁸⁸, não por razões meramente pedagógicas, mas devido à essencialidade da mensagem cristã. O autor cita ainda a afirmação de Sailer de que “devemos conhecer o dogma; mas o que devemos anunciar é o *Kerigma*”³⁸⁹. Essas intuições influenciaram decisivamente os movimentos bíblico e catequético, bem como a teologia querigmática.

Discípulo de Sailer, Hirscher compreendia o Reino de Deus como eixo estruturante de toda a catequese e como centro unificador das verdades de fé. Assim como seu mestre, reconhecia na Bíblia e na História da Salvação os elementos fundamentais da ação catequética, sempre articulados à “correspondente práxis de vida”³⁹⁰. Seus estudos – a exemplo dos de Sailer – seriam amplamente valorizados no contexto da renovação querigmática do século XX.

3 SINAIS ELOQUENTES PARA A CATEQUESE

Se o século XIX – assim como os períodos anteriores – configurou para a catequese um ambiente predominantemente doutrinal e pedagógico, fortemente marcado pelas diretrizes tridentinas, pela metodologia dedutiva e pela matriz neoescolástica, admite-se, por outro lado, que o regime escolar de ensino, com sua riqueza pedagógica e didática, contribuiu significativamente para a crescente escolarização da dinâmica catequética. Nesse contexto, o catecismo passou a assumir duas características que perdurariam por um longo período: a repetição – isto é, a reiteração de fórmulas e modelos previamente estruturados – e a manutenção contínua de métodos, conteúdos e instrumentos catequéticos já consolidados, cuja

³⁸⁷ Cf. *ibid.* p. 176.

³⁸⁸ *Ibid.* p. 177.

³⁸⁹ *Ibid.* p. 177.

³⁹⁰ *Ibid.* p. 178.

conservação se tornava imperativa. A inovação, compreendida como iniciativas de mudança e atualização, constituía-se em exceção.

Esse processo, contudo, produziu efeitos ambíguos. Conforme observa Alves de Lima, “a catequese perdeu seu húmus próprio, que é a comunidade de fé. Portanto, a paróquia, embora tenha ganhado do ponto de vista metodológico, perdeu do ponto de vista teológico, comunitário”³⁹¹.

Com o avançar da história, o pontificado de Pio X introduz uma nova sensibilidade, voltada para a popularização do ensino catequético. A Encíclica *Acerbo Nimis*³⁹², de 15 de abril de 1905, juntamente com o conhecido “Catecismo Maior de São Pio X”, publicado no mesmo ano, expressa claramente o objetivo do Papa: tornar o ensino do catecismo mais acessível em toda a Igreja e promover uma formação que conduzisse os fiéis a maior consciência da fé e da doutrina. Este catecismo, concebido também como síntese do *Catecismo Romano* do Concílio de Trento, foi primeiramente publicado em italiano e adotou o método clássico e dialogal de perguntas e respostas, visando expor de modo simples e essencial os conteúdos fundamentais da doutrina católica. Assim, proporcionava-se aos fiéis um conhecimento básico, uniforme e acessível da fé.

Em outubro de 1912, Pio X aprovou outro catecismo, mais breve e didático, composto por 433 perguntas e respostas, conhecido como “Catecismo da Doutrina Cristã”. Sua finalidade era ampliar o alcance da instrução religiosa, de modo a atingir crianças, jovens e adultos, respondendo ao que o Papa identificava como difusão da ignorância religiosa e conseqüente deterioração moral da sociedade. Na carta de aprovação, afirma: “Desde o início de nosso pontificado, demos o maior cuidado à instrução religiosa do povo cristão, e especialmente das crianças, convencidos de que grande parte dos males que afligem a Igreja vem do desconhecimento de sua doutrina e leis”³⁹³.

Os documentos lançados por Pio X – *Acerbo Nimis* e o *Catecismo da Doutrina Cristã* – encontram-se profundamente vinculados à sua leitura do contexto social. Enquanto a encíclica apresenta a fundamentação teórica e pastoral para a renovação da catequese, o catecismo torna-se sua expressão pedagógica concreta. Ambos contribuíram significativamente para o

³⁹¹ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 48.

³⁹² A Encíclica de Pio X dedica-se de modo particular ao enfrentamento da “ignorância religiosa” entre os fiéis, incentivando, por conseguinte, o fortalecimento e a expansão da catequese. No contexto brasileiro, tal orientação pontifícia favoreceu a criação de numerosas escolas e colégios católicos, o que contribuiu significativamente para a popularização da catequese, sobretudo em razão da proibição do ensino religioso nas escolas públicas. Nesses espaços educacionais, a catequese passou a desenvolver-se com maior organização e sistematização, consolidando-se como um instrumento formativo de alcance cada vez mais amplo. Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 308.

³⁹³ PIO X. *Carta de sua santidade papa Pio X ao cardeal Pietro Respighi, vigário de Roma, aprovando o catecismo da doutrina cristã*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/it/letters/documents/hf_p-x_let_19121018_catechismo.html. Acesso em 26 nov. 2025.

fortalecimento da ação catequética, especialmente pela valorização dos agentes leigos que assumiam o serviço de catequistas, recrutados entre “várias associações paroquiais, como o Apostolado da Oração, Marianos, Vicentinos, Filhas de Maria etc”³⁹⁴. Além disso, ainda que de modo sutil, a encíclica orienta para que a catequese repercuta efetivamente na vida concreta dos fiéis, conduzindo a uma “profissão verdadeira da fé no cotidiano”³⁹⁵.

3.1 Movimentos de mudanças paradigmáticas

O século XX desponta com um novo ânimo reformador no interior da Igreja. Iniciativas diversas emergem em praticamente todos os âmbitos eclesiais, incluindo, de modo particular, a catequese e a liturgia. Trata-se dos conhecidos “movimentos”, responsáveis por uma profunda renovação eclesial no campo teológico, patrístico, litúrgico e ecumênico. Paralelamente a essas iniciativas, buscava-se revitalizar a catequese a partir dos aportes desses movimentos e dos avanços das ciências psicopedagógicas.

Nesse horizonte de transformações, surgem distintas correntes no interior da Igreja. Nery elenca as principais iniciativas que influenciaram as renovações e se tornaram engrenagens fundamentais para a configuração da catequese na primeira metade do século XX. Elas constituem fruto de um fecundo florescimento de ideias e esforços que impulsionaram a renovação das teorias e práticas catequéticas. Entre essas iniciativas, destacam-se:

A renovação *bíblica* (Garrigou Lagrange, Escola Bíblica de Jerusalém e de Roma); *litúrgica* (Beda, Pius Parch, Solesmes); *teológica* (Scheeben, J. Daniélou, Henri de Lubac, Jungmann, Yves Congar, Karl Rahner); missionária, pastoral, espiritual etc. Há *correntes pedagógicas* que muito favoreceram a renovação da catequese: escola de Munique, Montessori 1870-1952), Helena Lubienka de Lenthal (1895-1972)... E as semanas internacionais de catequese: Anvers (1956), Niemega (1959), Eichstätt (1960), Manila (1967), Medellín (1968)³⁹⁶.

A renovação teológica que assumiu o impulso reformador da Igreja visava “superar a estagnação de uma teologia escolástica que perdera contato com as fontes e se fechava ao confronto com as correntes do pensamento contemporâneo”³⁹⁷. Essa teologia renovada encontrou eco nos centros acadêmicos europeus – especialmente Innsbruck, na Áustria – que procuravam reavivar a reflexão teológica “em vista de um anúncio mais eficaz da mensagem cristã”³⁹⁸. A consciência crítica da época manifestava que “o cristianismo não é mais percebido como boa nova, mas decaiu para um ‘árido cristianismo rotineiro’, sem influência na orientação

³⁹⁴ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 57.

³⁹⁵ Cf. *Ibid.* p. 57.

³⁹⁶ NERY, Irmão. *Op. cit.* p. 83.

³⁹⁷ GIBELLINI, Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2012. p. 182.

³⁹⁸ *Ibid.* p. 212.

da vida”³⁹⁹. Assiste-se, assim, a um progressivo processo renovador, motivado por diversos fatores que abalaram dinâmicas catequéticas cristalizadas ao longo dos séculos⁴⁰⁰.

Nesse contexto inicial do século XX, a catequese sofre influência decisiva do Movimento Catequético – uma reação de grande relevância e com múltiplas ramificações, que modificou profundamente a compreensão e a prática catequética e impulsionou a Igreja na direção de uma renovação eclesial significativa⁴⁰¹.

3.1.1 Movimento Catequético

No período patrístico, especialmente em Cirilo de Jerusalém, observa-se um sentido preciso de catequese, articulado pela dinâmica litúrgico-mistagógico-vivencial no interior do catecumenato. Na Idade Média, o termo *catequese* desaparece, cedendo lugar a *catechismus* e *instructio*, marcados pelo pragmatismo indutivo do diálogo de perguntas e respostas. Na Idade Moderna, difundem-se amplamente os catecismos e a instrução doutrinal. Contudo, novos ventos sopram no século XX, conduzindo à retomada do termo tradicional “catequese”, agora em continuidade com sua perspectiva patrística genuína, impulsionada pelo Movimento Catequético⁴⁰².

No âmbito desse movimento, emergem numerosas iniciativas voltadas à renovação e ao fortalecimento da catequese na Igreja. Não se tratava de um movimento isolado, mas inserido em um espectro mais amplo, relacionado aos movimentos bíblico, litúrgico, teológico, patrístico e ecumênico. Ele se desenvolve em meio a um intenso ambiente de reflexão e difusão de novas ideias, promovidas por pensadores, instituições e eventos nacionais e internacionais. Destacam-se, nesse processo, as semanas e congressos catequéticos, que constituíram marcos decisivos da renovação.

Cumpra sublinhar que a importância desses múltiplos fomentos teológicos e pastorais gerou um movimento renovador que infundiu novo vigor à vida eclesial. O Movimento

³⁹⁹ *Ibid.* p. 212.

⁴⁰⁰ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 208.

⁴⁰¹ Cf. CARVALHO, Humberto Robson de; NETO, João dos Santos Barbosa. *Catequese, liturgia e mistagogia*. São Paulo: Paulus, 2021. p. 43.

⁴⁰² Cf. ALBERICH, Emilio. *Catequese evangelizadora: Manual de catequética fundamental*. Brasília: Ed. Dom Bosco, Ed. Digital, 2013. p. 92. Disponível em: <https://edbrasil.org.br/selesianidade/catequese-evangelizadora>. Acesso em 08 set. 2025. Segundo Alves de Lima, quanto ao movimento catequético, “se entende um conjunto de pessoas que, com seu pensamento, reflexões, pesquisas e influência, determinam avanços na compreensão e atuação da catequese, sua identidade, seus métodos, seus destinatários e responsáveis. Mas, ao mesmo tempo, se entende um conjunto de ações, em geral de âmbito nacional e internacional, que facilitam a veiculação e a propagação das novas ideias, tais como semanas, congressos, assembleias, comemorações etc., criando, enfim, um vasto movimento organizado que se difundiu por publicações e propagação rápida de ideias e experiências”. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 54.

Catequético se desdobrou em três eixos essenciais, que avançaram de forma consecutiva e interdependente: o eixo querigmático, o antropológico-experiencial e o profético⁴⁰³.

O movimento querigmático remonta à patrística ciriliana, particularmente à utilização persistente da evocação bíblico-tipológica como recurso homilético e catequético-mistagógico para anunciar o Mistério Pascal de Cristo. O *querigma* se consolidou como centro irradiador da catequese. Assim, conforme Alves de Lima, “o movimento querigmático, apontando para um retorno não só bíblico-litúrgico do ensino religioso, mas, sobretudo, para seu núcleo central em torno do Mistério Pascal”⁴⁰⁴.

O Movimento Querigmático conferiu novo protagonismo à catequese ao recentrar a reflexão catequética na questão fundamental sobre “o que anunciar”. O anúncio de Cristo, portanto, torna-se prioridade. Alimentado decisivamente pelos estudos bíblicos e litúrgicos e pela renovação pastoral em curso na teologia, ele coloca no centro do processo catequético a plenitude do mistério de Cristo. Conforme Alberich, Jesus Cristo,

na plenitude de sua pessoa e de seu mistério, é o centro indiscutível da comunicação catequética e ponto de referência de todo o seu conteúdo. É o clássico imperativo do cristocentrismo, afirmado no curso do movimento catequético e reafirmado com absoluta unanimidade também na consciência eclesial contemporânea⁴⁰⁵.

O Diretório para a Catequese (DCq) esclarece, na mesma direção, que:

O cristocentrismo é o que essencialmente caracteriza a mensagem transmitida pela catequese. Isso significa, primeiramente, que no centro mesmo da catequese está a pessoa de Jesus Cristo vivente, presente e atuante. O anúncio do Evangelho é apresentar Cristo, e todo o resto em referência a Ele. Além disso, uma vez que Cristo é ‘a chave, o centro e o fim de toda a história humana’ (GS, n. 10), a catequese ajuda o fiel a nela se inserir ativamente, mostrando como Cristo é seu cumprimento e sentido último⁴⁰⁶.

O segundo eixo – o movimento antropológico – desloca a atenção para “a pessoa do catequizando e sua experiência vital dos mistérios da fé”⁴⁰⁷. Ele se caracteriza pela atenção preferencial ao ser humano, à sua existência concreta, aos seus problemas e desafios. A dimensão humana encontra equilíbrio na Palavra de Deus, acentuada no *querigma*, pois, como recorda a teologia contemporânea, “é dirigida ao homem, de que a revelação de Deus é também revelação do homem, e de que a história da salvação é a favor do homem”⁴⁰⁸.

Às vésperas e durante o Concílio Vaticano II, cresce o interesse pela pessoa humana, considerando sua vida e seu contexto histórico “como ecos da palavra de Deus, como lugar de

⁴⁰³ Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 53-54.

⁴⁰⁴ *Ibid.* p. 54.

⁴⁰⁵ ALBERICH, Emilio. *Op. cit.* p. 110.

⁴⁰⁶ DCq, n. 169.

⁴⁰⁷ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 54.

⁴⁰⁸ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 241.

atuação do reino e, por isso, como conteúdo da catequese”⁴⁰⁹. Por isso, Bollin afirma de modo incisivo: “a catequese agora qualifica-se como a ação pela qual um grupo humano interpreta a sua situação, vive-a e exprime-a à luz do Evangelho”⁴¹⁰.

Nessa mesma perspectiva, Gibellini, ao comentar o “método antropológico-transcendental” de Karl Rahner, afirma que ele propõe uma teologia que se confronta com o método doutrinal escolástico e dedutivista, advogando

passar ao método antropológico, que procede de baixo e realiza uma correspondência entre vida e verdade, entre experiência e conceito. Rahner propõe que se pratique em teologia uma *abordagem antropológica*, que parta da experiência pessoal do homem e se interrogue sobre a maneira como a verdade cristã pode corresponder a ela. Trata-se de um processo metodológico que não subordina a fé à experiência e não comporta uma redução subjetivista da fé, mas que se torna necessário para superar o fosso que hoje se criou entre revelação e experiência humana⁴¹¹.

No contexto em que despontava a chamada virada antropológica e no exercício concreto da ação catequética, tornou-se imprescindível considerar as exigências existenciais, as situações concretas e os condicionamentos históricos da pessoa humana. O novo modo de pensar a catequese, impulsionado pelo Movimento Catequético e fundamentado no eixo antropológico, reflete a influência decisiva de diversos acontecimentos ocorridos às vésperas do Concílio Vaticano II, os quais suscitaram uma renovada atenção à centralidade da pessoa, compreendida em sua inserção na realidade histórica, cultural e social. Nesse horizonte, amplia-se a compreensão da catequese como prática que promove o respeito às outras religiões e às diversas expressões culturais, reconhecendo nelas elementos da busca humana por Deus, ao mesmo tempo em que se opera um deslocamento significativo do foco exclusivo da doutrina e da figura do catequista para o catequizando, assumido como sujeito ativo do processo catequético, cuja capacidade cognitiva, relacional e experiencial passa a ser entendida como mediadora e construtora do conhecimento de Deus⁴¹².

O terceiro eixo – o profético – voltou-se às questões ético-sociais da vida cristã, destacando a necessidade de testemunho coerente do Evangelho nas circunstâncias concretas da sociedade. Sua proposta buscava auxiliar os fiéis a interpretar e julgar a realidade à luz da Palavra de Deus e a responder às transformações sociais. Essa perspectiva foi determinante para o surgimento da teologia que se desenvolveu nas Assembleias Episcopais Latino-Americanas no continente sul-americano.

⁴⁰⁹ *Ibid.* p. 241.

⁴¹⁰ *Ibid.* p. 241.

⁴¹¹ GIBELLINI, Rosino. *Op. cit.* p. 226.

⁴¹² Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 241.

O Movimento Catequético exerceu papel fundamental na vida da Igreja. O século XX passou a ser reconhecido como o século da catequese, marcado por “ideias, iniciativas, homens, documentos do magistério e viragens decisivas”⁴¹³. A catequese adquire novo perfil, ampliando sua presença na ação pastoral e fortalecendo especialmente a participação dos leigos como catequistas, “alterando um pouco o monopólio da catequese por parte do clero”⁴¹⁴. Com o Concílio Vaticano II, emergem novas iniciativas para aproximar a catequese de sua tradição patrística original, compreendida como transmissão da fé por meio de uma experiência catequético-litúrgico-mistagógica capaz de conduzir o catequizando à vivência e ao testemunho comunitário da fé.

3.2 O Concílio Vaticano II

No âmbito do Concílio Vaticano II, já se faziam presentes aquelas que Daniélou identificava como as linhas mestras capazes de promover uma renovação profunda na Igreja, entre as quais se destaca a “volta às fontes” bíblica, patrística e litúrgica⁴¹⁵. Essa retomada das fontes manifesta um renovado interesse pelo estudo dos “antigos escritores cristãos e suas obras conhecidas, tradicionalmente, como ‘Padres da Igreja’”⁴¹⁶. No contexto do Vaticano II, tal orientação foi fortemente enfatizada sob a inspiração do Papa João XXIII, a quem Clodovis Boff atribui a expressão “Doutor dos sinais dos tempos”⁴¹⁷, em razão de sua sensibilidade pastoral e de sua capacidade de discernir os desafios históricos à luz do Evangelho.

O Papa, ao referir-se aos “sinais dos tempos”, procurava relacioná-los às realidades concretas do mundo contemporâneo. Nesse sentido, afirma:

A Igreja assiste, hoje, à grave crise da sociedade enquanto para a humanidade surge uma era nova, obrigações de uma gravidade e amplitude imensas pesam sobre a Igreja, como nas épocas mais trágicas da sua história. Trata-se, na verdade, de pôr em contato com as energias vivificadoras e perenes do evangelho o mundo moderno⁴¹⁸.

⁴¹³ *Ibid.* p. 207.

⁴¹⁴ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 59.

⁴¹⁵No artigo, título original: “les orientations présentes, de la pensée religieuse” Daniélou diz em “retorno às fontes” e acrescenta: “Um traço marcante do pensamento religioso contemporâneo é o retorno ao contato com as fontes essenciais, que são a Bíblia, os Padres da Igreja e a liturgia. Certamente, em teoria, esse contato nunca foi perdido”. Cf. DANIÉLOU, Jean. *Les orientations présentes, de la pensée religieuse*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/563738197/D-Danielou-SJ-Les-Orientations-Presentes-de-La-Pensee-Religieuse-Etudes-249-1946-5-21-OCR>. Acesso em 14 mai. 2024.

⁴¹⁶ “Esse movimento, liderado por Henri de Lubac e Jean Daniélou, deu origem à coleção ‘Sources Chrétiennes’, hoje com centenas de títulos”. Cf. TERRA SANTA: *Itinerários e descrições (séc. IV-VIII)*. v.1. São Paulo: Paulus, 2023. p. 5. (Coleção Patrística).

⁴¹⁷ BOFF, Clodovis. “*Sinais dos tempos*”: Princípios de leitura. São Paulo: Loyola, 1979. p. 43.

⁴¹⁸ JOÃO XXIII. *Constituição Apostólica Humanae Salutis*. Para a convocação do concílio Vaticano II. Vaticano: 1961, 3. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em 11 mai. 2024.

Tal afirmação mostra consonância com a análise de Theobald, segundo a qual os pressupostos que orientaram João XXIII levaram-no a estabelecer uma linguagem capaz de dialogar com o mundo, como se depreende de suas encíclicas e discursos⁴¹⁹. Ao analisar seu magistério, percebe-se com clareza que o Papa buscava ressaltar as realidades humanas e sociais, integrando-as ao projeto pastoral de seu pontificado e estimulando sua consideração nos trabalhos conciliares.

Entre as finalidades centrais do Vaticano II esteve, segundo as palavras do próprio Papa Roncalli, o propósito de promover uma renovada pedagogia da fé para responder as exigências do nosso tempo⁴²⁰. Dessa intenção conciliar, “derivam duas diretrizes catequísticas precisas: uma compreensão mais aprofundada e fiel da doutrina e dos conteúdos da fé, e uma apresentação dessa doutrina numa forma correspondente às exigências do nosso tempo”⁴²¹.

O Concílio reconheceu que a dimensão catequética constitui via essencial e primeiro meio educativo da Igreja. Conforme Bollin, essa dimensão deve revestir-se indispensavelmente dos elementos bíblico, litúrgico e eclesial, para que a fonte do mistério trinitário alcance os homens e mulheres de hoje, por meio de Jesus Cristo, que anuncia a Boa Nova e comunica que a salvação é universal⁴²². Assim, o autor assinala que o fim específico da catequese

está em fazer nascer e amadurecer a fé e em torná-la plenamente consciente e adulta. Quanto ao conteúdo, a catequese deve ter quatro características: deve ser dialógica (dado que o próprio Deus foi o primeiro a falar-nos), personalística (já que é iniciativa e interação de pessoas), essencial e em tensão missionária (enquanto é efusão de amor e se inscreve na vida concreta dos indivíduos e da humanidade), inspirada pela Encarnação (tendo em Cristo Deus-Homem o seu centro, a sua razão de ser e a sua finalidade)⁴²³.

Embora não se encontre elementos ostensivos sobre a catequese, o Concílio Vaticano II apresentou para a Igreja instituições importantes para a renovação da catequese. Uma delas foi “a insistência na necessidade da Igreja católica adaptar a sua linguagem para mais efetivamente ser fiel à sua missão de anunciar o reino de Deus na realidade presente”⁴²⁴. Nesse sentido, é preciso reconhecer que a contribuição do Padres conciliares serviu para iluminar a realidade da catequese: “o olhar atento à realidade, o discernimento dos sinais dos tempos e uma nova prática eclesial inspirada nos valores do reino”⁴²⁵.

⁴¹⁹ Cf. THEOBALD, Christoph. A recepção do Concílio Vaticano II. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2015. p. 577.

⁴²⁰ Cf. JOÃO XXXIII. Discurso de abertura solene Concílio (11 de outubro de 1962). Disponível em: Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 13 mai. 2024.

⁴²¹ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 218.

⁴²² Cf. *Ibid.* p. 219.

⁴²³ *Ibid.* p. 219.

⁴²⁴ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 11.

⁴²⁵ *Ibid.* p. 11.

3.2.1 Cirilo inspira o Concílio

Por fim, cumpre destacar que os escritos de Cirilo de Jerusalém exerceram significativa influência sobre duas importantes Constituições Dogmáticas do Concílio Vaticano II: a *Lumen Gentium*, dedicada à Igreja, e a *Dei Verbum*, referente à Revelação Divina. Seu empenho em formar o povo na verdade – traço marcante de sua ação e de sua obra pastoral – encontrou ampla ressonância ao longo dos séculos.

A Constituição *Lumen Gentium* cita Cirilo ao tratar da ação do Espírito Santo no recebimento do Sacramento da Confirmação, pelo qual o neófito deve ter consciência da graça recebida. Com efeito, por meio desse sacramento, “vinculam-se mais perfeitamente à Igreja e recebem especial vigor do Espírito Santo, e assim ficam mais seriamente comprometidos, como testemunhas verdadeiras de Cristo, a difundir e defender a fé por palavras e por obras”⁴²⁶.

Cirilo, por sua vez, faz eco à *Lumen Gentium* ao destacar a relevância da ação pneumática divina, pela qual o neófito recebe a graça invisível proveniente do Espírito Santo, a fim de permanecer firme na fé⁴²⁷. Tal dom, segundo ele, “é um presente de Deus através dos homens”⁴²⁸, que imprime no ser da pessoa um selo celeste e divino⁴²⁹. Por essa razão, Cirilo mostra-se exigente quanto ao compromisso assumido, exortando: “o que significa, pois, caríssimos, guardar a graça? Preparai-vos para recebê-la e depois, de recebida, não a desperdice”⁴³⁰.

De modo semelhante, a inspiração de Cirilo manifesta-se na Constituição Dogmática *Dei Verbum*. O documento conciliar também cita Cirilo quanto à orientação acerca da dignidade conferida aos dois Testamentos da Sagrada Escritura, os quais, de modo orgânico, instruem para o bem da Igreja. Compreende-se, todavia, que a plenitude do entendimento salvífico no Novo Testamento, realizado em Cristo, estivesse de certo modo oculto no Antigo Testamento, enquanto este se torna plenamente claro à luz do Novo⁴³¹.

Cirilo de Jerusalém, de modo particular, oferece o fundamento patrístico à *Dei Verbum* ao incentivar a meditação e a leitura consciente dos livros bíblicos, transmitidos pelos apóstolos e pelos antigos bispos, reconhecidos como leituras seguras para a Igreja⁴³². Ele enumera os livros segundo a ordem do Pentateuco, dos históricos, dos poéticos – por ele denominados livros em verso – e dos proféticos. Mais do que a simples enumeração literária, o destaque da lista apresentada por Cirilo reside na dignidade e no apreço com que admoesta os catecúmenos ao

⁴²⁶ LG n. 11.

⁴²⁷ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.* 17, 35). p. 417.

⁴²⁸ CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.* 17, 35). p. 417.

⁴²⁹ Cf. *Ibid.* p. 417.

⁴³⁰ *Ibid.* (*PCat.* 17, 37). p. 419.

⁴³¹ Cf. DV n. 16.

⁴³² Cf. CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.* 4, 35). p. 122.

empenho assíduo na leitura da Sagrada Escritura, exortando: “não falsifiques as leis. E do Antigo Testamento, como foi dito, medita os vinte e dois livros”⁴³³.

4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A trajetória histórica da catequese evidencia movimentos significativos de continuidade, ruptura e retomada. No período patrístico, especialmente no auge do catecumenato, a formação cristã se caracterizava por um processo gradual, orgânico e profundamente experiencial, tendo em figuras como São Cirilo de Jerusalém expoentes de uma pedagogia mistagógica que integrava, de modo exemplar, Escritura, liturgia e vida. Com o declínio do catecumenato, entretanto, verifica-se uma mudança substancial na percepção da necessidade de um itinerário formativo estruturado para transmitir a fé, sobretudo no contexto da Cristandade, quando o pertencimento social ao corpo eclesial parecia dispensar um processo iniciático rigoroso.

A partir da Idade Média, embora floresçam importantes documentos litúrgicos que dão forma aos ritos sacramentais, a dimensão iniciática perde sua força. A catequese assume traços cada vez mais pragmáticos, fragmentados e desprovidos de sistematicidade teológica. A transmissão da fé se desloca para formas predominantemente empíricas, mediadas pela arte – com particular destaque para o estilo gótico –, pela liturgia e pela vida familiar, deixando em segundo plano a instrução catequética propriamente dita.

Com a Idade Contemporânea, consolida-se o predomínio dos catecismos e dos métodos dialogais de perguntas e respostas. Embora esses instrumentos tenham desempenhado relevante função evangelizadora para diversas gerações, contribuíram para uma progressiva redução da dimensão comunitária da fé e para o enfraquecimento da natureza litúrgico-vivencial da catequese.

Os movimentos de renovação eclesial que emergem nos séculos XIX e XX, entretanto, inauguram novos horizontes teológicos, pastorais e pedagógicos. Esses movimentos, amadurecidos no impulso reformador do Concílio Vaticano II, desencadearam um processo decisivo de reconfiguração da compreensão e da prática catequética. O Concílio, ao recuperar a centralidade das fontes bíblicas, patrísticas e litúrgicas, restituiu à catequese seu caráter de mediação do Mistério, articulado à vida da comunidade eclesial e expressamente vinculado à participação ativa na liturgia.

Nesse quadro renovador, desdobram-se, por iniciativa do Magistério pontifício e das Conferências Episcopais, importantes orientações normativas que possibilitaram a construção de ambientes formativos coerentes com a tradição viva da Igreja. Em tal perspectiva, afirma-se

⁴³³ CIRILO DE JERUSALÉM. (*PCat.* 4, 35), p. 122.

progressivamente a inspiração catecumenal como referência estruturante, resgatando, de modo especial, a herança dos Padres da Igreja – com destaque para Cirilo de Jerusalém – e oferecendo bases sólidas para que a catequese volte a configurar-se como verdadeiro itinerário de iniciação, experiência e testemunho da fé no seio da comunidade cristã.

CAPÍTULO III

CATEQUESE LITÚRGICO-VIVENCIAL

A compreensão de uma catequese vivencial e experiencial – em contraste com o modelo manualístico e estritamente doutrinal consolidado desde a Escolástica e sistematizado pelo Concílio de Trento – foi retomada com vigor pelos movimentos litúrgico e catequético que, amadurecidos ao longo do século XX, encontraram no Concílio Vaticano II um espaço privilegiado de expressão e renovação. Sob a emblemática orientação pastoral e missionária da “volta às fontes” patrísticas, bíblicas e litúrgicas, o Concílio resgatou o catecumenato como referência paradigmática da iniciação cristã. Desse retorno emergem desdobramentos significativos para a catequese contemporânea, que não pode ser compreendida fora de sua intrínseca relação com a dimensão litúrgica. A linguagem catequética, irrigada pela liturgia, se torna sólida e fecunda, valendo-se da integração de recursos simbólicos, rituais, querigmáticos e mistagógicos, capazes de conduzir o ser humano ao Mistério e nutrir continuamente a vida da Igreja.

Neste capítulo, a fim de compreender o avanço da catequese na perspectiva querigmática e litúrgico-vivencial, recorreremos a referenciais bibliográficos fundamentais. Destaca-se a contribuição de Solange Maria do Carmo, cuja análise da catequese contemporânea dialoga profundamente com a teologia catequética de Denis Villepelet, catequeta francês que estudou com rigor os paradigmas catequéticos ao longo da história e oferece elementos decisivos para a reflexão aqui desenvolvida. A sua obra disponível em língua portuguesa, “O futuro da catequese”, nos forneceu aportes consistentes para uma leitura dos desafios atuais da ação catequética.

Acrescenta-se, ainda, a relevante contribuição de Luiz Alves de Lima, cujo estudo histórico abrange o percurso da catequese desde o Concílio Vaticano II até a atualidade, permitindo situar as transformações recentes no contexto mais amplo da missão evangelizadora da Igreja. Finalmente, aproximamo-nos do Magistério – pontifício e episcopal, especialmente das orientações do Papa Francisco e da CNBB – que ilumina de modo significativo a compreensão de que uma catequese querigmática, litúrgico-mistagógica e vivencial é fundamental para formar cristãos maduros, conscientes e dispostos ao discipulado. Tais cristãos, enraizados na experiência do Mistério, tornam-se sinais visíveis da presença e da missão da Igreja no mundo.

1 A CATEQUESE A PARTIR DO VATICANO II

A missão ministerial da Igreja de revelar o Mistério encontra em Cristo, pela força do Espírito Santo, a sua referência originária e a sua necessidade vital. A dependência da ação do Senhor e do Espírito Santo possibilita que homens e mulheres participem do evento da revelação pascal de Cristo e do dom do Espírito prometido. Dessa dinâmica deriva a própria vocação eclesial de manifestar o Mistério de Deus, uma vez que a Igreja é compreendida como “primícia do ‘Mistério’ e, ao mesmo tempo, o ‘sinal’ e o ‘lugar’ privilegiado da revelação de tal ‘mistério’ em favor da humanidade e da Casa Comum”⁴³⁴.

Assim, a Igreja, pela participação ativa dos diversos membros da comunidade, “participa da atuação do ‘Mistério de Deus’ como reveladora no Revelador, Jesus Cristo”⁴³⁵. Trata-se, portanto, de uma missão constitutiva, que encontra entre os cristãos comprometidos – com particular destaque para a ação catequética – um núcleo evangelizador cuja finalidade primeira não se efetiva sem a experiência e a vivência que introduzem no Mistério. É nesse horizonte que João Paulo II enfatiza que a evangelização se destina a transmitir o anúncio fundamental da fé: Cristo crucificado, morto e ressuscitado que, por meio d'Ele e n'Ele Deus dá a vida nova. Essa é, segundo o Papa,

a “Boa Nova”, que muda o homem e a história da humanidade, e que todos os povos têm o direito de conhecer. Um tal anúncio tem de se inserir no contexto vital do homem e dos povos que o recebem. Além disso ele deve ser feito numa atitude de amor e de estima a quem o escuta, com uma linguagem concreta e adaptada às circunstâncias. Para isso concorre o Espírito, que instaura uma união entre o missionário e os ouvintes, tornada possível enquanto um e os outros, por Cristo, entram em comunhão com o Pai⁴³⁶.

Nesse horizonte, observa-se que a catequese evoluiu ao longo da história, de modo que as intenções originárias emanadas do mandato de Jesus ressoaram de maneiras diversas conforme os contextos históricos e as motivações que condicionaram os métodos catequéticos de cada época. Com o desenvolvimento das correntes sociais, culturais, políticas e religiosas, tal percurso culminou na constituição das bases de um *locus theologiae* renovado no Concílio Vaticano II, o qual reabriu o diálogo com a modernidade e estabeleceu fundamentos para uma nova configuração da ação catequética, criando um ambiente favorável ao enfrentamento dos desafios inerentes aos caminhos contemporâneos de transmissão da fé.

Nessa perspectiva, a catequese pós-Concílio Vaticano II pode ser compreendida como um espaço de revitalização e de “volta às fontes”, no sentido de retomar percursos e métodos inspirados no catecumenato antigo. Tem-se, como referencial teórico privilegiado, a metodologia dos Padres da Igreja – com especial destaque para Cirilo de Jerusalém – cuja

⁴³⁴ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Op. cit.* p. 47.

⁴³⁵ *Ibid.* p. 47.

⁴³⁶ JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris missio*. n. 44. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em 14 nov. 2025.

contribuição oferece novas feições à dinâmica catequética, permitindo superar modelos pedagógicos escolásticos tradicionais, os quais, diante das perspectivas pós-modernas, deixaram de apresentar a mesma capacidade de atrair e interpelar a sociedade contemporânea e a própria Igreja.

Segundo Alves de Lima, no que se refere à catequese, não houve “*ex professo*” uma atenção especial em nenhum dos dezesseis documentos conciliares, mas apenas menções esparsas⁴³⁷. Entretanto, entre os esquemas surgidos na fase preparatória do Concílio – entre 1961 e 1962 – e examinados pelas Comissões e subcomissões que estudavam e filtravam os temas, de um total de oitenta e sete esquemas propostos, cinco deles tratavam diretamente da catequese: “Crisma, Penitência (esquema 12 e 13), catecismo, organização didática e métodos de ensino (esquema 66 a 68)”⁴³⁸.

Porém, embora o Concílio Vaticano II não tenha tratado especificamente ou mesmo tenha dedicado mais argumentos sobre a dimensão catequética, Paiva chama a atenção para o valor dado pelo Decreto *Ad gentes* (AD) à catequese e aos catequistas, reputando a este múnus, exercido por homens e mulheres, como de absoluta necessidade para Igreja no mundo⁴³⁹. O próprio documento conciliar afirma que os catequistas, no contexto da missionariedade eclesial, prestam uma “ajuda singular e absolutamente necessária à expansão da fé e da Igreja”⁴⁴⁰. Já o Decreto *Christus Dominus* (CD) insiste com os bispos, em sua ação pastoral, para que

“cuidem que não só às crianças e adolescentes, mas também jovens e até aos adultos, seja dada boa formação catequética; esta, pelo ensino da doutrina, deve tornar a fé viva, explícita e prática. [...] e que o ensino se baseie na Sagrada Escritura, na Tradição, na Liturgia, no Magistério e na vida da Igreja”⁴⁴¹.

Inicialmente, a preocupação dos Padres conciliares não era discutir a identidade, a natureza ou a finalidade metodológica da catequese, mas retomar um subsídio de caráter tradicional: a elaboração de um catecismo que reunisse, de modo compreensível, o elenco das verdades da fé, nos moldes do que predominava na Igreja desde a Cristandade⁴⁴². Contudo, essa mentalidade não prevaleceu, e o Concílio orientou-se na direção de um “diretório de normas gerais sobre a finalidade da catequese”⁴⁴³. Segundo Alves de Lima, tal diretório teria a função

⁴³⁷ Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 74.

⁴³⁸ *Ibid.* p. 74.

⁴³⁹ Cf. PAIVA, Vanildo de. *Op. cit.* p. 47.

⁴⁴⁰ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* (AG), sobre a atividade missionária da Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. n. 17.

⁴⁴¹ CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Christus dominus* (CD), sobre o múnus pastoral dos bispos na Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. n. 14.

⁴⁴² Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 75.

⁴⁴³ *Ibid.* p. 75.

de oferecer orientações para a elaboração dos diversos catecismos locais no âmbito das Igrejas particulares⁴⁴⁴. O autor destaca ainda que

entre os setenta esquemas preparatórios do Concílio, dois apontavam para a catequese: *De catechismo et catechetica institutione* e o *De catechetica populi Christiana institutione*. Esse último sugeria que, dadas as circunstâncias culturais tão diversas das diferentes Igrejas, não era conveniente publicar um “catecismo universal”, mas um *diretório para a elaboração de catecismos nacionais*⁴⁴⁵.

Os dois esquemas e a sugestão relativa a um diretório foram posteriormente assimilados no decreto *Christus Dominus*, na Declaração *Gravissimum Educationis* e no decreto *Ad Gentes*. Contudo, segundo Alves de Lima, a principal contribuição conciliar para a renovação da catequese não reside nas referências explícitas ou implícitas presentes nesses documentos, mas em “todo o conjunto do *aggiornamento* conciliar que deu um embasamento bíblico, teológico e pastoral para uma verdadeira renovação catequética”⁴⁴⁶.

Como observa o autor, os documentos conciliares apontam, de certo modo, para o objetivo da catequese. Ele chama a atenção para o documento *Christus Dominus* n. 14a, que explicita duas dimensões fundamentais da fé, essenciais à missão catequética: a *fides qua* e a *fides quae*, as quais orientam a catequese para sua finalidade própria – transmitir o conteúdo da fé com a consequente aquiescência intelectual à Revelação e, simultaneamente, favorecer a vida sobrenatural em Deus e o compromisso que dela decorre⁴⁴⁷.

A Declaração *Gravissimum Educationis* sobre a educação cristã, faz menção à catequese como de importância capital para a “educação na vida do homem”⁴⁴⁸. Ela define quatro pontos que definem a tarefa essencial da catequese: iluminar e fortalecer a fé; propor uma vida conforme o espírito de Cristo; incentivar à participação consciente e ativa no mistério litúrgico e conduzir à ação apostólica⁴⁴⁹.

Porém, a restauração do catecumenato, como mandato conciliar, ocorre com a *Sacrosanctum concilium*, que apresenta subsídios fundamentais sobre o vínculo entre catequese e liturgia, que perpassa toda a dinâmica catecumenal, e é essencial para o nosso estudo.

1.1 Volta à fonte: restauração do Catecumenato

A restauração do catecumenato constitui um mandato explícito do Concílio Vaticano II. Tal determinação apoia-se em duas diretrizes principais. A primeira, inserida no âmbito da

⁴⁴⁴ *Ibid.* p. 76.

⁴⁴⁵ *Ibid.* p. 76.

⁴⁴⁶ *Ibid.* p. 76.

⁴⁴⁷ Cf. *Ibid.* p. 77.

⁴⁴⁸ CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Gravissimum educationis* sobre a educação cristã. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. Proêmio.

⁴⁴⁹ Cf. *Ibid.* n. 4.

reforma litúrgica promovida pela *Sacrosanctum concilium* (SC), estabelece: “Restaure-se o catecumenato de adultos, com vários graus”⁴⁵⁰ – ou, conforme outras traduções, em etapas⁴⁵¹. O documento litúrgico, contudo, não oferece maiores especificações acerca da estrutura do catecumenato. A definição mais precisa desse processo, bem como sua articulação intrínseca com a catequese, encontra-se no Decreto *Ad gentes*, particularmente nos números 14 e 17.

Este decreto configura-se como fonte inspiradora para a Igreja contemporânea, uma vez que exprime de modo exemplar sua natureza missionária. É precisamente nessa perspectiva que a catequese se insere no horizonte eclesial como um campo privilegiado para a ação evangelizadora. Ademais, o processo de iniciação à vida cristã encontra no catecumenato, segundo Alves de Lima, “seu húmus e lugar onde melhor exerce sua missão mistagógica e iniciático-pedagógica”⁴⁵².

Hoje, ao se revisitar o passado, torna-se possível identificar as marcas deixadas pelo percurso catequético entre o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano II. As influências oriundas desse processo, que se consolidaram ao longo dos séculos e chegaram até a contemporaneidade, evidenciam que os catecismos legaram uma contribuição significativa à prática catequética, cumprindo adequadamente sua função evangelizadora. Todavia, torna-se necessário avançar para um novo paradigma, cuja perspectiva necessita tocar as realidades atuais, porém, buscar as sólidas referências da patrística, especificamente no século IV, com Cirilo de Jerusalém. O Vaticano II reconheceu a pertinência de um retorno a tal abordagem catequética, que, conforme recorda Alves de Lima, se caracteriza como uma “catequese profundamente cristocêntrica, experiencial, litúrgica, orante, ou seja, com dimensão catecumenal”⁴⁵³.

Os desafios que a catequese contemporânea deve enfrentar, a fim de superar um modelo estruturalmente doutrinal e de possibilitar ao catecúmeno e ao catequizando uma autêntica experiência de Deus, do Mistério de Cristo, da vida eclesial, dos sacramentos e da vivência cristã integral, evidenciam o que o Vaticano II propôs ao apontar para a retomada das fontes e do processo inspirado no catecumenato. Nessa direção, ao tratar da urgência de uma conformação catecumenal para a catequese atual, Alves de Lima assevera que

⁴⁵⁰ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. n. 64.

⁴⁵¹ Segundo a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio do documento 97, “a palavra ‘etapa’ aqui tem um significado um pouco diferente do que aparece na linguagem comum. As *etapas* são entendidas com ‘portas’ (algo que se abre, possibilitando avanços na caminhada), momentos fortes marcados por uma celebração específica que assinala a situação dentro do processo, na passagem para o tempo seguinte”. CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, (Doc 97). *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Ed. CNBB, 2009. n. 74.

⁴⁵² ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 207.

⁴⁵³ *Ibid.* p. 207.

hoje a catequese precisa assumir as características da evangelização, tanto em sua dimensão de conteúdo (isto é, o *querigma*, o anúncio essencial do Evangelho) como em sua metodologia (o testemunho direto de vida, o *ardor missionário*, a experiência litúrgica e celebrativa)⁴⁵⁴.

A expectativa expressa pelo Vaticano II em relação à renovação da catequese é retomada pelo Documento de Aparecida, fruto da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, cujo tema foi: “Discípulos e missionários de Jesus Cristo, para que todos, tenham vida n’Ele”⁴⁵⁵. Alves de Lima descreve os fatos preparatórios da conferência, destacando que, antes mesmo dos trabalhos em Aparecida, houve um movimento decisivo de reflexão sobre a catequese. O autor assinala os

longos estudos, debates e assembleias no âmbito do CELAM e das conferências episcopais nacionais a respeito do *querigma*, ou dimensão querigmática, da catequese, sobre a dimensão catecumenal e toda e qualquer catequese, como já propunha o DGC da Sé Apostólica e o nosso DNC; tudo como desdobramento ou repercussão do Vaticano II⁴⁵⁶.

O catecumenato constituiu a principal resposta que a Igreja, especialmente por meio dos Padres da Igreja, ofereceu àqueles que desejavam inserir-se na comunidade cristã. A estes se propunha uma dinâmica de caráter querigmático, apresentando-lhes a pessoa de Jesus Cristo e convidando-os a uma caminhada ascética de conversão e preparação para os sacramentos da iniciação cristã. O Concílio Vaticano II, em uma formulação particularmente inspirada, afirma:

“Aqueles que receberam de Deus por meio da Igreja a fé em Cristo, sejam admitidos ao catecumenato, mediante a celebração de cerimônias litúrgicas. O catecumenato não é mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma formação de toda a vida cristã e uma aprendizagem efetuada de modo conveniente, por cujo meio os discípulos se unem com Cristo seu mestre. Por conseguinte, sejam os catecúmenos convenientemente iniciados no mistério da salvação, na prática dos costumes evangélicos e com ritos sagrados, a celebrar em tempo sucessivos, sejam introduzidos na vida da fé, da liturgia e da caridade do Povo de Deus”⁴⁵⁷.

As orientações mais recentes do Magistério têm conferido renovado destaque à catequese. A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) apresenta diretrizes práticas que propõem um caminho de inspiração catecumenal, como resposta aos desafios

⁴⁵⁴ *Ibid.* p. 208.

⁴⁵⁵ A Quinta Conferência Geral do Conselho Episcopal Latino-Americano, realizada entre 13 e 31 de maio de 2007, consolidou-se como um dos eventos mais relevantes e significativos da Igreja pós-Concílio Vaticano II, particularmente no contexto eclesial do Continente Americano. Seu documento conclusivo, profundamente inspirado pela eclesiologia conciliar, apresenta elevada densidade teológica e pastoral, distinguindo-se pelo forte enfoque na dimensão missionária da evangelização. No que tange à catequese, embora todo o texto se situe dentro de uma perspectiva catequética, os números 286 a 300 assumem especial destaque por abordarem de forma específica a evangelização orientada à iniciação à vida cristã, ressaltando sua centralidade no processo formativo e evangelizador da Igreja. Cf. CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. Brasília: Ed. CNBB, 2007. n. 286-300.

⁴⁵⁶ ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 210-211.

⁴⁵⁷ AD. n. 14.

contemporâneos da evangelização e como meio de favorecer uma autêntica transmissão da fé cristã. A CNBB avança ao reconhecer que o Ritual de Iniciação Cristã de Adultos (RICA) constitui um recurso catequético significativo, devendo ser atentamente observado no âmbito das dioceses, a fim de que a iniciação de adultos, jovens e crianças se desenvolva de modo gradativo no seio da comunidade⁴⁵⁸.

Cabe ressaltar, ainda, as indicações da CNBB ao propor uma leitura aprofundada do RICA, incentivando tanto o conhecimento quanto a valorização da prática catecumenal. O processo catecumenal – modelo de matriz patrística restaurado pelo Vaticano II – configura-se como um itinerário particularmente fecundo e inspirador, uma vez que “possibilita a elaboração de itinerários diversos, de acordo com as necessidades de cada realidade”⁴⁵⁹.

A Conferência Episcopal sublinha igualmente algumas características essenciais do catecumenato, identificando-o como um caminho que conduz à maturidade da vida cristã, favorecendo a vivência eclesial, a perseverança no testemunho de fé em Cristo e a adoção de um novo modo de viver decorrente dessa experiência⁴⁶⁰. Articula-se, nesse processo, a íntima relação entre liturgia e catequese, dimensões complementares que promovem um estilo de vida informado pela escuta da Palavra, pela riqueza simbólico-sacramental, pelos ritos, celebrações, tempos e etapas. O RICA, de forma sintética, integra todos esses elementos⁴⁶¹.

Além disso, o Documento 97 da CNBB admite a possibilidade de adaptar o método catecumenal às realidades concretas das comunidades e às necessidades daqueles que se dispõem a percorrer tal itinerário. Por essa razão, o RICA prevê a necessária flexibilidade: “O Rito de iniciação se adapta ao itinerário espiritual dos adultos, que varia segundo a multiforme graça de Deus, a livre cooperação daqueles, a ação da Igreja e as circunstâncias de tempo e lugar”⁴⁶².

Diante disso, mostra-se legítima a adequação do processo catequético às especificidades de cada comunidade, bem como às circunstâncias dos próprios envolvidos. Diversos estudos sobre o catecumenato convergem na defesa de um modelo de inspiração catecumenal. Contudo, é preciso evitar qualquer relativização que descaracterize tal processo, uma vez que ele oferece orientações fundamentais e pistas que contribuem para a vida e a pastoral paroquial, sendo certo que “traz um estímulo muito grande para a qualidade da vida paroquial. Mas não deve ser visto como um esquema rígido, que impossibilite soluções criativas para situações específicas”⁴⁶³.

⁴⁵⁸ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, (Doc 107). Brasília: Ed. CNBB, 2017. n. 138-153.

⁴⁵⁹ Cf. CNBB, (Doc 97). *Op. cit.* n. 72.

⁴⁶⁰ Cf. *Ibid.* n. 90-92.

⁴⁶¹ Cf. CNBB, (Doc 107). *Op. Cit.* n. 5.

⁴⁶² RITUAL ROMANO. *Op. cit.* Introdução, n. 5.

⁴⁶³ CNBB, (Doc 97). *Op. cit.* n. 96.

1.2 Volta à fonte: A centralidade da Palavra para a catequese

A Palavra de Deus ocupa o centro da ação catequética enquanto sua fonte primária e normativa. Na elaboração catequética – seja nos subsídios, seja nos documentos que orientam e estruturam seu conteúdo – é imperativo que se reconheça a Sagrada Escritura como referência primeira e indispensável. Todas as argumentações desenvolvidas no âmbito da catequese devem, portanto, encontrar na Palavra de Deus o seu fundamento último. Tal premissa revela-se incontestável na atualidade, especialmente ao se contrapor ao fato de que em determinados períodos da evangelização, a Sagrada Escritura foi relegada a um lugar secundário, um “exílio”. Hoje, contudo, ela recupera e ocupa legitimamente o lugar central que lhe é próprio na vida e na missão da Igreja⁴⁶⁴.

A catequese narrativa, em diálogo com a hermenêutica bíblica, concebe a Sagrada Escritura como a narração da experiência histórica e salvífica do povo de Deus. Ela se torna verdadeiramente narrativa quando promove a atualização dessa Palavra, de modo que o Evangelho se apresente como Boa-Nova viva e contemporânea, capaz de iluminar as circunstâncias atuais e suscitar uma resposta de fé.

Nessa perspectiva, torna-se imprescindível reconhecer a figura de Jesus, transmitida desde os primeiros testemunhos neotestamentários, como acontecimento sempre atual da Palavra de Deus. Tal reconhecimento decorre da hermenêutica dos primeiros discípulos, que compreenderam Cristo como a Palavra definitiva do Pai, plenificando a revelação divina previamente testemunhada pelas Escrituras do Antigo Testamento.

A catequese – e, de modo mais amplo, toda a ação evangelizadora – deve tornar presente o acontecimento de Jesus de Nazaré, “evento fundador da fé cristã”⁴⁶⁵, cuja centralidade é imprescindível para conferir forma e sentido a toda prática catequética. Nesse horizonte, Gopegui enfatiza que “só dessa forma Jesus Cristo morto e ressuscitado, que é o centro de toda ação evangelizadora, poderá ser reconhecido como Palavra eterna de Deus dirigida ao ouvinte da mensagem”⁴⁶⁶. Desse modo, fundamenta-se, segundo o autor, “a exigência do caráter narrativo da catequese”⁴⁶⁷.

Em continuidade, Gopegui afirma que, no interior do processo evangelizador, a função específica da catequese consiste na “explicitação em enunciados significativos do evento sempre novo da Palavra de Deus de forma que se torne relevante na vida das pessoas, das comunidades e dos povos”⁴⁶⁸. Com efeito, tornar-se cristão implica acolher e reconhecer, na

⁴⁶⁴ Cf. ALBERICH, Emilio. *Op. cit.* p. 146.

⁴⁶⁵ GOPEGUI, Juan A. Ruiz de. *Experiência de Deus e catequese narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010. p. 153.

⁴⁶⁶ *Ibid.* p. 153.

⁴⁶⁷ *Ibid.* p. 153.

⁴⁶⁸ *Ibid.* p. 153.

transmissão da fé, a verdade fundamental segundo a qual o Crucificado é o Messias, o Ungido de Deus, revelado como Salvador de toda a humanidade. Os Evangelhos, nessa perspectiva, oferecem o testemunho decisivo do “caráter narrativo da catequese cristã”⁴⁶⁹, ao mostrarem que “o caminho de Jesus até a cruz é confirmado por Deus na ressurreição e na exaltação do Messias”⁴⁷⁰.

A catequese, portanto, não apenas descreve o evento de Cristo, mas o atualiza de modo performativo, tornando-o capaz de suscitar uma resposta concreta na vida dos fiéis. Ao apresentar os mistérios da vida de Jesus, a catequese narrativa o faz mediante um caráter narrativo-dinâmico⁴⁷¹, no qual o evento narrado provoca e contagia por seus efeitos prático e crítico, sendo capaz de gerar ação em quem o acolhe, iluminar sua realidade e, por vezes, reinterpretá-la. Assim, contribui para que o sujeito compreenda a si mesmo, os outros e o mundo.

Sob essa mesma ótica, Villepelet afirma que, no processo catequético, não há “invenção da fé”, pois esta constitui a resposta pessoal a um chamado. O autor deduz, portanto, que “a catequese tem por missão levar a descobrir esse mistério do amor de Deus revelado em Jesus Cristo e de fazer com que ressoe como um convite na experiência humana”⁴⁷².

Desse modo, ressoa na catequese a exortação do salmista: “O que nós ouvimos e conhecemos, o que nos contaram nossos pais, não o esconderemos a seus filhos; nós o contaremos à geração seguinte” (Sl 78, 3-4). A partir dessa perspectiva, compreende-se que a missão catequética consiste em nutrir continuamente a comunidade, como seiva que a vivifica, formando novos cristãos que aprendem e praticam a Palavra e que, sobretudo, se tornam participantes conscientes e ativos na liturgia e na vida eclesial.

1.3 Catequese querigmática: expressão eclesiológica do Concílio Vaticano II

A conjuntura sociocultural e eclesial vigente no início do Concílio Vaticano II constituiu o principal impulso para uma renovação no processo evangelizador. Naquele período, manifestava-se de modo evidente a necessidade de uma nova perspectiva missionária, capaz de responder aos desafios emergentes da modernidade. Nesse contexto, os padres conciliares retomaram o *querigma* como linguagem fundante e como eixo estruturante do anúncio cristão dirigido aos interlocutores da missão.

⁴⁶⁹ *Ibid.* p. 154.

⁴⁷⁰ *Ibid.* p. 154.

⁴⁷¹ Expressão empregada por Bruno Forte ao referir-se a uma cristologia que, mediante a narração do evento Jesus, não apenas relata o fato, mas o atualiza e o suscita, tornando-se contagiante em seu efeito prático-crítico. Cf. FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985. p. 58.

⁴⁷² VILLEPELET, Denis. *O futuro da catequese*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 56.

A missão essencial da Igreja, recebida como mandato de Jesus – “ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda criatura” (Mc 16,15) –, consiste no anúncio de Cristo ao mundo. Nesse horizonte, documentos conciliares como o Decreto *Ad Gentes*, a Constituição *Lumen Gentium* e a Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* reafirmam e promovem uma retomada querigmática dirigida à humanidade, a fim de propor o anúncio do Evangelho aos povos em sua força originária.

Nessa perspectiva de abertura ao mundo e de estabelecer um diálogo autêntico com os povos, aflorou a consciência evangelizadora de levar o anúncio do Evangelho aos homens, compartilhando suas alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias⁴⁷³. Por causa do mandato de Jesus, a missão *ad gentes* de anunciar se impõe ao clero e a todos os batizados⁴⁷⁴, isso decorrente da missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai⁴⁷⁵.

Decorrentes das propostas conciliares, o Magistério da Igreja prosseguiu no esforço de fortalecer e qualificar o processo de evangelização. As orientações pontifícias, cada qual situada em seu respectivo contexto histórico, buscaram dinamizar as Igrejas particulares e orientar as práticas catequéticas locais para uma autêntica renovação querigmática nos processos evangelizadores⁴⁷⁶.

Gomes enfatiza a eclesiologia conciliar quando a define como “cristocêntrica e comunitária”⁴⁷⁷, ressaltando sobretudo a sua dimensão de Mistério e povo de Deus. Nessa realidade, tudo se centraliza em Cristo – mediador e plenitude de toda a Revelação (DV 2) – que é o núcleo do *querigma* e “do protagonismo de todos os membros da comunidade de fé”⁴⁷⁸. Disso resulta na responsabilidade de todos os batizados na missão evangelizadora, tendo em vista que, segundo Gomes, todos necessitam do *querigma* para compreenderem a extensão e o

⁴⁷³ CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes* (GS), sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997. n. 1.

⁴⁷⁴ AD. n. 30.

⁴⁷⁵ *Ibid.* n. 2.

⁴⁷⁶ Cumpre destacar as principais intervenções do magistério pontifício que promoveram e consolidaram a proposta conciliar de um modelo querigmático como inspiração para a missão evangelizadora da Igreja. A *Exortação Apostólica Evangelii Nuntiandi* (1974), de Paulo VI, tornou-se referência inaugural para a compreensão contemporânea da evangelização. João Paulo II, por sua vez, na *Carta Apostólica Novo Millennium Ineunte*, reforçou a centralidade da escuta da Palavra e a necessidade de um renovado impulso missionário. Bento XVI enfatizou a urgência de um anúncio eficaz do Evangelho, especialmente a partir das reflexões provenientes do Sínodo dos Bispos na XIII Assembleia Geral Ordinária, em 2012. Por fim, o pontificado do Papa Francisco apresenta uma proposta programática particularmente significativa na *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, na qual se destaca, de modo proeminente, a centralidade do *querigma* e o seu aprofundamento.

⁴⁷⁷ GOMES, Tiago de Fraga; VENÂNCIO, Mariana Aparecida. A centralidade do querigma na ação evangelizadora: uma expressão da eclesiologia do Concílio Vaticano II. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 33, v. 34, n. 110, p. 54-73, Jan/Abr, 2025. p. 55. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/68569/47791>. Acesso em 13 ago. 2025.

⁴⁷⁸ *Ibid.* p. 55.

significado da missão batismal. Com isso, a catequese querigmática se revela essencial para que a ação missionária se efetue em toda a Igreja⁴⁷⁹.

A finalidade, portanto, do *querigma*⁴⁸⁰ consiste em suscitar a fé em Cristo, promovendo a adesão integral à sua pessoa e despertando o desejo de aprofundar o conhecimento do Mistério cristão, inserindo o indivíduo em um autêntico caminho discipular. Por essa razão, o *querigma* não pode ser compreendido como um ensinamento elementar, tampouco como um anúncio trivial ou uma comunicação ordinária; trata-se de uma proclamação fundamental e constitutiva da fé.

Com efeito, ao entrar em contato com a pessoa de Jesus e com a salvação que o Pai concede por meio dele, o fiel – especialmente os catecúmenos e catequizandos – reconhece-se alcançado pelo amor divino. Em Cristo, manifesta-se de forma plena e definitiva esse amor, revelado de modo mais claro do que em qualquer outro momento da história da salvação⁴⁸¹.

João Paulo II foi particularmente incisivo ao afirmar que “este anúncio é a primeira caridade”⁴⁸². Do mesmo modo, o Papa Francisco, movido por uma inspiração pastoral, exorta os catequistas a recordarem continuamente o núcleo do anúncio: “o amor pessoal de Deus que Se fez homem, entregou-Se a Si mesmo por nós e, vivo, oferece a sua salvação e a sua amizade”⁴⁸³. Assim, a Igreja reafirma a centralidade do anúncio fundamental da fé e interpela a catequese a transmitir o mistério central da fé cristã, considerado o *múnus* essencial que justifica a própria razão de sua existência.

A missão da Igreja – e, de modo particular, da catequese, enquanto primeira instância de apresentação do anúncio evangélico – origina-se de uma experiência de Deus suscitada pelo anúncio fundamental, o *querigma*, proclamado em palavras e gestos, de modo a conduzir as pessoas a um autêntico encontro com Cristo. Na Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG), o Papa Francisco destaca para a catequese o valor de apresentar, mediante o anúncio de Cristo, a alegria da Boa-Nova. O pontífice insiste na necessidade de “sempre se voltar à fonte e recuperar sempre o frescor original do Evangelho”⁴⁸⁴.

⁴⁷⁹ Cf. *Ibid.* p. 55-56.

⁴⁸⁰ O substantivo *Querigma* (κήρυγμα), e o verbo *querisso* (κηρύσσω), são palavras gregas que tem um sentido profundo, sobretudo nas palavras de Jesus e Paulo. *Querigma* significa “anúncio” e, a sua forma verbal, *querisso*, indica o ato de anunciar, proclamar a mensagem de Cristo. “Veio Jesus para a Galiléia proclamando (*querisso*) o Evangelho de Deus (Mc 1, 14). Assim também Paulo anuncia a sua missão: “Foi assim que pregamos (*querisso*) o Evangelho de Deus” (1Ts 2, 9). Cf. RIVASI, Gianfranco. *O alfabeto de Deus*. Aparecida: Santuário, 2024. p. 223-225.

⁴⁸¹ Cf. GOMES, Tiago de Fraga; VENÂNCIO, Mariana Aparecida. *Op. cit.* p. 59.

⁴⁸² JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Novo Millennio ineunte*, do grande jubileu de 2000. n. 50. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/hf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte. Acesso em 20 nov. 2025.

⁴⁸³ FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, (EG). São Paulo: Paulus, 2013. n. 128.

⁴⁸⁴ EG. n. 11.

Francisco se revela particularmente entusiasta quanto à urgência do anúncio evangélico em todos os contextos sociais. Ele afirma que “um anúncio renovado proporciona aos crentes, mesmo tíbios, ou não praticantes, uma nova alegria na fé e uma fecundidade evangelizadora”⁴⁸⁵. Do mesmo modo, recorda que os “cristãos têm o dever de anunciá-lo, sem excluir ninguém, e não como quem impõe uma nova obrigação, mas como quem partilha uma alegria, indica um horizonte estupendo, oferece um banquete apetecível”⁴⁸⁶.

Desse modo, o encontro com Cristo, possibilitado pela experiência querigmática, configura-se como um encontro pessoal sempre renovado, capaz de suscitar conversão, conduzir ao discipulado, gerar comunhão e impulsionar à missão. Nesse horizonte, a *Evangelii Gaudium* se apresenta como o texto programático do pontificado de Francisco; por isso, o Papa exorta os evangelizadores a se abrirem à ação do Espírito Santo. Nessa perspectiva pneumatológica, o anúncio do Evangelho deve ser realizado “com ousadia (*parresia*), em alta voz e em todo tempo e lugar, mesmo contracorrente”⁴⁸⁷.

Nesse sentido, no dinamismo da ação catequética, é necessário reconhecer que tanto o conteúdo da verdade revelada, que constitui o fundamento teológico da fé (*fides quae*), quanto a adesão pessoal e existencial do crente a essa mesma fé (*fides qua*), representam elementos essenciais no contexto de uma catequese iluminada pela dimensão querigmática. Essa dimensão desperta o fiel para uma fé viva, relacional e comprometida, configurada no seguimento de Jesus Cristo e na participação do seu Mistério Pascal. Assim, ao integrar harmonicamente as duas dimensões da fé – *fides quae* e *fides qua* – a catequese abre caminho para aprofundar como a experiência querigmática se apresenta como mediação fecunda entre ambas, articulando anúncio, adesão e amadurecimento da fé.

1.3.1 A experiência querigmática como mediação entre a *fides quae* e a *fides qua*

Paulo exprime, em tom de assombro e angústia, a tensão entre o *Deus absconditus*⁴⁸⁸ e o Deus revelado. Ao adentrar o mistério da Revelação, o apóstolo se depara com um abismo

⁴⁸⁵ EG. n. 11.

⁴⁸⁶ EG. n. 14.

⁴⁸⁷ EG. n. 259. A expressão utilizada pelo Papa Francisco, “*parresia*”, remete ao destemor no anúncio do Evangelho. O testemunho de fé e a vivência cristã não se efetivam sem a *parresia* – do grego *παρρησία* – termo que denota ousadia, confiança e coragem para proclamar e evangelizar. O livro dos Atos dos Apóstolos ilustra de modo paradigmático essa disposição interior ao relatar a admiração do povo diante da intrepidez, coragem e franqueza de Pedro e João, mesmo sendo eles considerados homens simples e sem instrução formal (cf. At 4,13).

⁴⁸⁸ Karl Barth, pastor suíço e teólogo de Göttingen, escreve um comentário à Epístola de Paulo aos Romanos, cujo texto é considerado um dos mais representativos da teologia dialética. Ele, com a reflexão sobre a carta aos romanos, aflora o conceito do Deus *absconditus*, o Deus totalmente Outro. Este conceito Barth, oportunamente, se valeu do pensamento de Rudolf Otto. Ou seja, em linhas gerais: “o único caminho praticável vai de Deus ao homem e se chama Jesus Cristo”. Ou seja, nenhum caminho é capaz de ir do homem a Deus: nem a via da experiência religiosa, nem a da história, nem por uma via metafísica e muito menos pela razão humana. Mas, o caminho, a via de Deus ao homem, é por Jesus. Cf. GIBELLINI. Rosino. *Op. cit.* p. 20-22.

cuja profundidade é impossível de sondar. Ele manifesta tal percepção ao proclamar: “Ó abismo da riqueza, da sabedoria e da ciência de Deus! Como são insondáveis seus juízos e impenetráveis seus caminhos!” (Rm 11,33).

O apóstolo presente, portanto, um abismo entre o homem e o Mistério divino, cuja plenitude ultrapassa toda capacidade humana de compreensão. Todavia, é inegável o desejo humano pelo sagrado – uma inclinação inerente à condição humana desde suas origens. Conforme ensina o Catecismo da Igreja Católica (CIC), “o desejo de Deus está inscrito no coração do homem, já que o homem é criado por Deus e para Deus”⁴⁸⁹. Dessa verdade decorre que, na catequese, a experiência do sagrado deve ser conduzida por caminhos que favoreçam o encontro pessoal e transformador com Jesus Cristo, o Senhor. Nesse sentido, Carmo assevera que compete à catequese o múnus de “favorecer a entrada na dinâmica da comunicação de Deus, possibilitando um diálogo amoroso entre Deus e o homem”⁴⁹⁰.

Cirilo de Jerusalém estruturava todo o entendimento da celebração litúrgica dos sacramentos a partir das *Catequeses Mistagógicas*. A perspectiva catequética desse período pós-Vigília Pascal, no qual desvelava aos neófitos a doutrina sacramental – até então mantida em reserva –, torna-se um paradigma fecundo para os encontros catequéticos contemporâneos, a fim de que os catequizandos sejam guiados sob essa mesma lógica mistagógica que possibilita um autêntico encontro com o Mistério de Deus.

Dessa experiência do encontro, sustentada pelo conteúdo da mensagem cristã e pela plena adesão a Deus que dela brota, articula-se, no ato catequético, as expressões clássicas da fé que se crê, *fides quae* e a fé pela qual se crê, *fides qua*. Isto é, segundo o Diretório para a Catequese, “aquele que encontrou Cristo deseja conhecê-Lo o mais possível, assim como deseja conhecer o desígnio do Pai, que Ele revelou”⁴⁹¹. Em comunhão com esse documento, o último Diretório para a Catequese afirma que

“A fé cristã é, antes de mais, acolhimento do amor de Deus que se revelou em Jesus Cristo, adesão sincera à sua pessoa e decisão livre de o seguir no seu caminho. Este sim a Jesus Cristo encerra em si duas dimensões: o abandono confiante em Deus (*fides qua*) e o consentimento de amor a tudo aquilo que Ele nos revelou (*fides quae*)”⁴⁹².

A catequese deve, portanto, conduzir à compreensão progressiva da verdade do desígnio divino, promovendo a inserção dos discípulos de Jesus Cristo no conhecimento sistemático da Tradição e da Sagrada Escritura, a qual constitui a “eminente ciência de Jesus Cristo”⁴⁹³.

⁴⁸⁹ CIC. n. 27.

⁴⁹⁰ CARMO, Solange Maria do. *Catequese no mundo atual: Crises, desafios e um novo paradigma para a catequese*. São Paulo: Paulus, 2016. p. 124.

⁴⁹¹ DGC n. 85.

⁴⁹² DCq n. 18.

⁴⁹³ DGC n. 85.

As expressões *fides quae* e *fides qua* são compreendidas como duas dimensões complementares da fé, cuja articulação confere à dinâmica querigmática da catequese uma expressão viva e integral. A Igreja, como guardiã da Revelação, possui a missão de transmiti-la fielmente, pois a recebeu como legado do próprio Cristo: “Todo poder foi me dado no céu e sobre a terra. Ide, portanto, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei” (Mt 28,18-20a).

O apóstolo Paulo visibiliza esse *munus* catequético da Igreja ao afirmar: “transmiti-vos, em primeiro lugar, aquilo que eu mesmo recebi” (1Cor 15,3). Com essas palavras, Paulo expressa a dimensão essencial da Tradição: a transmissão do Mistério Pascal de Cristo, centro querigmático da fé, que se torna ao mesmo tempo fé professada (*fides quae*) e adesão pessoal ao Deus revelado (*fides qua*).

Surge, portanto, um desafio urgente para a catequese hodierna, o qual Carmo expressa como a necessidade de “apresentar a todas as pessoas pós-modernas o Deus de Jesus Cristo”⁴⁹⁴. A autora contextualiza tal urgência diante do cenário contemporâneo, no qual

“a secularização da sociedade moderna trouxe a perda da memória cristã, e esta, aliada ao ressurgimento do religioso característico dos tempos atuais, desafia a catequese a dar aos processos de transmissão do Evangelho uma orientação mais querigmática”⁴⁹⁵.

Com base nessa perspectiva, Carmo propõe a via querigmática como paradigma da ação catequética, encontrando no Mistério Pascal de Cristo o seu eixo de sustentação. O anúncio da Boa Nova do Evangelho é, em sua essência, um convite ao encontro pessoal com Cristo, que suscita a adesão radical ao discipulado e a resposta existencial de fé, caracterizada pelo “abandono em Deus, um Deus distante e totalmente outro, mas, ao mesmo tempo, próximo e presente”⁴⁹⁶.

A via querigmática, conforme propõe Carmo, constitui um processo de iniciação à fé que assume, de forma incisiva, a centralidade do Mistério Pascal no ato catequético. A autora realiza uma leitura crítica do contexto sociocultural contemporâneo e identifica o que denomina um “déficit” de iniciação cristã, evidenciado pela incapacidade de grande parte do povo em responder à pergunta que norteia o Evangelho de Marcos: “Quem é Jesus?” (Mc 8,27-30). Carmo reconhece, nesse cenário, uma crise de identidade cristã e confessa que “o evento Cristo com sua força libertadora não pertence mais ao horizonte cultural de nossa gente”⁴⁹⁷. Em vista

⁴⁹⁴ CARMO, Solange Maria do (2016). *Op. cit.* p. 124.

⁴⁹⁵ *Ibid.* p. 124.

⁴⁹⁶ *Ibid.* p. 124-125.

⁴⁹⁷ *Ibid.* p. 230.

disso, conclui que “precisamos de uma catequese que responda a essa necessidade de nossa gente: uma catequese com vertente mais querigmática”⁴⁹⁸.

Ao tratar da catequese querigmática, é oportuno recordar as palavras do Papa Francisco, que afirma:

“O *querigma* é trinitário. É o fogo do Espírito que se dá sob a forma de línguas e nos faz crer em Jesus Cristo, que, com a sua morte e ressurreição, nos revela e comunica a misericórdia infinita do Pai. Na boca do catequista, volta a ressoar sempre o primeiro anúncio: “Jesus Cristo ama-te, deu a sua vida para te salvar, e agora vive contigo todos os dias para te iluminar, fortalecer, libertar”. Ao designar-se como “primeiro” este anúncio, não significa que o mesmo se situa no início e que, em seguida, se esquece ou substitui por outros conteúdos que o superam; é o primeiro em sentido qualitativo, porque é o anúncio *principal*, aquele que sempre se tem de voltar a ouvir de diferentes maneiras e aquele que sempre se tem de voltar a anunciar, duma forma ou doutra, durante a catequese, em todas as suas etapas e momentos”⁴⁹⁹.

Desse modo, impulsionar uma dinâmica catequética com uma inspiração querigmática significa tornar perene o anúncio do mistério pascal, assegurando que a catequese, em todas as suas etapas e contextos, se realize de maneira integral e fecunda. Trata-se de centrar todo o processo evangelizador em Cristo, não apenas como conteúdo doutrinário, mas como evento salvífico que interpela e transforma a existência. Assim, a ação catequética ultrapassa a mera transmissão de conteúdos derivados dos Evangelhos e se constitui como “o eixo a partir do qual toda a tarefa evangelizadora e catequética se realizará, bem como a experiência mistagógica de encontro constante com Cristo”⁵⁰⁰.

1.3.2 O *querigma* como práxis: da *fides quae* à *fides qua*

A centralidade do *querigma*, portanto, não se limita a um conteúdo introdutório da fé, mas constitui o princípio dinamizador de toda a existência cristã. Desse modo, a catequese se realiza como um processo de iniciação integral, no qual se articulam inseparavelmente o anúncio, a experiência com a Palavra, a celebração e a vivência da fé. Nessa perspectiva, o conteúdo da fé (*fides quae*) é continuamente iluminado, assimilado e traduzido na resposta pessoal do crente (*fides qua*). O carácter querigmático, em síntese, “assume a iniciação como pedagogia própria da catequese”⁵⁰¹.

Segundo Libanio, essas duas expressões clássicas saídas da escolástica exprimem os aspectos do ato de fé⁵⁰². Dessa forma,

⁴⁹⁸ *Ibid.* p. 230.

⁴⁹⁹ EG. n. 164.

⁵⁰⁰ GOMES, Tiago de Fraga; VENÂNCIO, Mariana Aparecida. *Op. cit.* p. 69.

⁵⁰¹ CARMO, Solange Maria do (2016). *Op. cit.* p. 231.

⁵⁰² Embora a abordagem etimológica e semântica do conceito de “ação da fé” seja ampla e complexa, propõe-se aqui uma síntese que a situe na perspectiva do catequizando, o qual é conduzido a realizar uma experiência pessoal de fé. Quando se trata da ação da fé em relação a Deus, a compreensão do termo crer revela “a dimensão de entrega

a *fides quae creditur* – a fé que se crê – refere-se ao objeto, ao conteúdo da fé. Relaciona-se mais diretamente à Revelação passiva, ao *credere Deum*. A *fides qua* significa a fé por causa da qual se acolhe a Deus. Exprime o ato de fé. É a fé pela qual me volto a Deus em Cristo pelo Espírito Santo por meio da aceitação do que a Igreja crê (*fides quae*)⁵⁰³

A doutrina confiada à Igreja – o patrimônio da fé⁵⁰⁴ – corresponde à *fides quae*, pela qual a catequese se empenha em cumprir o mandato que a Igreja recebeu do Mestre e Senhor. Assim como Paulo, a Igreja, por meio de seu braço pastoral, a catequese, ensina aquilo que recebeu como *depositum fidei*. Este, a rigor, não é um simples encargo ou uma obrigação formal, mas um imperativo que brota do próprio Mistério Pascal de Cristo. O Concílio Vaticano II reafirma essa tarefa eclesial de transmissão da fé, convocando os teólogos a comunicar a doutrina cristã de modo inteligível ao homem contemporâneo, com o auxílio das ciências humanas, “para que assim os fiéis sejam conduzidos a uma vida de fé mais pura e adulta”⁵⁰⁵.

Por sua vez, a *fides qua* designa a dimensão subjetiva da fé, entendida como o ato livre e pessoal de crer. Essa dimensão exprime a adesão existencial ao Deus que interpela o ser humano no mais íntimo de seu coração. Nessa perspectiva, o crente responde com a decisão de confiar-se ao objeto da fé – isto é, à pessoa de Cristo – e seguir seus caminhos. O Papa Francisco, comentando o Evangelho de João, afirma: “‘Cremos em Jesus’, quando O acolhemos pessoalmente na nossa vida e nos confiamos a Ele, aderindo a Ele no amor e seguindo-O ao longo do caminho”⁵⁰⁶.

A *fides qua*, portanto, manifesta-se como uma “atitude subjetiva de adesão à fé”⁵⁰⁷, atitude confiante e amorosa a Deus. Contudo, Carmo, a partir dos estudos do catequeta francês Villepelet, convida a superar a compreensão da *fides qua* “como algo acolhido por meio do ensinamento”, bem como “algo elaborado por meio da aprendizagem [...] *fides qua* não é algo a adquirir; uma maturidade que se atinge, um processo no qual se chega”⁵⁰⁸. Antes, trata-se de uma experiência de fé que mergulha o crente no mistério, onde, segundo a mesma autora, “saboreia a presença de Deus na qual a comunidade vive mergulhada, nutre-se do alimento da

existencial, aceitação, acolhimento, engajamento pessoal diante da interpelação de Deus”. LIBANIO. João Batista. *Eu creio, nós cremos*: Tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000. p. 152. Segundo Libanio, “‘crer’ vem do verbo latino *credere*, que por sua vez se origina da expressão *cor + dare (alicui)*, isto é, dar o coração (a alguém). Fé é, pois, antes de tudo, dar a Deus o coração, entregar-lhe o íntimo de nosso ser, pôr à sua disposição o cerne de nossa pessoa, oferecer-lhe nossa liberdade num gesto de dádiva confiante, prestar-lhe a *oboedientiam fidei* (Rm 1, 5; 16, 26) como a testemunha veraz”. *Ibid.* p. 152.

⁵⁰³ *Ibid.* p. 155-156.

⁵⁰⁴ O patrimônio da fé, ao qual São Paulo exorta Timóteo a guardar, refere-se ao conteúdo da fé que lhe foi confiado para ser preservado e transmitido com fidelidade. Trata-se do *depositum fidei*, o tesouro da revelação divina entregue à Igreja, que deve ser conservado intacto e comunicado integralmente às gerações futuras (cf. 2Tm 1, 13-14).

⁵⁰⁵ GS, n. 62.

⁵⁰⁶ FRANCISCO. Carta encíclica *Lumen fidei*. São Paulo: Paulus, 2013. n. 18.

⁵⁰⁷ CARMO, Solange Maria do (2016). *Op. cit.* p. 166.

⁵⁰⁸ *Ibid.* p. 166.

Palavra que é o pão cotidiano da comunidade crente”⁵⁰⁹. Desse modo, a catequese exerce a práxis do anúncio que, segundo o Diretório Geral da Catequese, “deve anunciar os mistérios essenciais do cristianismo, promovendo a experiência trinitária da vida em Cristo como centro da vida de fé”⁵¹⁰.

Como expressão concreta da experiência exigida pela *fides qua*, cujo encontro com Cristo é transformador, Santo Agostinho testemunha o alcance dessa dimensão interior da fé. Em suas *Confissões*, ele descreve o dinamismo dessa experiência mística: “Entrei no íntimo de meu coração sob tua guia, e o consegui, porque tu te fizeste meu auxílio. Entrei e, com os olhos da alma, acima destes meus olhos e acima de minha própria inteligência, vi uma luz imutável”⁵¹¹.

Sendo a vivência querigmática na catequese uma oportunidade de conduzir o catequizando a deixar-se penetrar pelo Mistério Pascal de Cristo, torna-se necessário promover uma integração vital entre o “crer em algo” (*fides quae*) e o “crer em Alguém” (*fides qua*). O encontro pessoal com Cristo deve traduzir-se, simultaneamente, na confissão da fé e em um estilo de vida coerente com o Evangelho.

Assim, aquele que acolhe o *querigma* e o experimenta interiormente abandona-se em Deus, acolhe a Palavra da Boa-Nova, abre-se ao mistério da cruz e se fortalece pela novidade da ressurreição de Jesus. Isso significa, conforme Carmo, que “o Mistério toca os corações e suscita uma resposta de fé, convidando à conversão”⁵¹².

Por conseguinte, em uma catequese querigmática, as duas dimensões da fé – *fides quae* e *fides qua* – não podem ser dissociadas. A primeira oferece o conteúdo que ilumina e orienta a experiência de fé; a segunda assegura que esse conteúdo seja acolhido numa resposta pessoal e transformadora. Trata-se, portanto, de uma catequese que transmite o Evangelho de modo que este anúncio “pudesse ser acolhido senão sob a forma de uma incrível novidade ou de uma surpresa total”⁵¹³.

Nessa perspectiva, Villepelet sintetiza essa realidade catequética ao afirmar que “a catequese aprende a crer ao aprender a fé e aprende a fé ao iniciar a crer como vida e atitude”⁵¹⁴. O *querigma*, entendido como o primeiro anúncio do Mistério Pascal de Cristo, desperta precisamente essa fé viva e relacional, introduzindo o catequizando em um processo de conversão que se expressa na liturgia e na vida concreta do fiel.

⁵⁰⁹ *Ibid.* p. 179.

⁵¹⁰ DGC, n° 33.

⁵¹¹ SANTO AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984. (VIII, 10, 16). p. 186.

⁵¹² CARMO, Solange Maria do. Desafios da catequese hoje: releitura do ato catequético a partir da pós-modernidade. *Revista Pistis Prax*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 749-766, set./ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/2716/2635>. Acesso em 10 nov. 2025.

⁵¹³ VILLEPELET. Denis. *Op. cit.* p. 72.

⁵¹⁴ *Ibid.* p. 121.

1.4 O resgate essencial da relação entre liturgia e catequese

Os movimentos litúrgico e catequético contribuíram de forma decisiva para a reconfiguração da catequese e, conseqüentemente, para a renovação da prática evangelizadora. Ao longo dos séculos, essa prática assumiu modalidades diversas, entre as quais se destaca o “catecumenato social”, que, como pontua Alves de Lima, constituía o meio pelo qual a iniciação cristã se efetivava na vida do indivíduo mediante a convivência concreta no ambiente familiar-comunitário-religioso⁵¹⁵.

A articulação entre catequese e liturgia é, desde o seu renascimento com o Vaticano II, uma característica intrínseca da prática catecumenal. O catecumenato contemporâneo se apoiou naturalmente na redescoberta das práticas de iniciação da Igreja antiga, realidade que se evidencia com a restauração do RICA. Nos primeiros séculos, porém, não se tratava de “pensar” uma articulação entre catequese, liturgia e experiência de vida; essa relação se realizava de forma natural e integrada⁵¹⁶.

A etimologia dos termos catequese e liturgia evidencia a profunda articulação entre essas duas dimensões na missão eclesial. Catequese, palavra que origina do grego *Κατηχέω* (*Katecheo*), formada por duas outras: *κατά* (*kata*) de cima, do alto, a partir de; e *ηχέω* (*echeo*) ecoar, ressoar. A forma verbal é *Κατηχήθην* (*katēchéthen*), que significa instruir oralmente, fazer ressoar, indicando o processo pelo qual o anúncio da fé é transmitido e acolhido. Já *liturgia*, proveniente do grego *λειτουργία* (*leitourgía*), também se origina de duas palavras: *λαός* (*laós*), povo e de *έργον* (*érgon*), obra, serviço, ação. Designava originalmente o serviço público ou a ação realizada em favor do povo, termo que, na tradição cristã, passou a significar a ação ritual da Igreja como povo sacerdotal que celebra o Mistério de Cristo. Ambas as palavras, portanto, convergem para expressar a mesma dinâmica evangelizadora: “A catequese como educação da fé e a liturgia como celebração da fé são duas funções da única missão evangelizadora e pastoral da Igreja”⁵¹⁷.

Segundo Lacroix, a liturgia assume plenamente sua função de “mediação da catequese” no processo de amadurecimento da fé. O autor questiona, nesse sentido, se o processo proposto

⁵¹⁵ Segundo Alves de Lima, as práticas catequéticas voltadas à transmissão da fé realizavam-se, em grande parte, por meio das celebrações litúrgicas e das expressões artísticas presentes nos espaços eclesiais. As catedrais, com seus elaborados vitrais, funcionavam como instrumentos pedagógicos que contribuíam para a preservação e difusão da fé, ao mesmo tempo em que favoreciam a percepção do sagrado e comunicavam princípios morais, sobretudo àqueles com reduzido acesso à educação formal. Assim, esse modelo catequético, desenvolvido no ambiente comunitário e integrado ao cotidiano (catecumenato social), forneciam os ditames sociais e pensamentos que permitiam com que cada fiel assimilasse os esquemas religiosos fundamentais e desempenhasse sua função na estrutura social. Cf. ALVES DE LIMA, Luiz. *Op. cit.* p. 34-35.

⁵¹⁶ Cf. LACROIX, Roland. Articular catequesis, liturgia y experiencia de vida: la acción mistagógica. *Sinite: Revista de pedagogía religiosa*, Salamanca, v. 65, n. 196-197, p. 265-282, jan. 2025. Disponível em: <https://publicaciones.lasallecampus.es/index.php/SINITE/article/view/1412>. Acesso em 20 nov. 2025.

⁵¹⁷ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. Diretório Nacional de Catequese (DNC). Brasília: Ed. CNBB, 2006. n. 120.

pelo RICA – no qual a articulação entre liturgia e catequese proporciona uma experiência de vida que possibilita um caminho gradual de conversão e maturação – “não deveria ser assim para todo itinerário catequético que poderia ser portador de uma dimensão sacramental?”⁵¹⁸.

Costa destaca que o Vaticano II legou à Igreja um documento fundamental: a *Sacrosanctum Concilium*. Nela,

“podemos observar as principais referências – a centralidade do Mistério pascal, a liturgia como “fonte” e “cume” da vida da Igreja, a missão da Igreja, o conceito de participação, a presença de Cristo na liturgia nos sacramentos, na Eucaristia, no celebrante, na Palavra de Deus, na assembleia reunida em seu nome. Enfim, o Concílio expressa no decorrer dessa belíssima redação teológico-espiritual, não apenas o embasamento teológico para a Reforma Litúrgica, mas o chão que fecundava o próprio Concílio”⁵¹⁹.

Entre os principais teólogos que contribuíram para a Constituição litúrgica, destaca-se Cipriano Vagaggini, cuja obra “O sentido teológico da liturgia” exerceu influência decisiva. A partir de seus estudos, o autor evidenciou o Mistério Pascal como centro da teologia litúrgica. Como afirma:

“a Igreja vive uma história sagrada e a revelação se apresenta sobretudo como uma história sagrada. Ademais, torna-se sumamente vivo o cristocentrismo da liturgia. A história sagrada é mistério de Cristo, em Cristo mesmo e nos seus fiéis. Cristo aparece como o motivo fundamental de toda a liturgia, de toda a Bíblia, de toda a história, de toda a vida do fiel”⁵²⁰.

A teologia de Vagaggini, assim, impulsiona a situar no centro da catequese a categoria do mistério – em particular o mistério pascal – para que a ação catequética configure um verdadeiro espaço celebrativo. Esse espaço não deve apenas ilustrar conteúdos, mas estruturar a própria catequese⁵²¹, de modo que ela faça “ressonância da Páscoa no coração do homem” e convide os catequizandos a “sair de si para encontrar o vivente, aquele que dá a vida em plenitude”⁵²².

O Mistério Pascal configura-se como uma experiência que se realiza na articulação entre as dimensões catequética e litúrgica. Paiva estabelece uma comparação pertinente nesse sentido, ao ilustrar a imprescindibilidade de se vivenciar o Mistério Pascal em sua beleza intrínseca como a confecção de “uma única e bela peça”. Assim, o Mistério Pascal “só pode ser expresso e vivenciado na unidade das duas dimensões catequética e litúrgica”⁵²³.

Essa percepção encontra ressonância na prática homilética de Cirilo de Jerusalém, especialmente no contexto das celebrações litúrgicas, nas quais a dimensão catequética assumia

⁵¹⁸ LACROIX, Roland. *Op. cit.* p. 275, tradução nossa.

⁵¹⁹ COSTA, Rosemary Fernandes da (2016). *Op. cit.* p. 59-60.

⁵²⁰ VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 417.

⁵²¹ Cf. LACROIX, Roland. p. 279-280.

⁵²² DCq. n. 426.

⁵²³ Cf. PAIVA, Vanildo de. *Op. cit.* p. 36.

particular relevância. Observa-se, no caráter querigmático e mistagógico das catequeses cirilianas – solidamente ancoradas na Sagrada Escritura – que o bispo conduz seus ouvintes a reconhecerem “o próprio Deus como ‘catequista’ e o seu Mistério como ‘conteúdo’”⁵²⁴.

Para Villepelet, a catequese conduz à experiência de Cristo e a uma autêntica profissão de fé, propondo um mergulho “simbolicamente, mas diretamente, na Páscoa de Cristo, porque só Cristo ressuscitado conduz para o amor do Pai”⁵²⁵. Assim,

“a liturgia é a ação privilegiada da Igreja pela qual se atualiza permanentemente essa Páscoa de Cristo, que nela se declina essa arte de viver em comunhão com Jesus Cristo, ela se torna um componente estruturante de toda catequese. Não se trata simplesmente de organizar celebrações para pôr em gestos e em palavras o que foi ensinado com palavras; trata-se de integrar o momento catequético no interior da ação litúrgica”⁵²⁶.

A tradição apostólica estabeleceu, desde cedo, os fundamentos da reflexão sobre a densidade do Mistério Pascal de Cristo⁵²⁷. Os Padres da Igreja do século IV, recebendo esse legado, elaboraram o pensamento e a linguagem litúrgico-sacramental segundo as necessidades de seu tempo. Nesse contexto, Cirilo de Jerusalém se distingue pela maestria com que conduzia as ações litúrgico-sacramentais e fazia ressoar, nas homilias mistagógicas, a profundidade do mistério celebrado. Assim, Costa observa que, para o bispo de Jerusalém, “o evento litúrgico é o centro de sua reflexão teológica e orientações catecumenais”⁵²⁸.

Segundo a mesma autora, unida à Palavra de Deus – fonte essencial da mistagogia – a ação litúrgica é sinal e presença do próprio Cristo. A partir dessas duas dimensões, Cirilo as torna “vivas e fecundas” para a comunidade reunida ao redor do altar. Por isso, na teologia ciriliana, “a Liturgia é a fonte e o lugar teológico [...]. É nesta experiência que o ser humano se identifica com Cristo em sua centralidade salvífica e inicia um processo de reconfiguração de toda a sua vida neste novo caminho”⁵²⁹.

Se, portanto, “o mistério pascal ganha realce e centralidade por meio da pedagogia da iniciação”⁵³⁰, é necessário que a catequese conceda espaço à liturgia, que celebra esse mistério e o torna continuamente presente na vida da Igreja. É nesse horizonte que “a catequese e a liturgia se reforçam mutuamente no processo catecumenal”, pois, segundo Carmo, a “liturgia é catequizante” e, nesse sentido, configura-se como momento estruturante de todo o processo catequético, constituindo sua mediação indispensável⁵³¹.

⁵²⁴ *Ibid.* p. 36.

⁵²⁵ VILLEPELET, Denis. *Op. cit.* p. 72.

⁵²⁶ *Ibid.* p. 72.

⁵²⁷ Cf. BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 27-28.

⁵²⁸ COSTA, Rosemary Fernandes da (2016). *Op. cit.* p. 62.

⁵²⁹ *Ibid.* p. 62.

⁵³⁰ CARMO, Solange Maria do (2016). *Op. cit.* p. 217.

⁵³¹ Cf. *Ibid.* p. 217.

Iniciar alguém na vida cristã significa introduzi-lo em uma existência nova, mediante etapas, ritos e ensinamentos que conformam uma nova identidade e um compromisso próprio⁵³². Por isso, o RICA constitui o subsídio adequado para realizar a integração entre catequese e liturgia, especialmente por meio das celebrações que marcam as etapas da iniciação e ajudam catecúmenos e catequizandos a perceberem que atravessam “uma porta” ou “sobem um degrau”⁵³³. De modo convergente, o Documento 107 da CNBB reafirma a importância dessa dinâmica ao afirmar que “as celebrações de entrega da Palavra, do Credo e do Pai-Nosso expressam, na comunidade, a tradição de entregar os tesouros da fé às novas gerações”⁵³⁴.

2 A LINGUAGEM MISTAGÓGICA CIRILIANA PARA OS DIAS DE HOJE

Se perguntássemos aos catequistas de hoje sobre o significado de mistagogia, provavelmente poucos conseguiriam expressar, ainda que de forma simples, o sentido dessa palavra de origem grega e suas implicações para a catequese. No entanto, tanto os catequistas quanto aqueles que atuam na liturgia deveriam possuir uma compreensão básica da importância e do grau de comprometimento que uma experiência com a dinâmica mistagógica exige.

A partir dessa realidade litúrgico-catequética, em Cirilo de Jerusalém, foi-se desenvolvendo uma linguagem litúrgica e catequética que marcou profundamente a história da Igreja. Essa linguagem permanece viva e enraizada na cultura teológica contemporânea, constituindo um saber essencial que a catequese precisa dominar para tornar o Mistério perceptível em sua argumentação e em sua própria dinâmica formativa.

Nesse sentido, é fundamental o que Giraud comenta quando cita Cirilo de Jerusalém. Diz o autor: “os Padres, a partir da liturgia sabiam comprometer sua comunidade num caminho de fé extremamente exigente”⁵³⁵. Em seguida Giraud se detém sobre a quinta catequese mistagógica de Cirilo – onde era explicado de forma profunda e intensa o rito de comunhão⁵³⁶ – e, baseado na extraordinária catequese ciriliana, que fazia o neófito ter a clareza do significado, do conteúdo e do cuidado com o Corpo do Senhor, assertivamente menciona que “esta mistagogia, em sua concreção e profundidade, é muito atual”⁵³⁷. Por isso, o exemplo descrito por Cirilo de Jerusalém sobre a comunhão na liturgia eucarística, é eloquente e relevante para a catequese da Igreja nos dias de hoje, pois nas palavras de Munina, a catequese

⁵³² CNBB, (Doc 107). *Op. cit.* n. 78.

⁵³³ Cf. RICA. Introdução. *Op. cit.* n. 4-6.

⁵³⁴ CNBB, (Doc 107). *Op. cit.* n. 146.

⁵³⁵ GIRAUO. Cesare. *Num só corpo*: Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003. p. 563.

⁵³⁶ Cf. *Ibid.* p. 563-564. Para melhor compreensão, vide CIRILO DE JERUSALÉM (CMV, 19-23). *Op. cit.* p. 74-75.

⁵³⁷ *Ibid.* p. 564.

eucarística ciriliana “educa nos gestos e nos símbolos litúrgicos e permite-nos viver melhor este sacramento”⁵³⁸.

Assim, compreende-se que, na perspectiva ciriliana, a mistagogia não se reduz a um simples método catequético, mas configura-se como um autêntico itinerário espiritual e teológico, mediante o qual o fiel é conduzido a uma experiência viva e transformadora do Mistério celebrado. Nessa dinâmica, liturgia e catequese se articulam e se enriquecem reciprocamente, favorecendo um processo de iniciação que conduz o cristão a penetrar, de modo progressivo e existencial, no coração do Mistério Pascal de Cristo.

2.1 Etimologia de Mistagogia para a catequese atual

Etimologicamente a palavra Mistagogia pode ser explicada a partir do termo grego *μυσταγωγία* (*mystagogia*). Expressão formada por duas outras palavras gregas: *μύστης* (*mystes*), substantivo que significa iniciado; e pelo verbo *ἄγω* (*ago*) e a variação *ἄγειν* (*agein*), que quer dizer a ação de conduzir, guiar. Portanto, mistagogia significa “ser conduzido para dentro do Mistério”⁵³⁹. Em outras palavras, “segurar pela mão para conduzir ou introduzir nos mistérios que são os sacramentos”⁵⁴⁰. Essa ação mistagógica, própria de Cirilo de Jerusalém, vale lembrar, era ministrada aos neófitos, durante a oitava da Páscoa, para introduzi-los, pela oralidade, na compreensão dos sacramentos recebidos na véspera da Páscoa.

Afirmar hoje que a mistagogia está relacionada apenas a um tempo de preparação catequético, esvazia-se o termo. Tal itinerário não deve restringir-se ao período imediatamente posterior à iniciação sacramental, mas estender-se a todo o processo formativo e às diversas realidades catequéticas e eclesiais. Assim, os encontros, inspirados na dinâmica mistagógica, configuram-se como um paradigma atual da catequese, orientado ao encontro vivencial com Cristo.

Munina soube sintetizar eficazmente os significados que alcançam a mistagogia, conforme o seu contexto. Assim sendo, o autor explica que o conceito de mistagogia evoluiu. Bem objetivamente, pode-se compreendê-lo como introdução ao mistério ou mistérios, a própria celebração litúrgica e a tipologia bíblica empregada, ou uma reflexão teológica-litúrgica. Mas, também, adquiriu o status de verdadeira teologia litúrgica⁵⁴¹. De fato, essa diversidade conceitual, segundo Munina, se desdobra em algumas tendências que as

⁵³⁸ MUNINA, Jean-Pierre Kalongisa. *Op. cit.* p. 237.

⁵³⁹ Cf. TABORDA, Francisco. *Omemorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2015. p. 41. O termo Mistério encontra em Paulo uma relação estreita com o *Kerygma* cristológico: anúncio do Cristo crucificado (1Cor 1, 23); anúncio do Mistério de Deus à comunidade, (1Cor 2,1). O próprio Cristo é o Mistério de Deus, (Cl 1, 27; 2, 2; 4, 3); (Rm 16, 25); (Ef 3, 4-5).

⁵⁴⁰ MUNINA, Jean-Pierre Kalongisa. *Op. cit.* p. 19.

⁵⁴¹ *Ibid.* p. 19-20.

configuram no único aspecto: a mistagogia é um método. Tal aspecto metodológico se percebe e se distingue nas tendências “histórico-patristica, teológico-litúrgica, teológico-espiritual, litúrgico-pastoral, catequético-pedagógica”⁵⁴². Ou seja, a mistagogia é um método que atravessa todas as formas de catequese, onde se conduz ao mistério, a Cristo.

Sendo considerado um método catequético dos Padres da Igreja, que se prestava a conduzir o fiel a vivenciar o mistério da salvação, a mistagogia, portanto, que abarca várias tendências, tem como objeto Cristo. A dinâmica catequética-mistagógica da Patrística consistia na apresentação dos elementos rituais da celebração sacramental, fundamentados na Escritura, sob a luz da tipologia bíblica, e descritos como eventos salvíficos em Jesus Cristo. Com efeito, na Vigília Pascal, o que foi explicado era vivenciado como a manifestação do mistério de Deus celebrado. Desse modo, o mistagogo conduzia o catecúmeno e o neófito a compreender que, após a experiência mistagógica na celebração, a liturgia não se reduzia ao ritualismo, mas se realizava na própria vida cristã: *lex orandi, lex credendi, lex agendi*. Por isso, Munina escreve que o método mistagógico é uma “pedagogia ‘ativa’, que consiste em dar vida aos ritos”⁵⁴³.

A dimensão mistagógica foi fundamental para a vivência nas celebrações dos ritos sacramentais, que ocorriam na Patrística do século IV, como o é nos tempos de hoje. De fato, “a liturgia é mistagogia”⁵⁴⁴. Essa afirmação de Augé demonstra que na liturgia se realiza o momento de “contato com o mistério salvífico de Deus, o mistério de Cristo, chamado para transformar a nossa vida”⁵⁴⁵.

Nesse sentido, na ação litúrgica conduzida por Cirilo de Jerusalém, o aspecto puramente intelectual ou racional não ocupava o centro da experiência mistagógica. Na mistagogia o essencial estava na participação nos ritos e gestos litúrgicos, compreendidos como realidades salvíficas que deveriam encontrar correspondência na vida concreta dos neófitos. Assim, é pertinente a observação de Munina ao destacar o valor teológico do termo “hoje”, mediante o qual a ação salvífica de Deus se torna atual e eficaz na existência do fiel, inserindo-o no dinamismo sempre presente do mistério pascal.

2.2 Teologia Mistagógica: uma leitura litúrgico-catequética para o hoje

Em 1985, o Papa João Paulo II convoca um sínodo extraordinário para celebrar, verificar e promover o Concílio Vaticano II. O Relatório final do Sínodo recomendava para se aplicar mais prontamente as resoluções conciliares e destacava a participação ativa, não apenas como atitude exterior, mas, sobretudo, numa participação interior e espiritual. Participação viva e

⁵⁴² *Ibid.* p. 20.

⁵⁴³ *Ibid.* p. 20.

⁵⁴⁴ AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. São Paulo: Ave-Maria, 2013. p. 377.

⁵⁴⁵ *Ibid.* p. 377.

frutuosa no Mistério Pascal de Cristo. O documento final alertava, ainda, para que “as catequese, como ocorria no início da Igreja, devem voltar a ser um caminho que introduza na vida litúrgica – catequese mistagógica”⁵⁴⁶.

Essa perspectiva do Sínodo de Vescovi vem de encontro com o que Bento XVI, mediante a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*, recomendou sobre um itinerário formativo mistagógico junto ao povo, a fim de que os fiéis pudessem viver pessoalmente o que se celebra. Esse itinerário essencial na catequese é o mistagógico, “que leve os fiéis a penetrarem cada vez mais nos mistérios que são celebrados”⁵⁴⁷. Além disso, orienta a Exortação:

a catequese mistagógica há de preocupar-se em introduzir no sentido dos sinais contidos nos ritos; essa tarefa é particularmente urgente numa época acentuadamente tecnológica como a atual, que corre o risco de perder a capacidade de perceber os sinais e os símbolos. Mais do que informar, a catequese mistagógica deverá despertar e educar a sensibilidade dos fiéis para a linguagem dos sinais e dos gestos que, unidos à palavra, constituem o rito. Enfim, a catequese mistagógica deve preocupar-se em mostrar o significado dos ritos para a vida cristã em todas as suas dimensões: trabalho e compromisso, pensamentos e afetos, atividade e repouso. Faz parte do itinerário mistagógico pôr em evidência a ligação dos mistérios celebrados no rito com a responsabilidade missionária dos fiéis. Nesse sentido, o fruto maduro da mistagogia é a consciência de que a própria vida vai sendo progressivamente transformada pelos sagrados mistérios celebrados. Aliás, a finalidade de toda a educação cristã é formar o fiel enquanto “homem novo” para uma fé adulta, que o torne capaz de testemunhar no próprio ambiente a esperança cristã que o anima.⁵⁴⁸

Nesse sentido, a existência cristã se estrutura em uma dinâmica que corresponde a uma atitude vivencial de integração entre culto e vida, realidades que se retroalimentam na medida em que o fiel penetra mais profundamente no Mistério celebrado. Assim, a mistagogia manifesta sua força ao promover a interação entre a fé celebrada e a fé vivida, unindo, em um mesmo dinamismo, aquilo que se celebra e aquilo que se vive⁵⁴⁹.

Contrariamente a esse prognóstico esperado, Taborda, por meio de uma abordagem crítica, analisa a superficialidade com que a modernidade – ou pós-modernidade, como prefere denominar – trata o dado religioso e o sagrado, reduzindo-os a meros objetos de consumo, marcados por uma subjetividade que relativiza a relação do ser humano com Deus. O autor denuncia o que chama de “a *bricolage* de elementos”, isto é, a tendência do indivíduo contemporâneo de construir uma relação religiosa ou sectária que lhe pareça mais conveniente,

⁵⁴⁶ SINODO DEI VESCOVI. Relazione finale del sinodo dei vescovi. Aggiornamenti sociali, Milão, ano 37, n.1, p. 67-79, jan. 1986. Disponível em: <https://www.aggiornamentisociali.it/fascicoli/gennaio-1986/>. Acesso em 22 out. 2025.

⁵⁴⁷ BENTO XVI. Exortação apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007. n. 64.

⁵⁴⁸ *Ibid.* n. 64.

⁵⁴⁹ Cf. FINELO, Vitor Gino. *Op. cit.* p. 183-184.

ajustada às suas próprias necessidades. Esse “feixe de mercadoria religiosa”, segundo Taborda, carece de perenidade, pois está sujeito às vicissitudes que condicionam o indivíduo e à instabilidade de uma proposta volúvel e subjetiva de adesão a esse mercado da fé, o qual o distancia das grandes e sólidas sínteses da tradição cristã⁵⁵⁰.

Libanio, por sua vez, analisa de modo perspicaz a inserção da Igreja no contexto pós-moderno – um cenário marcado pela diversificação e fragmentação cultural, que provoca o consequente desgaste das instituições religiosas⁵⁵¹. Nesse vácuo, gerado pelo enfraquecimento das Igrejas tradicionais, emerge o fenômeno da proliferação de múltiplas seitas e expressões religiosas, o que leva, segundo Libanio, a “atribuir à revelação de Deus formas religiosas tão abstrusas”⁵⁵². Paralelamente, o fenômeno religioso torna-se objeto de consumo, condicionado pela subjetividade individual, em um contexto saturado de ofertas religiosas, configurando-se como um verdadeiro “supermercado da fé”⁵⁵³.

Dessa forma, categorias fundamentais do cristianismo acabam por se tornar estranhas e relativizadas ao indivíduo contemporâneo: a verdadeira alteridade, a Transcendência, a observância da Palavra de Deus e outros elementos essenciais do horizonte teológico da Igreja Católica⁵⁵⁴. Nesse sentido, Taborda é enfático ao diagnosticar o contexto atual com uma cultura de “tendência secularizante”⁵⁵⁵ e ao indicar a urgência de se desenvolver uma via capaz de superar a propensão ao relativismo e à volubilidade religiosa, que reduzem o Mistério a mero enigma ou esoterismo. Assim, o autor aponta para a necessidade de a Igreja criar e fortalecer os meios para desenvolver uma mistagogia capaz de responder aos desafios contemporâneos⁵⁵⁶.

Toda realidade cultural e social em que a catequese está mergulhada, requer novas formas de transmissão da fé, para que o fiel, preparado em um ambiente catequético-mistagógico possa ter a opção de viver a vida cristã autêntica. Vale ressaltar as exigências hodiernas para que a catequese seja mistagógica, que nas palavras de Paro “saia do campo

⁵⁵⁰ Cf. TABORDA, Francisco (2015). *Op. cit.* p. 41-42.

⁵⁵¹ Cf. LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 25.

⁵⁵² *Ibid.* p. 80.

⁵⁵³ Cf. TABORDA, Francisco (2015). *Op. cit.* p. 42.

⁵⁵⁴ Cf. *Ibid.* p. 42.

⁵⁵⁵ Cf. *Ibid.* p. 42. A secularização da sociedade moderna se impõe como evidência. Isso é constatável pelo fato da tendência cada vez maior a prescindência da influência pública da religião por parte da sociedade. Libanio ao refletir sobre a crescente secularização pontua que o mundo passa por uma onda de dessacralização. “Segue-se uma perda de significação de figuras e gestos sagrados”. Segundo o autor, “a secularização pode ser um fato constatado, uma teoria interpretativa ou um projeto a ser implantado. Distingue-se de ‘secularismo’, que significa antes uma ideologia que aponta para o término do processo de secularização, uma realidade absolutamente imanente em que se negam qualquer transcendência e dimensão religiosa”. LIBANIO, João Batista (2002). *Op. cit.* p. 125-126.

⁵⁵⁶ Cf. *Ibid.* p. 42.

puramente verbal, com explicações doutrinárias e morais, para tornar-se uma catequese que fomente a participação ativa, consciente e genuína nas ações litúrgicas”⁵⁵⁷.

Paro, ainda, pontua com coerência que ao ser empregada à catequese o método mistagógico, isto não se refere a penas ao tempo da mistagogia, quando se aprofunda o que havia sido ensinado e vivenciado nos ritos das celebrações sacramentais da iniciação cristã, com os catecúmenos na Vigília Pascal. Por isso, Paro emprega o sentido de mistagogia em um sentido mais amplo, como o é na realidade: como um método⁵⁵⁸. Tal dinâmica, deve ser recuperada “como um método que deverá perpassar todo o itinerário do processo iniciático e ter sua culminância com o tempo da mistagogia preservado pelo RICA, aludindo de modo mais intenso à experiência interior dos ritos vividos pelos catequizandos”⁵⁵⁹.

Para a catequese dos dias atuais a experiência patrística com as catequeses mistagógicas se mostra uma via metodológica essencial. Do que se pode aproximar os tempos patrísticos com a catequese hodierna, Sartore distingue

“três elementos no método mistagógico, os quais conservam preciosa atualidade: a valorização dos sinais (gestos, palavras) logo que experimentados; a interpretação dos ritos à luz da Bíblia, na perspectiva da história da salvação; a abertura ao compromisso cristão e eclesial, expressão da nova vida em Cristo”.⁵⁶⁰

Nos tempos patrísticos, havia uma clara preocupação pastoral com a preparação catequético-mistagógica dos novos cristãos, orientada para o aprofundamento do mistério presente nos ritos. Tal cuidado visava evitar o risco de que estes permanecessem “exteriores, com uma interpretação mágica”⁵⁶¹. Atualmente, a dinâmica mistagógica na catequese deve se fazer igualmente necessária nas etapas de preparação, à semelhança do que ocorria entre os Padres da Igreja. Em particular, em São Cirilo de Jerusalém, o método mistagógico apresenta, segundo Sartore,

uma significativa indicação pastoral: a catequese litúrgica, já necessária na Igreja antiga, não obstante a autenticidade das celebrações de então, é tanto mais necessária hoje para os cristãos que receberam os sacramentos sem fé pessoal e que precisam ser chamados a uma consciência mais profunda⁵⁶².

Com isso, para Sartore, tal método mistagógico da patrística possui inevitavelmente um interesse mais vasto, pois, “pelo valor exemplar que ele conserva para a catequese litúrgica em

⁵⁵⁷ PARO, Thiago Faccini. *Catequese e liturgia na iniciação cristã: O que é e como fazer*. Petrópolis: Vozes, 2019. p. 67.

⁵⁵⁸ *Ibid.* p. 67.

⁵⁵⁹ *Ibid.* p. 68.

⁵⁶⁰ D. SARTORES, Catequese e liturgia, in: *Dicionário de liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992. p. 180.

⁵⁶¹ *Ibid.* p. 180.

⁵⁶² *Ibid.* p. 180.

geral, não na preparação imediata para os sacramentos, mas em toda a formação permanente do cristão, estendida a toda a vida”⁵⁶³.

Nessa perspectiva, tem razão Chupungco ao afirmar que “a catequese não somente leva aos sacramentos da fé, mas também extrai seus elementos didáticos da liturgia, que, de acordo com a SC 33, ‘é também fonte de instrução para o povo fiel’”⁵⁶⁴. Nesse mesmo horizonte de reflexão, Sartore, ao tratar da associação intrínseca entre catequese e liturgia, recorda que a Exortação Apostólica *Catechesi tradendae*, no número 23, assevera que “a catequese está intrinsecamente ligada a toda a ação litúrgica e sacramental, pois é nos Sacramentos, sobretudo na Eucaristia, que Cristo Jesus age em plenitude na transformação dos homens”⁵⁶⁵.

A liturgia constitui a realidade que atravessa e dá sentido à catequese. Nesse contexto, Chupungco chama a atenção para a hábil e consistente síntese encontrada em Sartore, cuja reflexão, alicerçada no magistério e na tradição, evidencia de modo exemplar a articulação e a configuração da catequese litúrgica⁵⁶⁶. Tal perspectiva, que fora desenvolvida sinteticamente por Sartore, se insere plenamente no propósito desta pesquisa, que busca compreender os aspectos de integração e correspondência entre as duas dimensões fundamentais: catequese e liturgia⁵⁶⁷.

A primeira perspectiva, Sartore demonstra a “catequese como iniciação litúrgica” que, em face da liturgia, deve ser inserida na história da salvação. A catequese deve iniciar apresentando o “significado das ações litúrgicas na história da salvação e na vida da Igreja e esclarecendo os fundamentos antropológicos e sociológicos dos ritos cristãos, o seu enraizamento profundo na natureza do homem e na vida da comunidade”⁵⁶⁸. Com isso, a catequese litúrgica se torna um veículo iniciático aos sinais litúrgicos – em especial aos sacramentos – valendo-se de coisas, gestos e palavras, que são introdutórios à experiência do mistério salvífico de Cristo. Essa realidade faz compreender que existe uma continuidade com “a pedagogia de Deus que se exprime em toda a Bíblia, na qual Deus vem ao nosso encontro segundo a medida do homem”⁵⁶⁹. Nesse sentido, Sartore quer demonstrar aos catequistas que eles devem

estudar e explicar atentamente o sentido, por vezes oculto, mas inexaurível e vivo, dos sinais e dos ritos litúrgicos, observando não tanto o seu simbolismo natural, mas considerando antes o valor expressivo próprio que eles

⁵⁶³ *Ibid.* p. 180.

⁵⁶⁴ CHUPUNGCO, Anscar J. *Inculturação litúrgica: Sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 151.

⁵⁶⁵ JOÃO PAULO II. Exortação apostólica *Catechesi tradendae*, sobre a catequese do nosso tempo. 1977. nº 23. Disponível em: https://www.Vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html. Acesso em 13 out. 2025.

⁵⁶⁶ Cf. CHUPUNGCO, Anscar J. *Op. cit.* p. 151-152.

⁵⁶⁷ Cf. D. SARTORE. *Op. cit.* p. 180-181.

⁵⁶⁸ *Ibid.* p. 180.

⁵⁶⁹ *Ibid.* p. 180.

assumiram na história da antiga e da nova aliança. A água, o pão – elementos naturais –, o reunir-se em assembleia, o caminhar juntos – gestos –, o canto, o silêncio, deixarão transparecer as verdades da salvação, que evocam e que misteriosamente realizam⁵⁷⁰.

Sartore, em seguida, apresenta a liturgia como “catequese em ação”. A dimensão catequética da liturgia exerce influência direta sobre os catequizandos e os catecúmenos, que nela colhem os frutos da redenção. Com efeito, a celebração litúrgica, especialmente no âmbito sacramental, revela-se de particular importância, pois, como assinala o próprio Sartore, o rito sacramental é enriquecido pela Liturgia da Palavra e pela homilia – esta última assumindo função propriamente mistagógica⁵⁷¹ –, de modo que a liturgia se configura como verdadeira catequese em ato. O autor compreende, assim, a dinâmica catequética da liturgia como um processo que auxilia os participantes dessa ação sagrada a compreender e vivenciar o mistério celebrado, de modo que ela “seja verdadeiramente uma experiência de fé e de vida cristã e, por conseguinte, intensamente formadora”⁵⁷².

Por fim, a liturgia é apresentada como “fonte da catequese”. Isso porque a liturgia, em sua intrínseca relação com a catequese, converte-se em uma fonte inesgotável de elementos simbólicos que se “tornam preciosos como conexões psicológicas e como dados de experiência já familiares aos fiéis, que terão a vantagem de permanecer, sucessivamente, como estrutura condutora e convite duradouro de anúncio de fé e de mensagem de vida”⁵⁷³. Entre esses elementos, destacam-se o sinal da cruz, a água benta, a assembleia reunida, os gestos de reverência e oração, o amém e o aleluia⁵⁷⁴.

Essa relação entre gestos e palavras é igualmente destacada pelo Papa Francisco, que, de modo simples, recorda as ternas e delicadas maneiras pelas quais pais e avós educam seus filhos, bem como o modo como párocos e catequistas orientam os fiéis a atitudes reverentes e piedosas diante dos gestos litúrgicos. Essa dimensão pedagógica, tanto familiar quanto eclesial, constitui, segundo Francisco, “a educação necessária para poder adquirir a atitude interior que nos permite situar e compreender os símbolos litúrgicos”⁵⁷⁵.

Por isso, afirma Sartore, sob múltiplos aspectos, “a liturgia pode ser fonte múltipla de catequese, capaz de nutrir a fé e de chamar à conversão, de construir, dia após dia, a comunidade, de propor continuamente eficazes recursos à esperança cristã”⁵⁷⁶.

⁵⁷⁰ *Ibid.* p. 181.

⁵⁷¹ Cf. *Ibid.* p. 181.

⁵⁷² *Ibid.* p. 181.

⁵⁷³ *Ibid.* p. 181.

⁵⁷⁴ Cf. *Ibid.* p. 181.

⁵⁷⁵ FRANCISCO. Carta apostólica *Desiderio desideravi* (DD), sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: Ed. CNBB, 2022. n. 47.

⁵⁷⁶ D. SARTORE. *Op. cit.* p.181.

Nessa ótica interpretativa da relação entre liturgia e catequese, tornam-se particularmente relevantes os textos mistagógicos de Cirilo de Jerusalém, que fazem referência constante às celebrações sacramentais dos ritos de iniciação. Conforme observa Chupungco, os Padres da Igreja do século IV – especialmente com a catequese de Cirilo – retomam “o que aconteceu durante a celebração e explicam as orações, gestos e símbolos que constituíram o rito litúrgico. De uma maneira que se tornou típica da catequese patrística, eles sondam os tipos bíblicos a fim de revelar o plano oculto de Deus”⁵⁷⁷.

Entretanto, há uma questão que merece ser posta em debate e que pode suscitar controvérsias no âmbito catequético, especialmente quando a concepção de catequese não reconhece o valor das Catequeses de Cirilo de Jerusalém, bem como o de seus contemporâneos. O possível impasse situa-se na reinterpretação atual das catequeses cirilianas e na sua aplicação às práticas catequéticas contemporâneas. À luz dessa problemática, e considerando a pertinência do legado patrístico, Taborda é enfático ao afirmar que o caminho mistagógico da tradição patrística oferece respostas significativas às exigências e desafios do nosso tempo. Taborda sustenta que

A proposta de uma abordagem mistagógica em teologia sacramental poderia parecer uma volta anacrônica ao passado. Na realidade, porém, a volta às fontes nunca é um anacronismo ou uma repriminção, quando não se faz de modo fundamentalista, mas sim numa perspectiva hermenêutica, isto é, com o olhar no presente, que permita iluminá-lo através de uma “fusão de horizontes”, conforme a clássica expressão de Gadamer. Vale dizer que os próprios desafios atuais nos levam a perguntar aos Padres da Igreja o que seu método de explicar os sacramentos nos poderia ensinar hoje⁵⁷⁸.

Nessa perspectiva, destacam-se os ensinamentos oriundos da Patrística, particularmente em Cirilo de Jerusalém, cujas catequeses se apresentavam com o caráter nitidamente mistagógico. Aos neófitos era, assim, assegurada a compreensão da história da salvação enquanto ação litúrgico-celebrativa, revelada e consumada em Cristo e constantemente atualizada nos sacramentos. Essa dinâmica se realizava mediante a leitura tipológica das Escrituras, pela qual se desvelava o plano oculto de Deus, plenamente manifestado em Cristo e concretamente atualizado no hoje da história.

2.3 No método mistagógico está o “hoje”

Na mistagogia patrística, em especial em Cirilo de Jerusalém, o acento recai sobre a vivência litúrgica: a experiência com os ritos, gestos, símbolos... Ou seja, na liturgia, assevera Munina, não deve haver a preocupação com a dimensão intelectual no contexto celebrativo; a

⁵⁷⁷ CHUPUNGO, Anscar J. *Op. cit.* p. 164.

⁵⁷⁸ TABORDA, Francisco (2015). *Op. cit.* p. 41.

explicitação dos ritos e gestos litúrgicos não é suficiente, pois é necessário ir mais profundo⁵⁷⁹. O próprio nome da liturgia já indica uma ação e, por isso, a mistagogia patrística dava atenção ao ritual e ao gestual, observados durante a celebração, com vista à atualização vivencial prática dos fiéis⁵⁸⁰.

Nesse sentido, para uma vivência litúrgica autêntica, Munina admite o advérbio “hoje”, que deve estar entranhado no método mistagógico⁵⁸¹. É fundamental compreender a mistagogia do “hoje”, que torna atual a ação de Deus nos eventos salvíficos, contidos nos textos bíblicos e nos ritos litúrgicos⁵⁸². Portanto, para o método mistagógico a vivência litúrgica pelo qual Cirilo preparava os catecúmenos e, em seguida, explicitava nas catequeses pós-batismais, concretamente na oitava de Páscoa, o advérbio “hoje” assumia uma enorme relevância. O método mistagógico admite, por isso, que o acontecimento salvífico seja celebrado na liturgia e não como um fato passado a ser lembrado.

Dessa assertiva é possível compreender que as festas litúrgicas celebradas sejam determinadas pelo advérbio “hoje”, pois, segundo Munina, nos mistérios celebrados existe uma dupla realidade: “por um lado, um acontecimento histórico consumado que só pode ser objeto de comemoração; por outro lado, os dons enumerados de Deus, que não pertencem apenas ao passado, mas se renovam todos os anos”⁵⁸³.

Nesse sentido, é oportuno quando Munina cita em sua obra uma nota referente à O Casel, que comenta a introdução do advérbio hoje na liturgia e diz que esta expressão

sublinha a presença de Deus não só nos acontecimentos passados, mas também nos nossos hoje: Deus é presença. Para ele não há passado nem futuro. Existe apenas um ‘hoje’ divino ao lado dele, diferente disso hoje que conhecemos no caminho dos homens. Deus deu-nos a possibilidade de entrar já agora, desde aqui na terra, no seu presente imutável e no hoje eterno. Ele torna isso possível para nós graças ao mistério da adoração. Aí, também para nós, o passado e o presente desaparecem: tudo está presente. O que pertence ao passado, historicamente, como a morte do Senhor, e o que ainda não aconteceu historicamente, como a parusia final: tudo se torna presente, até mesmo atual, quando celebramos os santos mistérios⁵⁸⁴.

Partindo desse paradigma caseliano, vale observar o pensamento do Papa Francisco que apresenta uma maneira coerente para se entender a ação divina no hoje da história humana. Diz o Papa:

A Liturgia não nos deixa sozinhos na busca de um presumido conhecimento individual do mistério de Deus, mas nos leva pela mão, juntos, como assembleia, para nos conduzir ao mistério que a Palavra e os sinais sacramentais nos revelam. Faz isso em coerência com o agir de Deus,

⁵⁷⁹ Cf. MUNINA, Jean-Pierre Kalongisa. *Op. cit.* p. 248.

⁵⁸⁰ Cf. *Ibid.* p. 248.

⁵⁸¹ Cf. *Ibid.* p. 248.

⁵⁸² Cf. *Ibid.* p. 248.

⁵⁸³ *Ibid.* p. 249.

⁵⁸⁴ O CASEL. (1961). *Hodie. In. Ibid.* p. 248-249, tradução nossa.

seguindo o caminho da encarnação, pela linguagem simbólica do corpo, que se estende às coisas, ao espaço e no tempo⁵⁸⁵.

Com relação às Catequeses Mistagógicas, Cirilo de Jerusalém enfatiza a relação profunda entre a liturgia e a experiência cristã, sobretudo, no que diz respeito ao “hoje” da celebração litúrgica. Para Cirilo, a ação litúrgica nos sacramentos da iniciação cristã não é uma mera recordação dos eventos salvíficos, mas a atualização sacramental concreta da economia da salvação, possibilitando aos fiéis participarem ativamente do mistério de Cristo.

A fundamentação da ideia do “hoje” litúrgico em Cirilo, revela toda a sua perspicácia em conduzir os catecúmenos e neófitos ao mistério. Cirilo entende a liturgia como um evento atual e transformador. Ao conduzir o neófito pela catequese mistagógica, Cirilo contempla o efeito místico na celebração do Batismo quando diz:

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é uma imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas estas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação⁵⁸⁶.

Com base nessa perspectiva, Finelon identifica, no pensamento patrístico, uma particularidade ontológica na relação entre o evento salvífico narrado nas Escrituras e a correspondente celebração cultural. Ambos se distinguem quanto à densidade soteriológica, pois, segundo o autor, “os eventos salvíficos gozam de um *status* fundante e mais denso soteriologicamente, enquanto que as celebrações teriam um *status* dependente e menos portador de carga salvífica”⁵⁸⁷.

Todavia, Finelon sustenta a existência de uma “identidade entre o evento salvífico e o rito litúrgico”⁵⁸⁸, o que conduz à compreensão de que a participação no rito constitui, em si mesma, um mergulho na história da salvação. Isso se explica pelo fato de que “o evento passado e a celebração presente não diferem ontologicamente, mas gozam da mesma força soteriológica”⁵⁸⁹, uma vez que a celebração “presentifica as mesmas energias salvíficas nos diversos momentos do *ordo salutis*”⁵⁹⁰.

Por isso, não se pode deixar de pensar a teologia mistagógica, que aproxima o fiel do mistério no hoje de sua história, sem trazer a abordagem do método tipológico empreendido na patrística, em especial, por Cirilo de Jerusalém, que faz com que o fato salvífico seja atualizado

⁵⁸⁵ DD. n. 19.

⁵⁸⁶ CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 5). *Op. cit.* p. 45.

⁵⁸⁷ FINELON, Vitor Gino. *Op. cit.* p. 137.

⁵⁸⁸ *Ibid.* p. 137.

⁵⁸⁹ *Ibid.* p. 137.

⁵⁹⁰ *Ibid.* p. 137.

na celebração dos mistérios de Cristo vivenciado na comunidade cristã e nas abordagens catequéticas.

2.4 Teologia mistagógica e seu método tipológico

A Escritura, em sua totalidade, configura-se como fonte e testamento do amor de Deus, revelado progressivamente na história da salvação. Nesse horizonte, Daniélou é preciso ao afirmar que “a explicação dos ritos sacramentais ocupa um lugar importante na formação dos fiéis”⁵⁹¹, indicando que a compreensão teológica dos sinais litúrgicos depende de uma sólida hermenêutica bíblica. Assim, a centralidade da Bíblia manifesta-se como princípio estruturante de toda a ação catequética, pois é nela que se reconhece Cristo como plenitude e cumprimento das promessas e acontecimentos do Antigo Testamento.

Nas catequese cirilianas, observa-se claramente que “as realidades do Antigo Testamento são figuras daquelas do Novo Testamento”⁵⁹². Tal comparação intertestamentária sintetiza o método tipológico, por meio do qual a unidade interna das Escrituras se torna inteligível e acessível ao fiel. A aplicação da tipologia conduz o crente a perceber a Bíblia como um único livro, internamente coerente, com a correspondência entre os dois testamentos, permitindo uma leitura integral e mistagógica do Mistério cristão.

Nesse contexto, Mazza cita como exemplo a hermenêutica sacramental de Cirilo, caracterizada como tipológica, uma vez que os próprios sacramentos são compreendidos como realidades tipológicas⁵⁹³. Com efeito, continua o autor, “esse método é possível somente se a natureza dos sacramentos é, como tal, *imitação*”⁵⁹⁴. Mazza usa esse termo e o explica valendo do texto de Cirilo sobre o batismo. Pontua o autor que o batismo é “como participação (*koinonia*), em imitação (*en mymesei*) dos verdadeiros sofrimentos de Cristo”⁵⁹⁵.

O texto que Mazza se refere é o da segunda Catequese Mistagógica (*CM II, 5*) – foi citado acima, porém, vale repeti-lo para esclarecer pontualmente sobre o emprego do termo imitação:

Oh! Fato estranho e paradoxal! Não morremos em verdade, não fomos sepultados em verdade, não fomos crucificados e ressuscitados em verdade. A imitação é imagem; a salvação, uma verdade. Cristo foi crucificado, sepultado e verdadeiramente ressuscitou. Todas essas coisas nos foram agraciadas a fim de que, participando, por imitação, de seus sofrimentos, em verdade logremos a salvação. Oh! Amor sem medida! Cristo recebeu em suas mãos imaculadas os pregos e padeceu, e a mim, sem sofrimento e sem pena, concede graciosamente por esta participação a salvação⁵⁹⁶.

⁵⁹¹ DANIÉLOU, Jean. *Op. cit.* p. 29.

⁵⁹² *Ibid.* p. 30.

⁵⁹³ Cf. MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 217.

⁵⁹⁴ *Ibid.* p. 217.

⁵⁹⁵ *Ibid.* p. 217.

⁵⁹⁶ CIRILO DE JERUSALÉM (*CM II, 5*). *Op. cit.* p. 45.

Nesse sentido, Mazza destaca ainda que

se o sacramento é *imitação*, segue-se que o único modo para o defini-lo consiste em remontar à realidade de que é imitação. Portanto, o rito litúrgico, o sacramento, é conhecido e definido somente por meio do conhecimento da realidade de salvação (descrita na Escritura) de que é *imitação*⁵⁹⁷.

Algumas realidades tipológicas em Cirilo são bem marcantes e podem despertar um horizonte para a catequese hodierna. Por exemplo a tipologia do rito da renúncia a Satanás, celebrada na Vigília Pascal e, no início da catequese batismal, é explicada com a tipologia veterotestamentária:

entrastes primeiro no adro do batistério. Depois vos voltastes para o Ocidente e atentos escutastes. Recebestes então a ordem de estender a mão, e renunciastes a satanás como se estivesse ali presente. É preciso que saibais que na história antiga há uma figura deste gesto⁵⁹⁸.

A tipologia se notabilizou na patrística com as homilias que transmitiam as experiências escriturísticas – segundo Finelon, “não apenas um mero método”⁵⁹⁹ –, cuja linguagem fontal escriturística conduzia às experiências mistagógicas dos ouvintes de então. Nas palavras de Finelon, “a tipologia se associa intrinsecamente à mistagogia, pois ela é a forma linguística da experiência mistérica”⁶⁰⁰. Portanto, “a tipologia nasce da Escritura, se manifesta na liturgia e visa comprometer vivencialmente as pessoas”⁶⁰¹.

A linguagem mistagógica, em estreita articulação com o método tipológico, permeia todo o processo catequético, favorecendo uma vivência pessoal do mistério. A mistagogia, em sua origem, constitui-se como um método patrístico destinado a introduzir os fiéis na compreensão da dimensão litúrgico-celebrativa da fé; nesse sentido, ela contribuía também para revelar a riqueza simbólico-ritual experimentada pelos neófitos de Cirilo de Jerusalém. Tal perspectiva é explicitada pelo próprio Cirilo em suas catequese mistagógicas, por exemplo, quando afirmava: “Depois de despídos, fostes ungidos com óleo exorcizado desde o alto da cabeça até os pés. Assim, vos tornastes participantes da oliveira cultivada, Jesus Cristo”⁶⁰².

Segundo Costa, Cirilo empregava recorrentemente, ao longo de suas catequese, um termo de grande densidade teológica e valor paradigmático, destinado a envolver os neófitos nos acontecimentos sacramentais: o termo *κοινωνία* (*koinonía*). Trata-se, conforme observa a autora, de um conceito que se configura como “chave de leitura para a compreensão da experiência vivida na liturgia sacramental”⁶⁰³.

⁵⁹⁷ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. p. 217.

⁵⁹⁸ CIRILO DE JERUSALÉM (CM I, 2). *Op. cit.* p. 32.

⁵⁹⁹ FINELON, Vitor Gino. *Op. cit.* p.143.

⁶⁰⁰ *Ibid.* p.142.

⁶⁰¹ *Ibid.* P. 143.

⁶⁰² CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 3). *Op. cit.* p. 43.

⁶⁰³ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 112.

Desse modo, abre-se a possibilidade de compreender a dimensão pessoal que atravessa a experiência catequética em sua totalidade. Tal compreensão fundamenta-se na própria dinâmica proposta por Cirilo, que, nos encontros pós-sacramentais, evidenciava que, conforme sintetiza Costa, “o conceito de participação no Mistério Pascal é um eixo mistagógico. A celebração torna sacramentalmente presente o Mistério salvífico a que faz referência: a Páscoa de Jesus Cristo”⁶⁰⁴. Assim, a lógica da *koinonía* (participação), tal como expressa por Cirilo, traduz-se em uma experiência pessoal autêntica e plena da vida cristã, vivida “por meio da” e “na” celebração eucarística⁶⁰⁵.

Nessa perspectiva, delineia-se para a catequese contemporânea uma miríade de possibilidades capazes de favorecer uma vivência mais profunda do mistério, mediante uma experiência de fé cujo eixo antropológico se orienta à participação ativa nos encontros catequéticos, especialmente por meio da simbologia, dos gestos e das atitudes litúrgicas. Desse modo, vislumbra-se para a catequese a emergência de um novo paradigma catequético, no qual a mediação sensível do rito conduz o ser humano ao encontro com o transcendente, configurando-se, assim, como um autêntico caminho de acesso ao mistério.

3 PARADIGMA VIVENCIAL: MERGULHO NO MISTÉRIO

A fé não se reduz a uma formulação antropocêntrica – entendida como uma construção teórica, filosófica, teológica ou cultural centrada na experiência, no valor ou na perspectiva humana –, tampouco pode ser concebida como um ideal fruto das projeções do próprio homem. Antes, a fé se manifesta como um ato existencial de adesão e acolhimento à autocomunicação de Deus, configurando-se como resposta livre e consciente à sua iniciativa salvífica e à sua interpelação na história.

Cirilo de Jerusalém promovia entre os catecúmenos e neófitos uma intensa experiência vivencial pela fé ao conduzir os encontros catequéticos, especialmente nas Catequeses Pré-batismas e Mistagógicas. Valendo-se do ambiente litúrgico, das homilias de caráter tipológico e da mistagogia das celebrações, Cirilo envolvia os iniciandos em um processo pedagógico-espiritual que os conduzia à participação plena nos ritos e a uma compreensão mais consciente do Mistério celebrado.

Durante as Catequeses Mistagógicas, segundo Costa, a Revelação é a base teológica que permeia toda a dinâmica da participação no Mistério e da comunicação entre Deus e seus filhos⁶⁰⁶, pois “é o fundamento teológico dos conteúdos e da metodologia das Catequeses

⁶⁰⁴ *Ibid.* p. 113.

⁶⁰⁵ Cf. *Ibid.* p. 113.

⁶⁰⁶ Cf. *Ibid.* p. 114.

mistagógicas”⁶⁰⁷. Esse processo dialógico desperta no ser humano a resposta de fé à iniciativa divina e o convida à conversão. Contudo, Costa enfatiza que as catequeses de Cirilo,

não impõem, mas propõem; não submetem, mas anunciam o caminho; não pressupõem conversão imediata, mas respeitam as condições para a resposta pessoal; não se atêm ao discurso doutrinário, mas acompanham e orientam as escolhas pessoais em direção à vida nova que lhe é anunciada⁶⁰⁸.

Nesse sentido, o processo catequético ciriliano é fundamentalmente dialógico, pois pressupõe uma abertura para a recepção da mensagem transmitida naqueles encontros capaz de envolver e transformar a própria vida⁶⁰⁹. Tal experiência requer um abandono em Deus mediante a fé, pois, “essa experiência da infinita distância entre Deus e nós é o primeiro passo para uma fé no verdadeiro Deus. De nosso lado, não há ponte possível que nos ligue a ele”⁶¹⁰. Contudo, a experiência desse encontro parte sempre de Deus, pois “quando o ser humano é alcançado por Deus, é chamado a responder com a obediência da fé e a aderir com total assentimento do intelecto e da vontade, acolhendo livremente o ‘Evangelho da graça de Deus’”⁶¹¹.

A catequese, por sua vez, enquanto espaço profético da Revelação e lugar privilegiado da experiência do Mistério, faz ressoar a mesma Palavra pronunciada no passado, atualizando-a na escuta e na compreensão do crente. Considerar a centralidade da Palavra é imprescindível, pois a “Sagrada Escritura chama a Jesus Cristo *palavra*, pois ele nos revela Deus, ou seja, diz a nós quem é Deus, como é e como atua na criação e na história”⁶¹².

A pessoa de Jesus Cristo, Palavra viva e definitiva do Pai, torna-se o mediador por excelência que, pela graça, introduz o ser humano na comunhão com o mistério divino, revelando-lhe o amor que funda e sustenta toda a realidade. Essa relação com o transcendente, segundo Borobio, “não se trata de um elemento mítico, mas estritamente histórico, não se trata de uma doutrina ou de uma construção mental – científica, religiosa, ideológica –, mas de uma pessoa”⁶¹³. Nessa perspectiva, a experiência do iniciando diante do Mistério configura-se como um itinerário existencial e pessoal, realizado pela via antropológica do encontro com o Cristo revelador.

3.1 A experiência pessoal com o mistério: eixo antropológico do encontro

⁶⁰⁷ *Ibid.* p. 114.

⁶⁰⁸ *Ibid.* p. 114-115.

⁶⁰⁹ *Ibid.* p. 115.

⁶¹⁰ LIBANIO, João Batista (2000). *Op. cit.* p. 227.

⁶¹¹ DCq, n. 17

⁶¹² CELAM. *Op. cit.* p. 16.

⁶¹³ BOROBIO, Dionisio (Org.). *A celebração na Igreja II*. Sacramentos, v. 2. São Paulo: Loyola, 1993. p. 25.

Ao se questionar sobre a pertinência da pedagogia escolar enquanto expressão de uma cultura educativa para a catequese e acerca de seus objetivos, é necessário discernir a intenção que a sustenta. A catequese possui finalidades próprias, que a animam e a orientam em sua ação evangelizadora. É evidente a dimensão humanista presente na cultura escolar; contudo, o humanismo da catequese é de natureza distinta, pois se abre ao transcendente, orientando o ser humano para a comunhão com o Mistério⁶¹⁴.

Segundo o Diretório para a Catequese, “a catequese deve evitar identificar a ação salvífica de Deus com a ação pedagógica humana”⁶¹⁵. Todavia, o documento não desconsidera o valor e a legitimidade das ciências humanas no processo educativo. A contribuição pedagógica e didática dessas ciências – ricas em conteúdo e método, e favoráveis à aprendizagem – pode, de fato, oferecer subsídios significativos aos processos formativos da catequese. Por essa razão, o Diretório pontifício reconhece que o valor das ciências humanas é inegável; contudo, no âmbito catequético, elas devem estar “a serviço da transmissão e da educação da fé”⁶¹⁶.

Essa compreensão acerca da relação entre catequese e ciências humanas é corroborada por Villepelet, ao afirmar que há uma evidente defasagem entre as culturas pedagógicas da “escola” e o projeto da fé cristã. Não há, portanto, uma afinidade intrínseca entre ambas, uma vez que o fundamento da catequese é Cristo e o seu seguimento, sustentado pela fé que suscita uma adesão existencial e transformadora de vida⁶¹⁷.

A catequese possui um itinerário que é formado pela “pedagogia da fé”⁶¹⁸, expressão enriquecida pela noção de que Deus quis, por

sua bondade e sabedoria revelar-se a si mesmo e dar a conhecer o mistério da sua vontade, mediante o qual os homens, por meio de Cristo, Verbo encarnado, têm acesso no Espírito Santo ao Pai e se tornam participantes da natureza divina. [...] Em virtude dessa revelação, Deus invisível, na riqueza do seu amor, fala aos homens como a amigos e conversa com eles, para os convidar e admitir à comunhão com ele⁶¹⁹.

O Diretório para a Catequese propõe uma construção teológico-pedagógica que reconhece na pedagogia divina o modelo paradigmático para a educação da fé na catequese contemporânea. O documento, com notável clareza e profundidade, busca oferecer uma contribuição substancial à catequese ao apresentar o itinerário salvífico como referência essencial, uma vez que evidencia a ação e a intervenção de Deus na história humana.

⁶¹⁴ Cf. VILLEPELET, Denis. *Op. cit.* p. 85.

⁶¹⁵ DCq, n. 181.

⁶¹⁶ *Ibid.* n. 181.

⁶¹⁷ Cf. VILLEPELET, Denis. *Op. cit.* p. 84-85.

⁶¹⁸ Expressão usada no capítulo V do Diretório para a Catequese. DCq n. 157-181.

⁶¹⁹ DV, n. 2.

O Diretório pontifício pretende, assim, demonstrar a originalidade e a eficácia da Revelação divina, cuja finalidade última é a salvação do ser humano. Ao longo dos vinte e quatro parágrafos que compõem o capítulo V, o texto desenvolve, por meio de diversas passagens da Sagrada Escritura, uma leitura teológica do projeto de salvação, iniciado na Criação e progressivamente revelado em plenitude na pessoa de Jesus Cristo.

Em razão da Revelação e da contínua ação de Deus na história, a obra pedagógica divina não se conclui com o fim da presença visível de Cristo neste mundo, mas permanece atuante na Igreja pela ação do Espírito Santo, dom do Pai e do Filho. Assim como os discípulos foram guiados pelo Paráclito e inspirados pelo exemplo pedagógico de Jesus, também a Igreja, conduzida pelo mesmo Espírito, inaugurou e desenvolveu ao longo dos séculos o seu percurso catequético, educando na fé mediante múltiplos recursos metodológicos, testemunhos de vida e a contribuição de santos e mestres que consolidaram a praxe catequética a serviço da vida cristã.

3.1.1 A experiência de fé: o ser humano é capaz do Mistério

O texto paulino aos Romanos: “Pois a fé vem da pregação e a pregação é pela palavra de Cristo” (Rm 10,17), revela-se paradigmático para a compreensão da dinâmica catequética enquanto processo de iniciação ao mistério. O apóstolo dos gentios apresenta uma chave hermenêutica capaz de oferecer à catequese uma visão mais profunda do dinamismo intrínseco de sua ação propedêutica da fé. Nessa linha, o Diretório Geral da Catequese sublinha que “em virtude da sua própria dinâmica interna, a fé exige ser conhecida, celebrada, vivida e traduzida em oração. A catequese deve cultivar cada uma dessas dimensões”⁶²⁰. Assim, a experiência mística da fé, maturada no itinerário catequético, constitui o princípio vital que impulsiona e sustenta a existência cristã.

Sob tal perspectiva, a experiência pessoal do mistério, mediada pela fé, configura o sujeito crente como alguém “capaz de dar conta da presença de um Outro que lhe fala e se torna fonte do seu chamado”⁶²¹. Xavier desenvolve essa relação pessoal a partir da categoria teológica da potência obediencial, elaborando uma reflexão cujo núcleo se concentra na “potência obediencial numa perspectiva antropológica transcendental, já que o homem está dotado de uma capacidade radical de abertura ao transcendente e à comunicação amorosa de Deus”⁶²². Se, portanto, o ser humano é ontologicamente orientado ao transcendente, nele se

⁶²⁰ DGC, n° 84.

⁶²¹ XAVIER, Donizete. *Teologia fundamental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021. p. 33.

⁶²² *Ibid.* p. 34.

manifesta uma disposição para a acolhida e a experiência do mistério, reconhecendo a presença de Deus que chama e suscita uma resposta pessoal de fé⁶²³.

Isso evidencia, sobretudo, a abertura radical do ser humano à experiência do mistério. No que concerne à experiência de Deus, é pertinente destacar que “o homem é evento da absoluta e indulgente autocomunicação de Deus”⁶²⁴. Essa autocomunicação divina, segundo Rahner, consiste no fato de que

“Deus pode comunicar sua própria realidade a uma realidade não-divina, sem que deixe de ser a realidade infinita e o mistério absoluto e sem que o homem deixe de ser o ente finito e distinto de Deus que é. [...] À presença de Deus como o mistério absoluto que, por natureza, não se pode abranger por meio de conceitos”⁶²⁵.

A catequese, enquanto dimensão constitutiva da ação evangelizadora da Igreja, requer especial atenção quanto ao seu lugar no processo de Revelação, no qual Deus, em seu desígnio divino e por iniciativa amorosa, se manifesta ao ser humano. Nesse contexto, torna-se pertinente a afirmação da Exortação Apostólica *Catechesi Tradendae*, ao declarar que “a catequese autêntica é sempre iniciação ordenada e sistemática à revelação que Deus fez de si mesmo ao homem, em Jesus Cristo”⁶²⁶. Tal definição evidencia o caráter mistagógico da catequese, que orienta o discípulo a uma experiência concreta e progressiva do mistério revelado.

Com base nisso, torna-se imprescindível reconhecer a presença de distintos “lugares” de Revelação, compreendidos como espaços teológicos e existenciais nos quais o ser humano é conduzido a uma autêntica experiência do Mistério de Deus. Dentre esses lugares, sobressaem a liturgia e a catequese⁶²⁷, que, mediante sua dimensão simbólica e sacramental, tornam sensível a autocomunicação divina. Tal confluência entre o humano e o divino manifesta o caráter transcendental da pessoa, concebida como um ser em permanente busca, aberto às possibilidades de encontro com o sagrado, cuja existência se configura em um diálogo contínuo e relacional com Deus.

⁶²³ Segundo Xavier, Karl Rahner é um dos principais expoentes da noção de *potentia oboedientialis* (potência obediencial), desenvolvida em sua obra “Ouvinte da Palavra: Fundamentos para uma filosofia da religião”, especialmente no primeiro capítulo, intitulado “A filosofia da religião como ontologia da *potentia oboedientialis* com vista à revelação”. Essa abordagem revela uma perspectiva antropológica e teológica singular, ao situar o ser humano como um ente transcendental, dotado de uma disposição receptiva e acolhedora, capaz de abrir-se à autocomunicação divina e à possibilidade de uma revelação de Deus. Cf. *Ibid.* p. 33-37. Desse modo, vale citar Pié-Ninot que expressa na mesma perspectiva a relação do ser humano com a revelação divina. O autor pontua que “dizer que o homem é potência obediencial ou capacidade receptiva é afirmar sua radical abertura a Deus, horizonte infinito. Esta capacidade – ou potência – se chama obediencial – quer dizer, receptiva – por razão de ser uma atitude fundamental de disponibilidade e acolhida da Revelação de Deus”. PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental: Dar razón de la esperanza* (1Pd 3, 15). Salamanca: Secretariado Trinitario, 2017. p. 111.

⁶²⁴ RAHNER, Karl. *Curso de aprofundamento da fé*: Introdução ao conceito de cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989. p. 149.

⁶²⁵ *Ibid.* p. 149

⁶²⁶ JOÃO PAULO II. *Op. cit.* n. 22.

⁶²⁷ Cf. SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Op. cit.* p. 50.

Nesse horizonte, o diálogo transcendental da presença divina manifesta-se na catequese como um verdadeiro laboratório da fé, “uma mediação capaz de articular os conteúdos da fé, a inteligência teológica de tais conteúdos, a vivência pessoal e comunitária da fé”⁶²⁸. O Diretório para a Catequese reforça essa compreensão ao apresentar a iniciativa de Deus como livre e gratuita, fundamentada no amor e desproporcional aos méritos dos interlocutores⁶²⁹. Por essa razão, o documento orienta que

a catequese enfatize esse estilo dialógico, para que seja mais facilmente visível o rosto do Filho que, assim como a Samaritana no poço, se detém para dialogar com cada pessoa a fim de gentilmente conduzi-la à descoberta da água viva (Jo 4, 5-42). Nesse sentido, a catequese eclesial é um autêntico ‘laboratório’ de diálogo, porque, nas profundezas de cada pessoa, encontra a vivacidade e a complexidade, os desejos e as buscas, as limitações e às vezes também os erros da sociedade e das culturas do mundo contemporâneo⁶³⁰.

Assim, a catequese se configura como espaço privilegiado de encontro entre a iniciativa divina e a resposta humana. Trata-se de um processo de escuta e diálogo, no qual o mistério da fé se revela de forma progressiva e experiencial, conduzindo o catequizando a uma compreensão mais profunda do Deus que se comunica e se doa na história.

Dessa forma, vislumbra-se uma catequese capaz de envolver o catequizando em uma autêntica experiência e vivência da presença de Deus. O que faz dela uma ação catequética configurada como um labor profético, no qual se realiza a transmissão da fé, entendida como um processo dinâmico que integra múltiplos elementos da vida cristã. Entre esses, destaca-se a centralidade da Palavra, que constitui o núcleo e a fonte do itinerário catequético, pois é por meio dela que Deus continua a revelar-se e a interpelar o ser humano.

Contudo, a experiência da fé não se restringe à escuta da Palavra; também se manifesta através do gesto e das atitudes, que se tornam expressões sensíveis e simbólicas do Mistério. Como define Borobio, “porque o homem é simbolicamente necessita também de símbolos para se comunicar e se realizar. Portanto, se isso acontece no campo da relação entre os homens, muito mais acontecerá na relação com Deus”⁶³¹. Assim, a catequese é chamada a valorizar a dimensão performativa dos sinais, compreendendo-os como mediações concretas da presença divina e como caminhos pedagógicos que introduzem o catequizando na experiência viva do encontro com Deus.

3.1.2 A experiência do mistério passa pelo simbólico, gestual e atitudes

⁶²⁸ *Ibid.* p. 51.

⁶²⁹ Cf. DCq. n. 53.

⁶³⁰ *Ibid.* n. 54

⁶³¹ BOROBIO, Dionísio. *Celebrar para viver: Liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 125.

A iniciação cristã concretiza-se por meio de uma adesão sincera e consciente ao seguimento de Cristo. Os passos que conduzem a essa dinâmica do discipulado crístico são moldados por uma confluência de fatores essenciais, especialmente pelas ações litúrgico-simbólicas que inserem o catequizando numa realidade de comunhão com o mistério da fé – Cristo, o Mistério de Deus (cf. Cl 2, 2-3), é aquele que deve ser entronizado na vida do iniciado. Assim, essas ações e gestos próprios da iniciação cristã cumprem a missão de abrir o coração daquele que ainda é imaturo na fé, oferecendo-lhe as chaves e os códigos que o conduzem à “plena, consciente e ativa participação”⁶³² na vida da Igreja.

Essa participação plena na vida da Igreja requer, entre outros elementos, o esforço catequético de favorecer uma autêntica experiência com a simbologia, sinais sensíveis e dinâmicas litúrgicas, de modo que estas alcancem sentido vital para crianças, jovens e adultos em processo de iniciação e amadurecimento na fé. A linguagem litúrgica, nesse contexto, revela-se como mediadora privilegiada da experiência com o Transcendente – realidade invisível e intangível, mas profundamente real. Tal linguagem nasce para responder à condição humana, que necessita do sensível e do palpável para aceder ao mistério. Assim, a linguagem litúrgico-simbólica cumpre uma função eminentemente catequética, pois conduz o iniciado à experiência do Mistério.

Nesse sentido, não basta apenas as palavras e discursos – a oralidade da fé –, mas é necessário ir além e provocar a fé para ser experimentada pelos sentidos. É fundamental que a vivência simbólico-mistagógica na catequese seja o veículo que proporcione a leitura dos códigos que conduzem ao entendimento ritual e das ações litúrgicas, visando uma plena e consciente participação na vida comunitária.

O Papa Francisco, de modo incisivo, alerta a Igreja para o fato de que “o homem moderno se tornou analfabeto, não sabe mais ler os símbolos, somente desconfia de sua existência”⁶³³. Essa admoestação pastoral é de grande relevância, pois o contexto da modernidade, cada vez mais racionalizada por ações técnicas que impregnam o comportamento humano e o afasta da religiosidade, projeta uma densa sombra sobre a dimensão simbólica, ofuscando o poder atrativo do símbolo e tornando-o frequentemente insignificante. O pontífice, consciente dessa crise hermenêutica do símbolo, interpela a comunidade cristã com a pergunta: “como voltar a ser capazes de símbolos? Como voltar a saber lê-los, para vivê-los?”⁶³⁴.

⁶³² SC. n. 14.

⁶³³ DD. n. 44.

⁶³⁴ *Ibid.* n. 45.

Tal interpelação suscita uma reflexão que deve inquietar a catequese contemporânea, sobretudo no que diz respeito à vivência sacramental – o núcleo da experiência catequética. Francisco recorda que

Sabemos bem que a celebração dos Sacramentos é – pela graça de Deus – eficaz em si mesma (*ex opera operato*), mas isso não garante um pleno envolvimento das pessoas se não houver uma forma adequada de se colocar diante da linguagem da Celebração. A leitura simbólica não é uma questão de conhecimento mental, de aquisição de conceitos, mas uma experiência vital⁶³⁵.

Em consonância com essa perspectiva magisterial, Paro é particularmente pertinente ao observar que “infelizmente, muito pouco se aproveita dos ritos e símbolos para catequizar, evangelizar e comunicar a fé. Com o passar dos anos, o significado dos símbolos se perdeu no meio da linguagem pagã e laica do comércio e da tecnologia”⁶³⁶.

A crítica do Papa Francisco acima, evidencia, portanto, a urgência de restituir à catequese e à liturgia sua dimensão simbólica e experiencial, sem o qual corre-se o risco do esvaziamento da percepção do que está para além do elemento sensível simbolizante e do seu sentido espiritual-mistagógico, que lhe é própria. Essa constatação demanda uma reeducação simbólica da fé, pois, no ambiente catequético é lugar próprio para reavivar uma hermenêutica capaz de restituir aos sinais e ao símbolo sua força evocativa e sua relação ao transcendente.

Portanto, a partir das intervenções do Pontífice, expressas na Carta Apostólica *Desiderio desideravi*, e das observações de Paro, evidencia-se a necessidade de explicitar as questões que envolvem a noção de símbolo, bem como a atitude simbólica própria do ser humano, a qual suscita um sentido significativo que conduz a pessoa a uma experiência mística.

3.1.2.1 *A linguagem litúrgico-simbólica para a catequese contemporânea*

A simplicidade e a habilidade na linguagem constituem traços distintivos em Cirilo de Jerusalém – um catequista que aprofunda a experiência do diálogo entre Deus e os catequizandos. Sua “catequese é rica em exemplos”⁶³⁷. A dinâmica que permeia o ambiente catequético revela uma linguagem intrinsecamente litúrgica, núcleo mistagógico da catequese, que, segundo Costa, “potencializa a formação dos neófitos”⁶³⁸. Tal potencialidade, contudo, não se restringe aos neófitos de então; também hoje, essa linguagem favorece o encontro vital com o Mistério, possibilitando experiências de sentido capazes de transformar a existência.

O centro de toda a preparação catequética ciriliana encontra-se na celebração dos mistérios, onde se concretiza o conteúdo transmitido nos encontros formativos. Toda a

⁶³⁵ *Ibid.* n. 45.

⁶³⁶ PARO, Thiago Faccini. *Op. cit.* p. 62.

⁶³⁷ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2015). *Op. cit.* p. 106.

⁶³⁸ *Ibid.* p.

explicação converge para o sentido mais profundo que, conforme Mazza, “não se trata de significados, mas de ações, de eventos portadores de salvação”⁶³⁹. O mesmo autor acrescenta que “Cirilo atribui eficácia e valor sacramental ao que é indicado com *imitação e imitar*”⁶⁴⁰, evidenciando o caráter performativo e mistagógico da ação litúrgica que fundamenta sua catequese.

Nesse sentido, o conceito de símbolo e de gestos simbólicos assume relevância particular ao se perscrutar a dinâmica das Catequeses Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém. Tal importância manifesta-se na integração entre ritos e gestos que adquirem densidade simbólica e valor teológico. Na catequese litúrgica ciriliana,

a corporalidade, forte elemento da liturgia, torna-se sinal sacramental, princípio que dá sentido e integra a pessoa humana na sua totalidade ao Mistério pascal. Nesse sentido, a liturgia respeita a dimensão profundamente simbólica da pessoa humana em sua corporalidade, e oportuniza uma espiritualidade igualmente densa de significados, uma experiência que escapa à própria linguagem cognitiva⁶⁴¹.

A comunicação encontra-se no cerne da vida humana como expressão natural. De fato, “nós nos comunicamos não apenas por meio de palavras e discursos, mas também por meio de gestos e de símbolos”⁶⁴². Por isso, a simbologia necessita ser valorizada e continuamente despertada no âmbito catequético, uma vez que constitui uma via de acesso privilegiada à experiência da fé. Há já algum tempo, segundo Santoro, “se assiste a uma atenção crescente a uma forma diversa de linguagem e de comunicação: a linguagem simbólica”⁶⁴³. Nesse horizonte, Dom Santoro insiste que

a comunicação por meio de símbolos expressa experiências profundas que muitas vezes não podem ser traduzidas em conceitos e palavras. Aí intervém o gesto, que contém uma densidade própria, mais complexa e, às vezes, mais completa que a comunicação verbal⁶⁴⁴.

A realidade do símbolo manifesta-se em seu próprio ser, revelando-se como algo que remete a uma dimensão que o transcende. Nesse sentido, Santoro o define como “um sinal portador de uma outra realidade; é a união de um ‘significante’ e de um ‘Significado’ ainda que o Significado não esteja totalmente presente no significante, tendo uma dimensão mais ampla”⁶⁴⁵. Contudo, Taborda chama a atenção para o fato de que o símbolo antecede qualquer

⁶³⁹ MAZZA, Enrico. *Op. cit.* p. 180.

⁶⁴⁰ *Ibid.* p. 180.

⁶⁴¹ COSTA, Rosemary Fernandes da. A mistagogia das ações litúrgicas em Cirilo de Jerusalém. *ATEO*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 52, p. 58-76, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26734&NrSecao=X3&secao=ARTIGOS&nseqcon=26611. Acesso em: 25 set. 2025.

⁶⁴² SANTORO, Dom Fillipo. A Igreja como sacramento: Símbolo, memória e evento. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 63 n. 250, p. 258-277, mai. 2003. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/123>. Acesso em: 20 out. 2025.

⁶⁴³ *Ibid.*

⁶⁴⁴ *Ibid.*

⁶⁴⁵ *Ibid.*

hermenêutica e, simultaneamente, o “acesso ao símbolo não se dá por via discursiva, mas intuitiva”⁶⁴⁶. O autor aprofunda essa compreensão ao afirmar que “o símbolo fala por si, ao primeiro impacto. Mas só uma atitude contemplativa é capaz de captá-lo”⁶⁴⁷.

Etimologicamente símbolo-simbólico é uma palavra que vem do grego συμβάλλω (*symbollo*); formada pelas palavras σύν (*sym*) junto, com, numa só vez, ao mesmo tempo; e βάλλω (*ballo*) arremessar, lançar, movem em uma direção. A sua forma verbal é συμβαλεῖν (*simbalein*) juntar, unir, articular, chegar a um pacto, aproximar etc. Essa origem etimológica já sugere a natureza relacional do símbolo. Dada a complexidade de sua realidade semântica e teológica, Borobio observa que

“o símbolo é um signo no qual o significante ausente (o representado) se torna presente pela referência simbólica. Graças ao significante primeiro (pão e vinho), o símbolo significante segundo (pão e vinho eucarísticos) está pleno de experiência humana; e, graças à intenção simbolizante que permeia o significante segundo (palavra da instituição), o significante primeiro está repleto de realidade divina (presença real simbólica do Senhor)”⁶⁴⁸.

Além disso, é relevante destacar que o símbolo possui um sentido inserido, segundo Taborda, “dentro de uma ‘totalidade de sentido’ ou ‘sistemas constituintes de sentido’, onde entra a história, a comunidade, a visão de mundo”⁶⁴⁹. Trata-se, portanto, de uma estrutura abrangente na qual a realidade empírica – aquilo que é perceptível pelos sentidos, o que se pode ver, tocar, ouvir ou cheirar – adquire “expressividade simbólica”⁶⁵⁰. Assim, por exemplo, a água utilizada no batismo, sendo uma realidade empírica, assume expressão simbólica na liturgia ao representar a purificação e a vida nova em Cristo.

No horizonte antropológico da simbologia dos sacramentos se desvela um novo horizonte de sentidos, que se entende na dinâmica sacramental. Por isso é preciso entender duas realidades conexas: a ação ritual – sinal sensível – e o mistério presente no rito. Nas palavras de Buyst “quem percebe apenas o sinal sensível, o lado ‘de fora’, digamos assim, não vive o sacramento, não tem acesso ao mistério”⁶⁵¹.

A realidade do símbolo produz um efeito. Isso, segundo Haight, é possível porque “um símbolo torna alguma outra coisa presente e atual: é cognitivo por dar a conhecer alguma outra coisa que não ele próprio”⁶⁵². Portanto, define o autor, um símbolo é “aquilo por meio do qual

⁶⁴⁶ TABORDA, Francisco SJ. *Sacramentos, práxis e festa: Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 66.

⁶⁴⁷ *Ibid.* p. 66.

⁶⁴⁸ BOROBIO, Dionisio. Da celebração à teologia: Que é um sacramento? In: BOROBIO, Dionisio (org.). *A celebração na Igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 334.

⁶⁴⁹ TABORDA, Francisco SJ (1987). *Op. cit.* p. 69.

⁶⁵⁰ *Ibid.* p. 69.

⁶⁵¹ BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 124.

⁶⁵² HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004. p. 150.

algo que não ele próprio se faz presente e conhecido. Em certos casos, o símbolo pode ser a única forma pela qual o objeto simbolizado é atualizado ou conhecido”⁶⁵³.

Dionisio Borobio apresenta um estudo sobre sacramento propriamente. E discorre abundantemente sobre o “caráter simbólico e substrato antropológico dos sacramentos”⁶⁵⁴. Nos interessa, em especial, o que o autor compila das várias interpretações das ciências sobre o símbolo. Explicita Borobio que o símbolo “é uma realidade humana, de ordem externa e visível, que, sendo distinta da própria pessoa e da realidade simbolizada, exerce sobre ambos uma função mediadora e comunicadora”⁶⁵⁵. E, ainda, o símbolo “é uma estrutura de sentido, uma imagem que ressalta a partir de si, outra coisa mais plena, uma imagem que ‘leva a pensar’, suscitando e animando o pensamento na direção da plenitude de sentido”⁶⁵⁶.

Em outras palavras, Aldazábal afirma que o símbolo é uma linguagem de conotação densa que nos faz entrar numa dinâmica que nos informa e nos introduz “em uma ordem de coisas a que ele mesmo já pertence”⁶⁵⁷. E por isso “tem poder de mediação, não só prática ou racional, mas de toda a pessoa humana e da realidade com a qual se relaciona”⁶⁵⁸. Nesse sentido, o símbolo estabelece um laço afetivo “entre a pessoa e uma realidade profunda que não se chega a alcançar de outra maneira”⁶⁵⁹.

Desse modo, a realidade à qual o processo simbólico conduz é, em última instância, a do mistério⁶⁶⁰. Conforme observa Boróbio, o sentido cristão da simbologia sacramental não se explica a partir de seu elemento sensível natural-material, “mas a partir do que a fé lê nesse elemento, considerando seu significado na história da salvação”⁶⁶¹. Em consonância, Maldonado acrescenta que tanto a função simbólica quanto o acontecimento simbólico têm por finalidade “fazer perceber no sensível e por meio de uma experiência sensível o impacto, a evocação do inefável, ao mesmo tempo próximo e distante”⁶⁶².

Entretanto, o símbolo não pode ser compreendido apenas de forma estática, como se estivesse exterior a nós e pudesse ser apreendido unicamente pela contemplação – seja a água, a luz ou outros elementos sensíveis. É preciso considerá-lo também em sua dimensão dinâmica,

⁶⁵³ *Ibid.* p. 150.

⁶⁵⁴ BOROBIO, Dionisio (Org.) (2002). *Op. cit.* p. 323-343.

⁶⁵⁵ *Ibid.* p. 326.

⁶⁵⁶ *Ibid.* p. 329.

⁶⁵⁷ ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 17.

⁶⁵⁸ *Ibid.* p. 17.

⁶⁵⁹ *Ibid.* p. 17.

⁶⁶⁰ Cf. MALDONADO, Luis. A celebração litúrgica: Fenomenologia e teologia da celebração. In: BOROBIO, Dionisio (org.). *A celebração na Igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 219.

⁶⁶¹ BOROBIO, Dionisio (2009). *Op. cit.* p. 137.

⁶⁶² MALDONADO, Luis. *Op. cit.* p. 219.

como um “fazer” simbólico, isto é, como “gesto simbólico”⁶⁶³. Nessa perspectiva, o ser humano passa de uma atitude estática, meramente contemplativa, para uma postura

“ativa e dinâmica, que o faz penetrar mais profundamente na realidade simbólica, ‘in-corporando-se’ nela de modo pleno e incorporando-se a si mesmo. Desse modo, o símbolo da água se torna o gesto do banho lustral, de imersão regeneradora; [...] Além disso, graças a essa nova passagem, os símbolos naturísticos alcançam a condição de sinais sacramentais, logram significar atos, ações, os grandes feitos da história salvífica; em termos concretos, a páscoa libertadora da passagem pelo mar Vermelho, do batismo, da ceia eucarístico-sacrificial do reino messiânico”⁶⁶⁴.

Portanto, no âmbito catequético, torna-se indispensável uma aproximação à dinâmica simbólica que conduza o catequizando a uma autêntica experiência transcendental do Mistério. Tal experiência, contudo, não se efetiva sem a mediação sacramental, pois o acesso ao sagrado transcendente requer uma realidade sensível capaz de tornar o invisível perceptível. Nessa mesma perspectiva, estabelece-se uma necessária articulação com os gestos, as atitudes e os diversos meios sensoriais que devem ser despertados no catequizando, a fim de favorecer a abertura ao Mistério. Sem essa mediação, o Mistério corre o risco de ser reduzido a uma noção meramente conceitual, externa (*ab extra*) à interioridade humana.

3.1.2.2 *A experiência passa pelo gestual, atitudes e o sensorial*

Se o ser humano, em toda a sua existência – familiar, social e cotidiana –, está imerso em ritos, isso evidencia atitudes permanentes de envolvimento com experiências rituais. Há ritos seculares, que, sem nos darmos conta, permeiam o cotidiano, e há ritos religiosos, que expressam o vínculo com o sagrado. Nesse contexto, Borobio destaca que “a ação ritual tem especial relação com o corpo, é conatural ao homem porque ele é corpo e possui um corpo”⁶⁶⁵. Acrescenta ainda que o homem, enquanto “ser-em-corpo”, manifesta, em sua vida cotidiana e em todas as suas ações, uma dimensão corporal, de modo que “em seu comportamento ritual a corporeidade se expressa, se comunica e emite uma imagem de si mesma. Daí que o corpo seja o primeiro símbolo do homem, que pode ser qualificado de ser simbólico por seu corpo”⁶⁶⁶. Assim, essa realidade propriamente humana – como “ritualidade vivente” – encontra na liturgia a sua expressão mais plena e significativa⁶⁶⁷.

A partir dessa dimensão ritual, os gestos adquirem relevância particular, pois exprimem realidades interiores e comportam múltiplos sentidos. Segundo Villepelet, “o gesto é ao mesmo

⁶⁶³ Cf. *Ibid.* p. 220.

⁶⁶⁴ *Ibid.* p. 220-221.

⁶⁶⁵ BOROBIO, Dionísio (2009). *Op. cit.* p. 28.

⁶⁶⁶ *Ibid.* p. 28.

⁶⁶⁷ Cf. *Ibid.* p. 28.

tempo corpo e palavra”⁶⁶⁸. Tal afirmação revela que o corpo fala e comunica significados próprios, sem palavras. O autor exemplifica com atitudes simples – o olhar, o sorriso, o aperto de mão –, que possuem um significado intrínseco. De modo análogo, Villepelet complementa que “toda a palavra é gesto”, uma vez que a expressividade de um gesto, como a palavra, contém um potencial significativo que se concretiza na ação. Outro exemplo oferecido por Villepelet demonstra que, “segundo o tom empregado, a postura do corpo, o jeito do olhar, uma mesma mensagem terá significados diferentes, até contraditórios. O gesto e a palavra transmitem seu sentido no seu próprio ato”⁶⁶⁹.

No âmbito da reflexão teológico-catequética, o gesto simbólico adquire um papel decisivo na mediação do Mistério. Por meio dele, a realidade sensível torna-se portadora de um significado que ultrapassa o visível, introduzindo o ser humano na esfera do transcendente. Nessa perspectiva, Buyst apresenta um exemplo instigante de gesto simbólico, que ela qualifica como gesto profético⁶⁷⁰. Trata-se da impactante imagem do profeta Jeremias ao acolher a mensagem de Deus, que o envia à casa de um oleiro para observar o seu trabalho enquanto modelava um vaso de barro. O primeiro vaso, entretanto, não se formou conforme o esperado e acabou se estragando. A partir dessa experiência, o profeta compreende que Deus é como o oleiro e o povo, a argila em suas mãos. O fato de o artefato ter se deteriorado simboliza a corrupção do povo, que se esqueceu de Deus e desfigurou a obra do Senhor. Contudo, permanece aberta a possibilidade de conversão, pois Deus pode remodelar o barro e criar um novo vaso (cf. Jr 18, 1-17).

Essa imagem se complementa na passagem seguinte, em que Deus envia novamente Jeremias à casa do oleiro, ordenando-lhe que compre um vaso de barro e profetize diante do povo e de suas autoridades – os anciãos do povo e os anciãos dos sacerdotes – junto ao vale de Ben-Enom (cf. Jr 19, 1-13). Dessa vez, Jeremias anuncia a vontade de Deus de trazer desgraça sobre Jerusalém e sobre toda a Judeia, pois se afastaram do Senhor e se entregaram a toda sorte de profanações e desvios. A Jeremias, Deus ordena: “Tu quebrarás a bilha diante dos olhos dos homens que foram contigo e lhes dirás: Assim disse Iahweh dos Exércitos: Eu quebrarei este povo e esta cidade como se quebra o vaso do oleiro, que não pode ser mais consertado” (Jr 19, 10-11). Em seguida, Jeremias dirige-se ao pátio do Templo de Iahweh e, com vigor, reafirma a profecia anteriormente proferida. Diante disso, um sacerdote do templo agride Jeremias e o coloca no tronco (cf. Jr 20, 1-2).

⁶⁶⁸ VILLEPELET, Denis. *Op. cit.* p. 67.

⁶⁶⁹ *Ibid.* p. 67.

⁶⁷⁰ Cf. BUYST, Ione. *Celebrar com símbolos*. São Paulo: Paulinas, 2007. p. 19-20.

Essa narrativa expressa, de modo contundente, a força simbólica do gesto profético, em que a linguagem ritual e a palavra profética se unem para produzir um impacto sensorial e espiritual sobre o povo. Buyst comenta o episódio destacando que o gesto irado do sacerdote ao reprimir Jeremias evidencia que

a palavra é levada a sério por todos; um gesto simbólico realizado por um profeta é palavra certa do Senhor. Vai acontecer, com certeza! Então, do ponto de vista do sacerdote e de todas as lideranças da época, Jeremias merece castigo porque, com seu gesto profético de quebrar o pote de barro identificado com o povo, está destruindo a nação⁶⁷¹.

Esse exemplo bíblico evidencia que o gesto, as atitudes e a simbologia, no contexto da Revelação, não constituem simples adornos da palavra, mas configuram-se como autênticos veículos de comunicação entre Deus e o seu povo. De modo análogo, na liturgia e na catequese, o gesto e os elementos simbólicos assumem o caráter de expressões concretas da fé e de instrumentos pedagógicos que introduzem o fiel na experiência mistagógica. Assim como o gesto de Jeremias torna visível o juízo e a misericórdia divinos, também os gestos e os elementos simbólicos da liturgia – como o sinal da cruz, a imposição das mãos, as mãos elevadas ao céu, a unção, o ajoelhar ou a fração do pão, a luz, o incenso – tornam sensível o agir salvífico de Deus, conduzindo o crente a um encontro transformador com o Mistério⁶⁷².

Com efeito, mostram-se pertinentes e elucidativas as orientações do CELAM ao afirmar que “agora emerge com força a linguagem da vida, dos gestos, da imagem, dos sinais e dos símbolos. Por fidelidade às pessoas de hoje, a catequese deve acentuar mais a linguagem audiovisual, simbólica, experiencial e corporal”⁶⁷³. Essa afirmação destaca a necessidade de uma catequese capaz de atingir a sensibilidade dos catequizandos, que se expressa de forma cada vez mais simbólica e experiencial.

É precisamente isso que Aldazábal enfatiza ao afirmar que a liturgia – e, de modo análogo, a catequese – constitui uma ação, “um conjunto de sinais ‘performativos’ que nos introduzem em comunhão com o mistério, que nos fazem experimentá-lo, mais do que o entender”⁶⁷⁴. De forma convergente, o Papa Francisco exorta para a importância de promover “a educação necessária para poder adquirir a atitude interior que nos permite situar e compreender os símbolos litúrgicos”⁶⁷⁵. Tal advertência do pontífice – citada acima⁶⁷⁶ –, ao

⁶⁷¹ *Ibid.* p. 20.

⁶⁷² J. Audazábal faz uma recomendação pertinente quanto ao uso dos símbolos litúrgicos e ao seu aproveitamento efetivo, orientando para que as celebrações cuidem com maior atenção dos diversos elementos simbólicos, de modo que possam adquirir toda a sua eficácia “como linguagem humana e cristã”. Tal observação se fundamenta na constatação de que a liturgia dispõe de uma miríade de recursos expressivos que, contudo, não são suficientemente explorados. Cf. ALDAZÁBAL, José. *Op. cit.* p. 19.

⁶⁷³ CELAM. *Op. cit.* p. 202.

⁶⁷⁴ ALDAZÁBAL, José. *Op. cit.* p. 14.

⁶⁷⁵ DD. n. 47.

⁶⁷⁶ *Ibid.* n. 45.

propor um renovado esforço para que o povo cristão recupere a capacidade de ler e interpretar a simbologia litúrgica, revela-se de grande significado pastoral e teológico. Em suas palavras incisivas, o Papa recorda que os gestos realizados durante a celebração, quando executados com plena consciência de seu valor simbólico, manifestam “a necessidade que temos de exprimir com esse gesto o nosso modo de estar na presença do Senhor”⁶⁷⁷.

Portanto, nessa mesma perspectiva simbólico-litúrgica, o Papa dirige-se aos catequistas, conclamando-os a ajudar

“o povo santo de Deus a recorrer ao que sempre foi a fonte primária da espiritualidade cristã. Somos continuamente chamados a redescobrir a riqueza dos princípios gerais expostos nos primeiros números da *Sacrosanctum Concilium*, compreendendo o vínculo íntimo entre a primeira das Constituições Conciliares e todas as demais”⁶⁷⁸.

Portanto, o viés salutar que se alcançava era de o cristão celebrar o que cria e as suas ações despontavam da sua experiência de encontro com o mistério celebrado. Por isso, é sempre necessário destacar que os gestos e atitudes que o fiel realiza espontaneamente na liturgia são expressões previamente conhecidas e cultivadas nos encontros catequéticos. Não é excessivo recordar que a “inter-relação entre Catequese e Liturgia é conatural e necessária”⁶⁷⁹. No período patrístico, essa inter-relação era amplamente desenvolvida por meio de um itinerário espiritual e catequético denominado catecumenato, o qual gerava um efeito concreto e positivo de fortalecimento da vida cristã. Assim, o resultado salutar desse processo era que o cristão celebrava aquilo em que cria, e suas ações emergiam da experiência vivida de encontro com o mistério celebrado.

Essa perspectiva relacional entre a liturgia e a crença (*lex orandi – lex credendi*) insere-se no célebre axioma⁶⁸⁰ formulado em Roma por Próspero de Aquitânia (século V), contido em seu pequeno catálogo sobre a graça de Deus (*Indiculus de gratia Dei*). Nessa obra, o autor demonstra a necessidade da graça divina como princípio da experiência de fé e do itinerário espiritual. O adágio de Próspero evidencia a força que a prática litúrgica exerce sobre a vida cristã, uma vez que os dois momentos fundamentais da existência crente – liturgia e fé – implicam o envolvimento integral do ser cristão. Em outras palavras, a liturgia constitui-se como lugar teológico, no qual se celebra o que se crê e do qual brota o sentido da prática cristã.

⁶⁷⁷ *Ibid.* n. 53.

⁶⁷⁸ *Ibid.* n. 61.

⁶⁷⁹ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Op. cit.* p. 134.

⁶⁸⁰ Cf. Sobre o termo axioma, Giraudo o designa como “uma sentença que goza de particular *dignidade* (cf. grego ἀξίωμα) e autoridade. Enquanto princípio que não tem necessidade de ser demonstrado, ou princípio primeiro, é admitido por todos e, portanto, absoluto, normativo. Um exemplo clássico de axioma é ‘deve-se fazer o bem e evitar o mal’”. GIRAUDO, Cesare. *Op. cit.* p. 14, nota 24. Para uma análise mais acurada do axioma de Próspero de Aquitânia. E para conhecimento e para uma vivência litúrgica-cristã, recomendamos o mesmo autor – GIRAUDO – p. 13-24. E ainda, sugerimos aprofundar com o texto de TABORDA, Francisco (2015). *Op. cit.* p. 23-53.

Acrescente-se, ainda, que à vivência cristã é indispensável uma terceira dimensão: a norma do agir (*lex agendi*), isto é, o compromisso ético que impele o discípulo a seguir Cristo e a encarnar, em seu cotidiano existencial, a ética que dele provém.

3.2 Catequese e liturgia: caminhos para uma experiência dinâmica

A liturgia, com sua linguagem simbólico-performativa, manifesta-se, assim, como mediação dinâmica e eficaz, capaz de expressar e conduzir à participação no Mistério celebrado e comprometer a vida cristã. Nesse sentido, a liturgia é o lugar onde a simbologia alcança uma densidade salvífica e se torna mediação real entre o humano e o divino. Essa compreensão encontra ressonância nas Catequese Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém, nas quais os sinais visíveis introduzem o neófito na realidade invisível, conduzindo-o progressivamente ao conhecimento do Mistério⁶⁸¹.

Assim, a ação litúrgica se configura como lugar teológico privilegiado da revelação e da experiência mistagógica do divino. Por isso, no ambiente catequético a experiência com a simbologia vai criando a afinidade com os sentidos que brotam da linguagem litúrgica: a Palavra, os gestos, o comer, beber, caminhar, os objetos sagrados, o que serão vividos nas celebrações litúrgicas. E assim, em conformidade com o apelo da *Sacrosanctum Concilium* (SC), os fiéis sejam conduzidos “àquela plena, consciente e ativa participação na celebração litúrgica”⁶⁸². Nessa mesma perspectiva, Borobio proporciona uma leitura assertiva sobre a relação da catequese com a liturgia. Diz ele: “Se os verdadeiros sujeitos da liturgia e dos sacramentos são os batizados crentes e a fé vem pela evangelização e pela catequese, é evidente que, de uma forma ou de outra, ambas são necessárias num momento prévio à celebração”⁶⁸³.

Portanto, segundo Borobio, “a liturgia não somente inicia a catequese, mas também é um dos seus conteúdos fundamentais”⁶⁸⁴. Do mesmo modo, a dinâmica litúrgica deve integrar os ambientes de catequese com a riqueza performativa da Palavra proclamada, as orações, os gestos, sinais e simbologias. Além disso, a estrutura e dinâmica das celebrações podem – aqui pontuamos os mistérios celebrados ao longo do Ano Litúrgico – integrar no contexto catequético, proporcional à realidade catequética, os mesmos elementos litúrgico-celebrativos.

Por isso, é pertinente e vivamente apropriado a provocação de Borobio quando diz que “a vantagem dessa catequese é que, partindo dos sinais e símbolos da ação visível, conduz ao mistério do invisível”⁶⁸⁵. E, ainda, o autor insiste para que

⁶⁸¹ Cf. CIRILO DE JERUSALÉM (CM II, 1). *Op. cit.* p. 41-42.

⁶⁸² SC. n. 14.

⁶⁸³ BOROBIO, Dionisio (1993). *Op. cit.* p. 84.

⁶⁸⁴ *Ibid.* p. 86.

⁶⁸⁵ *Ibid.* p. 86.

toda catequese deve integrar em sua dinâmica um ‘momento litúrgico’, isto é, um tempo dedicado à oração ou à meditação, ao sinal ou ao símbolo, à memória do celebrado ou à preparação do que se vai celebrar. Desse modo, toda catequese adquire também uma dimensão litúrgica⁶⁸⁶.

Nesse sentido, a catequese e a liturgia – uma como educadora da fé e a outra como celebração da fé – são as duas dimensões essenciais da missão de evangelização⁶⁸⁷. A liturgia, segundo o Diretório Nacional de Catequese, “com seu conjunto de sinais, palavras, ritos, em seus diversos significados, requer da catequese uma iniciação gradativa e perseverante para ser compreendida e vivenciada. Ambas fazem parte da natureza da razão de ser da Igreja”⁶⁸⁸.

Essa realidade que faz a integração entre os elementos dinâmicos da liturgia com a catequese tem um escopo fundamental que é o amadurecimento da fé. Não tendo a doutrina como a essencialidade da proposta catequética, mas a vivência e aprofundamento da mensagem cristã. Conforme Bollin, “a catequese não é saber mais do Evangelho, mas viver mais o Evangelho; é Palavra que vai até o homem no lugar onde ele se encontra, iluminado e transformado toda a sua vida”⁶⁸⁹. Nessa perspectiva, e sobretudo nessa perspectiva, a catequese precisa se embrenhar por caminhos que possam levar a uma verdadeira experiência cristã.

Desse modo, ao tratar da dimensão experiencial da fé no âmbito da catequese, é necessário reconhecer que tal experiência não se esgota em vivências imediatas ou subjetivas. Não se pode perder de vista que a autêntica experiência cristã comporta exigências inevitáveis e, em seu rigor, não se confunde com uma mera experimentação isolada. Ela não se reduz à dimensão emocional, tampouco pode ser concebida como uma realidade de imediatez espontânea, isto é, como um processo que se desenvolve de modo automático ou sem as devidas mediações. A experiência cristã requer, segundo Augé, “a ascense de uma relação construtiva com o Senhor, vivida na fidelidade, gratuidade e dom de si, fundamentada pela fé eclesial”⁶⁹⁰.

3.2.1 A dimensão litúrgico-catequética como experiência vivencial do Mistério Pascal

A catequese exerce, de modo profético, a função de colocar em diálogo a Revelação divina e a experiência concreta dos catequizandos. A afirmação de Villepelet, segundo a qual o “ser humano possui uma abertura fundamental ao mistério”⁶⁹¹, corrobora o princípio teológico de que Cristo, em sua humanidade, manifesta plenamente o Pai aos homens. Assim, em Jesus, “Deus fala ao ser humano, e essa palavra ilumina a experiência humana em seus diversos

⁶⁸⁶ *Ibid.* p. 86.

⁶⁸⁷ Cf. DNC. *Op. cit.* n. 120.

⁶⁸⁸ *Idid.* n. 120.

⁶⁸⁹ BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *Op. cit.* p. 243.

⁶⁹⁰ AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica*: “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2002. p. 58.

⁶⁹¹ VILLEPELET, Denis. *Op. cit.* p. 54.

aspectos”⁶⁹², tornando-se o eixo hermenêutico a partir do qual a fé é compreendida, celebrada e vivida.

Nesse sentido, as homilias de Cirilo de Jerusalém nos convidam a redescobrir o valor teológico da liturgia como espaço privilegiado da experiência cristã. Conforme observa Costa, Cirilo estrutura sua reflexão teológica a partir do núcleo mistagógico das celebrações sacramentais, nas quais ele fala “elaborando uma teologia litúrgica e conduzindo os iniciantes à compreensão e participação consciente da realidade da qual se tornam partícipes pelos sacramentos da Iniciação Cristã”⁶⁹³. Dessa forma, a liturgia se configura como o lugar onde a fé é experienciada e vivida no mistério pascal de Cristo.

Convém destacar que a liturgia não se reduz a um conjunto de espaços ou símbolos meramente funcionais, mas constitui a ação sacramental por meio da qual se manifesta a presença salvadora de Jesus Cristo na criação. Nela, elementos, pessoas e objetos assumem o papel de sinais que mediam a comunicação simbólico-religiosa, revelando o dinamismo próprio da ação divina. Como afirma Costa, “a Liturgia é a fonte e o lugar teológico para Cirilo de Jerusalém”⁶⁹⁴. A experiência vivida na liturgia, no âmbito da Igreja, conduz o ser humano a configurar-se a Cristo em sua centralidade salvífica, iniciando um processo de transformação interior e de reorientação integral da existência, no qual a catequese apresenta ao catequizando a proposta de fé sintetizada no convite evangélico: “vinde e vede” (cf. Jo 1,39).

Seguindo os passos de Cirilo de Jerusalém, pode-se compreender essa imersão na vida eclesial pela via litúrgico-mistagógica, na medida em que a pessoa é conduzida, através das diversas dimensões da liturgia, a uma autêntica experiência mistagógica, caracterizada pela

a escuta da Palavra, a integração da pessoa inteira no Mistério da Salvação, a integração das relações fundamentais da pessoa (consigo, com os outros, com o mundo, com Deus), a revisão e mudança de vida, a partilha, o testemunho comunitário e o envio à missão⁶⁹⁵.

Nesse sentido, todo o processo de inserção do catequizando na dinâmica vivencial da liturgia, que o conduz ao aprofundamento da fé no mistério pascal de Cristo, exige o estreitamento das duas dimensões fundamentais da iniciação cristã: catequese e liturgia.

A vivência do Mistério Pascal de Cristo concretiza-se nas experiências próprias das dimensões catequética e litúrgica. Conforme afirma Carvalho, o Mistério Pascal estabelece o vínculo intrínseco entre ambas: “a catequese em sua missão profética e educativa e a liturgia no mistério celebrado”⁶⁹⁶. Pelo *querigma* originário apostólico, o Mistério – Cristo Ressuscitado

⁶⁹² *Ibid.* p. 55.

⁶⁹³ COSTA, Rosemary Fernandes da. (2016). *Op. cit.* p. 62.

⁶⁹⁴ *Ibid.* p. 62.

⁶⁹⁵ *Ibid.* p. 62-63.

⁶⁹⁶ CARVALHO, Humberto Robson de. *Op. cit.* p. 63.

– é continuamente reapresentado e atualizado na vida da Igreja, seja na dinâmica catequética, seja na celebração litúrgica.

Na catequese, processa-se o encontro pessoal com Cristo mediante o amadurecimento da fé; na liturgia, celebra-se sacramentalmente esse mesmo encontro. Nessa dinâmica formativa, o iniciado é preparado para a profissão de fé, cuja expressão plena se realiza na celebração litúrgica. Assim, evidencia-se a simbiose entre as duas dimensões, que se complementam tanto na transmissão da fé quanto na integração comunitária⁶⁹⁷.

A liturgia é, segundo Carmo, “catequizante e torna-se momento estruturante de toda a catequese, sua mediação essencial”⁶⁹⁸. Fica, pois, evidente que a articulação entre ambas favorece de modo decisivo a experiência cristã em Deus, especialmente quando, ainda segundo a autora, “devolve aos encontros catequéticos seu caráter originalmente celebrativo, marcado por gestos, orações, silêncios, ritos e símbolos, e quando resgata a liturgia como ocasião ímpar de catequese”⁶⁹⁹.

Valendo-se do pensamento de Cirilo de Jerusalém, toda a dinâmica catequética adquire contornos profundamente mistagógicos. Boselli, ao propor uma abordagem mistagógica da liturgia e ao revisitar com entusiasmo os textos patrísticos, afirma que a mistagogia constitui “a própria teologia do mistério litúrgico”⁷⁰⁰, pois é capaz de revelar o mistério de Cristo e de envolver a totalidade da pessoa do cristão. A mistagogia presente no processo catequético ciriliano favorecia a compreensão e a celebração dos mistérios da fé, conduzindo o neófito à plena assimilação do conteúdo vivido e a uma conseqüente reorientação existencial. Assim, a vivência mistagógica na catequese possibilita não apenas o conhecimento racional, mas também a interiorização vital daquilo que é celebrado na liturgia, promovendo uma autêntica transformação da pessoa a partir da experiência de fé realizada.

Os momentos vivenciados na catequese, portanto, devem ser formativos em vista da liturgia. É notório o número de fiéis que demonstram desconhecimento quanto à linguagem simbólico-celebrativa e ao significado do rico conteúdo gestual e laudativo das celebrações litúrgicas. Por isso, cabe à catequese o papel de introduzir o catequizando nesse universo simbólico e espiritual – podendo ser compreendida, metaforicamente, como um “laboratório litúrgico”, no qual se aprende o mistério pela experiência e se assume a ritualidade como parte integrante do processo de iniciação cristã.

Nesse contexto, Paiva é assertivo ao afirmar que

“não se trata de improvisar uma ‘oração’ para começar ou terminar um encontro catequético, mas inserir a experiência ritual no dia a dia da catequese.

⁶⁹⁷ *Ibid.* p. 63-64.

⁶⁹⁸ COSTA, Rosemary Fernandes da (2016). *Op. cit.* p. 217.

⁶⁹⁹ *Ibid.* p. 217.

⁷⁰⁰ BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Ed. CNBB, 2014. p. 27.

Todo conteúdo a ser trabalhado nos encontros é propício a uma celebração ou vivência ritual. Assim, em qualquer momento do encontro catequético, e também fora dele, é possível realizar a dimensão celebrativa. Todo tema pode levar à prática do louvor, do silêncio meditativo, da experiência simbólica, da escuta da Palavra, do perdão, da súplica etc.”⁷⁰¹

Além disso, é pertinente ressaltar as orientações do Diretório para a Catequese quanto à dimensão formativa da catequese em relação à vida litúrgica da Igreja. O documento afirma que a catequese possui também a tarefa de educar para as atitudes requeridas nas celebrações eclesiais, isto é: “a alegria pelo caráter festivo das celebrações, o sentido comunitário, a escuta atenta da Palavra de Deus, a oração confiante, o louvor e a ação de graças e a sensibilidade aos símbolos e sinais”⁷⁰².

Ademais, os gestos e símbolos próprios da liturgia, ao serem experienciados de modo integral, conduzem a pessoa ao reconhecimento do significado profundo que o rito celebrado desperta no coração humano, introduzindo-a gradualmente na experiência do mistério. Nesse horizonte, evidenciam-se duas dimensões fundamentais – sem a pretensão de abranger de modo amplo o assunto – que devem encontrar ressonância tanto na liturgia quanto na catequese: a arte, especialmente a arte religiosa⁷⁰³, e o Ano Litúrgico. Ambas são essenciais para o processo de vivência mistagógica.

A catequese, por sua vez, necessita promover essa integração mediante uma formação que favoreça o encontro e a familiaridade com tais dimensões, de modo que a arte e o Ano Litúrgico se tornem mediações eficazes para orientar a vida cristã e para conduzir a uma participação mais consciente, ativa e frutuosa nas celebrações da Igreja.

A Constituição sobre a Sagrada Liturgia reconhece a arte religiosa – e, em seu grau mais elevado, a arte sacra – como uma nobre expressão do espírito humano, refletindo a infinita beleza de Deus e sendo manifestada, de certo modo, nas obras produzidas pelo engenho humano⁷⁰⁴. De igual modo, o Diretório para a Catequese assinala que “por meio da participação consciente e ativa nas celebrações litúrgicas, a catequese educa à compreensão do ano litúrgico, verdadeiro mestre da fé”⁷⁰⁵. Desse modo, reconhece-se a importância da arte religiosa e do Ano Litúrgico como mediações privilegiadas para a vivência do mistério cristão, uma vez que

⁷⁰¹ PAIVA, Vanildo de. *Op. cit.* p. 64.

⁷⁰² DCq, n. 82.

⁷⁰³ Arte religiosa é aquela que preserva os valores e as tradições da fé representada, exprimindo, ao mesmo tempo, a interioridade e a devoção pessoal do artista. Reconhecida pelo Concílio Vaticano II como uma das “mais nobres atividades do espírito humano” (SC, n. 122), ela contribui para a contemplação e para o aprofundamento da fé, enriquecendo a experiência espiritual da comunidade cristã. Todavia, ainda que possa nascer de autêntica inspiração divina, não se destina diretamente ao culto litúrgico. Distingue-se, assim, da arte religiosa de arte sacra. Está. Por sua vez, por ser imanente ao culto sagrado.

⁷⁰⁴ SC n. 122-130.

⁷⁰⁵ DCq, n. 82.

possibilitam que os “catequizandos descubram, revisitem, aprofundem e atuem o mistério da fé”⁷⁰⁶.

3.2.2 A experiência vivencial com as artes religiosas

Baseado em Cirilo de Jerusalém que adotava uma pedagogia singular na condução da vivência do Mistério, destaca-se a sua catequese por estar profundamente enraizada em uma dimensão espacial e simbólica, em que os ambientes catequéticos desempenhavam papel formativo e espiritual, onde o espaço se tornava linguagem teológica e mediação da graça.

Como se observou anteriormente, com o estudo sobre o testemunho de Etéria⁷⁰⁷, as igrejas do *Martyrium* e da *Anástasis* constituíam espaços privilegiados – o primeiro, ligado à cruz, e o segundo, à ressurreição –, servindo como lugares significativos para o itinerário catecumenal. O *Martyrium* preparava os catecúmenos para a recepção dos sacramentos da iniciação cristã, enquanto a *Anástasis* permitia a experiência plena do Mistério da Ressurreição, especialmente nas catequese mistagógicas referente a celebração batismal. Os ambientes catequéticos cirilianos, preferencialmente escolhidos para os encontros, possuíam um valor simbólico intrínseco, pois remetiam aos próprios lugares da revelação salvífica.

A mistagogia do “lugar da catequese”, portanto, deve ser cuidadosamente pensada e conduzida com zelo, de modo a favorecer a mediação transcendental e a abertura ao Mistério. O espaço catequético, ao mesmo tempo teológico e simbólico, torna-se um mediador da experiência de fé, predispondo o catequizando à escuta da voz de Deus e à participação na dinâmica da vivência com o Mistério. Tal vivência se concretiza por meio de alguns elementos-chave: a centralidade da Palavra, a disposição dos participantes em círculo ou semicírculo para favorecer a comunhão e o diálogo, e o uso de símbolos litúrgicos como a cruz, a luz, os ícones e o incenso. Além desses, outros sinais podem ser empregados conforme a temática proposta, como a água, o círio pascal, o óleo de oliva, o fogo ou a partilha do pão, todos destinados a favorecer, com a experiência sensível, a epifania do invisível e a comunicação do Mistério cristão.

Esses elementos contribuem para suscitar uma experiência pessoal e interior, favorecida pelo clima mistagógico que envolve o encontro catequético. Nesse contexto, além dos aspectos que promovem a formação sacramental e a espiritualidade, sobressai a relevância teológica da linguagem da arte sacra, das imagens e dos ícones. Desde o primeiro milênio, e também em períodos posteriores, as representações visuais – como as imagens, os vitrais das catedrais e das igrejas – eram conhecidas como “*bíblia pauperum*, um conjunto ordenado, visível a todos, de

⁷⁰⁶ VILLEPELET, Denis. *Op. cit.* p. 151.

⁷⁰⁷ Conferir as observações feitas acima. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 163-167.

episódios bíblicos representados em várias expressões artísticas”⁷⁰⁸. Tratava-se de um meio pelo qual o povo simples, muitas vezes desprovido de instrução formal, podia ter acesso à evangelização.

O Diretório para a Catequese incentiva a valorização e a exposição da arte sacra e das imagens cristãs autênticas, na medida em que estas sugestionam a curiosidade, sensibilizam e despertam o interesse para o sagrado, constituindo-se, assim, em uma verdadeira linguagem da fé⁷⁰⁹. Historicamente, esse recurso foi de valor inestimável para a evangelização, pois era capaz de tocar “os mais profundos desejos e afetos capazes de operar uma transformação interior”⁷¹⁰.

Ainda hoje, ao visitar igrejas e oratórios que preservam vitrais e cenas bíblicas esculpidas em imagens – como nas obras de Aleijadinho⁷¹¹ –, é possível experimentar um sentimento de admiração e comoção estética e espiritual. Esses ambientes artísticos, portanto, podem inspirar a configuração dos espaços catequéticos, contribuindo positivamente para superar o modelo escolar ainda presente em muitas comunidades.

Por essa razão, o Diretório para a Catequese enfatiza que, quando empregadas com discernimento, as obras de arte, as imagens e os ícones destinados a enriquecer o conteúdo catequético, “podem ajudar a mostrar, de modo imediato, os múltiplos aspectos das verdades da fé, tocando o coração e ajudando na interiorização da mensagem”⁷¹².

Nesse sentido, diante da arte, os sentidos humanos são despertados e mobilizados em sua totalidade. O ser humano deixa-se atrair e seduzir por algo sempre novo em cada encontro estético, experienciando uma dimensão que transcende o mero olhar. Tal contato é capaz de favorecer o amadurecimento da fé, à medida que a contemplação da beleza da criação suscita “uma experiência estética, espiritual, que apontam para temas profundos da fé”⁷¹³.

Em última instância, convém ressaltar que a Igreja se pronuncia de modo consistente sobre a relevância espiritual e pastoral da arte sacra, reconhecendo-a como dimensão constitutiva da experiência devocional e da expressão da fé. O Concílio Vaticano II, especialmente na *Sacrosanctum Concilium*, afirma com clareza o lugar privilegiado que a arte ocupa na vida e na missão da Igreja. O documento declara que

⁷⁰⁸ DCq n. 210.

⁷⁰⁹ Cf. *Ibid.* n. 209.

⁷¹⁰ *Ibid.* n. 209.

⁷¹¹ Antônio Francisco Lisboa – o Aleijadinho é o maior expoente da arte barroca e rococó no Brasil. Suas obras estão espalhadas por diversas igrejas e museus de Minas Gerais. É um imenso patrimônio de esculturas barrocas do século XVIII. Suas mais significativas obras estão expostas no conjunto do santuário de Congonhas do Campo-MG. Elas retratam uma belíssima catequese sobre a via sacra, os profetas e nas imagens religiosas espalhadas no interior da igreja. Para conferir esse importantíssimo acervo histórico e artístico, conferir em: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas*. Brasília-DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006. 134 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicação/ColRotPat1_AleijadinhoSantuárioCongonhas.pdf. Acesso em 13 nov. 2025.

⁷¹² DCq n. 210.

⁷¹³ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Op. cit.* p. 153.

entre as mais nobres atividades do espírito humano estão, de pleno direito, as artes liberais, e muito especialmente, a arte religiosa e o seu mais alto cimo, que é a arte sacra. Elas espelham, por natureza, a infinita beleza de Deus a ser expressa por certa forma pelas obras humanas, e estarão mais orientadas para o louvor e glória de Deus se não tiverem outro fim senão o de conduzir piamente e o mais eficazmente possível, através das suas obras, o espírito do homem para Deus⁷¹⁴.

Desse modo, “convém, portanto, acolher a arte como fonte e inspiração da fé cristã, capaz de promover um diálogo em diversos espaços”⁷¹⁵. Trata-se de reconhecer na arte uma mediação simbólica e comunicativa que colabora para o processo de evangelização e de iniciação à fé. Além disso, “para a Igreja, é urgente promover esse encontro com a arte na Liturgia, na Catequese e, principalmente, na formação humano-cristã do catequista”⁷¹⁶, a fim de que a experiência estética se torne também via de mistagogia, conduzindo o fiel à interiorização do mistério e à vivência concreta da fé.

3.2.3 O Ano Litúrgico⁷¹⁷: vivência do mistério

O mistério de Cristo pascal e seu contexto salvífico estão no eixo litúrgico de um tempo que traçam as coordenadas históricas do plano de salvação de todos os que creem. Segundo Augé, esse mistério

se manifesta pelos ‘mistérios’ [...] que são as ‘ações’ pelas quais em Cristo se revelou o desígnio salvífico de Deus, do qual o ano litúrgico é a celebração do conjunto das ações salvíficas de Cristo que compendiam toda a história da salvação, do início do seu revelar-se na criação até a realização final. Porque é o próprio Cristo o protagonista dos vários acontecimentos: cada acontecimento celebrado torna presente todo o mistério que é Cristo⁷¹⁸.

Em outras palavras, “o Ano Litúrgico é a atuação e o prolongamento temporal e espacial do próprio ato salvífico de Cristo, iniciando na terra, agora continuado junto ao Pai e tornado eficaz na Igreja”⁷¹⁹. Na Igreja e por meio dela o ato salvífico se expressa e se constitui o tempo favorável por excelência, o dia da salvação (cf. 2Cor 6, 2); de se viver em sintonia com os mistérios de Cristo, para dele receber a graça própria e exprimi-la na vida concreta.

Portanto, numa dinâmica catequética querigmática urge a apresentação nestes tempos pós-modernos – cuja secularização trouxe a perda da memória cristã – o Deus de Jesus Cristo. Iniciar uma pessoa à vida cristã quer dizer ajudá-la num caminho de encontro com Cristo e

⁷¹⁴ SC. n. 122.

⁷¹⁵ SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Op. cit.* p. 153.

⁷¹⁶ *Ibid.* p. 153.

⁷¹⁷ A Constituição *Sacrosanctum concilium*, capítulo V, reorganizou o ano litúrgico proporcionando a Igreja, por meio das celebrações, “revelar todo o mistério de Cristo no decorrer do ano”. Cf. SC n. 102-111.

⁷¹⁸ AUGÉ, Matia (2002). *Op. cit.* p. 48-49.

⁷¹⁹ BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: História, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 161.

conformar sua vida a ele. Nesse sentido, o ano litúrgico se estrutura como “*locus* privilegiado da formação cristã e do amadurecimento da fé”⁷²⁰, sendo o protagonista de todo conteúdo do ano o próprio Cristo.

Dom O. Casel enfatiza essa perspectiva ao dizer que “o ano litúrgico contém a vida temporal do Senhor”⁷²¹. No ano litúrgico, com efeito, vivemos “a vida de Cristo neste mundo”⁷²². Esse único mistério que se celebra, Casel vai pontuar que “encontra seu cume no mistério por excelência que é o *sacramentum paschale*, o mistério da Páscoa, cujo domingo nos traz a memória e comemoração”⁷²³. Portanto, “essa vida do *Christus-Kyrios*, esse itinerário gigantesco que vai do seio da Virgem e da manjedoura até o trono da Majestade divina: eis o *mistério* que nos cabe viver no ano litúrgico”⁷²⁴.

O múnus precípua da catequese consiste em favorecer a devida iniciação litúrgica, oferecendo o discernimento das razões da fé e formando para a participação ativa nas celebrações da comunidade. Para tal, a centralidade bíblica nos encontros coloca a pessoa em sintonia com os acontecimentos da história da salvação. Assim, as

“ações e palavras intimamente relacionadas entre si, de maneira que as obras, realizadas por Deus na história da salvação, manifestam e corroboram a doutrina e as realidades significativas pelas palavras, enquanto estas declaram as obras e esclarecem o mistério nelas contido”⁷²⁵.

Com esse propósito, “o ano litúrgico tem, portanto, um forte valor pedagógico-pastoral”⁷²⁶, pois responde de modo eficaz às exigências de crescimento da fé ao introduzir o fiel na dinâmica do recordar e viver. Ao acolher o Mistério, nas vicissitudes do tempo, a Igreja recorda e vivencia os mistérios da salvação, inserindo o catequizando no ritmo celebrativo que estrutura a vida cristã⁷²⁷.

De fato, a catequese deve promover o despertar para a vivência do Ano Litúrgico, uma vez que, ao longo do processo de aprofundamento do mistério no âmbito catequético, torna-se perceptível a dinâmica do Mistério Pascal de Cristo. Tal dinâmica se desdobra no decorrer do

⁷²⁰SILVA, Vanderson de Sousa. O ano litúrgico: locus privilegiado da formação cristã e do amadurecimento da fé. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 21, n. 82, p. 195-221, jul/dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/17390/12931>. Acesso em 14 nov. 2025.

⁷²¹ O CASEL. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 88.

⁷²² *Ibid.* p. 88.

⁷²³ *Ibid.* p. 91.

⁷²⁴ *Ibid.* p. 89. Vale destacar que Dom Odo Casel, monge beneditino da Abadia de Maria Laach, Alemanha, recuperou a teologia do mistério tangível a partir do nexos entre Cristo, Mistério e Culto. Sua obra original: *Das christliche Kultmysterium*, publicada em 1932, serve de referência até hoje e foi uma expressão importante para compreender a liturgia como ação própria do Mistério. O mistério – segundo a linguagem paulina é o próprio Cristo – é explicado em sua obra, partindo do mundo antigo, dando o seu sentido místico que nos conecta com a História da Salvação. Esta obra segundo Joseph Ratzinger é a mais original e fecunda do século XX.

⁷²⁵ DV n. 2.

⁷²⁶ AUGÉ, Matias (2002). *Op. cit.* p. 49.

⁷²⁷ Cf. *ibid.* p. 53.

ano, quando a Igreja “distribui todo o mistério de Cristo, desde a Encarnação e Natividade, até a Ascensão, o dia de Pentecostes e a expectativa da feliz esperança e retorno do Senhor”⁷²⁸.

A preparação para os sacramentos da iniciação cristã poderia convergir para a dinâmica do ano litúrgico, onde se tornaria uma experiência mais significativa com a Páscoa de Cristo e, além disso, imprimiria uma índole catecumenal nas catequese, conforme se vivenciava nos tempos de ouro do catecumenato com Cirilo de Jerusalém⁷²⁹. “Por outro lado, a índole sacramental do ano litúrgico postularia unidade entre o mistério de Cristo celebrado no *circulus anni* e os sacramentos, que confere uma progressiva participação nesse mistério”⁷³⁰

4 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

A renovação catequética impulsionada pelo Concílio Vaticano II recolocou a catequese em sua referência originária: o Mistério de Cristo, revelado no Espírito e fundamento da missão da Igreja como “primícia”, “sinal” e “lugar” da manifestação de Deus. Essa renovação exigiu superar modelos marcados pela cristandade e recuperar uma compreensão integral da fé, articulando *fides qua* e *fides quae*. Ainda que o Concílio não tenha produzido um documento específico sobre a catequese, seus textos forneceram bases para um retorno às fontes, evidenciado na restauração do catecumenato, na centralidade da Palavra e na inspiração patrística que orienta uma catequese querigmática, litúrgica e mistagógica.

Nesse horizonte, a catequese querigmática emerge como eixo estruturante da missão evangelizadora: é o anúncio fundamental de Cristo morto e ressuscitado que desperta a fé e conduz ao encontro pessoal com o Senhor. O Vaticano II, seguido pelo magistério subsequente, reafirmou o caráter originário do *querigma* como princípio dinamizador de toda ação evangelizadora. Assim, a catequese deixa de ser simples transmissão doutrinal e se torna caminho de adesão existencial ao Mistério Pascal, integrando conteúdo da fé e resposta pessoal do crente. A tradição mistagógica, especialmente a de São Cirilo de Jerusalém, fornece o paradigma para essa integração entre anúncio, liturgia e vida.

A linguagem mistagógica de Cirilo de Jerusalém oferece à catequese contemporânea um caminho que une teologia, liturgia e experiência espiritual, conduzindo o fiel a uma participação viva no Mistério Pascal. A mistagogia, como “condução ao interior do Mistério”, não pode ser limitada apenas ao período pós-batismal, mas constitui um itinerário contínuo para toda as

⁷²⁸ AUGÉ, Matias (2013). *Op. cit.* p. 304.

⁷²⁹ O assunto foi tratado acima e é recomendado voltar aos textos da Peregrinação de Etéria, que aborda a vida religiosa em Jerusalém no século IV, onde a comunidade participava intensamente das festas litúrgicas. Os catecúmenos acompanhavam toda a festividade litúrgica ao longo do ano litúrgico, e participavam nos lugares santos dedicados a cada momento celebrativo do Mistério Pascal de Cristo e toda a realidade que comportava esses momentos. Cf. PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA. *Op. cit.* p. 128-161.

⁷³⁰ BERGAMINI, A. *Op. cit.* p. 146.

preparações sacramentais e em todas as realidades evangelizadoras. Assim, a tradição patrística se mostra atual ao evidenciar que a liturgia é o lugar da atualização sacramental do “hoje” de Deus e fonte de transformação da existência cristã.

Por fim, a catequese deve integrar de modo orgânico a liturgia para favorecer uma autêntica experiência do Mistério cristão. Inspirado na prática de Cirilo, esse modelo compreende a fé como resposta ao dom de Deus, mediada pela Palavra, pelos gestos, pelos símbolos litúrgicos pelas artes que tornam presente o Mistério celebrado; e isso, vivenciado durante todo o Ano Litúrgico. A catequese, portanto, torna-se espaço de diálogo, mediação sacramental e experiência integral que envolve sentido, corpo e vida comunitária. Dessa integração entre catequese e liturgia nasce um processo formativo capaz de gerar maturidade cristã, no qual a fé é compreendida, celebrada e vivida como realidade transformadora.

CONCLUSÃO

A catequese constitui-se como o espaço privilegiado de mediação pelo qual a pessoa é progressivamente introduzida na vivência eclesial da fé cristã. A partir dessa compreensão, a presente dissertação teve como objetivo fundamental promover uma reflexão crítica sobre as práticas catequéticas contemporâneas, problematizando seus métodos, linguagens e dinâmicas, à luz da tradição patrística. Nesse horizonte, propôs-se uma releitura das catequese de Cirilo de Jerusalém – fonte central deste estudo – como referência teológica e pedagógica para a redescoberta de uma catequese de matriz catecumenal.

Importa esclarecer que este trabalho não pretende defender a reprodução literal da prática catequética do século IV, mas recuperar sua inspiração teológico-pastoral fundamental. Conforme se afirma, “a volta às fontes nunca é um anacronismo ou uma repriminção, quando não se faz de modo fundamentalista, mas sim numa perspectiva hermenêutica, isto é, com o olhar no presente, que permita iluminá-lo através de uma ‘fusão de horizontes’”⁷³¹. Trata-se, portanto, de uma abordagem consciente da tradição, capaz de dialogar criticamente com os desafios e as exigências atuais.

A análise das Catequese Pré-batismais e Mistagógicas de Cirilo de Jerusalém evidenciou a profunda e intrínseca relação entre catequese e liturgia, estruturada a partir de uma pedagogia da experiência da fé. Tal relação manifesta-se de modo paradigmático no método catecumenal, que permanece como chave interpretativa relevante para a compreensão da iniciação cristã na tradição patrística. A investigação bibliográfica permitiu identificar e analisar os principais elementos constitutivos da dinâmica catequética ciriliana, demonstrando que sua proposta oferece fundamentos consistentes para uma renovação teológica e pastoral da catequese contemporânea.

O processo catecumenal dos séculos III e IV organizava-se em etapas progressivas e interdependentes – acolhida, catequese, celebração dos sacramentos da iniciação cristã e mistagogia –, promovendo uma formação integral da pessoa. Nesse itinerário, o anúncio querigmático, a escuta da Palavra, a participação ativa nos ritos e a inserção na vida comunitária constituíam dimensões inseparáveis de um único processo formativo. A pedagogia mistagógica de Cirilo, expressa em suas homilias e catequese, revela uma metodologia que articula doutrina, liturgia, linguagem simbólico-sacramental e experiência concreta, conduzindo catecúmenos e neófitos a uma inserção progressiva e existencial no Mistério Pascal.

⁷³¹ TABORDA, Francisco SJ (2015). *Op. cit.* p. 41.

A análise histórico-teológica demonstra, entretanto, que o declínio do catecumenato e o progressivo distanciamento entre catequese e liturgia, sobretudo a partir da Idade Média, favoreceram o surgimento de práticas catequéticas predominantemente doutrinárias. Estas passaram a ser marcadas pelo formalismo, pela memorização de conteúdos e pela desvinculação da experiência celebrativa. A consolidação dos catecismos, a escolarização da catequese e a centralidade da instrução moral e dogmática contribuíram para o enfraquecimento da dimensão comunitária e experiencial da fé, tornando o processo de iniciação cristã fragmentado e, não raramente, desprovido de densidade existencial. Ainda assim, é necessário reconhecer que tais modelos responderam às demandas históricas e eclesiais de seu tempo, exercendo, à sua maneira, uma função formativa relevante.

Com o surgimento dos movimentos bíblico, litúrgico e catequético no século XX e, de modo decisivo, com o Concílio Vaticano II, observa-se um retorno sistemático às fontes patrísticas e à inspiração catecumenal. Ao restaurar o catecumenato de adultos e reafirmar a liturgia como “fonte e cume” da vida cristã, o Concílio inaugurou um processo de reconfiguração da catequese, orientando-a para a experiência da fé, a participação ativa, o valor do simbolismo e a integração entre fé e vida. Documentos magisteriais recentes, como o Diretório para a Catequese e as orientações da CNBB, reafirmam a necessidade de uma catequese de caráter querigmático, litúrgico-mistagógica e vivencial, capaz de conduzir os fiéis a uma autêntica experiência do Mistério Pascal.

A releitura do método catequético de Cirilo de Jerusalém permitiu identificar elementos estruturantes para a renovação da catequese na atualidade, reafirmando que esta não pode ser reduzida à mera transmissão de conteúdos doutrinários. Ao contrário, a catequese é chamada a orientar o catequizando a uma experiência pessoal e comunitária de encontro com Cristo, mediada pela Palavra, pelos sacramentos e pela vida eclesial. A participação nos ritos, a escuta da Escritura, o uso de símbolos e gestos e a vivência comunitária configuram dimensões essenciais de uma formação integral, amplamente valorizadas tanto na prática ciriliana quanto nos documentos magisteriais pós-conciliares.

Dessa forma, os resultados desta pesquisa convergem com a proposta de adoção das dinâmicas fundamentais para a evangelização e para a preparação à iniciação à vida cristã, a saber: uma catequese em estilo catecumenal, profundamente integrada à experiência litúrgica. Tais práticas, compreendidas de modo orgânico e articulado, possibilitam vislumbrar caminhos de superação das abordagens manualísticas, dos catecismos e dos modelos escolares consolidados a partir do Concílio de Trento, os quais ainda permanecem, em certa medida, em diversos contextos catequéticos contemporâneos.

O cenário eclesial atual, marcado pela secularização, pelo pluralismo religioso e pela fragmentação das experiências de fé, impõe desafios significativos à catequese. Para enfrentá-los, torna-se imprescindível a superação de modelos escolares e doutrinários, herdados da Cristandade, em favor de um itinerário formativo que integre simbolismo, experiência, participação e o entrelaçamento entre fé e vida, em consonância com a tradição catecumenal.

Tal processo de renovação exige a formação permanente de catequistas e agentes de pastoral, capacitados a compreender e aplicar a pedagogia querigmática e mistagógica, reconhecendo a centralidade da liturgia no processo de iniciação cristã. A articulação orgânica entre catequese, liturgia e vida comunitária deve, portanto, ser promovida de modo transversal na ação evangelizadora da Igreja, favorecendo a participação consciente e ativa nas celebrações, a valorização do simbolismo e a vivência concreta dos valores evangélicos.

Nesse horizonte, a catequese contemporânea é convocada a resgatar a inspiração catecumenal, reconhecendo na linguagem mistagógica de Cirilo de Jerusalém um itinerário fecundo que integra teologia, liturgia e experiência espiritual. Tal itinerário conduz os fiéis a uma participação viva no Mistério Pascal, compreendido como permanente condução ao interior do Mistério.

Por fim, reafirma-se que o encontro catequético não pode ser visto aos moldes de uma simples “aula”, mas deve constituir-se como verdadeiro espaço de experiência de fé, cujo processo e dinâmica favorecem as pessoas a se tornarem cristãs⁷³². A catequese é, essencialmente, um lugar relacional, no qual os sujeitos estabelecem vínculos, amadurecem na fé e se deixam transformar pela ação de Deus. Nesse sentido, ressoa o convite de Jesus: “vinde e vede” (Jo 1,39), que ultrapassa a lógica da transmissão de conteúdos e propõe uma experiência existencial de encontro. Assim, os encontros catequéticos tornam-se autênticos lugares teológicos, nos quais Deus se comunica por meio de sua Palavra celebrada, partilhada e testemunhada, promovendo novas dinâmicas de vida e fortalecendo a comunhão com o Mistério revelado⁷³³.

⁷³² Cf. CNBB, (Doc 97). *Op. cit.* n. 2.

⁷³³ Cf. CARMO. Solange Maria do (2016). *Op. cit.* p. 183-185.

REFERÊNCIAS

- A. ACERBI. *Chiesa e democrazia: Da Leone XIII al Vaticano II*. Milão: Vita e pensiero, 1991. Resenha de: J. L. ILLANES, *Scripta Theologica*, v. 25, n. 1, 319-322, abr. 1993. Disponível em: <https://revistas.unav.edu/index.php/scripta-theologica/issue/view/599>. Acesso em 10 set. 2025.
- AGOSTINHO. *A instrução dos catecúmenos: teoria e prática da catequese*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.
- ALBERICH, Emilio. *Catequese evangelizadora: Manual de catequética fundamental*. Brasília: Ed. Dom Bosco, Ed. Digital, 2013. p. 146. Disponível em: <https://edbbrasil.org.br/selesianidade/catequese-evangelizadora>. Acesso em 08 set. 2025.
- ALBERIGO, Giuseppe (org.). *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.
- ALDAZÁBAL, José. *Gestos e símbolos*. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALVES DE LIMA, Luiz. *A catequese do Vaticano II aos nossos dias: A caminho de uma catequese a serviço da Iniciação à Vida Cristã*. São Paulo: Paulus, 2016.
- ALTANER, Berthold. *Patrologia: Obras e doutrinas dos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1988.
- AUGÉ, Matias. *Espiritualidade litúrgica: “Oferecei vossos corpos em sacrifício vivo, santo, agradável a Deus*. São Paulo: Ed. Ave-Maria, 2002.
- AUGÉ, Matias. *Liturgia: história, celebração, teologia, espiritualidade*. 4 ed. São Paulo: Ave-Maria, 2013.
- BECKHÄUSER, Frei Alberto, ofm. Comentário. In: PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.
- BENTO XIV. Encíclica *Etsi minime*. 5. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/benedictus-xiv/pt/documents/enciclica--i-etsi-minime--i---7-febbraio-1742--afferмата-la-prim.html>. Acesso em 8 set. 2025.
- BENTO XVI. Exortação apostólica Pós-sinodal *Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BERGAMINI, A. *Cristo, festa da Igreja: História, teologia, espiritualidade e pastoral do ano litúrgico*. São Paulo: Paulinas, 1984.
- BÍBLIA. *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2004.
- BOFF, Clodovis. “*Sinais dos tempos*”: Princípios de leitura. São Paulo: Loyola, 1979.
- BOLLIN, Antonio; GASPARINI, Francesco. *A catequese na vida da Igreja: notas de história*. São Paulo: Paulinas, 1998.

BOROBIO, Dionisio (Org.). *A celebração na Igreja I: liturgia e sacramenologia fundamental*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002.

BOROBIO, Dionisio (Org.). *A celebração na Igreja II. Sacramentos*, v. 2. São Paulo: Loyola, 1993.

BOROBIO, Dionisio. Da celebração à teologia: Que é um sacramento? In: BOROBIO, Dionisio (org.). *A celebração na Igreja I: Liturgia e sacramentologia fundamental*. São Paulo: Loyola, 2002.

BOROBIO, Dionísio. *Celebrar para viver: Liturgia e sacramentos da Igreja*. São Paulo: Loyola, 2009.

BOSELLI, Goffredo. *O sentido espiritual da liturgia*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

BUYST, Ione. *Celebrar com símbolos*. São Paulo: Paulinas, 2007.

BUYST, Ione. *O segredo dos ritos: ritualidade e sacramentalidade da liturgia cristã*. São Paulo: Paulinas, 2011.

CARMO, Solange Maria do. *Catequese no mundo atual: Crises, desafios e um novo paradigma para a catequese*. São Paulo: Paulus, 2016.

CARMO, Solange Maria do. Desafios da catequese hoje: releitura do ato catequético a partir da pós-modernidade. *Revista Pistis Prax*, Curitiba, v. 7, n. 3, p. 749-766, set./ago. 2015. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/pistispraxis/article/view/2716/2635>. Acesso em 10 nov. 2025.

CARVALHO, Humberto Robson de; NETO, João dos Santos Barbosa. *Catequese, liturgia e mistagogia*. São Paulo: Paulus, 2021.

CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses mistagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.

CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses pré-batismais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

COMISSÃO EPISCOPAL PARA A ANIMAÇÃO BÍBLICO-CATEQUÉTICA. *Itinerário catequético*. Brasília: Ed. CNBB, 2014.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Lumen gentium* sobre a Igreja. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, 48.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição dogmática *Dei verbum* sobre a Revelação Divina. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997, 2.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição pastoral *Gaudium et spes* (GS), sobre a Igreja no mundo de hoje. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Declaração *Gravissimum educationis* sobre a educação cristã. In: *Documentos do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Diretório Nacional de Catequese*. Brasília: Ed. CNBB, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, (Doc 97). *Iniciação à vida cristã: um processo de inspiração catecumenal*. Brasília: Ed. CNBB, 2009.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Iniciação à vida cristã: itinerário para formar discípulos missionários*, (Doc 107). Brasília: Ed. CNBB, 2017.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Diretório Geral para a Catequese*. 89. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_ccatheduc_doc_17041998_directory-for-catechesis_po.htm. Acesso em 03 fev. 2025.

CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. *Documento de Aparecida: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe*. Brasília: Ed. CNBB, 2007.

COSTA, Rosemary Fernandes da. *Mistagogia hoje*. O resgate da experiência mistagógica dos primeiros séculos da Igreja para a evangelização e a catequese atuais. São Paulo: Paulus, 2014.

COSTA, Rosemary Fernandes da. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses pré-batismais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2022.

COSTA, Rosemary Fernandes da. *A mistagogia em Cirilo de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2015.

COSTA, Rosemary Fernandes da. A mistagogia das ações litúrgicas em Cirilo de Jerusalém. *ATEO*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 52, p. 58-76, jan./abr. 2016. Disponível em: https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/rev_ateo.php?strSecao=fasciculo&fas=26734&NrSecao+=X3&secao=ARTIGOS&nrsqcon=26611. Acesso em: 25 set. 2025.

CHUPUNGCO, Anscar J. *Inculturação litúrgica: sacramentais, religiosidade e catequese*. São Paulo: Paulinas, 2008.

CUTRONE, Emmanuel Joseph. Cyril's Mystagogical Catechesis and the evolution of the Jerusalem Anaphora. *Orientalia Christiana periódica*, Quincy-EUA, 44, p. 52-64, 1978. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/244415113/Cutrone-Cyril-s-Mystagogical-Catecheses-and-the-Evolution-of-the-Jerusalem-Anaphora>. Acesso em 24 mar. 2025.

D. SARTORES, Catequese e liturgia, in: *Dicionário de liturgia*, São Paulo: Paulinas, 1992.

DANIÉLOU, Jean. *Les orientations présentes, de la pensée religieuse*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/563738197/D-Danielou-SJ-Les-Orientations-Presentes-de-La-Pensee-Religieuse-Etudes-249-1946-5-21-OCR>. Acesso em 14 mai. 2024.

DANIÉLOU, Jean. *Bíblia e liturgia: A teologia bíblica dos sacramentos e das festas nos Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 2013.

- DENSINGER, Heinrich. *Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- DROBNER, Hubertus R. *Manual de patrologia*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- FRANCISCO. Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, (EG). São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO. Carta encíclica *Lumen fidei*. São Paulo: Paulus, 2013.
- FRANCISCO. Carta apostólica *Desiderio desideravi*, sobre a formação litúrgica do povo de Deus. Brasília: Ed. CNBB, 2022.
- FIGUEIREDO. Frei Fernando. Introdução. In: CIRILO DE JERUSALÉM. *Catequeses Mistagógicas*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2020.
- FINELON, Vitor Gino. *A mistagogia cristã à luz da Constituição Sacrosanctum Concilium*. Petrópolis, RJ: Vozes; rio de Janeiro: Editora PUC-Rio, 2021.
- FORTE, Bruno. *Jesus de Nazaré, história de Deus, Deus da história: ensaio de uma cristologia como história*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- GIBELLINI. Rosino. *A teologia do século XX*. São Paulo: Loyola, 2012.
- HAMMAN, A.-G. *Os Padres da Igreja*. São Paulo: Paulinas, 1980.
- GIRAUDO. Cesare. *Num só corpo: Tratado mistagógico sobre a eucaristia*. São Paulo: Loyola, 2003.
- GOMES, Tiago de Fraga; VENÂNCIO, Mariana Aparecida. A centralidade do querigma na ação evangelizadora: uma expressão da eclesiologia do Concílio Vaticano II. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 33, v. 34, n. 110, p. 54-73, Jan/Abr, 2025. p. 55. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/68569/47791>. Acesso em 13 ago. 2025.
- GOPEGUI. Juan A. Ruiz de. *Experiência de Deus e catequese narrativa*. São Paulo: Loyola, 2010.
- HAIGHT, Roger. *Dinâmica da teologia*. São Paulo: Paulinas, 2004.
- JOÃO PAULO II. Exortação apostólica *Catechesi tradendae*, sobre a catequese do nosso tempo. 1977. nº 23. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_16101979_catechesi-tradendae.html. Acesso em 13 out. 2025.
- JOÃO PAULO II. Carta Encíclica *Redemptoris missio*. n. 44. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-i_enc_07121990_redemptoris-missio.html. Acesso em 14 nov. 2025.
- JOÃO PAULO II. Carta Apostólica *Novo Millennio ineunte*, do grande jubileu de 2000. n. 50. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_letters/2001/documents/iihf_jp-ii_apl_20010106_novo-millennio-ineunte. Acesso em 20 nov. 2025.

JOÃO XXXIII. Discurso de abertura solene Concílio (11 de outubro de 1962). Disponível em: Disponível em: http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/speeches/1962/documents/hf_j-xxiii_spe_19621011_opening-council.html. Acesso em 13 mai. 2024.

JOÃO XXIII. *Constituição Apostólica Humanae Salutis*. Para a convocação do concílio Vaticano II. Vaticano: 1961, 3. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/apost_constitutions/1961/documents/hf_j-xxiii_apc_19611225_humanae-salutis.html. Acesso em 11 mai. 2024.

JUSTINO DE ROMA. *I e II apologias*: diálogo com Trifão. São Paulo: Paulus, 1995.

LACROIX, Roland. Articular catequesis, liturgia y experiencia de vida: la acción mistagógica. *Sinite: Revista de pedagogía religiosa*, Salamanca, v. 65, n. 196-197, p. 265-282, jan. 2025. Disponível em: <https://publicaciones.lasallecampus.es/index.php/SINITE/article/view/1412>. Acesso em 20 nov. 2025.

LÄPPLE, Alfred. *Breve storia della catechesi*. Brescia: Queriniana, 1985.

LELO, Antonio Francisco. *A iniciação cristã*: Catecumenato, dinâmica sacramental e testemunho. São Paulo: Paulinas, 2005.

LIBANIO. João Batista. *Eu creio, nós cremos*: Tratado da fé. São Paulo: Loyola, 2000.

LIBANIO, João Batista. *A religião no início do milênio*. São Paulo: Loyola, 2002.

LIGIER, L El ritual del bautismo de niños. *Cuaderno Phase*, Barcelona, n. 118, p. 5-29, set. 2001.

MALDONADO. Luis. A celebração litúrgica: Fenomenologia e teologia da celebração. In: OLIVEIRA, Myriam Andrade Ribeiro de. *O Aleijadinho e o Santuário de Congonhas*. Brasília-DF: IPHAN/MONUMENTA, 2006. 134 p. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicação/ColRotPat1_AleijadinhoSantuárioCongonhas.pdf. Acesso em 13 nov. 2025.

MARTIMORT, A G. *La Iglesia en oración*: introducción a la liturgia. Barceloa: Helder, 1992.

MARTIMORT, Aimé Georges. *A Igreja em oração*: Introdução à liturgia. Petrópolis, RJ: Vozes, 1988.

MARTINS, Maria Cristina. *Peregrinação de Egéria*: uma narrativa de viagens aos lugares santos. Uberlândia: EDUFU, 2017.

MARTINS TERRA, J. E. *História da catequese*. São Paulo: Loyola, 1982.

MAZZA, Enrico. *A mistagogia*: As catequese litúrgicas do fim do século IV e seu método. São Paulo: Loyola, 2020.

MAZZA, Enrico. *La celebrazione eucaristica*: Genesi del rito e sviluppo dell'interpretazione. Bologna: Edizione Dehoniane Bologna, 2003.

MAZZA. Enrico. La mistagogia. In: DE ZAN, Renato (org.). *Dove rinasce la parola: Bibbia e liturgia-III*. Padova: Ed. Messaggero di S. Antonio, 1993.

MENDONÇA FILHO, João da Silva. A re-significação do processo mistagógico de São Cirilo de Jerusalém. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 19, n. 73, p. 89-100, jan/mar. 2011.

MENDONÇA FILHO, João da Silva. A mistagogia como palavra e gestos na obra de São Cirilo de Jerusalém: O ato de construir o imaginário religioso. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, v. 18, n. 72, p. 147-169, out/dez. 2010.

MEUNIER, Bernard. *O nascimento dos dogmas cristãos*. São Paulo: Loyola, 2005.

MCKENZIE, John L. *Dicionário bíblico*. São Paulo: Paulus, 1983.

MIGNE, J. P. *Patrologia Graeca*. Tomo XXXIII, Paris: J.P. Migne, 1857. p. 1092A. Disponível em: https://ia600305.us.archive.org/18/items/patrologiagraeca33/PG_0331886.pdf. Acesso em 06 jan. 2025.

MORAES, Abimar Oliveira; MENDES, Sérgio Gonçalves. A função ética da catequese mistagógica. *Revista Pesquisas em Teologia*. Rio de Janeiro, v. 26, n. 70, p. 715-734, jul/dez 2022. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/61619/61619.PDF>. Acesso em 03 dez. 2024.

MUNINA, Jean-Pierre Kalongisa. *La mystagogie et herméneutique liturgique*. Ed. Connaissances et Savoirs: Saint-Denis-França, 2016.

NERY, Irmão, FSC. *Catequese com adultos e catecumenato: História e proposta*. São Paulo: Paulus, 2001.

NERY, Irmão, FSC. *O novo catecismo e a história dos catecismos*. Petrópolis: Vozes, 1993.

O CASEL. *O mistério do culto no cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2009.

ORDO ROMUNUS XI. *El bautismo de la Roma medieval*. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/302929349/Ordo-Romanus-XI>. Acesso em: 31 jul. 2025.

ORMONDE, Domingos. O tempo da mistagogia. *Revista de Liturgia*, São Paulo, ano 31, n. 182, p. 24-25, mar./abr. 2004.

PAPA CLEMENTE XIII. Encíclica *In dominico agro*. In: PIO V. *Catecismo Romano*. Trad. Frei Leopoldo Pires Martins, O. F. M. Petrópolis-RJ: Vozes, 1951. p. 74. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179071419/Catecismo-Romano>. Acesso em: 8 set. 2025.

PARO, Thiago Faccini. *Catequese e liturgia na iniciação cristã: O que é e como fazer*. Petrópolis: Vozes, 2019.

PEREGRINAÇÃO DE ETÉRIA: *Liturgia e catequese em Jerusalém no século IV*. Comentário de Frei Alberto Beckhäuser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2023.

PIÉ-NINOT, Salvador, *La teologia fundamental: Dar razón de la esperanza* (1Pd 3, 15). Salamanca: Secretariado Trinitario, 2017.

PIERRARD, Pierre. *História da Igreja*. São Paulo: Paulus, 1982.

PIO V. *Catecismo Romano*. Trad. Frei Leopoldo Pires Martins, O. F. M. Petrópolis-RJ: Vozes, 1951. Disponível em: <https://pt.scribd.com/doc/179071419/Catecismo-Romano>. Acesso em: 8 set. 2025.

PIO X. *Carta de sua santidade papa Pio X ao cardeal Pietro Respighi, vigário de Roma, aprovando o catecismo da doutrina cristã*. Disponível em: https://www.vatican.va/content/pius-x/it/letters/documents/hf_p-x_let_19121018_catechismo.html. Acesso em 26 nov. 2025.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. *Diretório para a catequese*. São Paulo: Paulinas, 2020, 12.

QUASTEN, Johannes. *Patrologia II: La edad de oro de la literatura patristica griega*. BAC. Madrid: La Editora Catolica, 1985.

RAHNER, Karl. *Curso de aprofundamento da fé: Introdução ao conceito de cristianismo*. São Paulo: Paulus, 1989.

RITUAL ROMANO. *Ritual da iniciação cristã de adultos*. São Paulo: Paulinas, 2003.

RIVASI, Gianfranco. *O alfabeto de Deus*. Aparecida: Santuário, 2024.

RUSCONI, Carlo. *Dicionário do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Paulus, 2003.

SANTORO, Dom Fillipo. A Igreja como sacramento: Símbolo, memória e evento. *Revista Eclesiástica Brasileira*, Petrópolis, RJ, v. 63 n. 250, p. 258-277, mai. 2003. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/issue/view/123>. Acesso em: 20 out. 2025.

SILVA, Vanderson de Sousa. O ano litúrgico: locus privilegiado da formação cristã e do amadurecimento da fé. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano 21, n. 82, p. 195-221, jul/dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/17390/12931>. Acesso em 14 nov. 2025.

SILVEIRA, Leonardo dos Santos; MESQUITA, Vitor Emanuel Correa de; SOARES, Thaís Alves. Espiritualidade na arte e na alta Idade Média. *Teológica/Revista Brasileira de Teologia*, Rio de Janeiro, nº 11, p. 65-86. jan./jun. 2023. Disponível em: <https://revistas.seminariodosul.com.br/index.php/teologica/article/view/206/224>. Acesso em: 16 dez. 2025.

SINODO DEI VESCOVI. Relazione finale del sinodo dei vescovi. *Aggiornamenti sociali*, Milão, ano 37, n.1, p. 67-79, jan. 1986. Disponível em: <https://www.aggiornamentisociali.it/fascicoli/gennaio-1986/>. Acesso em 22 out. 2025.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE CATEQUETAS. *Manual de catequética*. Brasília: Ed. CNBB, 2025.

STENICO, Tommaso. *Os catecismos na caminhada da Igreja*. In: CATÃO, Francisco (org.). *Catecismo e catequese uma nova proposta: O catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Paulinas, 1993.

TABORDA, Francisco SJ. *Sacramentos, práxis e festa: Para uma teologia latino-americana dos sacramentos*. Petrópolis: Vozes, 1987.

TABORDA, Francisco SJ. *O memorial da Páscoa do Senhor: Ensaio litúrgico-teológico sobre a Eucaristia*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Loyola, 2015.

TERRA SANTA: *Itinerários e descrições (séc. IV-VIII)*. v.1. São Paulo: Paulus, 2023. p. 5. (Coleção Patrística).

THEOBALD, Christoph. *A recepção do Concílio Vaticano II*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2015.

TRADIÇÃO APOSTÓLICA DE HIPÓLITO DE ROMA. *Liturgia e catequese em Roma no século III*. Petrólis, RJ: Vozes, 2019.

VAGAGGINI, Cipriano. *O sentido teológico da liturgia*. São Paulo: Loyola, 2009.

VERNHETE, Paul. *Novas dimensões do catecismo*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1967.

VILLEPELET, Denis. *O futuro da catequese*. São Paulo: Paulinas, 2007.

XAVIER, Donizete. *Teologia fundamental*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.